



MY DARK ROMEO

WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHORS

PARKER S. HUNTINGTON

L.J. SHEN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MY DARK ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON

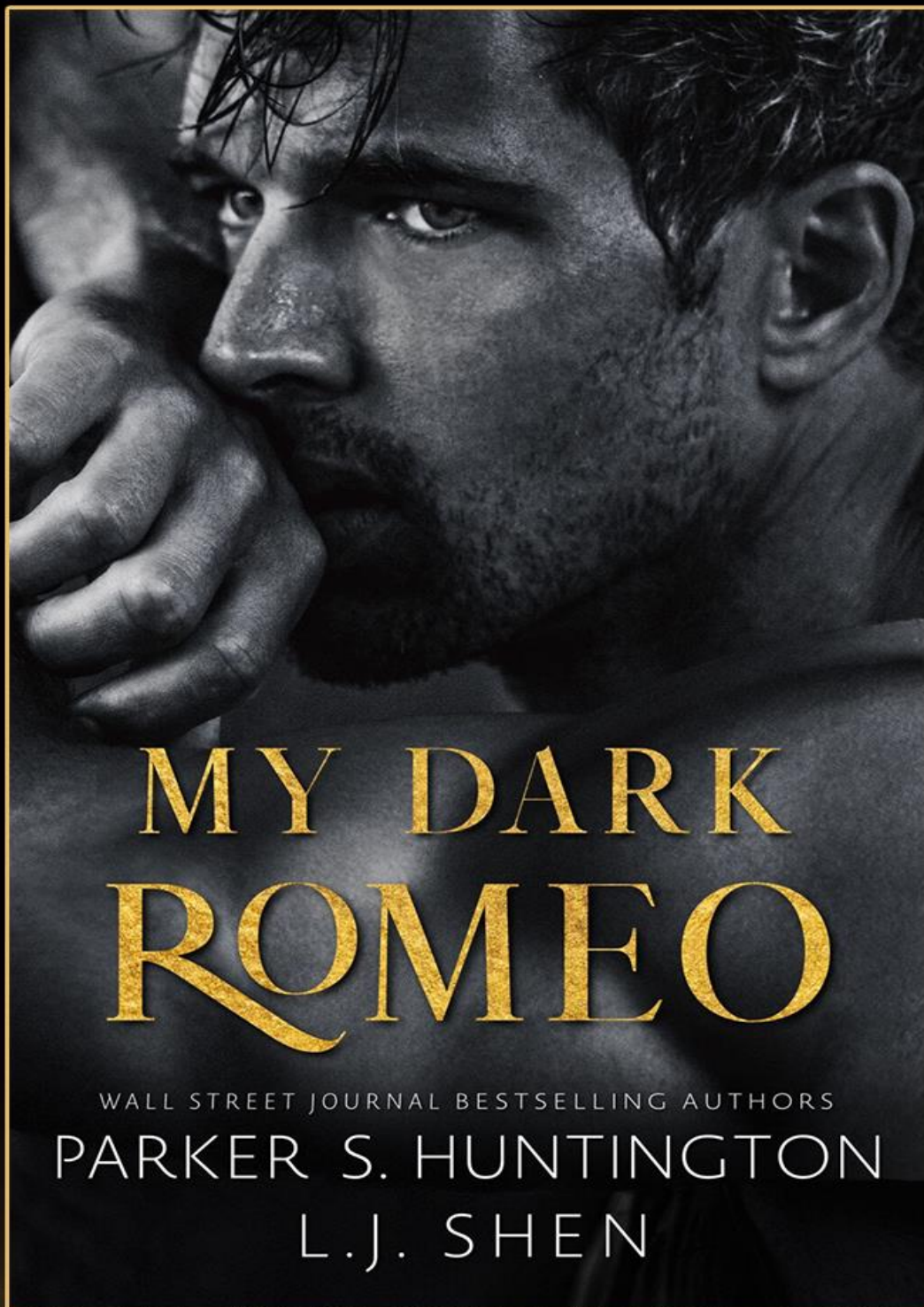
L.J. SHEN

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

LANÇAMENTO



#ÚNICO

SINOPSE

O meu conto de fadas se transformou num conto de advertência; com
tinta de alcatrão e selado com lágrimas.

Era para ser um beijo inofensivo em um luxuoso baile de debutante.

Um momento clandestino com um belo estranho.

Ao contrário do seu xará, porém, meu Romeo não é movido pelo amor.

É movido por vingança.

Para ele, sou uma peça de xadrez. Uma vantagem.

A noiva de seu rival.

Para mim, ele é um homem que merece veneno.

Um príncipe das trevas com quem me recuso a casar.

Ele acha que aceitarei meu destino.

Bem, pretendo reescrevê-lo.

E na minha história, Juliet não morre.

Romeo, no entanto? Ele perece.

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN



DEDICATÓRIA

Para todas as garotas ansiosas por casar com um bilionário
rabugento e torturado... este não é para vocês.

EPÍGRAFE

“Assim, com um beijo, eu morro.”

WILLIAM SHAKESPEARE, ROMEO E JULIETA

PLAYLIST

Starphucker — Beauty School Dropout

heartbreak honeymoon — Mad Tsai

I'm Not Sorry — Dean & Eric Bellinger

Lover Like Me — CL

Take What You What — ONE OK ROCK ft. 5 Seconds of Summer

Favorite crime — Olivia Rodrigo

WE MADE PLANS & GOD LAUGHED — Beauty School Dropout

Wedding Dress — TAEYANG

Strawberries and Wine — Jaylon Ashaun

Easier — 5 Seconds of Summer

End Game — Taylor Swift, Ed Sheeran, & Future

HABIBI (MY LOVE) — Faouzia

Control — Halsey

Born Without a Heart — Faouzia

The Happiest Girl — BLACKPINK

Crush — Yuna & Usher

Oceans & Engines — NIKI

Si Fuera Mia — D.O.

Lay Your Head on Me — Crush

Time — The Rose

Die for You — Beauty School Dropout

Bonnie & Clyde — YUQI

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

PRÓLOGO

Dallas

Sempre presumi que minha vida fosse um romance. Que entre minhas páginas estava um felizes para sempre.

Nunca me ocorreu que categorizei mal meu gênero. Que poderia ser uma história de terror. Um thriller de arrepiar o sangue.

Então Romeo Costa invadiu meu mundo, arrancando meus óculos cor-de-rosa.

Ele me ensinou a escuridão. Ensinou-me a força.

E, mais importante, deu a lição mais cruel de todas - há beleza em cada animal. Espinhos em cada rosa. E uma história de amor pode florescer - mesmo da carcaça do ódio.

CAPÍTULO UM

Dallas

— Oh, Deus, não estavam blefando, estavam? Ele realmente está na cidade. — Emilie agarrou meu pulso, as unhas compridas afundando na carne bronzeada.

— Assim como Oliver von Bismarck. — Savannah estendeu o braço. — Alguém me belisca.

Faço isso com prazer.

— Ai, Dal. Pare de ser tão literal.

Dei de ombros, fixando minha atenção no bufê ao nosso lado. A verdadeira razão de eu ter aparecido no baile de debutante esta noite.

Pego uma casca de *pomelo*¹ coberta de chocolate de uma bandeja de cristal e a esmago entre os dentes, saboreando o néctar agridoce.

Deus não era um homem. Deus também não era uma mulher.

Deus provavelmente era um pedaço de fruta coberto de *Godiva*².

¹-Também conhecida como laranja-natal ou cimbo, é uma fruta cítrica.

²-Marca de chocolate que faz referência a Deus (God).

— O que estão fazendo aqui? Eles nem são do sul. — Emilie roubou o programa de debutante de Sav e abanou seu rosto. — E definitivamente não estão aqui para conhecer mulheres. Ambos são solteiros obstinados. Costa não largou uma princesa sueca no verão passado?

— Em oposição a uma princesa sueca meio burra? — Pergunto em voz alta.

— *Dal.*

Onde estavam os pastéis de nata portugueses? Prometeram-me pastéis de nata portugueses.

— Disse que haveria pastéis de nata. — Peguei um prêmio de consolação – *melopita*³ – e acenei para Emilie. — Isso é o que dá confiar de novo em você.

Seus olhos de falcão me pegam colocando dois donuts poloneses na minha bolsa. — Dal, não pode esconder isso na sua Chanel. Você estragará a pele de bezerro.

Sav enfia um punho frenético em sua bolsa, retirando um tubo de batom. — Ouvi dizer que von Bismarck está na cidade para comprar *Le Fleur*.

O pai de Jenna era dono da *Le Fleur*. Fabricavam lençóis de percal para hotéis de cinco estrelas. Na oitava série, Emilie e eu fugimos de casa e dormimos em sua sala de exposições por uma semana antes de nossos pais nos encontrarem.

³-Torta grega de mel e queijo.

— Para que ele precisa de *Le Fleur*? — Em seguida, escolho um *kanafeh*⁴, ainda de costas para as criaturas míticas pelas quais minhas melhores amigas enlouqueceram coletivamente.

A julgar pelos sussurros urgentes ao nosso redor, não eram as únicas.

Emilie arrancou o Bond No. 9 de Savannah, aplicando uma camada generosa nos lábios. — Ele está no ramo de hotéis e hospitalidade. Possui uma pequena rede chamada *Grand Regent*. Deve ter ouvido falar disso.

O Grand Regent começou como um resort exclusivo para convidados antes de se transformar em mais filiais do que o Hilton. Então, concluí que o *Pompous von Fancypants*⁵ não estava precisando de dinheiro. Na verdade, a riqueza geracional obscena era o bilhete de entrada tácito para o evento desta noite.

O 303º baile *Chapel Falls Royal Debutante* era uma gloriosa vitrine que atraía todos os bilionários e megamilionários do estado.

Os pais desfilavam com suas filhas criadas em *cotillion*⁶ pela Astor Opera House na esperança de que tivessem um bom desempenho para serem cortejadas por homens na mesma faixa de impostos.

Não vim aqui para encontrar um marido.

Antes do meu nascimento, papai já havia me prometido a alguém, o que o anel de diamante em meu dedo de noivado me lembra.

⁴-Doce árabe.

⁵- Pomposo von Extravagante.

⁶ Um baile formal, especialmente um no qual são apresentadas as debutantes.

Isso sempre pareceu um problema para o futuro - até que descobri o anúncio oficial nas páginas da sociedade há dois dias.

— Ouvi dizer que Romeo está decidido a se tornar o CEO⁷ da empresa de seu pai. — Meu Deus, Sav ainda estava falando sobre ele. — Estavam planejando escrever a Wikipedia do homem? — Ele já é um bilionário.

— Não apenas um bilionário. Um megabilionário. — Emilie dedilha um diamante marquise em sua pulseira *Broderie*, sua mania. — E ele não é do tipo que gasta tudo em iates e assentos sanitários de ouro ou financia projetos de animais de estimação por seus caprichos.

Sav lança um olhar desesperado para eles através de seu espelho compacto. — Acha que podemos ser apresentadas?

As sobrancelhas de Emilie se juntam. — Ninguém aqui os conhece. Dal? Dallas? Está ouvindo a conversa? Isso é importante.

A única situação grave que testemunhei foi a falta de *shortbread*⁸.

Relutantemente, fixo meus olhos nos dois homens que separam a espessa multidão de chiffon de seda e penteados. Ambos têm pelo menos um e noventa. Uma altura imponente que os fazem parecer gigantes tentando se espremer em casas de bonecas.

Então, novamente, nada sobre eles era convencional.

⁷-Sigla de Chief Executive Officer – Diretor Executivo.

⁸-É um biscoito amanteigado escocês tradicional.

Suas semelhanças terminavam com sua altura. Todo o resto eram opostos árticos. Um era de seda e o outro de couro.

Se eu tivesse que adivinhar, o clone de Ken em *live-action* era von Bismarck. Loiro sujo, queixo quadrado e adornado com a barba por fazer, parecia algo que apenas um ilustrador de Walt Disney poderia esboçar. O príncipe europeu perfeito, até os olhos azuis escandalosos e a estrutura romana.

Seda.

O outro homem era um selvagem polido. Ameaça decantada em um terno Kiton.

Ele usa o cabelo escuro em um corte de cavalheiro, aparado em perfeição. Tudo nele parecia cuidadosamente elaborado. Projetado intencionalmente para administrar doses letais diretamente na corrente sanguínea de uma mulher. Maças do rosto acentuadas, sobrancelhas grossas, cílios pelos quais arriscaria a prisão e os olhos cinzas mais gelados que já vi.

Na verdade, seus olhos eram tão claros e gelados que concluí que não tinham nada a ver com suas feições italianas bronzeadas.

Couro.

— Romeo Costa. — A voz de Savannah soa com desejo conforme ele passou por nós, indo em direção à mesa reservada para VIPs. — Eu o deixaria me arruinar de forma tão completa e impressionante quanto *Elon Musk*⁹ destruiu o Twitter.

⁹-Proprietário do Twitter.

— Oh, eu o deixaria fazer coisas horríveis comigo. — Emilie brincou com o diamante azul em seu pescoço. — Tipo, nem tenho certeza de quais seriam, mas ainda os deixaria, sabe?

Isso era um problema. Sendo garotas sulistas virginais que frequentam a igreja e leem a Bíblia no século XXI.

Chapel Falls era conhecida por duas coisas:

1) Seus residentes podres de ricos, a maioria deles proprietários de conglomerados de empresas georgianas de alto nível.

E 2) ser extremamente antiquada, conservadora ao ponto de trancar suas filhas.

As coisas funcionavam diferentes aqui.

Praticamente todas nós nunca fomos além de dar alguns beijos desleixados antes do casamento, embora todas tenhamos passado da idade de 21 anos.

Enquanto minhas amigas bem-educadas mantinham seus olhares discretos, eu não tinha problemas em encará-los.

Enquanto um anfitrião nervoso os conduzia à mesa, examinaram os arredores. Romeo Costa com o distanciamento insatisfeito de um homem que teve de se banquetear com lixo de beco no jantar; e von Bismarck com brincadeira divertida e cínica.

— O que está fazendo, Dal? Eles podem ver que está olhando!
— Savannah quase desmaiou.

Eles nem estavam olhando em nossa direção.

— Então? — Bocejo, pegando uma taça de champanhe de uma bandeja pairando ao lado.

Enquanto Sav e Emilie falavam um pouco mais, saí, passando por mesas de banquete forradas com doces importados, champanhe e lotes de guloseimas.

Fiz as rondas, cumprimentando colegas e familiares distantes apenas para acessar as bandejas do bufê no lado oposto da sala; também fiquei de olho em minha irmã, Franklin.

Frankie estava aqui em algum lugar, provavelmente criando um pequeno incêndio na peruca de alguém ou perdendo a fortuna da família em um jogo de cartas. Se eu era considerada a preguiçosa, com falta de ambição e abundância de tempo livre, ela era a *banshee*¹⁰ designada a residência Townsend.

Não tinha ideia de por que papai a trouxe aqui. Ela mal tinha dezenove anos e estava interessada em conhecer homens um pouco menos do que eu em mastigar agulhas não esterilizadas para viver.

Desfilando em meus *Louboutins* de edição limitada – doze centímetros, veludo preto e saltos finos feitos de pérolas empilhadas e cristais *Swarovski* - ofereci sorrisos e mandei beijos para todos em meu caminho até esbarrar em outro corpo.

— Dal!

Frankie passa os braços ao meu redor como se não tivesse me visto apenas quarenta minutos atrás, quando me fez jurar segredo

¹⁰-Um espírito feminino do folclore gaélico cuja aparência ou lamento adverte uma família de que um deles morrerá em breve;

depois que a peguei enfiando doses de *Clase Azul*¹¹ em seu sutiã acolchoado.

As bordas de plástico das garrafas em miniatura cavaram em meus seios enquanto nos abraçávamos.

— Está se divertindo? — Eu a endireito no lugar antes que tombasse como uma cabra. — Quer que eu pegue um pouco de água? Advil? Intervenção divina?

Frankie cheira a suor. E colônia barata. *E maconha.*

Senhor, ajude o papai.

— Estou bem. — Acena com a mão, olhando ao redor. — Viu que tem algum duque de Maryland aqui?

— Não acho que exista monarquia nos Estados Unidos, irmã.

Só porque o sobrenome de von Bismarck parecia inventado não significava que ele era da realeza.

— E o seu amigo super-rico? — Ela me ignorou. — É um traficante de armas, então isso é divertido.

Somente em seu universo um traficante de armas seria algo agradável.

— Sim, Sav e Emilie estavam tão empolgadas que estavam prontas para lutar contra um leão da montanha. Você os conheceu?

— Não exatamente. — Frankie torceu o nariz, ainda examinando o salão de baile, provavelmente para quem a fez cheirar como um bebe não desejado na parte de trás do carro de

¹¹-Tequila;

um traficante de drogas. — Acho que quem os convidou queria impressionar, porque a mesa deles tem *shortbread* especialmente preparados pelo amado padeiro da falecida rainha. Transportado de avião diretamente de Surrey. — Ela me deu um sorriso torto. — Roubei um quando ninguém estava olhando.

Meu coração aperta. Amo muito minha irmã. Eu também quero *matá*-la agora.

— E não roubou um para mim? — Quase grito. — Sabe que eu nunca provei o autêntico *shortbread* britânico. Qual o problema com você?

— Oh, ainda há muito mais lá. — Frankie enfiou os dedos no coque justo, massageando o couro cabeludo. — E as pessoas estão fazendo fila para falar com esses idiotas como se fossem os *Windsor*¹² ou algo assim. Basta ir lá, apresentar-se e pegar um casualmente. Há uma montanha deles.

— *Shortbread* ou pessoas?

— Ambos.

Estiquei meu pescoço acima de sua cabeça. Ela estava certa.

Uma fila de convidados esperava para beijar os anéis desses dois homens.

Como não estava acima de me rebaixar para algo saboroso, marchei para o grupo de pessoas que cercavam a mesa de Costa e von Bismarck.

— ...plano tributário desastroso que criaria caos econômico...

¹²-Casa real reinante do Reino Unido.

— ...certamente, Sr. Costa, deve haver uma saída para todos esses gastos? Não podemos continuar financiando essas guerras...

— ...é verdade sobre a falta de armas tecnológicas? Estava querendo perguntar...

Enquanto os homens de Chapel Falls tagarelavam para dar a esses dois um coma e as mulheres se inclinavam para mostrar seus decotes, me meti na multidão densa, meus olhos no prêmio - uma bandeja de três andares cheia de *shortbread* de dar água na boca.

Primeiro, coloquei casualmente minha mão na mesa. *Nada para ver aqui.*

Depois, me aproximei mais das guloseimas britânicas - a peça central. Meus dedos deslizaram em um quadrado quando uma voz mordaz se virou em minha direção.

— E você é?

Veio do Couro, ou melhor, Romeo Costa.

Estava recostado na cadeira, olhando para mim com toda a amabilidade de um crocodilo do Nilo.

Curiosidade: eles consideravam os humanos uma parte regular de sua dieta.

Dobrei meus joelhos com floreios. — Oh, me desculpe. Onde estão minhas maneiras?

— Não na bandeja de *shortbread*, com certeza. — Sua voz era seca e desinteressada.

Tudo bem. Público difícil, mas *tentei* roubar seus biscoitos.

— Sou Dallas Townsend da família Townsend.

Lancei a ele um sorriso caloroso, oferecendo-lhe a minha mão para um beijo. Ele a avaliou com repugnância, ignorando o gesto. Totalmente desproporcional ao meu suposto crime.

— Você é Dallas Townsend? — Um toque de decepção marcou seu rosto piedoso. Como se esperasse algo totalmente diferente.

Que ele esperasse qualquer coisa era um exagero.

Não andávamos nos mesmos círculos. Na verdade, eu tinha noventa e nove por cento de certeza de que esse homem só se movia em quadrados. Era um tipo de cara afiado.

— Nos últimos vinte e um anos. — Olhei para o *shortbread*.

Tão perto e tão longe.

— Meus olhos estão aqui em cima — disse Costa.

Von Bismarck riu, pegando o quadrado maior, possivelmente para me irritar. — Ela é uma querida, Rom. Um animal de estimação.

Querida? Animal de estimação? O que ele quis dizer?

Com muita relutância, arrastei meu olhar ao longo da mesa, do *shortbread* ao rosto de Romeo.

Ele era tão bonito. Além disso - morto nos olhos.

Ele se inclinou para frente. — Tem certeza que é Dallas Townsend?

Bati no meu queixo. — *Hmm*, agora que penso nisso, gostaria de mudar minha resposta para *Hailey Bieber*¹³.

— Isto é suposto ser engraçado?

— Isso deveria ser sério?

— Está sendo obtusa.

— Você começou isso.

Suspiros ecoaram de todos os cantos da mesa.

Romeo Costa, porém, mostrou-se mais indiferente do que ofendido.

Ele se recostou, os antebraços tocando cada punho do assento. A postura - e seu terno Kiton perfeitamente ajustado - concediam-lhe a aura de um rei conciso com sabor para a guerra.

— Dallas Maryanne Townsend. — Barbara Alwyn-Joy corre para intervir. A mãe de Emilie era a acompanhante do evento. Ela, tal como as outras, levava o trabalho muito a sério. — Deveria pedir a seu pai para acompanhá-la para fora deste salão de baile neste minuto por falar com o Sr. Costa daquele jeito. Este não é o estilo de Chapel Falls.

O estilo de Chapel Falls faria com que todas as ruivas desta cidade fossem queimadas na fogueira.

Fiz questão de abaixar a cabeça, traçando com o dedo do pé a forma de um biscoito redondo no mármore. — Desculpe, senhora.

Não estava arrependida.

¹³-Modelo, influenciadora e empresária estadunidense.

Romeo Costa era um idiota. Ele teve sorte por termos uma audiência, ou teria conseguido a versão não filtrada de mim.

Eu me virei, prestes a sair do local antes que causasse ainda mais comoção e papai cancelasse meu cartão *black*, mas então, Costa teve que falar novamente.

— Senhorita Townsend?

Bieber, para você.

— Sim?

— Um pedido de desculpas é esperado.

Virando, eu o encarei com toda a raiva que pude reunir. — Está chapado se acha que pedirei...

— Quis dizer que eu deveria *me* desculpar.

Ele se levantou, abotoando o blazer com uma das mãos.

Oh.

Oh. Dezenas de olhos pularam entre nós.

Não tinha certeza do que estava acontecendo, mas achei que minhas chances de colocar as mãos naquele *shortbread* aumentaram dez vezes.

Além disso, realmente precisava conhecer seu talento para ser controlado e confiante ao máximo, mesmo ao pedir desculpas. Pedir desculpas sempre me fez sentir tão impotente. Costa, por outro lado, tratou um pedido de desculpas como uma ferramenta para se catapultar ainda mais na hierarquia dos humanos. Já parecia uma espécie totalmente diferente de seus pares.

Cruzei os braços sobre o peito, ignorando tudo o que as aulas de etiqueta me ensinavam, como sempre. — Sim. Estaria aberta a isso.

Ele não esboçou um sorriso. Nem olhou para mim.

Em vez disso, olhou através de mim. — Peço desculpas por duvidar de sua identidade. Por motivos mal informados, pensei que fosse... diferente.

Normalmente, eu perguntaria quem lhe disse o quê, mas deveria deixar para lá e correr antes que minha boca me colocasse em mais problemas. Havia uma razão pela qual eu mastigava algo oitenta por cento do tempo. Além disso, não conseguia olhar diretamente para aquele homem sem sentir como se minhas pernas fossem feitas de pudim instantâneo.

Não gostava de como ele me deixava tonta, ou como minha pele corava onde quer que seus olhos pousassem.

— *Hmm*, claro. Tudo bem. Acontece com o melhor de nós. Aproveite sua noite.

Com isso, voltei para a minha mesa.

Felizmente, papai passou pelo jantar de ótimo humor, conversando sobre negócios com seus amigos. Barbara não deve ter cumprido sua ameaça de me denunciar, porque logo após a quarta entrada, me deu permissão para dançar.

E dancei.

Primeiro, com David da igreja. Então, James do ensino médio. E, finalmente, Harold de uma rua adiante.

Eles me giraram, me inclinaram a centímetros do chão de mármore e até me deixaram conduzir algumas valsas.

Em suma, quase restaurei minha confiança de que a noite foi um sucesso. Até que Harold abaixou a cabeça quando nossa música terminou e fui para o meu lugar.

Quando me virei, Romeo Costa estava lá de novo. Como um demônio invocado.

Cerca de dois centímetros do meu rosto.

Doce Mãe Maria, por que o pecado tem que ser sempre tão tentador?

— Sr. Costa. — Coloquei minha mão sobre minha clavícula nua. — Desculpe, estou um pouco tonta e exausta. Não acho que posso...

— Eu assumo a liderança. — Ele me levantou, meus pés pairando sobre o chão, e começou a valsar comigo sem minha participação.

Olá, bandeira vermelha do tamanho do Texas.

— Por favor, me coloque no chão — pedi com os lábios franzidos.

Seu aperto na minha cintura aumentou, o contorno de seus músculos me envolvendo. — Por favor, abandone a fachada de senhorita. Já vi atuações de Olivia Wilde mais convincentes.

Ouch. Lembro-me claramente de querer furar meus olhos depois de assistir *The Lazarus Effect*¹⁴.

¹⁴-No Brasil, O Efeito Lazarus, filme terror/thriller de 2015, com Olivia Wilde.

— Obrigada. — Afrouxo meus músculos, forçando-o a segurar todo o meu peso ou me deixar cair mole no mármore. — Ser um membro respeitável da sociedade é honestamente exaustivo.

— Veio à minha mesa pelos *shortbread*, não é?

Talvez qualquer outra garota negasse isso abertamente. Por acaso, gostei da ideia de ele saber que não era a atração principal para mim.

— Sim.

— Eram espetaculares.

Espreitei sua mesa por cima do ombro. — Ainda há alguns lá.

— Muito perspicaz, senhorita Townsend. — Ele me girou com a habilidade assustadora de um dançarino de salão competitivo. Não tinha certeza se estava enjoada porque ele se movia muito rápido ou porque eu estava em seus braços. — Suponho que também não estaria interessada em champanhe para acompanhar? Oliver e eu acabamos de ganhar uma garrafa de *Cristal Brut Millénium Cuvée*.

Aquela coisa custava treze mil dólares a unidade. *É claro*, eu queria.

Eu tentei combinar seu tom sem brilho. — Na verdade, acho que uma taça seria um companheiro perfeito para o *shortbread*.

Seu rosto permaneceu impassível e imóvel.

Meu Deus, o que era preciso para arrancar um sorriso do homem?

Estava vagamente ciente das pessoas olhando para nós.

Ocorreu-me que o Sr. Costa não tinha dançado com ninguém além de mim. Isso me deixou inquieta.

Savannah e Emilie mencionaram que ele não estava aqui por um partido, mas também me disseram que vacas marrons faziam leite com chocolate quando estávamos na pré-escola. Eram claramente uma fonte de informação não confiável.

Limpei minha garganta. — Há algo que deveria saber. — Ele me olhou através de seu olhar inglês de inverno, sua expressão me dizendo que não poderia haver algo que eu soubesse que ele não. — Estou noiva, então se quer me conhecer...

— Conhecê-la é a última das minhas intenções.

Enquanto ele falava, notei, pela primeira vez, a bolinha de chiclete esmagada entre seus incisivos. Hortelã, pelo cheiro.

— Graças a Deus. — Relaxei na valsa. — Não gosto de recusar as pessoas. É uma inconveniência, sabe?

Não adorava a ideia de me casar com Madison Licht, mas também não odiava. Eu o conhecia toda a minha vida. Como filho único do colega de quarto de papai na faculdade, aparecia durante as férias e em jantares ocasionais.

Tudo nele era adequado.

Adequadamente atraente. Adequadamente rico. Com modos adequados.

Ele, no entanto, tolerou meu tipo de estranheza. Além disso, seus oito anos extras lhe deram o brilho de um homem mundano e experiente. Tínhamos tido dois encontros, onde ele deixou claro

que me deixaria viver minha vida como eu quisesse. Uma raridade entre casais arranjados em Chapel Falls.

Romeo Costa olhou para mim como se eu fosse cocô em chamas em sua porta que ele precisava pisar.

— Quando é o casamento? — Sua voz era zombeteira embrulhada em veludo.

— Nenhuma ideia. Provavelmente quando eu me formar.

— O que está estudando?

— Literatura Inglesa na *Emory*¹⁵.

— Quando se formará?

— Quando eu parar de reprovar meus semestres?

Um sorriso amargo tocou seus lábios, como se ele reconhecesse que era para entretê-lo. — Como é que gosta disso?

— Não gosto.

— Do que gosta, além de *shortbread*? — Parecia me agradar apenas para que eu não fosse embora.

Não tinha ideia do porquê. Não parecia que ele gostava tanto da minha companhia.

Ainda assim, pensei seriamente, já que não precisava me concentrar em acertar meus passos. Ele fazia todo o trabalho por nós.

¹⁵-Universidade estadunidense reconhecida internacionalmente pela sua excelente faculdade de artes liberais.

— Livros. Chuva. Bibliotecas. Dirigir sozinha à noite com minha playlist favorita ao fundo. Viajar - principalmente pela comida, mas o material histórico também é decente.

Chapel Falls me conhecia como a garota que passava os dias gastando o dinheiro do papai em bolsas luxuosas, frequentando restaurantes chiques e caçando todos os romances decentes da *Bible Belt*¹⁶.

Era um fato bem conhecido que eu não possuía aspirações dignas, mas a fofoca não tinha dado certo.

Eu tinha um desejo secreto.

Um desejo clandestino que, infelizmente, exigia um homem para realizar.

Mais do que tudo, eu queria ser mãe.

Parecia tão simples. Tão alcançável. E, no entanto, havia etapas importantes necessárias para tal objetivo, nenhuma das quais jamais chegaria perto de alcançar na restrita Chapel Falls.

— É muito sincera.

Ele não disse isso como se fosse uma coisa boa.

— Você é muito curioso. — Deixei-o me mergulhar, mesmo quando isso nos aproximou. — Do que gosta? — Perguntei depois de uma batida, porque era a coisa educada a se fazer.

— Poucas coisas. — Ele nos girou em círculos rápidos, passando por uma Savannah de queixo caído. — Dinheiro. Poder. Guerra.

¹⁶-Região estadunidense onde a prática da religião protestante faz parte da cultura local.

— Guerra? — Engasguei.

— Guerra — confirmou. — É um negócio lucrativo. E constante, também. Sempre há uma guerra acontecendo no mundo ou países se preparando para isso. É extraordinário.

— Para os políticos, talvez. Não para as pessoas que sofrem. As crianças sujando suas camas de medo. As vítimas, as famílias, os aflitos...

— É sempre tão exigente ou guardou esse discurso do concurso de beleza especialmente para mim?

Depois de ficar sem palavras por causa de sua idiotice, respondi: — Tudo para você. Espero que isso o faça se sentir especial.

Ele mastiga o chiclete. Tão cavalheiresco.

Não.

— Encontre-me no jardim de rosas em dez minutos.

Todos sabiam o que acontecia no jardim de rosas. Apertei os lábios.

Ele não estava aqui nos últimos cinco minutos?

— Acabei de te dizer que estou noiva para me casar.

— Ainda não está casada. — Ele me mergulha novamente enquanto aponta a brecha das minhas palavras. Exibido. — Este é o seu último momento antes de amarrar o nó. Seu momento de fraqueza antes que seja tarde demais para tentar algo novo.

— Mas... não gosto de você.

— Não precisa gostar de mim para me deixar fazê-la se sentir bem.

Empurro minha cabeça para trás, olho para ele, minhas pupilas correndo loucamente em suas órbitas. — O que está oferecendo, exatamente?

— Um alívio deste evento entorpecente.

Outro giro. Mais mergulho, ou talvez fosse dessa conversa.

Ele manteve sua voz baixa e uniforme. — Total discrição garantida. Dez minutos. Levarei o *shortbread* e o champanhe. Tudo que precisa levar é você mesma. Na verdade... — fez uma pausa, me dando uma olhada. — Não me importaria se você deixasse sua personalidade fora.

Com isso, se separou de mim no meio da dança, me colocando no chão.

Minha mente girava enquanto observava suas costas conforme ele se afastava. Não entendi o que tinha acabado de acontecer.

Ele tinha me oferecido uns amassos? Parecia estarecido com a nossa conversa, mas talvez essa fosse apenas sua configuração padrão. Glacial, reservado e improvisado.

Parte de mim raciocinou que eu deveria aceitar o que ofereceu. Não ir até o fim, é claro. Estava guardando minha virgindade, mas alguns amassos no escuro não fariam mal.

Não é como se Madison estivesse sentado em casa, trabalhando no álbum de recortes do nosso casamento.

Eu sabia que ele andava por toda DC, desfrutando de casos breves com modelos e socialites. Minha amiga Hayleigh morava do

outro lado do corredor e me contou sobre as mulheres entrando e saindo de seu condomínio.

Quero dizer, nem estávamos juntos. Falávamos ao telefone uma vez por mês para “nos conhecermos”, a pedido de nossos pais, mas era só.

Um homem como Romeo Costa era um evento único na vida.

Eu *deveria* aproveitar isso. Dele.

E talvez ele pudesse me ensinar alguns truques. Algo para impressionar Madison.

Além disso... *shortbread*.

Assim que papai se virou para falar com o Sr. Goldberg, corri para o banheiro. Bati na borda da pia de calcário salpicado de ouro, piscando para o espelho.

São apenas alguns beijos. Já fez isso antes com muitos garotos.

Ele era tão novo, tão maduro, tão sofisticado, que nem me importava que ele fosse totalmente mau. Vamos cair na real aqui - Sr. Darcy não era exatamente digno de desmaio até os últimos vinte por cento do livro.

— Nada de ruim acontecerá — assegurei ao meu reflexo. — Nada.

Atrás de mim, uma descarga no banheiro. Emilie sai de uma cabine, franzindo a testa enquanto se acomodava ao meu lado para lavar as mãos.

— Fumou a mesma coisa que o garçom deu para sua irmã? —
As costas de sua mão ensaboada subiram até minha testa. — Está falando sozinha.

Eu me esquivei do seu toque. — Ei, Em, conheceu Romeo Costa?

Ela balançou a cabeça, fazendo beicinho. — Ele e von Bismarck são as principais atrações. Sempre cercado por multidões. Não consegui nem tirar uma foto do cara. Eu te vi dançando com ele. Sortuda. Eu mataria pela oportunidade.

Uma risada imprudente e ofegante me escapou. Balancei minha cabeça.

— Onde vai? — Perguntou.

Fazer algo selvagem.

CAPÍTULO DOIS

Dallas

Que isso poderia ser um erro não me ocorreu nenhuma vez enquanto esperava, empoleirada no banco de pedra atrás das roseiras.

O hálito quente do verão agarrava-se à noite fria, resíduo úmido pesando sobre as rosas em plena floração.

Romeo Costa estava três minutos e trinta e quatro segundos atrasado. No entanto, de alguma forma, sabia que ele viria.

Mordi o lábio para conter minhas risadas. A adrenalina corria em minhas veias.

Quando as folhas trituradas penetravam os barulhos e zumbidos dos carros distantes, endireitei minha coluna. As feições perfeitas de Romeo apareceram, iluminadas pela sombra azul lustrosa da lua. Ele era ainda mais bonito na escuridão pura. Como se estivesse em seu habitat natural, jogando em seu campo.

Fiel à sua palavra, segurava uma garrafa de champanhe aberta pelo gargalo em uma das mãos e um punhado de *shortbread* enfiados dentro de um guardanapo na outra.

— Meu precioso! — Sibilei com uma voz de *Gollum*¹⁷, estendendo meus dedos.

Ele me deu o olhar entediado de um homem acostumado a afastar *fangirls*, antes de perceber que eu falava sobre o *shortbread*, não ele.

Enfiei um quadrado inteiro na boca, inclinei a cabeça para trás e gemi. — Tão bom. Posso praticamente sentir o gosto de Londres.

— Surrey — corrigiu, olhando para mim como se eu fosse um javali que ele precisava lutar. — Gosta do sabor de ruínas antigas e esterco?

— Estraga prazeres.

Por uma razão além da minha compreensão, ele parecia muito infeliz por passar um tempo comigo, embora tivesse iniciado esse encontro.

— Vamos a algum lugar discreto.

Era mais uma exigência do que uma sugestão.

— Ninguém nos encontrará aqui. — Acenei com a mão. — Venho a este baile desde que tinha dezesseis anos. Conheço todos os cantos deste lugar.

Ele balançou sua cabeça. — Alguns garçons vêm aqui para fumar.

Romeo não deve querer ser visto comigo tanto quanto eu não queria ser vista com ele. Eu era uma garota provinciana e boba para sua reputação de magnata bilionário.

¹⁷-Personagem fictício da sequência Senhor do Anéis e O Hobbit.

Suspirei, espalhando migalhas de *shortbread* no paralelepípedo. — Certo, mas se acha que vou até o fim com você, está muito enganado.

— Eu não ousaria supor. — Pontuou o murmúrio sombrio com as costas, partindo para o outro lado do pátio.

Parecia que ele estava fugindo de mim, não liderando o caminho. Mesmo assim, o segui, mastigando meu terceiro *shortbread*.

— O que te fez vir ao jardim de rosas? Os lanches ou a proposta?

— Um pouco dos dois. — Lambi meus dedos. — E o fato de que aposto que Madison não se mantém... — parei.

Não deveria falar mal do meu noivo, mesmo que ele me traísse. Não estávamos oficialmente juntos. Nem tínhamos nos beijado. Não era como se eu estivesse com ciúmes. Não poderia dar a mínima sobre com quem ele saía antes de realmente nos tornarmos um casal.

— A curiosidade matou o gato — corriji.

— Seu gato sobreviverá. Embora eu esteja tentado a deixá-lo em condições não muito boas.

Meu gato? Ele quis dizer minha boc...

Oh. Meu. Senhor.

Meu corpo, que não recebeu o memorando de que ambos deveríamos não gostar de idiotas presunçosos, formigou em lugares que normalmente esqueci que existiam.

— Você é terrível — informei-lhe alegremente. — Será meu erro favorito.

Ele parou em uma colina verdejante nos fundos da casa de ópera. Parecia bastante isolado, com uma parede escura à nossa direita.

Romeo me passou a garrafa de champanhe. — Bebida.

Pressionando-a em meus lábios, esvaziei um quinto. — Não é um mestre da sedução, é?

Ele se encostou na parede, as mãos enfiadas nos bolsos da frente. — A sedução é uma arte que raramente tenho que executar.

O líquido efervescente desceu pela minha garganta, frio e fresco.

Tossi um pouco, virando a garrafa. — Tão humilde.

Ele tomou um gole generoso, o chiclete ainda na boca. — Você é virgem?

— Sim. — Olhei ao redor, de repente me perguntando se valia a pena. Ele era gostoso, mas também, uma espécie de porco. — Você é?

— Perto o suficiente.

A pergunta tinha sido uma piada, então demorei um pouco para registrar sua resposta.

Inclinando minha cabeça para trás, rio. — Quem diria? Há *um* senso de humor sob todo esse gelo.

— Já considerou até onde quer levar isso? — Passou a garrafa de volta para mim, dois terços vazios.

— Posso apenas dizer quando parar?

— Pela minha breve história com você, meu palpite é que não parará até que não apenas tenha perdido sua virgindade, mas tenha perdido também a virgindade de todas as outras garotas bem-educadas neste código postal. Vamos concordar em manter seu hímen intacto.

Alguém precisava trabalhar em sua conversa suja.

— Parece bom. É de New York?

— Não.

— Então onde...

— Não falaremos.

Oh, está bem.

O homem não entraria no meu top 10 de melhores ficadas, mas *era* o mais gostoso disparado, por isso deixei passar.

Passamos o champanhe entre nós até esvaziar. Meu corpo parecia um fio elétrico, zumbindo de antecipação.

Finalmente – *finalmente* – ele colocou a garrafa no chão, empurrou-a para longe da parede e apertou meu queixo entre o polegar e o indicador, inclinando minha cabeça para cima.

Meu coração deu uma cambalhota, mergulhando na boca do estômago, onde se transformou em lodo.

Pela primeira vez, seus olhos brilharam com calorosa aprovação. — Conheci agentes da IRS¹⁸ mais simpáticos do que

¹⁸-Sigla de Internal Revenue Service - Receita Federal.

você. Eu lhe direi uma coisa, no entanto. É deliciosa, senhorita Townsend.

Minha boca se abriu. — Como sabe...

Não terminei a frase contudo, porque ele cuspiu o chiclete na grama e me calou com um beijo ardente. Sua boca era quente e cheirava a fogueira, perfume caro e hortelã. Isso me sugou toda a lógica, deixando-me tonta. Seu corpo parecia forte, duro e diferente. Eu me moldei nele, envolvendo-o como um polvo.

Ele lançou a ponta de sua língua para fora, separando meus lábios. Quando os abri ansiosamente, sua satisfação reverberou em meu estômago.

Ele segurou minha nuca para aprofundar o beijo. Sua língua estava totalmente na minha boca agora, explorando o terreno como se estivesse conquistando cada centímetro. O frescor ainda presente de seu chiclete me encheu. Tinha um gosto delicioso, aplicando a quantidade certa de pressão.

Assim, suas palavras duras e exterior de pedra se fundiram em paixão, fogo e uma promessa depravada de coisas que não sabia se poderia lidar.

O lugar entre minhas pernas latejava. Tentei me lembrar se alguma coisa que já fiz antes me fez sentir assim. A resposta, deprimente, foi *não*.

Este era um território completamente novo. Águas desconhecidas nas quais queria mergulhar.

Eu choraminguei em sua boca, puxando as lapelas de sua jaqueta, minha língua perseguindo a dele. Não me importava com o que pensava de mim. Nunca o veria novamente.

Minhas mãos percorriam suas mangas, agarrando o material caro e os músculos fortes por baixo. Ele era atlético e construído sem parecer volumoso.

Senhor, ele era lindo.

Frio, suave e imperial como o mármore.

Como se alguém tivesse soprado alma suficiente em uma estátua romana para fazê-la se mover - mas não o suficiente para fazê-la sentir.

Enquanto devorávamos um ao outro, me perguntava se podia sentir cada cume individual de seu tanquinho. Acaricieei seu abdômen. Podia.

Espere até Frankie ouvir sobre isso. Ela choraria lágrimas de tesão.

Romeo me empurrou contra a parede, envolvendo meus cabelos escuros em torno de seu punho duas vezes como as rédeas de um cavalo. Puxou, inclinando minha cabeça para cima e aprofundando nosso beijo.

Sua enorme ereção cavou em minha coxa, pulsando com calor e necessidade. Uma emoção subiu pela minha espinha.

— Ora, ora. — Seu aperto aumentou. Eu o senti se desenrolando, as paredes ao seu redor rachando um pouco. — Foi feita para a corrupção, não foi, *Shortbread*?

Ele acabou de me chamar de... Shortbread?

— Mais. — Agarrei seu terno.

Não sabia o que estava pedindo. Tudo o que sabia era que tinha um gosto e uma sensação melhor do que qualquer sobremesa. E que terminaria em alguns minutos. Não podia me dar ao luxo de ficar fora por muito tempo.

— Mais o quê? — Sua mão já havia serpenteado na fenda do meu vestido.

— Mais... não sei. Você é o especialista aqui.

Ele agarrou minha bunda. Um dedo indicador deslizou sob o elástico da minha calcinha de algodão, afundando na minha nádega.

— Sim. Sim. Isso. — Interrompi nosso beijo, mordendo seu queixo, minha inexperiência sangrando no encontro quando não conseguia me segurar. — Mas... do outro lado. Na frente.

— Tem certeza que quer perder sua virgindade para os dedos de um estranho que te deu *shortbread*?

— Não empurre para dentro, então. — Afastei minha cabeça, franzindo a testa para ele. — Apenas contorne... sabe, a moldura.

Ele enfiou a mão entre minhas pernas, cobrindo meu centro aquecido com a palma da mão, apertando com força. — Eu realmente deveria fodê-la aqui e agora por causa dessa sua boca esperta.

Foi a primeira vez que esse homem anglo-americano ardiloso usou palavrão e, de alguma forma, sabia que era uma ocasião rara para ele.

Arqueando minhas costas, me preendi em sua mão, procurando por mais contato. — Mmm. Sim.

Ele acariciou minha fenda através da minha calcinha, desenhando uma forma oval em torno dela com o dedo sem realmente tocá-la. Talvez fosse porque seu toque era lento, fugaz e projetado para me deixar louca, mas minha calcinha umedeceu.

Doce tortura, foi incrível.

— Sua boca sempre te coloca em apuros? — Terminou de me beijar e passou a me deixar louca acariciando minha boceta, olhando para mim com irritação aberta.

Homem estranho. Um homem muito estranho, mas não estranho o suficiente para eu me afastar do que quer que estivesse acontecendo entre nós.

— Sempre. Mamãe me disse que se eu corresse tanto com as pernas quanto com a boca, seria uma atleta olímpica... *ohhh*, isso é bom.

Seu dedo mergulhou em minha fenda, curvando-se sobre meu clitóris, então recuou tão rápido quanto veio. Para meu horror, ouvi minha umidade quando separou meus lábios.

— Faça isso de novo. — Eu me aninho em seu pescoço, com seu cheiro. — Mas até o fim.

Ele gemeu, seguido pelo que eu tinha certeza que era um sussurro áspero de *que bagunça*. Ei, ninguém estava apontando uma arma para a sua cabeça.

— Está se divertindo? — Estava começando a pensar que ele se arrependeu de tudo.

Mesmo através da minha névoa luxuriosa, poderia dizer que ele parecia mais irritado do que excitado. Quero dizer, seu pau duro definitivamente me disse que não estava sofrendo, mas parecia muito chateado por me achar atraente.

— Em êxtase. — Sua voz gotejava sarcasmo.

— Pode chupar meus mamilos se quiser. Ouvi dizer que é sexy.
— Estendi a mão para o meu peito com espartilho, puxando o tecido.

Sua mão correu para agarrar a minha e segurou meu seio, mantendo-o no vestido. — Generoso da sua parte, mas passarei.

— Eles são muito bonitos, juro. — Tentei puxar com mais força para mostrar a ele.

Seu aperto aumentou em torno da minha mão. — Gosto das minhas coisas só para mim. Oculto da vista. Para meu próprio entretenimento privado.

Dele?

Fiquei sóbria. — Seu?

Nesse momento, a parede contra a qual nos encostamos desabou.

A hostess do baile estava em um pódio, segurando um controle remoto para fogos de artifício.

Estávamos também no pódio.

Oh, Deus.

Aquilo não era uma parede. Era uma cortina.

E a nossa frente estava toda a lista de trezentos convidados do baile. Todos de queixo caído, olhos arregalados e julgamentos do caralho.

Avistei papai imediatamente.

Em nanosegundos, sua pele morena virou casca de ovo, mas suas orelhas ficaram cada vez mais vermelhas. Alguns pensamentos finalmente se filtraram em meu cérebro nublado pela luxúria.

Primeiro, papai definitivamente cancelaria todos os meus cartões, do Amex ao da biblioteca.

E, finalmente, percebi o que todos estavam vendo.

Eu, nos braços de um homem que com certeza não era meu noivo.

Sua mão empurrada entre minhas pernas através do meu vestido. Meu batom borrado. Meu cabelo uma bagunça... e sabia que tinha dado a ele algumas mordidas de amor visíveis.

— Cara. — Aquela era Frankie das mandíbulas profundas da multidão. — Mamãe vai deixá-la de castigo até você completar quarenta anos.

A multidão explodiu em tagarelice animada. As lanternas do telefone atacaram meu rosto enquanto eu cambaleava para trás, empurrando Romeo Costa para longe. Ele não queria nada disso, no entanto. O psicopata fingiu me proteger, deslocando-me atrás dele. Seu toque era descuidado e frio. Um ato.

O que diabos estava acontecendo aqui?

— ...arruinada para todos os outros homens neste código postal...

— ...pobre Madison Licht. Um cara tão bom...

— ...sempre foi problemática...

— ...um ímã de escândalo...

— ...horrível senso de moda...

Tudo bem, essa última era uma mentira descarada.

— P-papai. Não é o que parece. — Tentei alisar meu *Oscar de la Renta*¹⁹ e pisei no pé de Romeo com meu salto pontiagudo, finalmente me libertando de seu aperto.

— Infelizmente, é exatamente o que parece — rebateu, entrando mais fundo no palco e me pegando pelo cotovelo para me juntar a ele.

O que diabos ele estava fazendo?

— O segredo foi revelado, meu amor.

Seu *amor? Eu?*

Ele fez questão de limpar a mão que estava entre minhas pernas segundos atrás no meu vestido de grife. — Por favor, não chame minha Dallas de mulher arruinada. Ela simplesmente cedeu à tentação. Como Oscar Wilde apontou, nada mais é do que humano.

Seus olhos permaneceram duros. Grudados em papai.

Nada mais, do quê?

¹⁹-Estilista e designer de moda dominicano, naturalizado estadunidense.

Por que ele estava falando como um figurante de *Downton Abbey*? E por que disse que estou arruinada?

— Eu deveria matá-lo. — Meu pai, o grande pastor Townsend, abriu caminho entre os corpos para chegar ao palco. — Correção - eu *vou* matá-lo.

Um pânico branco e frio percorreu meu corpo. Realmente não tinha certeza se ele estava falando comigo, com Romeo ou com ambos.

Meus dedos estavam tão congelados que nem conseguia senti-los. Eu tremia como uma folha ao vento do outono. Realmente tinha feito isso desta vez.

Não se tratava mais de ser reprovada em cursos aleatórios, ser insolente com alguém cuja opinião meus pais buscavam ou comer o bolo de aniversário de Frankie não tão acidentalmente. Arruinei completamente sozinha a boa reputação da minha família. Manchei o nome Townsend em escombros de fofoca e condenação.

— Shep, certo? — Romeo tirou do bolso a mão que não estava ao meu redor e verificou o *Patek Philippe* em seu pulso.

— É Sr. Townsend para você — papai sibilou, agora no palco conosco. — O que tem a dizer em sua defesa?

— Vejo que chegamos à parte da negociação da noite. — Costa me deu uma olhada rápida, como se estivesse tentando decidir quanto queria apostar em mim. — Sei que Chapel Falls tem uma política de você-danifica-você-compra quando se trata de suas filhas solteiras debutantes.

Suas palavras bateram contra a minha pele, deixando raivosas marcas vermelhas em todos os lugares que tocaram.

Agora que ninguém podia nos ouvir, não fingia mais que éramos um casal e falava com papai como um homem de negócios. — Estou disposto a comprar o que danifiquei.

Por que ele estava falando como se eu fosse um vaso? E o que diabos estava propondo, exatamente?

— Não estou danificada. — Eu o empurrei, a meio caminho de feral. Seu domínio sobre mim só apertou em resposta. — E eu não sou um produto a ser comprado.

— Calada, Dallas. — A respiração de papai saiu difícil e pesada. Suor como nunca tinha visto nele antes escorria por suas têmporas. Ele se inseriu entre nós como se não pudesse confiar em nenhum de nós para não iniciar uma nova sessão de amassos. E, finalmente, Romeo me soltou. — Agora, não tenho certeza do que está propondo, Sr. Costa, mas isso não passou de alguns beijos em uma noite de bebedeira...

Romeo ergueu a mão para detê-lo. — Sei como é a boceta de sua filha, senhor. O gosto também. — Lambeu a ponta do polegar, nunca interrompendo o contato visual com o papai. — Pode tentar sair dessa até ficar com o rosto azul. O mundo comprará a minha versão. Nós dois sabemos disso. Sua filha é minha. Tudo o que pode fazer agora é negociar um acordo decente.

— O que está acontecendo aí? — Barbara estava no meio da multidão. — Existe uma proposta?

— É melhor que haja uma proposta — alertou outra pessoa.

— Nem sabia que eles se conheciam — exclamou Emilie. — Ela só falava da sobremesa.

A vergonha coloriu meu rosto de rosa. A única coisa que me manteve de pé foi o profundo conhecimento de que nunca deixaria esse homem terrível vencer.

Minha raiva era tão pungente, tão tangível, que senti seu gosto amargo na boca. Cobriu cada canto, pingando em meu sistema como um veneno negro.

Papai baixou a voz, nivelando Romeo com todo o ódio que possuía. — Prometi minha filha a Madison Licht.

— Licht não vai tocá-la com uma vara de seis metros agora.

— Ele entenderá.

— Entenderá? — Romeo arqueou uma sobrancelha. — Deixando de lado o fato de que sua noiva foi pega com meus dedos dentro de seu vestido na frente de toda a sua cidade natal, tenho certeza que está ciente de que somos rivais nos negócios.

Senhoras e senhores, o homem que aparentemente quer se casar comigo.

É seguro presumir que Edgar Allan Poe não estava se revirando em seu túmulo, preocupado em ser derrubado do pedestal de Grande Poeta.

— Ei, agora. Esta é minha filha, e eu...

— Entregou-a a um idiota abastado, que tenho certeza que vai tratá-la como uma peça de mobília barroca. — Não havia alegria na voz de Romeo. Nenhuma vitória também. Deu a notícia como um mal-humorado deus grego decidindo sobre o destino de um

mero mortal. — Não há diferença entre o que ofereço a ela e o que Madison Licht traz para a mesa, além do fato de que em breve valerei vinte bilhões de dólares, e a empresa dele ainda nem é pública.

Todo o peso do mundo desabou sobre mim quando entendi duas coisas:

1) Romeo Costa sabia exatamente quem eu era quando chegou a este baile. Ele me procurou. Atraiu-me. Assegurou-se de que tinha a minha atenção. Sempre fui seu objetivo. Afinal, ele mesmo havia dito: Madison Licht era seu inimigo, e queria arruinar as coisas para ele.

E 2) Romeo Costa era um bastardo, ele se casaria comigo apesar de tornar infelizes todas as pessoas envolvidas nesta união, apenas para irritar meu noivo.

Ex noivo, mais provavelmente.

Avancei enfurecida, as palmas das mãos se conectando com seu peito. — Não quero me casar com você.

— O sentimento é mútuo. — Deu um passo ao meu toque ardente, pegou minha mão esquerda e deslizou o anel de noivado de Madison do meu dedo. — Infelizmente, uma tradição é uma tradição. Eu toquei; arruinei. Diga olá para o seu novo noivo. — Romeo examinou o anel preso entre seus dedos, indiferente. — Essa coisa mal custa dezesseis mil.

Ele o jogou no meio da multidão e algumas garotas menos honradas tentaram pegá-lo. O ar foi drenado de meus pulmões.

Romeo examinou meu pai com uma expressão impassível, confiante de que, apesar de minha imprudência, não ousaria desafiar a ordem do patriarca se ele decidisse que deveríamos nos casar.

Não. *Não, não, não, não, não.*

— Papai, por favor. — Corri para ele, entrelaçando meu braço com o dele.

Ele se afastou do meu toque, franzindo a testa para seus mocassins, lutando para regular sua respiração. Minhas bochechas arderam com rejeição, como se ele tivesse me batido.

Meu pai nunca tinha sido tão cruel comigo antes.

Eu queria chorar. *Nunca chorei.*

O mal tinha um rosto. Era incrivelmente lindo... e pertencia ao homem que acabou de se tornar meu futuro marido.

— Por que não discutimos isso longe de olhares indiscretos?
— Papai olhou em volta, exausto e afetado. Eu provavelmente também manchei aquele smoking para ele, assim como manchei meu futuro. — Sr. Costa, apresente-se imediatamente em minha casa.

Romeo Costa deslizou o braço por cima do meu ombro ao passar, sem me dar o menor olhar.

— Arruinada por *shortbread*. — Colocou um chiclete na boca enquanto seu corpo imponente descia do palco. — Como os poderosos caíram.

CAPÍTULO TRÊS

Ollie Vb:

@RomeoCosta, como é estourar sua cereja do escândalo?

Bem-vindo ao clube, filho.

Temos lanches. E a família Kennedy.

Romeo Costa:

www.dmvpost.org/Herdeiro-Von-Bismarck-é-flagrado-com-a-esposa-do-governador-da-Geórgia

Ollie vB:

Chame-me de papai, e talvez eu repasse minhas habilidades.

Zach Sun:

Destruidor de lares não é uma habilidade.

Ollie vB:

Diga isso a Rom.

Ele acabou de romper um noivado, uma reputação e um futuro em dez minutos.

O aluno superou o mestre.

[Shia LaBeouf ovacionando GIF]

Zach Sun:

Onde está Rom agora?

Ollie vB:

Sua casa, provavelmente incendiando suas recordações de infância e afogando seus animais de estimação.

Zach Sun:

Se eu tivesse um coração, partiria por ela.

Ollie vB:

A julgar pela luta que ela deu a ele, se alguma coisa partirá aqui, será o espírito do seu garoto até o final do mês.

CAPÍTULO QUATRO

Romeo

Um milhão de Dallas Townsend valsavam em meu cérebro, seus saltos pontudos esfaqueando cada canto.

Abri os olhos.

A sala balançava para frente e para trás como se eu tivesse me escondido em um navio que está afundando.

— Não deveria ter terminado aquele *Pappy Van Winkle*²⁰ sozinho, amigo. — A voz espirituosa de Oliver ecoou das profundezas de um banheiro. — Compartilhar é cuidar.

Zach fez *tsked* à distância. — Pela última vez, von Bismarck, aquela modelo da *Agent Provocateur*²¹ não queria um trio.

Sibilei em um travesseiro de seda no *Grand La Perouse Hotel*, lamentando cada decisão que tomei que me levou a este inferno. Estimulados por uma descoberta de última hora, nós três chegamos a Chapel Falls meia hora antes do baile.

Atualmente, ocupávamos a suíte presidencial de quatro quartos. Não tanto porque gostávamos da companhia um do outro,

²⁰-Marca de Uisque.

²¹-É um agente secreto empregado para provocar pessoas suspeitas a cometer atos ilegais e assim ser desacreditado ou passível de punição.

mas porque sabíamos que algum idiota havia reservado isso antes do baile.

Alegrear-se com a miséria alheia era um dos menores prazeres da vida. Um que eu frequentemente me entregava.

Oliver entrou na sala, sua boca envolvendo um charuto apagado.

— Precisava entorpecer a dor. Apague a memória de dedilhar uma garota pré-adolescente na frente dos melhores da Fortune 500. — Vestiu uma blusa polo. — A propósito, a conta era de quarenta mil só com álcool e charutos. Devíamos começar entrar no negócio debutantes. O mundo nunca deixaria de ter jovens privilegiadas precisando de maridos bilionários.

A ideia de perder meu tempo assim novamente me revoltava. — Transformaria o lugar em uma casa de jogo e geraria alguns bastardos antes da primeira valsa.

Ele se jogou na beirada da minha cama, calçando suas botas de montaria. — Sim, ao jogo. Não, para bastardos. Sempre embalo minha carne. Sem camisinha, sem amor.

Considerando que ele via as mulheres como uma esteira rolante de buracos quentes para se estacionar dentro durante a noite, duvidava que Oliver estivesse familiarizado com a noção de amor.

Ele fez uma pausa, seus lábios se curvando em torno do charuto. — Nem todo mundo é escrupuloso o suficiente para praticar seu método de garantir que nenhum filho ilegítimo esteja na linha de sucessão ao trono.

Zachary Sun - alto, ágil, detestavelmente genial e emocionalmente disponível como uma pedra - entrou no meu quarto com seu laptop enfiado sob o bíceps. — Qual é o método do Rom?

Ele optou por ficar no hotel ontem. Sua presença no baile teria sido redundante.

Apenas o pensamento de seu filho se casar com uma garota sulista faria a Sra. Sun ter um ataque cardíaco. Nenhuma mulher comum poderia se adequar à sua linhagem de dinheiro antigo, que remontava à Dinastia Zhou.

— Há um buraco que ele nunca fode, e é aquele de onde saem os bebês. — Oliver deu a informação com alegria desnecessária.

Zach franziu a testa, provavelmente lembrando do meu passado. — Recentemente ou nunca?

Compartilhamos a mesma visão de mundo – que o oxigênio fornecido pelas florestas cada vez menores da Terra era um privilégio desperdiçado pelos humanos.

Contra meu melhor julgamento, fiz uma exceção em meus trinta e um anos de vida. O que viria a me arrepender.

De maneira espetacular também.

— Ele está abstinente há tempo suficiente para ser considerado um virgem nascido de novo. — Oliver vestiu um blazer equestre. — Sem mencionar - um perdedor.

Se as palavras deveriam me ofender, erraram o alvo por cerca de três mil quilômetros.

As mulheres não me interessavam. Nem as pessoas em geral.

Zach me observou com igual admiração e confusão. — Como é que nunca soube disso sobre você?

— Deve ter perdido meu anúncio de três meses na primeira página do *New York Times*. — Esvaziei uma garrafa de água em um só gole, colocando um chiclete de menta na ponta da língua. — Que horas são?

— Que bom que perguntou. — Oliver acendeu o charuto e tragou com força. Uma nuvem de fumaça subiu da ponta âmbar. — Já é hora de lembrá-lo o que aconteceu ontem à noite. O incidente que o precedeu a engolir uma garrafa inteira de conhaque na esperança de morrer de envenenamento por álcool depois de voltar das instalações Townsend.

Joguei a garrafa no lixo. — Tenha seu momento de glória. Diga-me o quão ruim parecia do lado de fora.

— Não parecia ruim. — Zach colocou seu laptop na mesa em frente à minha cama. — Bizarro? Sim. Escandaloso? Como pretendido. No entanto, você saiu como um cara legal tentando conquistar uma garota. Pelo menos nos vídeos espalhados por todo o TikTok e YouTube, muitos deles virais. Chamam isso de a proposta do século.

Oliver assobiou. — Tem sua própria hashtag.

Nunca criei um escândalo em toda a minha vida e certamente não gostei de fazer parte de um agora. No entanto, os fins justificavam os meios.

Eu tinha feito isso. Roubei a noiva de Madison Licht e a fiz minha.

O cretino sempre terminava os eventos com uma interesseira menor de idade, que achava que poderia ficar com ele por mais de uma noite. Imagine minha surpresa quando, dois dias atrás, Oliver o ouviu falar de forma poética sobre o corpo delicioso de sua noiva, o rosto perfeito e o cabelo exuberante.

Pela primeira vez em sua vida miserável, parecia que ele não havia mentido.

Esfreguei meu queixo. — Ela é pelo menos tão bonita quanto me lembro?

— Requintada. Surpreendente. — Oliver levou os dedos aos lábios. — E também: quase juvenil. Ela é mesmo maior de idade, Rom?

— Maior de idade. — Um vale em forma de dente na ponta do meu queixo ondulava na ponta dos meus dedos. A raposinha maníaca tinha me mordido e deixado uma marca. — Esteve na faculdade por pelo menos dois anos.

Três ou mais, se não tivesse exagerado sobre ser reprovada nos semestres. Como alguém pode falhar em Literatura Inglesa me enervava, mas deixe isso para esse fantasma infernal lidar.

— Zach, quando disse que aquela mulher estava furiosa... — Oliver balançou a cabeça. A fumaça saiu de suas narinas como um dragão demoníaco. — Ela quase o esfaqueou até a morte. Acho que a única coisa que a impediu foi a probabilidade de envergonhar ainda mais sua família.

Felizmente, Dallas Townsend traçou uma linha vermelha. Com base em nossa apresentação fugaz, foi a sua única.

Eu teria dificuldade em conjurar uma mulher tão colorida quanto ela. Permaneceu constantemente acelerada, indo e vindo de roubar comida e tagarelar como se fosse uma competidora da Maratona de Boston.

Seu mero rosto me deu vontade de abrir quatro Tylenols e tomá-los com conhaque.

Se eu conhecesse sua personalidade antes de adquiri-la como meu mais novo investimento, teria escolhido ouvir aquele bruto pastoso falar sobre ela pelo resto de sua vida patética antes de me casar com ela.

Oliver deu um tapa no joelho, rindo. — Ela lhe deu o inferno.

— Tenho certeza que ele retaliará na mesma moeda assim que se casarem. — Zach digitava em seu laptop, apenas parcialmente envolvido na conversa. — O que aconteceu depois que chegou à casa dela?

Apoiei-me na cabeceira da cama, massageando o pé que minha futura esposa havia perfurado com o calcanhar. — O seu pai a mandou para o quarto. Então fechamos um belo negócio. Despejarei dinheiro de doações em suas organizações sem fins lucrativos pelos próximos cinco anos e apresentá-lo a algumas pessoas com as quais deseja fazer negócios.

E para quê? Podia contar nos dedos de uma mão o número de vezes que veria Dallas Townsend após a cerimônia de casamento - e ainda sobrariam dedos.

— Bem. — Oliver enfiou as luvas de couro marrom nos dedos, jogando a guimba do charuto pela janela. — Por mais que goste de

recitar a noite em que Romeo arruinou sua vida, tenho cavalos para ver e mulheres para corromper.

Zach levantou uma sobrancelha escura. — Qualquer mulher que é burra o suficiente para acabar sob você já foi completamente maculada.

Oliver suspirou. — É verdade.

O nariz de Zach torceu. — Não está entediado?

Enquanto Oliver amava todas as mulheres, Zach não conseguia encontrar uma única que correspondesse a seus ideais irracionais. Na verdade, a Sra. Sun marcava encontros semanais com herdeiras da ABC a companhias de navegação, mineração de cobre e software.

Seu passatempo favorito era derrubá-las em seus padrões elevados, como muito bonita, muito inteligente, muito rica, muito caridosa e meu favorito, muito parecida com ele.

— Pararei de correr atrás de rabo quando morrer. — Oliver se levantou, guardando a carteira e o telefone em uma elegante bolsa de couro. Franziu a testa. — Na verdade, mesmo assim, os vermes não estão a salvo da minha libido. Agora, se me der licença, tirarei o máximo proveito desta merda antes de partirmos, e não há melhor maneira de passar meu tempo do que não com você.

Com Oliver fora para tornar o mundo um lugar pior, Zach e eu nos encaramos. No papel, tínhamos muito em comum. Uma única entidade nos motivava. Dinheiro. Zach tinha dois negócios multibilionários em seu currículo em aplicativos autodesenvolvidos. Enquanto isso, eu reinava na empresa de meu

pai como CFO²², me envolvendo em fundos *hedge*²³ e investimentos de alto risco por diversão. Desde que me formei no MIT, havia triplicado a receita da Costa Industries.

Éramos reservados, calculistas, pragmáticos e indiferentes às expectativas da sociedade. Nossos pais nos pressionaram para casar. E fariam de tudo para nos levar até o altar com a futura mãe de seus netos, mas nossas semelhanças terminaram aqui.

Ao contrário de Zach, não possuía um único nervo em todo o meu corpo. Sem falar na integridade, um conceito que achei tão mítico quanto as sereias. Fiz coisas atrozes e ainda dormi como um bebê à noite.

Zach, por outro lado, era genuinamente decente. Não importava muito, já que achava noventa e nove por cento da população difícil de engolir devido à falta de inteligência suficiente.

— Então. — Zach não levantou os olhos da tela. — Acha que desenvolverá uma consciência e deixará a pobre garota solta?

Coloquei os pés no chão e plantei os cotovelos nos joelhos, enterrando as palmas das mãos nas órbitas. — Não.

— Por que não?

Um milhão de razões existentes, mas apenas uma importava. — Porque ela era de Madison, e ele não merece nada de bom em sua vida.

— Então, ela é boa.

²²-Sigla de Chief Financial Officer – Diretor Financeiro.

²³-Fundo de cobertura forma de investimento alternativa, com graus de risco variados, com poucas restrições e em algumas situações, altamente especulativo.

— Eu disse boa? Quis dizer insuportável.

— Grande elogio.

— Insuportável é o elogio, no que diz respeito a ela. A mulher poderia levar um monge ao assassinato.

— Interessante. — Não achou isso interessante. Não encontrou nada que não fosse dinheiro, tecnologia e arte, mesmo que remotamente estimulante. — Ainda não o ouvi tão apaixonado por uma mulher, de um jeito ou de outro, desde Mo...

— Não fale o nome dela. De qualquer forma, Dublin e eu seremos casados apenas no papel.

Estava contando isso para Zach ou para mim?

— Dublin, hein? — Desviou o olhar da tela apenas para entregar um olhar lamentável. — Não subestime o poder do papel. O dinheiro é feito dessa merda.

— Vinte e cinco por cento de linho. Setenta e cinco por cento de algodão — corriji.

Não que ele não soubesse.

— Cheques, então. O que sabe sobre ela?

Não muito. Depois de ontem, minha curiosidade não foi aguçada, para dizer o mínimo.

Seduzi-la tinha sido mais fácil do que tirar doce de um bebê. Ironicamente, tirar um doce *dela* era algo que não achava que fosse possível sem perder um braço.

— Ela é linda, desequilibrada e prefere comer os próprios olhos a se casar comigo.

Zach me saudou com sua água eletrolítica. — Vou fazer pipoca.

— Não seja tão presunçoso. Você é o próximo da fila.

— Mas a fila é longa. — Clicou no mouse, já passando da conversa para o trabalho. — E eu sou muito bom em protelar.

CAPÍTULO CINCO

Romeo

O dia avançava como um terror noturno.

Em um ritmo alucinante.

Zach realizou teleconferências consecutivas para sua aquisição hostil iminente. Oliver se ocupou montando cavalos de corrida e transando, possivelmente ao mesmo tempo.

Enquanto isso, devorei peitos de frango e couve-de-bruxelas, lavei o gosto amargo com café *Chicory* e me abasteci com chiclete, exigindo a marca *Mastika* ao concierge.

Quando não pude mais adiar o inevitável, saí do hotel para comprar um anel para o mal da minha existência.

Era de grande importância que Dallas usasse um anel de noivado pelo menos três vezes maior do que o que seu ex-noivo tinha dado a ela. Isso não tinha nada a ver com ela e tudo a ver com garantir que Madison quisesse esfaquear suas próprias pupilas sempre que ela mostrasse isso em público.

E se fosse muito pesado para seus dedos delicados, teria que se virar. Não era como se já as tivesse colocado em uso e realmente trabalhado.

Eu tinha ouvido os sussurros. Minha futura esposa era extremamente, notoriamente, incomparavelmente preguiçosa.

Quando o gerente da loja passou o extrato de dois milhões de dólares em meu cartão ilimitado, junto com o seguro robusto que o acompanhava, meu telefone tocou com uma chamada recebida.

Mãe.

Apertei aceitar, mas não a agraciei com palavras reais.

— Bem? — Romeo Costa Sr.²⁴ exigiu, em vez disso. — Como vão as coisas?

Deixe para o meu pai não saber sobre o que metade da Internet já havia feito memes.

Foi lamentável, se não totalmente deselegante, que me tornei uma sensação da mídia social por arruinar a honra de uma jovem em um baile de debutantes. Na verdade, para a apreciação do DOD²⁵, passei trinta e um anos sem um único incidente.

Dei a Dallas Townsend meu primeiro escândalo; ela me deu seu futuro. Não parecia uma troca justa e marcou a primeira vez na minha vida adulta que acabei do lado perdedor de, bem, qualquer coisa. Tudo sobre uma garota que correria para a van branca de um estranho se isso significasse que ela poderia colocar as mãos em um pedaço de doce.

— Chapel Falls é adorável. — Peguei a bolsa turquesa dos dedos do vendedor, caminhando até a calçada. — Como *estão*?

²⁴-Abreviação de Senior, referindo-se ao pai do protagonista.

²⁵-Departamento de Defesa.

— Romeo, meu Deus. — Um distinto tom horrorizado saltou, capturada pela chamada. Sem dúvida, minha mãe agarrou suas pérolas enquanto falava. — Eu não o enviei para *Sidwell Friends*, MIT e Harvard, para aprender o jargão sulista horrível.

— Você também não me enviou para *Sidwell Friends*, MIT e Harvard para que eu fosse um mero CFO na empresa de seu marido, mas aqui estamos.

Todos nós sabíamos que eu merecia a posição de COO²⁶, que a outra desgraça da minha existência, Bruce Edwards, ocupava atualmente.

Meu pai ignorou minha provocação. — Encontrou uma noiva? Lembre-se, Romeo, sem noiva, sem empresa.

Ah. O cerne do meu problema existencial. A razão pela qual eu estava neste inferno úmido em primeiro lugar.

Idealmente, teria simplesmente manchado a garota Townsend e enviado a Madison algumas fotos de seu sangue virgem em meus lençóis egípcios como lembrança.

Por acaso, meus pais deram um ultimato no início desta semana - encontre uma noiva e se acomode, ou o cargo de CEO iria diretamente para Bruce Edwards. Bruce era o subproduto da endogamia de alto nível de Massachusetts. Nove anos na *Milton Academy*, quatro na *Phillips Andover* e dois diplomas em Harvard.

Ele e Senior dividiam o mesmo dormitório em *Winthrop House*, com dezoito anos de diferença. Ambos iniciaram no *The Porcellian*

²⁶-Sigla de Chief Operating Officer - Diretor de operações.

Club, onde o bom e velho Senior serviu como seu mentor de ex-alunos.

Embora nem uma gota de sangue de Costa corresse nas veias inúteis de Bruce, uma afronta a séculos de tradição nepotista de Costa, Romeo Costa Sr. considerava-se honrado demais para esquecer seus calouros de Harvard. Então, para meu grande desgosto, Bruce era uma figura fixa em nossas vidas.

Ele tinha o irritante hábito de se referir a mim como Junior em todas as oportunidades públicas. Oito anos atrás, até começou a chamar meu pai de Romeo, em vez de Sr. Costa, pela simples justificativa de me atribuir o apelido. Ele também estava, aparentemente, no mesmo ambiente que meus pais.

Sua voz profunda e enervante acalmou Senior. — Romeo, Mon. — Mon, não Monica, como se fossem amigos de golfe. — As crianças amadurecem mais devagar hoje em dia. Talvez Junior não esteja pronto. Não para o casamento e não para o trabalho.

Isso. Era por isso que eu preferia números e planilhas aos humanos.

Sabia que Senior meio que esperava - talvez até desejasse - que eu não aceitasse seu desafio e continuasse solteiro.

A única coisa que Bruce tinha e eu não era uma esposa. Uma coisa tímida chamada Shelley. Não havia nada abertamente errado com Shelley, além de seu gosto por homens. Também não havia nada abertamente certo nela.

Ela era o pão branco dos humanos. Tão suave quanto peito de frango sem tempero e quase tão atraente.

— Não entregarei uma das corporações mais lucrativas dos Estados Unidos a um solteirão sem alma que metade da empresa tem medo de abordar.

Meu pai estava errado.

Foi precisamente minha falta de alma que me tornou o candidato perfeito para o trabalho de entregar armas pesadas nas mãos de governos duvidosos e repúblicas de bananas. Não que ele se importasse com meu estado civil.

Ele só se importava com uma coisa: continuar a linhagem Costa.

— Vamos, Romeo. — Bruce voltou a se envolver na conversa. — Isso não pode ser bom para a sua pressão arterial.

O irmão de Bruce dirigia uma corporação farmacêutica gigante que fazia a Pfizer se parecer com David, por isso frequentemente fingia se importar com a saúde de Senior.

A verdade era que ambos queríamos o homem morto. E ambos jogamos bem para suceder sua posição como CEO antes de ele chutar o balde.

Bem, eu joguei bem.

Bruce estava com a língua tão enfiada no traseiro de meu pai que fiquei surpreso por não ter feito cócegas em suas amígdalas.

Senior ignorou Bruce, continuando seu discurso retórico. — Especialmente com a Licht Holdings respirando em nosso pescoço.

A Licht Holdings - adivinhou - pertencia ao pai de Madison Licht. Uma empresa de defesa rival ganhando popularidade com os figurões em D.C.

Para ter certeza, chamando isso de defesa, o que realmente quero dizer são armas.

Minha família produziu um volume extraordinário de armas e vendeu a maioria delas para os Estados Unidos da América. Armas subaquáticas, armas de fogo guiadas com precisão, sistemas robóticos armados, ondas de choque *taser*, mísseis hipersônicos.

Se puder matar milhares em um só golpe, provavelmente nós o fabricamos.

A guerra é uma indústria lucrativa. Muito mais que paz.

Desculpe, Tolstoy. Ideia louvável, no entanto.

— Na verdade, encontrei a pessoa certa. — Suspirei em desgosto quando lembrei que minha tal suposta noiva provavelmente estava mudando de nome, falsificando um passaporte e fugindo para um país sem leis de extradição.

— Encontrou? — Mônica arfou de emoção.

— Encontrou? — Senior perguntou com ceticismo.

— Encontrou? — Bruce souou como se eu tivesse acabado de enfiar um míssil balístico em seu traseiro.

— De fato. — Chamei um Uber para me levar até a residência da minha futura noiva, já que esse inferno não tinha nem serviço de carro. — Mal posso esperar para que a conheçam.

— Como ela é? — As pérolas nos dedos de Monica provavelmente se retorciam com sua ânsia.

— A orgulhosa dona de um pulso e um útero, seus dois únicos requisitos.

Não que ela vá usar aquele seu útero.

Monica soltou uma risada encantada. — Ah, Rom. Às vezes, pode ser realmente grosseiro.

Um Uber Lux encostou no meio-fio. Range Rover do ano passado. Eu precisava sair de Chapel Falls para ontem.

Deslizei para dentro da cabine do veículo, ignorando o contato visual que o motorista tentou me impor. A única coisa que tornaria o dia de hoje ainda mais inconveniente seria uma conversa fiada com um estranho.

— Quando conheceremos a garota? — Se dependesse de Monica, Dallas seria entregue à sua porta por meio de remessa Prime em duas horas.

— Assim que for humanamente possível.

Eu precisava destruir qualquer chance de Bruce se tornar uma alternativa viável para mim como CEO. Isso, infelizmente, significava mais algumas horas em um espaço confinado com Dallas Townsend.

Monica pairava à beira de explodir de alegria. — *Aww*. Está realmente animado para exibi-la?

Olhei pela janela. — Estourando de alegria.

— Junior... Cristo, garoto. — E foi aí que eu soube que Bruce havia encontrado um dos vídeos virais da noite passada. — Mon, Romeo, acho que deveriam ver uma coisa. Lembra de Clinton Brunswick do Pentágono? Sua esposa encaminhou um vídeo para minha Shelley. Lamento trazer isso à sua atenção, mas não me

sentiria confortável em não falar sobre isso, já que Junior fez um terri...

Essa foi a minha deixa para desligar. Enquanto encerrava a ligação e observava Chapel Falls passar por mim em toda a sua glória de cidade pequena, pensei que casar com a garota Townsend não era uma ideia tão ruim, afinal.

Eu a deixaria cuidar de seu próprio negócio - fazer compras? Almoços? Festas de botox?... apenas reentrando em sua vida periodicamente para arrastá-la para eventos de gala ou reuniões importantes que exigiam que eu parecesse um homem de família respeitável.

Ela provavelmente voltaria para Chapel Falls dentro de um ou dois anos e envelheceria de forma deselegante, gastando seu tempo se afogando em extravagância materialista e fofocas sem sentido para entorpecer o gosto de sua própria inutilidade.

Voltaria à minha vida normal em Potomac. Meu trabalho. Meus amigos. *Meus planos.*

Depois de alguns anos, dez ou doze, quando o desejo de se tornar mãe realmente a consumisse, consideraria conceder o divórcio a Dallas. Dependendo de quão útil para mim ela seria até então. Ela assinaria um acordo pré-nupcial, no entanto. Aquela mulher não valia metade da fortuna dos Costa.

Sim, decidi. Casar com a garota Townsend será um incidente anedótico em minha vida, não um momento crucial.

Não importava o quão tagarela era.

Meu silêncio seria sempre mais alto.

CAPÍTULO SEIS

Romeo

Parecia apropriado que uma mansão padrão abrigasse minha noiva obcecada por biscoitos.

Com sua nova camada de tinta branca, persianas pretas, colunas imperiais e porta vermelha brilhante, a casa colonial pré-guerra poderia enfeitar as páginas da *Southern Living*.

Na varanda do segundo andar, duas cadeiras de balanço balançavam pela força de quem as ocupava segundos atrás. Isso confirmou minha suspeita.

Shortbread esperou minha chegada iminente para reivindicar minha mais nova aquisição.

Ela.

Brinquei com a ideia de lhe dar o fim de semana inteiro para se despedir de sua família e amigos, principalmente para me livrar de sua existência opressiva, mas era melhor acabar logo com isso.

Shep Townsend abriu a porta em sua melhor roupa de domingo. Claro, tinham acabado de voltar da igreja.

Nada gritava cristã devota como ser pega com a mão de um estranho entre suas coxas.

— O anel é aceitável? — Pegou a bolsa de joias das minhas mãos, abrindo-a. — Porque não vou deixá-lo humilhar mais minha filha.

Podia ser um ser humano deplorável por arrastar sua filha chutando e gritando para o casamento, mas ele era um idiota de primeira classe por permitir isso. E por originalmente uni-la com Madison Licht, que era um saco de DSTs envolto em um terno de baile.

Ele abriu a caixa do anel.

Suas sobrancelhas dispararam para a linha do cabelo, a garganta balançando com um engolir. — Isso serve.

Passando por ele sem reconhecer suas palavras, examinei seu foyer. Minha futura esposa não estava à vista. Uma versão menor e carrancuda dela - sua irmãzinha, presumi - estava parada ao pé da escada, segurando-se com força no corrimão, me observando como uma criatura da floresta prestes a atacar sua presa.

Olhei para o meu Rolex. — Onde está Dallas?

— Lá em cima, descansando. — A ex-Miss EUA Natasha Townsend saiu da cozinha em um respeitável vestido *Gingham*, avaliando-me com ódio declarado.

Felizmente, Dallas herdou o rosto de sua mãe, e não o de seu pai.

— De quê?

A garota com certeza não tinha uma agenda lotada. Ela não tinha *nenhuma* agenda.

— Pare de provocá-la. Pega mais abelhas com mel. — Shep colocou a mão em meu braço, conduzindo-me à sala de estar. — Ontem mesmo, você a desonrou, destruiu seu noivado e a forçou a se casar. Ela precisa de tempo para processar.

Nunca me ocorreu que Dallas Townsend era uma personagem tridimensional com necessidades, desejos e motivações.

De onde eu estava, parecia uma criança linda, mimada e petulante, acostumada a conseguir o que queria.

Alguém que nutria uma obsessão um tanto doentia por comida.

Eu me dei a liberdade de sentar na cabeceira da sala em frente à chocada família de Dallas. — Diga a ela para descer neste segundo. Precisamos discutir nossa agenda.

A pequena Townsend avançou. — Por que não vai se fer...

— Vá chamar sua irmã, Franklin. — Os lábios de Shep se curvaram para baixo. — E lave a boca com uma barra de sabão logo em seguida.

Com um aceno de cabeça, Franklin fugiu da minha visão. Shep permaneceu de pé. Sua esposa também. Ambos me olharam furiosos.

Peguei minha maleta de couro e comecei a espalhar sobre a mesa a papelada que minha noiva precisava assinar. — Uma xícara de café seria bom. Sem açúcar, sem leite, sem saliva.

Os olhos da Sra. Townsend flamejaram. No final, a hospitalidade sulista superou seu ressentimento.

Ela correu para a cozinha. Provavelmente orando para Jesus com um pedido para me dar um ataque cardíaco precoce e mortal.

Shep apoiou-se nas costas de uma cadeira. — Fez isso para se vingar de Madison ou porque seu pai está obrigando você a se casar?

Limpei fiapos invisíveis do meu terno, marcando com um x todos os lugares que Dallas precisava assinar. — Foi uma situação de dois coelhos e uma cajadada.

Ele se sentou e entrelaçou os dedos na mesa, de boca fechada. — Minha filha é muito especial.

Lutando contra um revirar de olhos, murmurei — Todas são.

— Não — insistiu. — Dallas não é nada parecido com o que viu e conheceu. Eu te asseguro. — Se eu ganhasse um centavo para cada vez que um pai orgulhoso tentasse me vender sua filha com base em seus méritos... bem, ainda seria um bilionário. — Quando se apaixonar por ela, certifique-se de não se ressentir dela por isso.

Então, a ilusão era algo comum nessa família. Por sorte, não precisava do DNA de Dallas.

Olhei ao meu redor, entediado. — Tentarei o meu melhor.

— Quero dizer isso. — Seu maxilar cerrou. — Sei que não se sente assim agora, mas minha filha é totalmente irresistível. Não há um homem nesta cidade e na próxima que não a pedisse em casamento. Espero que, quando ela capturar seu coração, tenha a mente certa para quebrá-lo. Assim como está quebrando o dela.

Isso realmente fez isso.

— Ela não está apaixonada por Madison Licht.

— Como sabe?

— Embora não seja especialista em relacionamentos, tenho certeza de que levaria mais de trinta segundos valsando para convencê-la de que enfiar meus dedos dentro dela era uma boa ideia se estivesse loucamente apaixonada.

O homem nunca deixou de estremecer quando mencionei meu encontro sexual com sua filha.

— Ela definitivamente gosta dele, no entanto.

— Ela também gostará de mim — retruquei.

Eu nem queria que ela gostasse de mim. Simplesmente odiava a ideia de perder para Licht.

Shep recostou-se. — Isso ainda está para ser visto.

Minha noiva interrompeu a conversa bizarra, entrando na sala de estar com um roupão de cetim verde-escuro. Seu cabelo castanho caía pelos ombros até a cintura.

Uma onda de alívio corroeu meus pulmões. Dallas Townsend realmente era uma beleza. Ainda mais impressionante do que me lembrava. Com cílios longos e curvos, olhos âmbar sublimes e lábios carnudos.

Oh, bem.

Achei justo que, pelo preço que havia concordado em pagar, a arruinasse verdadeira e genuinamente.

A relação sexual estava fora de questão, mas algumas ideias surgiram. Sem dúvida, levaria dois minutos e um pacote de *Skittles* para fazê-los acontecer.

Shortbread me olhou com desdém aberto, ainda de pé.

— Minha querida — falei lentamente. — Como deve ter sentido minha falta.

— O que quer?

Bruce e Madison mortos.

E você passando por um transplante completo de personalidade.

— Embarcaremos em um avião para Potomac em três horas.

— Boa viagem. Mande lembranças a von *FancyPants*. — Roubou meu cupcake do prato que Natasha havia deixado para mim, terminando em duas mordidas.

Dallas Townsend, senhoras e senhores.

Possuía metade das maneiras e o dobro da beleza de qualquer mulher que já conheci. Uma pena uma personalidade tão insuportável estar ligada a um rosto tão deslumbrante.

— Você vem comigo.

— Oh. — Franziu os lábios, mas não discutiu.

— Vá fazer as malas.

Ela se virou para o pai, mordendo o lábio. — Tenho?

Ele assentiu. Ela bufou.

Ótimo. Estava me casando com uma mulher que tinha doze anos mentalmente.

— Acredite em mim, Dal, sua mãe e sua irmã também não me perdoarão.

— Mas é impróprio que eu vá morar com ele antes do casamento.

Empilhei nossos papéis pré-nupciais, já entediado com isso.
— Todo mundo sabe que eu experimentei a mercadoria.

— Não experimentou nada. — Virou a cabeça para me encarar.
— Mal me tocou, e você e eu sabemos disso.

Saber e admitir eram duas coisas diferentes.

Esperar honestidade de mim era tão ridículo quanto esperar lealdade de uma prostituta.

— Você tem duas horas para juntar suas coisas. — Forcei contato visual direto, levantando a pilha de papel. — Depois disso, você assinará este acordo pré-nupcial. Esperarei aqui.

Ela deu de ombros. Estreitei meus olhos. Pelo meu conhecimento limitado sobre ela, não aceita bem instruções, especialmente minhas.

Estava na ponta da língua para avisar que as graves consequências que viriam se ela não cumprisse minhas ordens.

Então percebi que não precisava mais seduzi-la. Para persuadi-la em minha esfera.

Ela já estava seguramente presa na minha teia de aranha. Debatendo-se e resistindo, mas colada no lugar.

Da próxima vez que ela fizesse algo estúpido, pagaria.
Não havia lição melhor do que a experiência.

CAPÍTULO SETE

Romeo

Os moradores da casa Townsend não estavam entre meus fãs fanáticos, para dizer o mínimo.

Consideraram falta de educação me expulsar, mas definitivamente não ofereciam nenhum entretenimento.

Com minha noiva trancada em seu quarto, convidei-me para um passeio pela casa de sua infância.

Era impressionante, mas chato, ou assim pensei até chegar ao final do corredor.

A biblioteca.

Sentindo que era o santuário de *Shortbread*, entrei.

Eu tinha razão. Cheirava a ela. Um perfume que reconheci do baile de debutante. De talco, rosas desabrochando e uma mulher perturbada.

Corri o dedo pelas lombadas enquanto passava pelos livros, esmagando o chiclete entre os dentes para aliviar algum aborrecimento. Estavam rachados, o couro maltratado.

Shortbread claramente não era gentil com as coisas que ela amava.

Ela tinha uma natureza inconstante, um temperamento de Golias e uma língua que podia cortar metal. Não conseguia imaginá-la com alguém como Licht, que era a resposta humana a um rabanete.

Dallas era uma leitora versátil. Os gêneros variaram. De romances a *thrillers*. Fantasias a mistérios policiais.

A única coisa a se destacar era o fato de ela ser a orgulhosa proprietária de todos os treze livros do mundo de Henry Plotkin. Uma série de grande sucesso que até eu conhecia. Girava em torno de um jovem bruxo aprendendo a usar magia para transportar entes queridos de volta à terra dos vivos.

Henry Plotkin e a Poção Mística.

Henry Plotkin e a Garota que ousou.

Henry Plotkin e a Varinha Mágica.

Aposto que esse último soou melhor na cabeça do autor.

— Não toque nisso. — A mordacidade em sua voz atravessou a sala.

Peguei o livro por questão de princípio e me virei para encontrar Franklin na minha frente. Ela avançou, pegando-o da minha mão. Seus olhos inchados me disseram que ela passou a última hora chorando.

— Dal é um grande fã desta série. Passa a noite toda nas portas das livrarias na véspera de Natal para comprar os novos livros quando são lançados. Ninguém tem permissão para tocar neles. Ninguém. Nem mesmo eu. — Guiou o livro de volta para

onde pertencia, então girou para mim. — Tenho uma proposta para você.

— Não interessado.

— Leve-me, não ela. Serei sua namorada... sua esposa... sua *qualquer coisa*. — Revirou os olhos. — Sou forte. Eu aguento. E nunca ficará entediado comigo.

Franklin era uma versão menos refinada de sua irmã.

Não tão bonita. Não tão tentadora.

E - provavelmente - não tão imprudente.

Ela também era claramente uma garota. Embora não tivesse moral para falar, colocar meu pau na boca de um colegial era onde eu estabelecia um limite.

— Sua oferta não me atrai. — Enfiei a mão no bolso da frente. — Já tenho mais Townsend em minhas mãos do que desejo.

— Por favor. — Saiu como uma exigência em vez de um apelo. Endireita a postura, me olhando fixamente nos olhos. Eu me perguntei de onde as irmãs Townsend tiraram sua espinha, porque com certeza não era do papai querido. — Nós nos encaixamos melhor, você e eu. Sou mais pragmática, ela é mais...

— Desequilibrada?

Ela mostrou os dentes. — Impraticável.

Inclinei um ombro contra a prateleira. — Há apenas um problema.

— Sim?

— Não sou pedófilo.

— Primeiro, tenho dezenove anos, seu idiota. Em segundo lugar, você não quer se casar com ela. Confie em mim.

Tinha que lhe dar uma coisa - era esperta o suficiente para não apelar para o meu coração, provavelmente sentindo que eu não tinha um.

— E por que isso?

— Porque ela está apaixonada por Madison.

Isso chamou minha atenção.

Ao contrário do seu pai, presumi que Franklin discutia essas coisas com Dallas; também me lembrei de *Shortbread* reclamando da infidelidade de Madison.

Eu a estudei, quase interessado pela primeira vez. — É mesmo?

— Sim. — Ira chamecou seus olhos. — Leve-me. Sou solteira.

— Também: imprópria.

— Ela nunca te amará.

— Tentarei seguir em frente.

Sua demanda se metamorfoseou em um apelo desesperado. — *Romeo*.

Ela entrou no meu espaço, passando a mão na minha gravata. Seus dedos pararam logo acima do meu umbigo - e só porque agarrei sua mão antes que ela segurasse meu pau.

Prefiro ser seduzido por um sanduíche de ovo podre do que por esta criança.

Franklin se inclinou mais perto, ainda, prendendo seu peito achatado contra a parte superior do meu estômago. — Deixe-me provar a mim mesmo para...

Recuando, deixei-a cair de cara no tapete.

Ela geme, sua boca a centímetros dos meus mocassins. — Seu bastardo doente.

Usei a ponta do meu mocassim para chutar o seu telefone. O dispositivo virou de costas. Em sua tela, o aplicativo de gravação piscou.

Uma armadilha. Muito *One Tree Hill*²⁷.

Franklin se levantou com dificuldade. Uma carranca profunda estampada em seu rosto. — Sabe o quê? Na verdade, estou feliz por você se casar com ela. Ela não parará até que sua vida esteja arruinada.

— Isso, eu posso acreditar.

Seus lábios se separaram, preparando-se para lançar mais diarreia verbal, mas o toque do meu telefone me informou que as duas horas de *Shortbread* haviam acabado.

— Vá chamar sua irmã.

— Não sou sua secretária, cara de cu. Vá buscá-la.

Seria meu desagrado.

Saí da biblioteca e subi a escada em caracol até o segundo andar. O quarto de *Shortbread* ficava no final do corredor.

²⁷-No Brasil "Lances da Vida", série estadunidense sobre drama juvenil;

Bati. — Acabou o tempo.

Nenhuma resposta.

Ao invés de repetir todo o processo de novo - sabia que ela não cederia - eu abri a porta. Se ela estava indecente, tudo bem. Nada que não tivesse oferecido para me mostrar antes, mas *Shortbread* não estava nua; também não estava chorando histericamente em um amontoado de emoções, empoleirada no parapeito de uma janela como uma donzela em perigo.

Estava, de fato, dormindo pacificamente em sua cama queen-size, ainda de roupão, *Cheaters*²⁸ passando em sua televisão.

Um único ronco sacudiu seus ombros.

Faltaram-me palavras. Pela primeira vez na minha vida, ocorreu-me que meu vocabulário poderia ser insuficiente.

Desnecessário dizer que Dallas não embalou um único item. Não havia sequer uma mala à vista.

Como se pressentissem a tempestade iminente, Shep e sua esposa se materializaram em sua porta.

Shep agarrou o batente. — Lembre-se, Costa, o mel atrai mais abelhas.

Deslizei para a cama de Dallas, empoleirando-me em sua beirada. Seu cabelo - grosso e ondulado e incrivelmente macio - emoldurava seu rosto. Passei meus dedos sobre sua espinha. Ela se agitou, sua pele exposta arrepiada. Um gemido suave escapou de seus lábios.

²⁸-No Brasil, "Amor e Traição", série estadunidense sobre um casal que trai seus parceiros;

— Acorda, acorda, *Shortbread*. — Minha voz deslizou sobre sua pele como veludo. — É hora de dizer adeus.

Ela estava tão desorientada que realmente seguiu as instruções pela primeira vez, abrindo os olhos. Então, o pequeno sorriso sereno em seu rosto se transformou em uma carranca.

Eu não destruí o personagem, no entanto.

Peguei a sua mão debaixo das cobertas e coloquei o anel de noivado de 20,03 quilates em seu dedo. — Dormiu bem?

Atrás de mim, Shep soltou um suspiro aliviado.

Dallas me olhou com ceticismo, ignorando o anel. — Acho. É uma pena que acordei, no entanto.

Confie em mim, querida, também estou desapontado.

— Nosso avião parte em quarenta minutos. Devemos sair imediatamente.

— Certo. — Ela se levantou, o edredom reunido em torno de sua cintura. — Deixe-me apenas guardar...

— Desculpe, *Shortbread*. Como disse antes, você tinha duas horas.

— Pare de me chamar de *Shortbread*. Eu tenho um nome.

— Um que é indiscutivelmente mais ridículo.

— Cara, seu nome é Ro...

— Não me chame de cara.

— Senhor. Tudo bem, vá embora. Estou fazendo as malas.

— Você vem comigo agora, ou retiro minha oferta de noivado.

Os seus olhos arregalaram. — Acha que isso é uma *ameaça*?

— Certamente. — Levantei-me, pescando meu telefone no bolso para ligar para um Uber. — Se eu recuar agora, você será uma garota arruinada e suja, sem perspectivas de casamento com um respeitável sulista. Uma infame por ser tocada por um estranho em um baile, apenas para ser abandonada por dois homens em 24 horas. Como acha que isso funcionará para sua família? Sua reputação? Seus objetivos de vida?

Ela não respondeu. Compreendia a gravidade de sua situação.

Agarrei-a pelo cotovelo e a escoltei escada abaixo. Suave, mas firme.

Ela tropeçou no corredor, agora totalmente acordada. — Pelo menos deixe-me me vestir.

— Está perfeita do jeito que está, *querida*.

Eu valorizava a pontualidade. Minha esposa nem sabia a definição. Mais uma razão pela qual nosso casamento seria miserável. Não haveria tempo para assinar o acordo pré-nupcial. Poderíamos fazer isso quando chegássemos a Potomac, suponho.

— Preciso de roupas; preciso de roupas íntimas. Eu preciso de...

— Melhor gestão do tempo. Quanto ao resto, terá um cartão de crédito e acesso a centros comerciais e à Internet. Vai sobreviver.

Para minha consternação.

Descemos as escadas. O Uber chegaria a qualquer momento.

Shortbread virou na direção oposta, tentando ir direto para o armário de sapatos.

Eu a puxei de volta para mim. — Os rumores estavam errados. Não é nada preguiçosa. Quando incentivada, é uma bola de energia.

Ela me encarou, furiosa. — Não saio daqui sem sapatos.

— Importa-se em apostar nisso?

— Deixe minha irmã calçar os sapatos. — Franklin galopou em nossa direção, os punhos acenando no ar.

Ela fez chover aquelas mãozinhas em formato de bola no meu peito. Não senti nada.

— Ela teve duas horas para calçar os sapatos. Escolheu assistir *Cheaters*.

O Sr. e a Sra. Townsend pairavam antes do patamar, discutindo.

Natasha cobriu o rosto com as mãos e soluçou. — Oh, Shep, quem se importa com a nossa reputação? Pare com esse absurdo imediatamente.

Ele deu um tapinha nas suas costas. — Sabe tanto quanto eu que Costa é sua melhor aposta agora.

— Eu realmente te odeio agora.

Shortbread se jogou nos braços da mãe. — Não se preocupe comigo, mamãe. Eu ficarei bem.

— Oh, querida.

Mais lamentos, apertos de braço e teatralidade geral.

Desviei o olhar. Não porque me sentisse desconfortável com a produção de *Jerry Springer*, mas porque queria ver pela janela se o Uber havia chegado.

Chegou.

Oliver e Zach provavelmente já estavam no avião.

— Hora de ir.

Shortbread virou para mim. — Posso pelo menos levar um livro para me fazer companhia no voo?

Não pude deixar de notar que seu rosto estava seco e estoico. Toda a sua família chorou por ela, mas ela não derramou uma lágrima. Uma estranha pontada de respeito passou por mim.

Abri a boca para dizer não, então percebi que ela tentaria puxar conversa se estivesse entediada. — Escolha um clássico. Sua cabeça já está cheia de bobagens.

Ela correu para a biblioteca e voltou um minuto depois com *Anna Karenina* sob o biceps.

Shortbread fez uma última tentativa de recuperar seus sapatos, mas a peguei e corri porta afora, colocando-a no Uber antes que pudesse se safar com mais mau comportamento.

O motorista engatou a marcha e saiu do meio-fio quando o veículo bateu contra alguma coisa, ou melhor, alguém.

Parecia sério. Com o que alimentaram os gatos vadios na Geórgia?

— Frankie! — *Shortbread* abaixou a janela, jogando metade do corpo para fora do carro. — Você está bem?

Franklin bateu as palmas das mãos no capô, parando o carro. — Aqui! — Empurrou uma pequena mala pela janela. — De jeito nenhum eu ia deixá-la sair sem eles.

Então, Dallas conseguiu escapar desse inferno com uma mala e roupas íntimas.

Shortbread abraçou a mala contra o peito. — Estão todos aqui dentro?

Franklin assentiu. — Todos eles. Organizado por data de publicação.

— Oh, graças a Deus.

O quê?

— Henry Plotkin irá mantê-la segura. — Franklin apertou a mão da irmã. — *House Dovetalon* pela vitória.

Minha noiva passou nossa jornada para o aeroporto abraçando sua mala contra o peito, olhos em todos os lugares, menos em mim.

A mulher era uma agente certificada do caos.

E agora Oliver e Zach veriam com o que eu tinha que lidar.

Nunca sobreviveria a isso.

CAPÍTULO OITO

Dallas

Parecia que meu futuro marido usava a boca exclusivamente para mascar chiclete e me irritar.

Quando não estava fazendo o último, se dedicava ao primeiro, contente em passar toda a viagem até o pequeno aeroporto em silêncio.

Por mim, tudo bem.

A julgar pela maneira como zombou de minha mala cheia de livros de capa dura de Henry Plotkin, quebrou minha regra fundamental: nunca confie em alguém com mau gosto para livros.

Assim que chegamos, o reluzente *Gulfstream G550* de Romeo esperava na pista. Entramos em um transporte de passageiros, que nos levou a uma curta viagem do hangar até a pista.

Na escada do avião, ele pegou minha mala e subiu os degraus, ignorando o fato de eu estar descalça.

Eu me vingaria dele, mas primeiro, precisava me orientar em Potomac.

Eu já tinha um plano. Conhecia alguém lá.

Madison.

Nunca realmente rompemos o noivado. Não oficialmente.

Esta manhã, meu pai ligou para o pai dele e o informou sobre a cadeia de eventos (obviamente omitindo partes nada lisonjeiras). Os Licht insistiram que compreendiam, prometendo que ainda gostavam de mim.

Madison era inimigo de Romeo. Poderíamos nos vingar dele juntos.

Quando entrei no avião, fui recebida por uma série de homens. Passamos pelo cockpit, onde dois homens atraentes na casa dos 30 anos discutiam uma escolha de *draft*²⁹ do *Ravens* do lado de fora. O capitão e o copiloto.

Na cabine, Oliver von Bismarck descansava em um sofá creme, bebendo cerveja importada e assistindo a alguma coisa em seu telefone. Seu rosto era serafim, quase angelical. Com um beicinho vermelho e cachos claros enrolados nas orelhas e na testa.

Como era apropriado que o diabo estivesse disfarçado de anjo perfeito.

Embora a proposta de Romeo tenha sido a maior notícia do baile de debutante, o boato espalhou histórias de Oliver entrando na saia de pelo menos três divorciadas locais.

Ao mesmo tempo.

Outro homem alto e bonito, com o uniforme casual de menino rico de calça cáqui passada, camisa social e jaqueta de lã, estava sentado atrás de uma mesa compacta, mantendo uma conversa de

²⁹-Direito de uma equipe esportiva de selecionar um jogador durante o processo de seleção anual;

negócios em seu telefone. Tinha um apelo superior. De um homem cuja atenção todos ansiavam quando entrava em uma sala.

— Oliver, Zach, esta é minha noiva, Dallas. — Romeo fez apresentações desdenhosas, nem mesmo se preocupando em abordar cada um de seus amigos individualmente. — Dallas - Oliver e Zach.

Oliver levantou a mão em um gesto de olá. Zach me deu um sorriso tão impaciente e impessoal que poderia me confundir com uma empregada prestando serviço de quarto.

Romeo se acomodou em uma poltrona reclinável. — Sinta-se à vontade. A decolagem é em dez minutos.

Fiz exatamente isso, recusando-me a parecer intimidada. Ajudou o fato de haver uma tábua de *charcutaria*³⁰.

Fileiras de *shortbread* adornavam um prato de cristal ao lado. Afastei a bandeja. Por razões óbvias, achei a guloseima um tanto desanimadora hoje em dia.

— O *shortbread* te ofendeu, Dover? — Oliver apontou para uma cesta de salgadinhos importados na sua frente. — É todo seu.

Primeiro *Shortbread*. Agora Dover. Amável. Queria educadamente oferecer-lhe o dedo.

Então avistei chips de camarão e abandonei minha dignidade mais rápido do que a garota que transformou Jesus Cristo em macaco no *Ecce Homo*.

³⁰-Uma tábua de frios, patês e pães.

Esvaziei metade do saco quando a voz aguda de Romeo cortou o silêncio. — Senhorita Townsend, está se alimentando ou suas roupas? Há uma hora e um lugar para devorar o sustento de uma aldeia com a boca aberta. Sugiro que evite ceder às suas más maneiras durante sua estada em Potomac.

— Ou o quê? — Pontuei minha pergunta com um chip, jogando-o pelos meus lábios e triturando-o entre meus molares o mais alto possível.

— Ou se encontrará em uma posição miserável sob o escrutínio da mídia asquerosa da DMV³¹.

— Eu já me encontrei em uma posição miserável. Com você. A primeira vez que nos encontramos. Na frente de todos em Chapel Falls.

— Pelo que me lembro, aproveitou cada segundo. — Ele inclinou a cabeça, tirando do bolso uma lata retangular preta fosca.

— Deve ter drogado o *shortbread*.

— Retiro o que eu disse. Você tem um talento. Interpretações errôneas deliberadas.

Eu fiz uma careta. — Quando me acusou de não ter talento?

Oliver jogou a cabeça para trás e riu. — Isto é fantástico. Afinal, Bruce não terá que matá-lo para conseguir seu emprego. Sua esposa fará o trabalho por ele.

Bruce?

³¹-District of Columbia, Maryland, Virginia, área metropolitana centralizada de Washington, DC.

Trocar notas com o homem que queria matar meu futuro marido parecia uma ótima ideia, mas antes que pudesse solicitar um sobrenome, passaram a discutir ações.

Com isso, pressionei o saco de batatas fritas nos lábios e inclinei a cabeça para trás, terminando até a última migalha.

Romeo desembulhou um novo pacote de chiclete e transferiu cada cubo para sua lata com dedos hábeis, formando uma linha reta e perfeita. Depois ofereceu um pedaço a cada um dos amigos, esquecendo-se de mim.

E era *eu* que tinha maus modos?

Olhei pela janela, tentando encontrar algum lado bom para a minha situação. Qualquer coisa.

Primeiro, faríamos lindos bebês. De jeito nenhum qualquer coisa que viesse de seu esperma e meus óvulos poderia ser nada menos que a perfeição estética.

Em segundo lugar, pelo que entendi, nem Romeo nem eu praguejamos. Nosso filho sairia do útero falando como um duque do século XIV, esperançosamente sem a misoginia.

E terceiro... não havia terceiro.

Senhor, até o segundo item é uma droga. Afundei na cadeira, deprimida.

Após a decolagem, Zach falou comigo primeiro. Romeo parecia estar digitando e-mails em seu telefone, e os roncos de Oliver vinham do sofá.

— Não é suicida, é? — Ele não parecia genuinamente se importar, mas o fato de ele ter perguntado me fez querer cair de alívio.

Pelo menos *alguém* reconheceu o horror da minha situação.

Dei de ombros. — Mais como assassina. Por que eu deveria ser punida pelo mau comportamento de Romeo?

— Potomac é bom.

Eu atirei-lhe um olhar. — O que há de tão legal nisso?

— Sua proximidade com Nova York, principalmente.

Isso lhe rendeu uma risada. Por que Zach não podia me forçar a casar com ele?

E o que havia com homens altos, morenos e bonitos com a capacidade emocional de uma unha encravada?

— Não a encoraje, Zach — Romeo avisou. — Depois que ela começa a falar, é impossível pará-la.

Como meu futuro marido era absolutamente contra me ter por perto, levantei-me e deslizei para dentro da cabine. Sempre quis visitar uma. Crescendo, meus pais achavam grosseiro espiar lá dentro só porque sempre viajávamos de primeira classe.

Deslizei pela porta. — Importa-se se eu olhar em volta?

— De jeito nenhum. — O copiloto acenou. — Sou Scott.

— E eu sou Al. — O piloto me cumprimentou com dois dedos.

Explorei o pequeno espaço, os muitos botões, as espessas nuvens brancas que atravessamos, envoltas por uma noite escura.

— Pode se sentar ao meu lado, se quiser. — Scott foi para o lado para me dar espaço. — Um pouco apertado, mas dá para espremer.

Hesitei. Mamãe não aprovaria. Era impróprio sentar tão perto de um homem.

Então me lembrei que estava noiva do próprio ceifeiro de corações, e ser inapropriada era meu novo objetivo de vida.

— Tudo bem. — Deslizei em seu assento, cimentada ao seu lado.

Inclinei-me, fazendo um inventário da variedade de botões e telas. Um mapa iluminou seu lado.

Meus dedos flutuaram ao longo de um console central cheio de pequenos interruptores. — Parece uma nave espacial.

— Legal, hein? — Ouvi seu sorriso.

Al soltou um suspiro impaciente. Tive a sensação de que Al não era fã de seu copiloto se aproximar de mim.

Scott apontou o polegar para a direita. — Espere até ver a vista da minha janela. Por baixo, é um sólido manto branco de nuvens.

— Quero ver. — Inclinei-me sobre seu corpo e olhei para o vidro frio.

Ele estava certo. Nuvens fofas enroladas umas sobre as outras, grossas e densas como neve.

— Uau — suspirei. — Isso é incrível.

Outra coisa incrível foi como meus seios pressionavam o colo de Scott nessa posição. Seu rosto estava no meu cabelo. Percebi

que nutria uma raiva sexual reprimida do encontro de ontem com meu querido noivo.

Ele nunca terminou o trabalho.

Estava prestes a me endireitar em uma posição sentada quando a porta da cabine se abriu.

Claro, era Romeo.

E, claro, do seu ponto de vista, parecia que eu estava chupando Scott. Minha cabeça em seu colo, todo o meu corpo escondendo sua metade inferior. Apesar da eterna vontade de irritá-lo, não queria que ele pensasse que fui *tão* longe.

Levantei-me, encontrando o olhar de Romeo. Como sempre, sua expressão era resignada e morta.

Um silêncio obstinado preencheu o pequeno espaço.

Scott rompeu primeiro. — Sr. Costa, posso garantir que não é o que parece...

— Querida. — Romeo me surpreendeu ao colocar a mão em volta da parte inferior das minhas costas e me puxar para seu peito. Sorriu, mas não parecia nem um pouco divertido. Parecia que alguém havia esculpido aquele sorriso com um canivete suíço. — Aproveitando o *cock...pit*³²?

Meu Deus, ele realmente pensou que eu tinha dado favores sexuais a Scott. Bem, com certeza não passaria vergonha tentando explicar meu comportamento.

³²-Ele fez um trocadilho com a palavra cockpit (cabine do piloto), onde cock em inglês é pênis.

Scott e Al estavam agora de pé, olhando para ele com expectativa.

Sorrio, ignorando a mandíbula tensa de Romeo. — Sim.

— Sim? — Estreitou os olhos para mim, esperando por um pedido de desculpas, uma explicação, qualquer coisa.

— Gostei muito. Obrigado, rapazes. — Com um arremesso de cabelo, saí da cabine, tão digna quanto alguém poderia estar descalça e com um roupão.

Romeo ficou para trás alguns minutos enquanto eu perambulava pelo *snack-bar*, mastigando ervilhas de wasabi. Oliver e Zach jogavam xadrez no canto, sem me dar atenção.

Cerca de cinquenta pacotes de chicletes luxuosos formavam pilhas militantes sobre a mesa.

O que havia com a fixação oral do meu noivo? Talvez tivesse mau hálito. Um efeito colateral de estar cheio de merda.

De repente, dedos ásperos e quentes envolveram minha nuca por trás. Respirei fundo à medida que meu futuro marido inclinava meu rosto para cima para encontrar seus olhos cinza gelados. Ele se elevou sobre mim, seu peito nivelado com minhas costas.

Achei que falaria sobre o que havia acontecido na cabine, mas me surpreendeu ao dizer — Posso lembrá-la, Srta. Townsend, que seu pai confiscou todos os seus cartões depois que foi pega montando meus dedos? Sua capacidade de comer, tomar banho, vestir-se e dormir sob um teto depende exclusivamente da minha boa vontade. Comporte-se de acordo com isso.

— Terminou? — Bocejei. — Eu gostaria de sentar e ler meu livro.

— E eu tenho exatamente o lugar para colocá-la.

Ele pegou a cópia de *Anna Karenina* que eu havia deixado em uma mesa e me guiou até sua poltrona reclinável. Segui-o, confusa, enquanto se sentava, entregando-me meu livro.

Arqueei uma sobrancelha. — Quer que eu fique de pé?

Ele balançou a cabeça negativamente, agarrou minha mão e começou a me abaixar entre suas pernas. Meus olhos brilharam.

Ele me faria servi-lo na frente de seus amigos? Forçar-me a fazer sexo oral nele como punição pelo que pensou ter visto com Scott?

Com o canto do olho, vi a mão de Zach congelando, uma torre nela, pairando sobre o tabuleiro de xadrez. Oliver também ficou boquiaberto com Romeo como se tivesse perdido completamente o controle.

Não me importava se ele me jogasse para fora do avião. Eu me recusaria a fazê-lo.

— Não. — Tentei me livrar de seu aperto, mas em vez de empurrar minha cabeça em seu colo, ele me virou até que eu ficasse de frente para a parede.

Minha bunda caiu no chão entre suas coxas.

— Aqui. Agora posso ficar de olho em você.

— Não fiz nada com Scott — falei, mesmo tendo prometido a mim mesma que não faria.

A raiva ancorou meus pulmões, pesando-os até que não conseguisse respirar direito.

Romeo afundou em minha direção, seus lábios roçando a concha da minha orelha por trás. — Acha que tenho a impressão de que chupou o pau do copiloto? Se fosse esse o caso, ele teria sido arremessado do avião pela porta de emergência. Agora leia seu livro e finja ser uma mulher um pouco respeitável.

Não adianta brigar com ele agora. Precisava chegar a Potomac, recalcular e contra-atacar.

Durante o resto do voo, sentei-me enfiada entre as pernas do meu futuro marido como um cão leal. Meu cabelo caiu sobre suas coxas.

Podia sentir seu olhar fixo no lado do meu rosto. De vez em quando, sua mão deslizava para o alto da minha cabeça, acariciando meu cabelo, lembrando-me de que não passava de um animal de estimação para ele. Eu o odiava com cada célula, cada átomo, cada molécula do meu corpo.

Seus amigos permaneceram tão mortalmente silenciosos que podia ouvir cada vez que eles engoliam.

Aposto que Romeo adorava me ver degradada assim. De joelhos, no chão, lendo *Anna Karenina* com a cabeça baixa.

Ele continuou enviando e-mails em seu telefone, mas de alguma forma sabia que toda a sua atenção estava em mim.

Trinta minutos depois, o avião baixou, em preparação para o pouso.

— *Shortbread.*

Esse apelido de novo.

— Idiota?

Ei, foi apenas educado retribuir.

— Faz um tempo desde que li *Anna Karenina*, mas tenho certeza de que me lembraria se Anna e o conde Alexei se envolvessem em elogios.

Minhas costas enrijeceram. Não disse nada.

Senti Romeo inclinar-se para baixo até que seu queixo roçou a borda da minha clavícula. Olhou diretamente para o livro, sua bochecha com a barba por fazer pressionada contra a minha, e começou a ler.

— “...ele enfiou seu pênis em sua boceta gotejante, empurrando apenas até a metade, deixando-a louca de desejo e prazer. Dentro e fora. Dentro e fora. 'Por favor', ela implorou. 'Por favor, preciso que me encha. Cada centímetro duro de você. Só boas garotas são recompensadas', o belo estranho manteve, trazendo a mão até seu traseiro rechonchudo. 'E você tem sido muito, muito ruim'.”

Em primeiro lugar, o homem poderia narrar livros de romance e fazer uma fortuna se todo o show de perpetuar uma Terceira Guerra Mundial não desse certo.

Em segundo lugar, fui incrivelmente burra em perceber.

Ele era um ser humano terrível. Quem se importava que tivesse uma voz sexy e um queixo com o qual eu poderia cortar queijo?

Romeo arrancou a capa dura entre meus dedos. Eu me virei para olhar para ele. Tirou a sobrecapa, revelando um livro completamente diferente sob a capa de *Anna Karenina*.

Uma carranca tocou seus lábios. — *Zaddy sabe mais?*

Arranquei-o de suas mãos. — É uma obra de arte.

— É obscenidade.

— O que acha que Anna fez com Alexei? Mesma coisa. Apenas fora das páginas.

— Sim. Tenho certeza de que Tolstói eliminou a cena do plug anal durante as edições finais.

— Pode ter.

Nesse ponto, estava discutindo com ele por diversão. Era também o *único* esporte que estava ansiosa para praticar.

Oliver ladrou meio tossindo, meio rindo atrás do meu ombro. Zach passou a mão pelo rosto. Poderia jurar que vi seus lábios se contorcerem por trás dele. A coragem floresceu em meu peito.

— Pare de me desafiar — Romeo avisou.

— Então pare de ser impossível. Você não me deixa respirar.

— Agora isso é uma ideia.

— Não é minha culpa que decidiu se casar com uma mulher que não suporta só porque está envolvido em uma disputa de mijo com Madison. Nunca pedi nada disso. Nem para você, nem para ele, nem para ninguém.

Incrivelmente, isso penetrou em seu entorpecimento. Sua mandíbula normalmente tensa afrouxou um pouco.

Ele se recostou, finalmente me dando algum espaço. — Continue lendo seu livro e pare de falar.

— Meus joelhos doem no chão — menti. Estava perfeitamente confortável, mas uma ideia brotou na minha cabeça. — Posso sentar na poltrona ao lado da cabine?

— Absolutamente não.

— *Romeo*. — A voz de Zach era afiada como uma lâmina, contrapondo contra sua boa aparência. — Pare com essa merda.

As narinas do meu futuro marido dilataram. — Sente-se no meu colo.

Pensei em desafiá-lo, mas tive uma ideia melhor. Com um suspiro exagerado, levantei-me e coloquei minha bunda em seu colo.

Seus amigos continuaram observando.

Talvez devesse ter me sentido constrangida, mas não me senti. Nada disso era minha culpa.

— Melhor? — Nem um pinga de preocupação revestia a voz de Romeo.

Eu bufei em resposta. Ele não merecia minhas palavras.

Nos trinta minutos seguintes, me mexi e me espreguiceei em seu colo, fingindo procurar uma posição confortável, esfregando-me em sua virilha. Ele ficou duro e inchado embaixo de mim, até parecer que eu estava sentada em um cano d'água.

— Pare de se mexer. — Ele mal soltou o comando gutural.

— Apenas tentando encontrar um lugar confortável.

Levantei minha cabeça e dei uma olhada em Oliver, que sorriu de orelha a orelha. Eu me senti como o Pernalonga, deixando Hortelino louco, mas de alguma forma me safando.

— Quão difícil pode ser? — Romeo mordeu.

— Oh, acredite em mim, *muito* difícil.

Oliver caiu na gargalhada.

Inclinei minha cabeça um pouco para observar a reação de Romeo. Ele parecia pronto para envolver seus dedos em volta da minha garganta e me estrangular.

Esperei que ele me dissesse para sair de seu colo, mas as palavras nunca vieram.

Ele sabia que perderia nosso joguinho se me dissesse para ir.

— Eu a amo, Rom. — Von Bismarck bateu palmas lentamente de seu assento. — Se você não se casar com ela, eu vou.

— Deveria se casar com Oliver. — Tudo o que saiu da boca de Zach soou como uma proposta de negócios. — Ele é mais bonito, geralmente mais agradável e mais rico do que Deus.

— Por favor. — Oliver acenou com a mão. — Todo o patrimônio líquido de Deus não é nem mesmo o que pago anualmente ao IRS, mas recebo esse tipo de seguidores e apreciação? Não.

— Vou me juntar ao seu culto — ofereci.

— De alguma forma, não duvido disso.

Zach inclinou o queixo para baixo, dando a Romeo um sorriso provocador. — Bem, o que sabe? Da Nang acabou sendo um sucesso.

Esperarei por uma reação do meu novo noivo. Nenhuma veio.

Ele agia como se eu não existisse.

Agora, se eu pudesse seguir seu desejo e desaparecer.

CAPÍTULO NOVE

Dallas

Meu alívio quando pousamos poderia resolver uma crise humanitária.

Possivelmente obra do meu futuro marido.

Nos últimos trinta minutos, não consegui me concentrar em uma palavra do meu livro.

Às vezes, ao ler, percebi que era mais feliz em um mundo que não era meu. Desta vez, no entanto, a única coisa feliz aqui foi a ereção de Romeo balançando sob minha bunda.

Não havia amor perdido entre nós. A luxúria, no entanto, foi perdida, encontrada e implorada para ser convertida em sexo imundo.

Quando o avião parou completamente, a aeromoça abriu a porta.

— Estamos apenas esperando o carro. — Dirigiu seu sorriso ensolarado para Romeo, o dono do jato. — Não deve demorar mais do que alguns minutos.

Al e Scott saíram da cabine, parando ao seu lado.

Provei o perigo antes que ele acontecesse. A tensão estalou no ar como um chicote.

Romeo se levantou, derrubando-me em sua poltrona quente no processo. Caminhou em direção a Scott, alto e ameaçador e, francamente, aterrorizante. O rosto de Scott murchou. Recuou um passo, esbarrando na porta da cabine.

— Senhor. — Ergueu ambas as palmas. — Não sei o que acha que aconteceu entre mim e sua noiva, mas posso garantir que...

Sem dizer uma palavra, Romeo pegou-o pelo colarinho e arrastou-o para a cavidade que a porta do avião antes ocupava.

Jogou Scott de cara no chão, perigosamente perto da saída aberta. Sua cabeça pendeu no ar enquanto o resto dele se debatia na madeira.

Meu futuro marido pressionou seu mocassim entre as omoplatas de Scott.

Um grito entalado na minha garganta. O que ele estava fazendo?

— Toque em minha noiva de qualquer forma, até mesmo respire em sua direção, na verdade, e vou aliviá-lo de sua desculpa esfarrapada de espinha.

As palavras eram frias, calmas e insensíveis.

— *Aow!* — Scott rastejou embaixo dele. — Minhas costas.

Pela primeira vez, pura serenidade se instalou nas feições de Romeo. — Diga-me que entende, e pode retornar à sua existência miserável.

Oliver franziu a testa para o que parecia ser uma unha quebrada em sua mão impecável. — Cristo, Costa. Quem mijou na sua sopa de ervilha?

Zach ligou para a assistente de Romeo, imperturbável como se fosse apenas mais um domingo. — Ei, Cara. Ligue para Hayward ou para quem quer que Romeo tenha contratado agora.

Pausa.

— Agressão, de todas as coisas.

Outra pausa.

— Não, não estou interessado em um encontro às cegas com sua sobrinha, mas obrigado pela oferta.

Finalmente, o nó na minha garganta afrouxou. Soltei o grito.

Romeo nem sequer olhou para mim.

— Prometo — Scott gaguejou. — Juro pela minha vida que nunca mais olharei para ela.

— Acredito em você. — Romeo tirou o pé das costas de Scott, rolando-o de bruços com a ponta do sapato. — Porque está demitido, com efeito imediato.

Todos no avião ficaram em silêncio. Mesmo eu não conseguia encontrar as palavras certas.

A culpa me consumiu. Isso aconteceu com Scott por minha causa e minha falta de consideração. Minha necessidade juvenil de irritar meu noivo.

— Mas seu pai me contratou...

— Meu pai não está aqui agora e morrerá em breve. Eu decido.

Não sei quanto tempo passou, mas finalmente Al arrastou Scott para fora, o carro chegou e Zach e Oliver se moveram em minha direção.

Oliver bateu no meu ombro. — Vamos, Davenport.

Nem tinha energia para corrigi-lo.

Quando Zach passou por Romeo, balançou a cabeça. — Nos vinte e nove anos que o conheço, não te vi perder a paciência nenhuma vez. Já o vi perder o controle três vezes só esta noite.

Romeo lhe lançou um olhar fulminante. — Se você tem algo a dizer, diga, Sun.

Zach limpou o ombro coberto de caxemira. — Uma imagem vale mais do que mil palavras, mas seu rosto diz apenas três: *dominado por boceta*.

CAPÍTULO DEZ

Dallas

Silêncio absoluto suspenso no ar.

Sentindo o clima sombrio, Jared desligou o rádio clássico e levantou a divisória do *S600 Maybach*.

Claro, Romeo tinha um motorista.

E, claro, seu motorista usava um uniforme de três peças, enfeitado com uma boina preta e luvas de couro.

Romeo parecia gostar muito de tratar todos ao seu redor como se tivessem a profundidade de um personagem dos *Sims*³³. Considerava as pessoas como espaços reservados que existiam apenas para avançar em sua trama pessoal.

Olhei pela janela, observando os carros passarem, sabendo que perderia o controle se tivéssemos uma discussão.

Uma placa de D.C. piscou para mim, *taxação sem representação* escrita em negrito. Isso partiu o último fio segurando minha raiva sob controle.

Fale sobre almas gêmeas.

Paguei um alto preço por um erro e não tinha voz própria.

³³-Jogo de simulação de vida real.

Se ao menos pudesse chorar de raiva. Encontrar algum tipo de alívio, mas Romeo Costa não merecia minhas lágrimas. Caramba, ele não merecia *nenhum* dos meus fluidos corporais.

Por fim, viramos em uma rua sem saída ladeada por sebes de privacidade aparadas e fileiras de portões duplos imponentes que escondiam dezenas de mansões de vista.

Parecia apropriado que o tirano ao meu lado morasse na apropriadamente chamada *Dark Prince Road*³⁴.

Alguns minutos depois, um conjunto imponente de portões de ferro apareceu. Uma entrada de quatrocentos metros ladeada por flores de cerejeira guiou o Maybach até a casa de Romeo. Talvez casa não fosse a palavra certa para descrever uma vila italiana de 2.800 metros quadrados, espalhada por dez acres de propriedade histórica pré-Guerra Civil.

Seis quartos, doze banheiros, duas piscinas e um vinhedo particular. Peguei essas informações no *Zillow*³⁵ pelo meu telefone no momento em que meus olhos pousaram na estrutura gigantesca.

Quando passamos pela primeira dúzia de árvores, Romeo finalmente se lembrou da minha presença. — Devido aos riscos envolvidos na minha linha de trabalho, há câmeras de segurança instaladas em todos os lugares, caso esteja planejando sua grande fuga.

Não estava. Principalmente porque não tinha para onde ir.

³⁴-Rua Príncipe Sombrio.

³⁵-Um site de mercado imobiliário.

Meu pai nunca me aceitaria - não faria isso com Frankie, de qualquer maneira - e me recusava a ir embora antes de retaliar por todas as coisas que Romeo tinha feito para mim.

Escolhi não responder a ele.

Sua mandíbula apertou. — Ele passou dos limites.

— Você pisou nele. — Tentei o meu melhor para evitar que minha voz tremesse. — Por que tem que humilhar todos que o contrariam com tanta severidade? É uma característica tão imprópria.

— Não escolhemos nossas características. Apenas os suportamos.

Era óbvio que ele tinha bagagem suficiente para encher uma esteira de aeroporto, mas me recusei a agradá-lo. Nenhuma desculpa poderia perdoar seu comportamento, não importa sua história.

Quanto mais perto chegávamos de sua mansão, mais podia vê-la. Uma vegetação luxuriante envolvia a mansão ao estilo Potomac. A propriedade abrigava terrenos separados para os funcionários. No extremo oposto, uma oficina de engenharia aninhada entre a orla de uma pequena floresta e todo um prédio de segurança.

E aqui pensei que minha família estava bem de vida.

— Limpe essa sua expressão — Romeo exigiu.

Ele realmente tinha um problema com tudo o que eu fazia, ou não fazia.

— Que expressão?

— Aquela que planeja manchar cada peça de mobília da minha casa em retaliação.

Nem tinha me ocorrido. Preferi entregar minha vingança com sutileza, mas certamente não iria tranquilizá-lo.

— Sem promessas.

— Você será uma dor de cabeça, não é?

— Uma dor de cabeça? — Levantei minha cabeça. — Você me sequestrou, seu psicopata. Não serei uma dor de cabeça. Serei, no mínimo, um tumor cerebral mortal.

Dizem que o destino nada mais é do que as consequências de nossas decisões. Bem, planejei ser a pior coisa que o destino já reservou para ele.

— Tudo bem — soltou. — Você consegue um.

— Theo James³⁶ — falo sem perder o ritmo. — Na chance de eu conhecê-lo.

— Não estava te dando um passe livre com uma celebridade. — O rosto de Romeo anuviou-se. Claramente chocado com a minha resposta. — Quis dizer um desejo. — Examinou meu rosto, como se já tivesse se arrependido de estender um ramo de oliveira. — Uma coisa que pode me pedir. Eu lhe darei, sem perguntas.

Olhei de soslaio para ele. — Qual é o truque?

— Precisa prometer que se comportará.

Eu nunca me comportaria, mas minha raiva também não me permitia ficar de boca fechada.

³⁶-Ator britânico, mais conhecido por seus papéis em Divergente, Sanditon e White Lotus.

Um sorriso amargo esculpiu minhas bochechas. — Quer saber o que eu desejo?

Sua carranca me disse que a resposta era *não*.

O Maybach parou em frente às portas duplas da propriedade. Encarei-o, meu olhar fixo no dele, sem piscar.

— Meu único desejo é que morra em meus braços, Romeo Costa. Quero vê-lo quando der seu último suspiro. Sentir sua pele ficar fria e sem vida sob meus dedos. Meu desejo é testemunhar suas narinas lutando para se mover enquanto consome oxigênio pela última vez. — Fiz uma pausa, levando a mão ao peito. — Quero vê-lo sofrer por todo o sofrimento que me causou. E não há nada nem ninguém que eu queira mais nesta vida.

CAPÍTULO ONZE

Dallas

Carma deve estar em uma pausa para o almoço, porque vinte e cinco minutos se passaram desde que desejei que meu noivo caísse morto, mas ele permaneceu muito vivo.

O mesmo aconteceu com minha raiva quando arrastei minha bagagem até a porta, esperei que Romeo terminasse uma ligação repentina de negócios e debati se deveria derrubar sua porta com a pá que vi encostada na estufa.

No final, ouvi o homem com quem em breve dividiria uma casa.

Sentei-me no degrau mais alto e observei Romeo, cotovelo no joelho, queixo na palma da mão. O sol rompeu através de uma nuvem branca como marshmallow, derramando os primeiros raios de sol enquanto o amanhecer rastejava pelo céu.

A luz formou um halo ao redor do meu noivo. Por um momento, pareceu angelical. Então ele abriu a boca.

— O embarque requer segurança extra. Não preciso dizer que a atividade entre os rebeldes armados aumentou nos últimos meses.

Pausa.

— Ou *preciso*?

Armas. Estavam falando sobre armas.

Os salgadinhos importados que comi no avião reviraram meu estômago.

— Estrague tudo e garanto que seu próximo trabalho exigirá um avental e amplo conhecimento de operação de uma fritadeira industrial.

Romeo interrompeu a ligação e se virou para mim, novamente abalado e irritado com a minha existência. — Hettie está na cozinha, caso precise de comida. Se algo precisar ser consertado, Vernon pode ser contatado pelo interfone. Entendo que será difícil para você, mas evite causar estragos na minha propriedade. Na cidade, na verdade.

— Sim, porque sou a destruidora entre nós. — Levantei-me, espanando meu vestido de dormir. — Mano, você vende *a morte* para viver. Quem está tentando enganar?

— Da próxima vez que me *chamar* de mano, confiscarei seu telefone, TV e lanches. Você se comportará de acordo com seu pedigree.

— Sou uma pessoa, não um *golden retriever*. — Por isso, antes que me esquecesse, acrescentei — *Mano*.

Um músculo em sua mandíbula ameaçou saltar para fora de sua pele. — Terminou, senhorita Townsend?

— Não comecei. — Agarrei a alça da minha mala. — Vende armas pelo lance mais alto...

— Isso é factualmente incorreto. Nem sempre é o lance mais alto. — Já parecia entediado com essa conversa. — Infelizmente.

O patriotismo é a raiz da maioria das disputas geopolíticas e é dicotômico demais para indivíduos completos.

Isso nem estava em inglês, então me recusei a falar sobre o seu ponto.

— Fornece aos exércitos os meios para matar pessoas — expliquei, como se ele fosse um bebê. — E faz isso por dinheiro.

— Não é por dinheiro.

— Se não for dinheiro, então o quê?

Ele não respondeu, avançando até a porta da frente e digitando o código. — 4-8-1-0-4-3-2-4-1-5. O código muda uma vez por semana.

— Espera que eu me lembre disso?

Neste ponto, precisava construir uma arca para me salvar de me afogar em sua porcaria.

— Tem uma cama no galpão, caso se esqueça.

Não me mexi, recusando-me a passar pelas portas sem recuperar pelo menos um pouco da minha dignidade. — Vamos fazer um acordo.

— Um acordo exige que cada parte possua influência. Eu sei o que tenho; também sei o que você *não tem*. O que poderia trocar?

Seu olhar totalmente impassível desceu pelo meu corpo, da minha cabeça aos meus pés descalços.

Resisti à vontade de me cobrir, batendo a porta para ocupar minhas mãos. — Não isso. Meu corpo é um templo.

— E você enche este templo com três toneladas de *junk food* açucarada com sabor artificial a cada três horas.

A julgar por sua crítica brilhante sobre mim, suspeitei que queria que eu fosse mais refinada.

Recusei.

Se tem que mudar para ser aceito, não precisa dessa pessoa em sua vida em primeiro lugar. Porque não era com você que queriam estar. Era a versão deles de você. Não haveria universo em que eu cedesse às expectativas de Romeo Costa.

Uma risada áspera subiu pelo meu peito. — Acredita que detém o poder neste relacionamento, não é? Bem, *gênio*, está errado. Somos iguais.

Um sorriso feroz subiu por suas bochechas. — Iguais? De uma mulher sem objetivos de vida. Nenhum sonho para falar.

— Eu *tenho* sonhos.

Um bebê. Bem, bebês. Plural.

De alguma forma, sabia que ele acharia isso indigno. E estaria errado.

Todo sonho é digno. Mesmo que seja pequeno e insignificante para uma pessoa, pode ser impossível para outra.

Romeo esperou que eu elaborasse. Não elaborei.

Preencheu o silêncio com, previsivelmente, mais porcaria. — Não é sensato irritar o homem que tem seu destino na palma da mão, senhorita Townsend. Considere este conselho como meu segundo presente para você.

— Segundo?

— O primeiro foi quando a poupei de uma vida inteira de zombaria. Dallas Licht soa como o nome de uma clínica de DST.

Ele achava que isso era sobre Madison? Não era.

Nem gostava de Madison, na verdade. Só não queria Romeo também.

— Certo. Quer saber qual é o meu desejo? — Avancei sobre ele, cutucando seu peito bem no centro. — Para você largar o emprego.

— Dê-me uma boa razão.

— Porque o que faz me enoja.

— O que faço financiará sua existência. Pelo menos até que seu fundo fiduciário entre em ação. — Romeo digitou o código da porta novamente. — E pode continuar sua vida como sempre fez. Sem responsabilidades. Sem propósito.

A adrenalina em meu corpo caiu, queimando minha energia com ela.

Girei, percebendo que não ganharia essa discussão. — Zach é solteiro?

— Irrelevante. Ele não tocaria em você com uma arma apontada para sua cabeça.

— Está tudo bem. Armas nunca foram minha praia. — Lambi meus lábios, sorrindo. — Ele é gostoso.

— Ele é incapaz de qualquer emoção que não seja tédio.

— Pelo menos é cordial sobre isso. Ainda assim, seria um upgrade de você.

Ele ignorou minha farpa, abrindo a porta. — Entre e encontre um quarto para se hospedar. Qualquer coisa que não seja o principal. Esse é meu.

— *Aww*, tão territorial. Por que não mijá no tapete, só para marcar o terreno?

— O único problema que está acontecendo é *você me irritando*. Sugiro que trabalhe em suas habilidades de simpatia durante o tempo que eu estiver fora.

— Espere. Onde vai?

Era difícil acompanhar o que estava acontecendo. Tentei reunir minha inteligência como se fossem bolinhas de gude espalhadas em um piso lustroso.

— Chama-se trabalho. — Ele se virou, descendo os degraus de volta ao carro, que havia deixado ligado. — Não estaria familiarizada com o conceito.

— São cinco da manhã.

— A guerra nunca para. Enfurece-se todas as horas do dia.

Fico boquiaberta. — Não pode estar falando sério.

— Não posso ser nada além de sério, *Shortbread*. Esqueci de mencionar... não tenho senso de humor.

Naquele momento, faminta, congelada e confusa, realmente desejei morrer.

— Você me deixará aqui? — Não sabia por que perguntei. Eu já sabia a resposta.

Sem olhar para trás, Romeo bateu a porta de seu Maybach.

Sua resposta veio na forma de fumaça de escapamento e uma leve trilha de riso sombrio.

CAPÍTULO DOZE

Dallas

A vontade de fugir para *Chapel Falls* eletrizou meus pés.

Quem se importa se eu causei um escândalo?

A palavra há muito havia perdido seu significado desde que papai a usava para descrever *tudo*. Desde o incidente com o pudim até aquela coisa com a viagem em família para Aspen.

Sério, se ele queria que eu o levasse a sério, precisava ser mais seletivo em sua inscrição.

Então me lembrei da minha irmã e da minha mãe.

Eu poderia sofrer se isso significasse que *elas* não.

Aninhada em uma luxuosa cama de dossel, me revirei por horas até que meu edredom outrora fofo se transformasse em panqueca debaixo de mim. Sozinha, em um quarto que cheirava diferente, parecia diferente e *sentia* diferente, um colapso deveria ser inevitável, mas *nunca* chorei.

Segundo mamãe, saí de seu ventre sem uma única lágrima, nem mesmo quando a enfermeira me beliscou.

Sentia falta de Frankie, de mamãe e - pateticamente - até de meu pobre pai. Tanto que meus pulmões pareciam ter se

transformado em uma máquina de fliperama, cada respiração saltando deles com uma dor aguda.

Esquerda. Direita. Esquerda. Direita.

E *ainda assim*, não conseguia chorar.

O relógio no criado-mudo marcava meio-dia e meia.

Estava na cama desde que Romeo me deixou em sua porta e corri direto para o segundo andar, escolhendo o quarto mais distante do principal.

Não suportaria nem compartilhar um código postal com ele, mas isso teria que servir.

Com os olhos bem fechados, contei ovelhas. Quando isso não funcionou, contei as maneiras pelas quais faria Romeo pagar.

Finalmente, caí em um sono tranquilo.



Balas saíram do cano de uma metralhadora, sacudindo o ar.

Boom. Boom, boom.

Perdendo o folego, esperei que uma chegasse ao destino pretendido. O coração murcho da besta que me capturou.

Boom. Boom, boom, boom.

Meus olhos se abriram, o suor escorrendo pelas minhas têmporas. Estrelas brancas giravam em minha visão.

O relógio no criado-mudo marcava que era meio da tarde. Segundos se passaram antes que eu percebesse que tinha dormido o dia inteiro.

Olhei para a porta como se fosse revelar o culpado que me acordou antes da melhor parte do meu sonho.

Outra batida sacudiu sua estrutura.

A luz nebulosa da tarde escorria pelas cortinas cor de vinho do meu novo quarto, aquecendo minha pele.

— Entre. — Puxei o cobertor até o queixo.

Um homem envelhecido com roupas enlameadas entrou gingando. Sujeira manchava sua bochecha, uma mecha de cabelo branco brotando de seu couro cabeludo em todas as direções. Tinha o sorriso fácil e genuíno de alguém que não tinha segundas intenções.

— Olá, minha querida. Sou Vernon. — Parou ao pé da minha cama. — Não tenha medo. Tenho uma neta mais ou menos da sua idade. Não suportaria pensar que ela tinha medo de mim.

Subi o cobertor mais para cima. — Por que está aqui?

— Sou o zelador do Sr. Costa. — Ele me olhou com interesse descarado. — Pensei em me apresentar, já que nossos caminhos se cruzarão. Tem jantar na cozinha. Hettie prepara três refeições por dia. Lanches também.

— Obrigada.

Vernon ainda não se moveu.

Eu ainda não mostrei meu rosto. Certamente, ele percebeu que algo estava errado. Que eu não estava aqui por vontade própria.

— Romeo é um incompreendido, mas é um homem fenomenal.
— Mordeu o lábio. — Uma alma linda e complicada. Assim que ele se abrir.

— Não tenho intenção de abri-lo.

A menos que ele quisesse dizer cortá-lo com uma faca de carne.

Vernon hesitou.

Finalmente, tirou uma rosa branca simples do bolso de trás, colocando-a na minha mesa de cabeceira. As suas unhas também estavam sujas. Achei esse pequeno detalhe estranhamente reconfortante.

— Conhece *Venus et Fleur*?

Balancei a cabeça. — É um tipo de rosa que dura um ano.

Mamãe as amava. Em todos os feriados, as presenteava a vizinhos, familiares e amigos.

O rosto de Vernon se iluminou. — Uma rosa pode viver até trinta e cinco anos com os devidos cuidados e condições climáticas. Já pensou como é triste que a maioria não dure até o inverno?

Acenei minha cabeça.

Estou mais preocupada em não durar até o outono.

Sentindo que havia perdido minha atenção, Vernon limpou a garganta. — Eu me interesso por flores cruzadas. Consegui combinar duas espécies de rosas para criar algo bastante notável.

Sentei-me ereta, encostando as costas na cabeceira da cama. — Notável como?

Venenoso?

O apelo de uma vingança lenta e cadavérica deveria ter me aterrorizado. Normalmente não era tão violenta. Para Romeo, eu abriria uma exceção.

— Lá está ela. — Um sorriso aliviado se espalhou pelo rosto de Vernon. Tive a sensação de que não ficaria tão feliz se tivesse uma linha direta com meus pensamentos. — Esta rosa pode viver seis meses sem um pinga de sol ou calor. Talvez ainda mais. A quantidade perfeita de tempo para se apaixonar.

Minha excitação explodiu de mim, deixando meus ombros caídos e nublando meu rosto. — Ninguém está se apaixonando neste lugar.

— Só porque não planeja, não significa que não acontecerá. — Vernon baixou a cabeça. — Tome minha rosa como exemplo. Ela pode sobreviver às condições mais difíceis e ainda florescer. Talvez você também possa.

Segurei minha língua. Não adianta atacar o pobre homem.

Vernon recuou sem se virar. — Bem, se o Sr. Costa lhe der trabalho, sabe onde me encontrar. Cuide dessa rosa para mim, tudo bem?

Quando ele saiu, chutei o cobertor e peguei a rosa, querendo quebrá-la ao meio.

Apaixonar-se, minha bunda.

Eu teria sorte se não caísse em depressão. Foi só quando meus dedos envolveram seu caule delicado que percebi que não era Romeo, que esmagou uma flor com o calcanhar no jardim de rosas. Não queria matar algo bonito só porque podia. E a rosa realmente era bonita. Branca como a neve com espinhos em forma de foice adornando-o.

— Não é sua culpa. — Suspirei, conversando com a flor. — Tem razão.

Com um gemido frustrado, entrei no banheiro da suíte, peguei um recipiente de cotonete e o enchi com água fresca.

Enfie a rosa nele, colocando-o no meu criado-mudo.

A rosa poderia viver.

Mesmo que *minha* vida tivesse acabado.

CAPÍTULO TREZE

Dallas

Gaiolas não são feitas de barras. São feitas de pensamentos, expectativas e medo.

Minha citação favorita - agora arruinada por Romeo Costa, que fez de Henry Plotkin um mentiroso.

A gaiola em que *Romeo* me prendeu era um palácio coríntio feito de praças de paralelepípedos, calçadas antigas e tudo folheado a ouro. Uma casa limpa e arrumada. Com um chão tão impecável que se poderia comer nele.

Quando fiquei sem cômodos para explorar, deslizei para o jardim e absorvi os últimos raios de sol no céu, escondida entre exuberantes arbustos lilases. Depois, recuei para dentro para vasculhar cada patamar, corredor e recanto.

O silêncio assombroso fez os pequenos pelos dos meus braços se arrepiarem. Silêncio total, absoluto. A ponto de não conseguir ouvir nada. Nem o chilrear dos pássaros, o zumbido do ar condicionado, nem o zumbido dos aparelhos.

Cada parede deve ter sido acolchoada por dentro. Como era apropriado que meu futuro marido - aquele com camadas grossas e inquebráveis de gelo ao redor do coração - guardasse sua casa exatamente da mesma maneira.

Não é à toa que ele me odiava.

Eu não tinha inibições, usava o coração na manga e, como papai costumava dizer, podia ser ouvida na maioria dos estados da América do Norte.

Por volta das seis da tarde, meu estômago roncou, lembrando-me que não comia há quase quarenta horas. Não desde que Romeo me obrigou a entrar naquele avião e comi queijo, bolachas e chips de camarão.

Era hora de explorar o cômodo mais importante da casa.

Endireitando os ombros, desfilei para a luxuosa cozinha do chef. O leve cheiro de comida cozida emanava de panelas e frigideiras no fogão.

Coloquei a mão na tampa - *ainda quente* - e espiei lá dentro.

Meu rosto caiu.

— *Ugh.*

Couve de Bruxelas e peito de frango?

Sabia que o homem não tinha coração, mas também não tinha papilas gustativas?

— Problema?

A voz era tão alta em comparação com a minha recente existência silenciosa que pulei. Girando, fiquei cara a cara com uma mulher.

Hettie, presumi.

Pequena, nervosa e não mais do que alguns anos mais velha do que eu, não era nada do que eu esperava.

Embora odiasse meu futuro marido, não pude deixar de me sentir um pouco em pânico com a ideia de que alguém tão adorável vagava por sua casa todas as horas do dia.

Ele literalmente colocou você entre as pernas e deu um tapinha na sua cabeça.

Deve estar torcendo para que esses dois se apaixonem.

Apertei os lábios, movendo-me para a geladeira. — Sem problemas.

Por que as pontas rosa choque de seu cabelo loiro pareciam tão legais? E por que o piercing no seu lábio me fez querer ter um?

Mamãe teria um ataque cardíaco.

Hettie torceu o nariz. — Então por que o *ugh* quando abriu a tampa? Minha comida não é boa o suficiente para sua majestade?

— Tenho certeza que é ótima. — Abri a geladeira. — Mas quero algo reconfortante. E isso é...

Ela bufou. — Terrível?

Virei minha cabeça para olhar para ela.

Apesar do meu humor sombrio, um sorriso surgiu em meus lábios. — Ia dizer saudável, mas... couve de Bruxelas? Cara, é *hardcore*.

Ela riu. — Culpe Romeo. Sua dieta é tão rigorosa. É tudo aveia e proteína magra e folhas verdes 24 horas por dia, sete dias por semana. Aquele exibido com um tanquinho de seis gominhos.

Então, ela sabia que ele tinha um tanquinho. Uma chama de interesse acendeu em mim.

— Isso é tudo que faz para ele?

Contratar um chef pessoal para fazer peito de frango e couve de Bruxelas todos os dias era como ir a uma loja Chanel para comprar esmalte. A menos que ela estivesse fazendo mais do que cozinhar.

— Sim! — Hettie jogou os braços para cima, recostando-se no banquinho. Sua camisa curta do *Joy Division* rosa, expondo o abdômen por cima do jeans skinny. — É terrível. Aceitei este trabalho diretamente do *Le Cordon Bleu*³⁷. Sem pagar aluguel e pagava uma tonelada, por isso poderia economizar e pagar meus empréstimos estudantis, mas é extremamente chato fazer comida saudável e sem gordura.

Eu tinha encontrado minha alma gêmea? Talvez ela estivesse aberta a envenená-lo lentamente.

Fiz uma anotação mental para mergulhar em alguns livros de mistério de assassinato para me inspirar.

Fechei a geladeira, tonta com a perspectiva de ter alguém que realmente falasse e se comportasse como se vivesse na mesma época que eu.

Ela era como uma amiga lá de casa, só que mais legal. E mais mundana.

E provavelmente dormindo com meu noivo.

— Acha que podemos fazer outra coisa?

Ela arqueou uma sobrancelha. — O que tem em mente?

³⁷—É uma rede internacional de ensino de gestão de hospitalidade e de escolas que ensinam cozinha francesa.

— Batatas fritas trufadas, carne de porco enrolada em bacon, inhame cristalizado e *monkey bread*³⁸. — Lambi meus lábios. — Sabe, apenas como um exemplo.

Hettie se levantou, literalmente aceitando o desafio.

Em vez de preparar a refeição sozinha, distribuiu tarefas para mim. Enquanto cozinhamos, ela me contou sobre si mesma. Que veio do Brooklyn, viajou pelo mundo em um tour gastronômico e mataria por mais uma rodada. Falava de Romeo com respeito e curiosidade. Como se ele fosse um quebra-cabeça não resolvido que ela ainda esperava encontrar todas as peças.

Hettie deslizou o *monkey bread* no forno a vapor. — Então, podemos abordar o elefante na sala?

Esfaqueei um inhame que eu deveria cortar. — Tudo bem.

— *Hmm...* quem diabos é você? — Riu. — Tipo, o que está fazendo aqui?

Romeo não tinha contado a ela?

Na verdade, agora que pensei sobre isso, ele também não tinha contado a Vernon. Acrescentei habilidades de comunicação deficientes à minha lista interminável de coisas de que não gostava nele.

— Eu sou... bem, acho que sou a noiva de Romeo.

Suas sobrancelhas se ergueram. — *Acha?*

— Pode-se ter certeza quando se trata de homens como ele?

³⁸-É uma massa macia, doce e pegajosa servida nos Estados Unidos no café da manhã.

Hettie derramou as batatas fritas em uma cesta forrada com toalhas de papel, sinalizando para eu experimentar uma. Peguei um e coloquei na boca.

Céu.

— Não parece muito surpresa. — Estudei-a, roubando outra batata frita. — Isso é uma ocorrência normal? Romeo trazendo uma noiva para casa?

— Não. — Hettie chupou o mel do polegar. — Mas o pai dele estava chateado com o casamento, então imaginei que isso aconteceria eventualmente. Eu só esperava algo... *diferente*.

— Noiva por correspondência?

Ela bufou. — Garota, aquele homem tem mulheres fazendo fila para cima e para baixo em seu portão vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. É um incômodo neste momento. Pode borrifá-las com água para longe ou algo assim?

Apesar do meu bom senso, deixei escapar — Para quem ele normalmente vai?

Hettie franziu a testa, arrumando a mesa com dois pratos. Estava compartilhando a refeição comigo.

Borboletas estúpidas flutuaram em minha caixa torácica.

— Na verdade, nunca o vi com uma namorada antes, mas as mulheres que costumam pendurar no braço dele durante os eventos são meio arrogantes, eu acho. Saias lápis e ingressos de temporada para a ópera. Mal dizem uma palavra e definitivamente não se entregam a batatas fritas com trufas. Não que isso importe para você. Ele nunca as traz para casa. — Gesticulou ao redor. —

Acho que ele está muito assustado com elas sujando o lugar ou algo assim.

Arquivei isso como informação crucial. Pretendia ser especialmente barulhenta, inculta e cafona apenas para irritar meu noivo maluco por limpeza.

Comemos a comida, que estava totalmente deliciosa.

Gemi, ganhando um sorriso de Hettie.

— Tão bom, certo?

Acenei com a cabeça.

Sobre a única coisa decente neste lugar.

CAPÍTULO QUATORZE

Dallas

Foi para minha grande decepção que Romeo não estava aqui para admirar minha obra.

Manchei seu sofá restaurado de duzentos anos com molho francês enquanto assistia ao *pay-per-view*. Nem gostava de boxe, mas *gostava* de desperdiçar seu precioso dinheiro.

Não tinha planejado bagunçar a sua casa. Verdadeiramente.

Nunca foi minha intenção. Então vi como estava incrivelmente limpa e não pude evitar.

Onde diabos ele estava, afinal?

Não era como se eu tivesse alguém para perguntar. Nem tinha o seu telefone.

O que eu *tinha* era o seu cartão *Centurion*, que encontrei na ilha da cozinha, junto com um cartão de visita do motorista.

Desde que tinha cem por cento de certeza que o bastardo não tinha feito um pit stop aqui, concluí que a elusiva Cara era responsável por esta lasca de humanidade.

Por uma questão de princípio, não comprei nada que pudesse ser vestido. Continuei andando em meu roupão de dormir, mesmo quando começou a cheirar mal.

Hettie franziu o nariz, abandonando sua tentativa infrutífera de apagar minha mancha de molho francês. — Há uma lavanderia no andar de cima.

— Eu sei. — Girei meu garfo em espiral, enrolando macarrão *pappardelle*. — Não está com fome?

— Jantei com você há duas. — Seus olhos seguiram o molho *arrabbiata*³⁹ que espirrou no meu roupão, seguido pelo estofamento de lã. — Não está preocupada que Romeo surtará quando vir — girou o dedo — tudo isso?

— Não.

— Estão brigados?

Se isso é uma briga, a Segunda Guerra Mundial foi uma disputa de vizinhos.

Sentindo meu humor, ela se levantou, voltando com uma cara garrafa de champanhe. — Podemos ficar bêbadas para esquecer nossos problemas.

Enfiei o macarrão goela abaixo. — Então, posso continuar me lembrando deles amanhã, mas com ressaca?

— Ponto tomado.

À meia-noite, Hettie me deixou fervendo em meus pensamentos.

A fúria violenta eclipsou o alívio de não ter que lidar com Romeo. Como ele ousa me trancar em sua mansão e continuar a viver sua melhor vida de vilão? Em vez de um noivo para descontar

³⁹-Molho feito com alho, tomates, chilli, refogado com azeite e salsa picada. É assim chamado, por causa da pimenta forte que contém.

minha raiva, cada item em seu quarto e escritório estava à minha mercê.

Não deixei pedra sobre pedra em minha tentativa de descobrir mais sobre o homem que entrou em minha vida com um smoking caro e a virou de cabeça para baixo só porque combinava com ele.

Passei a noite inteira vasculhando a papelada em seu escritório, analisando item por item e colocando-os de volta em ordem não cronológica, apenas para mexer com sua psique.

Quando o sol apareceu no céu, aprendi algumas coisas sobre meu futuro marido:

1) Ele era excepcionalmente, assustadoramente, *irritantemente* bom em ganhar dinheiro. Seu talento de transformar uma moeda de dez centavos em um *Benjamin*⁴⁰ era inigualável.

2) Nos últimos meses, Senior o pressionou a se casar em troca do cargo de CEO da Costa Industries, após a aposentadoria iminente de Senior.

3) As trocas de e-mail concisas e hostis entre Romeo e seu pai também incluíam palavras duras sobre a família Licht. Os Costas sentiam-se intimidados e fui o caminho deles para aumentar a aposta na batalha.

Satisfeita por ter colocado um fim na minha pesquisa, parei na cozinha para comer os *waffles* de mirtilo e noz de Hettie antes de ir para o meu quarto tirar uma soneca.

⁴⁰-Referência a nota de 100 dólares com o roto de Benjamin Franklin.

Na noite seguinte, sentei-me ombro a ombro com Hettie, tomando chá Chai que ela trouxera de *Darjeeling*.

— Ele costuma dormir fora de casa?

À nossa frente, um segmento de notícias dançava na tela. Algo sobre uma quadrilha de ladrões descarados à luz do dia, que invadiram restaurantes e lojas de luxo, roubando os mais ricos do DMV.

— Normalmente não. — Hettie afundou nas almofadas. — Às vezes, quando fica muito tarde da noite, ele fica em sua cobertura em *Woodley Park*, mas não gosta de sua agenda fora de sintonia. Ele é meio peculiar sobre suas refeições permanecerem as mesmas.

Então... Romeo tinha um apartamento em D.C. Outra informação que certamente virá a calhar.

— Por que? — Hettie sorriu, batendo em nossos ombros. — Sentindo falta do seu barco dos sonhos?

Se por barco dos sonhos quer dizer o Titanic, então... ainda não.

Não tinha confiado em Hettie sobre a natureza do meu relacionamento com Romeo. Embora não fosse preciso um diploma em neurociência para somar dois mais dois.

Sorrio com a sua pergunta. — Mal posso esperar para vê-lo novamente.

Essa parte nem era mentira.

Da próxima vez que encontrar Romeo, vou lembrá-lo de minha existência.

Ruidosamente. Desordenadamente. E sem remorso.

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

CAPÍTULO QUINZE

Dallas

Só havia uma coisa pior do que acordar de um sono tranquilo - e isso era ser *rudemente* despertada de um sono tranquilo por um harém de homens de meia-idade com privilégios brancos, com queixos suficientes para esculpir outra pessoa em tamanho real.

— É ela? — Não reconheci a voz.

— Infelizmente.

Aquela resposta concisa só poderia pertencer a uma pessoa.

Meus olhos se abriram.

Com certeza, dois homens que não conhecia pairavam no final da minha cama ao lado de outro homem que eu conhecia, mas gostaria de não conhecer - meu noivo.

Sentei-me, encostei-me na cabeceira da cama e esfreguei os olhos, bocejando.

Se eu esperava que Romeo estivesse desganhado e inquieto, depois de passar várias noites longe de casa, estava gravemente enganada.

Parecia tão fresco quanto o chiclete que agora mascava, com um terno cinza-claro engomado, camisa social azul-claro e relógio *Panerai*.

Olhou para o seu relógio. — São quase seis da tarde.

Levei a mão à minha clavícula. — Meu Deus, pode ler a hora. Que outras qualidades distintivas devem estar escondidas em você, meu querido?

O olhar que me lançou poderia congelar o Ártico de volta ao seu estado pré-aquecimento global.

Olhei entre seus dois companheiros. Já sabia quem eram. Papai me enviou uma mensagem sobre eles. Uma mensagem que permaneceu sem resposta, apesar dos frequentes apelos para retornar suas ligações.

Afundi de volta no meu colchão, fechando os olhos. — Bem, isso tem sido divertido. Não se esqueçam de apagar a luz ao saírem.

— O que pensa que está fazendo?

— Dormindo.

— No meio da nossa conversa?

— Isso foi uma conversa? — Deslizei o edredom até meus ombros. — Como tenho certeza que se lembra, uma vez me acusou de não ter sonhos. Não consigo sonhar sem dormir. — Bocejei, enxotando-os com um aceno. — Bem, indo atrás dos meus sonhos. Xô.

Romeo puxou o edredom de cima de mim. — Este é Jasper Hayward, meu advogado. E este é Travis Hogan, seu advogado. Assinaremos um acordo pré-nupcial esta noite.

Ele caminhou até as janelas, abrindo as cortinas em um movimento brusco. Até o pôr do sol chamuscou meus olhos semicerrados.

— Contratou um advogado para mim. — Deslizei para fora da cama com minha camisola de seis dias, andando até ele. — Ora, isso é tão gentil da sua parte. Tenho certeza de que ele terá meus melhores interesses em mente.

Romeo zombou de mim. — Seu pai aprovou o conteúdo do acordo esta manhã. Fique tranquila, está de acordo com os acordos pré-nupciais padrão.

Suas palavras eram tão reservadas e cuidadosas que queria sacudi-lo. Agarrá-lo pelo terno e sacudi-lo até que suas inibições rolem pelo chão como moedas de um centavo.

— Relaxe, querido. Confio em você. — Avancei até o carrinho de bebidas, servindo-me de alguns dedos de uísque da garrafa, sabendo que ele não aprovaria. — Até agora, não me fez mal.

Se sarcasmo fosse veneno, ele já estaria morto cinco vezes.

— Acordar bebendo. — Franziu os lábios. — Atrevo-me a perguntar se este é um hábito seu?

Podia contar nos dedos de uma mão o número de vezes que bebi na vida, tendo crescido sob regras religiosas tão estritas, mas ele não precisava saber disso.

Suspirei, girando a bebida. — Fique feliz. Poderia ser pior. Eu poderia ser uma viciada em coca. — Tomei um gole. — Infelizmente, a coca não cheira a nada. Acredita nisso? Foram

quinhentos dólares que nunca receberei de volta. Espero ter mais sorte com o crack.

Jasper tossiu. Travis deu um tapinha nas suas costas, olhando para qualquer coisa menos para mim.

A julgar pelo olhar desapaixonado de Romeo, sabia que ele tinha começado a se arrepender verdadeiramente de sua decisão de se casar comigo, assim como eu sabia que era tarde demais para desistirmos do acordo agora.

— Vista-se. — Seus olhos catalogaram cada mancha que adquiri em Potomac. — Parece uma mergulhadora de lixo.

— Roupas? — Fiz uma careta, me fazendo de boba. — Mas, querido, eu não tenho roupas. Lembra-se que tivemos que correr para o aeroporto para ficarmos juntos? Não tive tempo de fazer as malas.

— O cartão de crédito que lhe dei não era ornamental.

— Não era? — Gritei, arregalando os olhos. — Mas fica tão bonito na mesa da cozinha. De qualquer forma, estava muito ocupada suspirando por você para usá-lo.

Os dois advogados olharam entre nós em confusão.

Jasper reajustou sua pasta. — Gostaria de alguns minutos?

— Sim — Romeo gritou ao mesmo tempo que levantei a bebida no ar, anunciando — minutos? Eu adoraria uma *vida inteira* sozinha com essa beleza.

Jasper e Travis fugiram, lançando olhares estranhos um para o outro.

Com apenas eu e Romeo no espaço confinado, me senti menor. Não tão corajosa. Apesar disso.

Dei um passo à frente, ficando cara a cara com ele. Quanto mais cedo ele percebesse que eu tornaria sua vida um inferno na Terra, mais cedo ele me deixaria ir.

— Onde estava, querido? — Acrescentei um sotaque georgiano forte que sabia que o deixaria louco, levantando minha mão para arrastar o copo úmido em sua bochecha. — Queria que revisássemos os folhetos de casamento. Estou pensando em peônias para flores; glitter para o tema. Ficaria muito bem em um terno de lantejoulas. Verão em *Portofino*. Para honrar sua herança italiana, sabe.

— *Portofino*. — Pegou o uísque da minha mão, deslizando-o entre meus seios. Arrepios deliciosos percorreram minha pele. — A cerimônia acontecerá no final do mês no quintal de von Bismarck, e a lista de convidados já está fechada, com aprovação de nossas duas famílias. — Suas palavras duras e cortantes me deixaram tonta. Havia uma data. E um lugar. — Pode ficar com suas peônias – e suas lantejoulas. Se você acha que um terno ruim me desviará do meu plano, não está prestando atenção.

Ele inclinou o copo para baixo, deixando algumas gotas de uísque correrem entre meus seios, deslizando pelo meu estômago e desaparecendo na minha calcinha através do meu roupão.

Era erótico, enlouquecedor e irritante ao mesmo tempo.

Respirei mais forte apenas para que as pontas dos meus mamilos roçassem seu peito cada vez que eu expirasse.

— Mal posso esperar — arfei.

— Ótimo. Aqui está outro evento para bajular. Irá para os meus pais logo depois de assinarmos o acordo pré-nupcial, onde se comportará da melhor maneira possível, o que, para você, possivelmente significa usar talheres e evitar cheirar o traseiro das pessoas como forma de cumprimentá-lo.

Olhei para ele com todo o ódio do mundo, tremendo de raiva. Sua completa indiferença me desfez. Ele era o homem mais frio e cruel que já conheci. Seus olhos saltaram do meu rosto para a minha camisola. Meu peito arfava. Não estava usando sutiã e meus mamilos perolados, eretos pela adrenalina.

— Não pode se conter, não é? — Um brilho sádico cintilou em seus olhos claros. — Uma criatura tão básica.

Através do tecido de cetim, passou a borda gelada do copo sobre o botão apertado, levando o telefone ao ouvido com a mão livre.

Eu não conseguia me mover. Não conseguia nem respirar.

A sensação foi tão intensa e incrível que todo o meu corpo virou argila. Com esse simples toque, parecia que ele possuía cada centímetro de mim.

Calor rodou abaixo do meu umbigo. Meus seios pareciam pesados, cheios e sensíveis, implorando para serem acariciados e tocados.

— Cara? — Romeo desenhou um círculo preguiçoso ao redor do meu mamilo com o copo.

Resisti ao impulso de me colar contra ele. Para implorar por mais.

Pela milionésima vez, amaldiçoei meu pai por minha educação protegida. Se eu tivesse sido menos inocente sobre essas coisas, Romeo não teria um controle tão forte sobre mim.

— Vá até a Galeria Tyson e compre todos os itens para mulheres da última temporada de *Yves Salomon*, *Celine*, *Burberry* e *Brunello Cucinelli*. Tamanho pequeno.

Largou o uísque, estendendo a mão para mim.

Toda a sua palma quente cobriu meu seio direito. — Tamanho do sutiã: 42.

Na mosca. Que droga.

Agarrando meu osso do quadril, me girou para que eu ficasse de costas para ele. Senti seus olhos na minha bunda.

Sua mão deslizou por baixo do material do meu robe por trás, acariciando meu peito nu. — Tamanho da calça: 38.

— 40, idiota.

Uma estranha sensação de formigamento entre minhas pernas fez minha pele vibrar de expectativa. A ideia de resistir passou pela minha cabeça, mas sabia que se o fizesse, talvez nunca mais explorasse esse prazer.

Cara disse algo que não consegui decifrar pelo telefone.

Ardi de vergonha. Estava conversando com outra mulher enquanto brincava com meu corpo como se fosse seu brinquedo

peçoal, mas adorava o jeito que ele me fazia sentir demais para parar.

— Bainha para a calça. Ela tem a altura de um gnomo de jardim. — Romeo beliscou meu mamilo, fazendo meus joelhos dobrarem.

Engoli um gemido. Tive a nítida sensação de que ele estava me provocando sexualmente apenas para me provar que podia. Outro de seus jogos de controle.

Pressionou sua ereção contra a minha bunda, apertou meu peito e arrastou a mão do meu mamilo até meu pescoço, pegando-o e inclinando minha cabeça para encará-lo. — Qual é o tamanho do seu sapato, *Shortbread*?

O tamanho do meu sapato? Não conseguia nem lembrar meu nome do meio com seu pau pulsando entre minhas nádegas.

Pensa. Você conhece essa.

— 35. — Minha voz saiu grossa e rouca.

Ele soltou minha garganta de uma vez, dando um passo para trás, completamente inalterado pelo meu corpo. Pela minha prontidão para ele. — 35. Por favor, entregue todos os itens dentro de duas horas. Tempo é essencial.

Ele desligou a ligação.

Eu me virei para encará-lo, desapontada comigo mesma por deixá-lo dedilhar meu corpo como um instrumento. De novo. Não tinha aprendido nada com o baile de debutantes?

— Hoje à noite, você se apresentará à minha família como uma dama adequada e sensata. — Agarrou o *Macallan M*⁴¹ pelo pescoço, confiscando-o. — Se conseguir enganá-los fazendo-os pensar que é, de fato, material para casamento, vou recompensá-la de acordo e aliviá-la de sua frustração sexual reprimida.

— Quer dizer que o que fez agora foi me chantagear para me comportar bem para que possamos fazer sexo esta noite?

A chicotada que sua última frase me deu chamecou minhas bochechas.

Ele realmente pensou que eu seria sua bonequinha sexual só porque os truques que usava em meu corpo provocaram minha curiosidade.

Ele fez uma cara de desaprovação.

Senhor, tão arrogante.

— Ainda não estamos casados, senhorita Townsend. O que mencionei foram favores orais.

— Favores orais? — Torci meu nariz, percebendo que ele falava como se tivesse acabado de sair das páginas gastas de um romance histórico. Acontece que esse é o meu gênero menos favorito. — E por que fala como se tivesse fugido do elenco de *Bridgerton*?

Não adiantava dizer a ele que não haveria aulas orais, jantar cordial e noiva adequada esta noite.

⁴¹-Marca de uísque.

— Nossos advogados devem estar ficando sem paciência. —
Tomou um gole de uísque direto da garrafa. — Francamente, eu
também.

*Não se preocupe, querido, pensei enquanto passava por ele,
recusando-me a parecer perturbada. Depois que eu terminar com
você, estará correndo, ponto final.*

CAPÍTULO DEZESSEIS

Ollie vB:

Como Delaware está se adaptando?

Romeo Costa:

Dallas.

Ollie vB:

De que programa minha avó gostava?

Romeo Costa:

Não estamos jogando *Jeopardy*⁴², seu medíocre bebê adulto.

O nome dela é Dallas.

Zach Sun:

Isso é muito lamentável para ela, mas não tão infeliz quanto casar com o seu traseiro.

Ollie vB:

@ZachSun, concordo.

⁴²-É um programa de televisão de perguntas e respostas variando história, literatura, cultura e ciências.

Essa garota deve ter estado no *Judenrat*⁴³ em uma vida anterior para merecer esse tipo de carma.

Zach Sun:

A mão direita de Mussolini⁴⁴.

Ollie vB:

*A mão idiota de Mussolini.

Romeo Costa saiu do chat.

Ollie vB adicionou Romeo Costa ao chat.

Zach Sun:

Ela ainda está alimentando você com merda suficiente para cobrir o hemisfério norte?

Ollie vB:

Nunca deixarei de ver a imagem de Romeo ficando azul quando ela mexeu a bunda no colo dele.

Movimento sacana.

⁴³-Palavra alemã para "Conselho Judeu", conselhos judaicos criados dentro das comunidades judaicas da Europa ocupada pelos nazistas sob ordens alemãs. Os Judenraete receberam o responsabilidade de implementar as políticas dos nazistas em relação aos judeus.

⁴⁴-Líder fascista italiano;

Zach Sun:

Ou quando Rom deu um chilique depois de ela pegar o copiloto.

Seu autocontrole evaporou mais rápido do que um pensamento no cérebro de Ollie.

Romeo Costa:

Ela não pegou o copiloto.

Estava apenas sendo difícil.

Pirralha é toda a sua personalidade.

Ollie vB:

Já consumou o seu noivado?

Romeo Costa:

Está familiarizado com os costumes humanos?

Não há nada para consumir até o casamento.

Ollie vB:

Caramba.

Isso é definitivamente um não.

Romeo Costa:

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Um cavalheiro não beija e conta.

Ollie vB:

Idiota, por favor.

Largue a farsa de cavalheiro.

Conheci dildos mais honrados do que você.

Zach Sun:

@OllievB, conheceu dildos?

Socialmente ou intimamente?

Ou ambos?

Romeo Costa:

Não posso acreditar que quase duas décadas de educação nos melhores lugares da América fizeram de vocês dois melhores amigos.

Ollie vB:

Quero que saiba que eu sou uma delícia e um amigo de primeira linha.

E estou feliz em provar isso.

Devo quebrá-la para você?

Romeo Costa:

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Brinque com isso mais uma vez, e eu pessoalmente cortarei seu pau e o alimentarei, mordida por mordida, até engasgar com ele.

Zach Sun:

Chilique #2 devidamente registrado e incluído na ata da reunião.

A mulher te transformou em um estúpido.

Ollie vB:

...

Isso é um não?

CAPÍTULO DEZESSETE

Romeo

Os sinais de alerta brilharam alto e forte, desafiando-me a dar atenção a eles.

Por acaso, fiquei tão contente em ver o rubor dourado de minha noiva, o pescoço tentador, os seios fartos e a beleza macabra que baixei a guarda.

Ela parecia deliciosa, mesmo em sua camisola manchada. Tão dolorosamente jovem, inocente e viva. Acariciar seus seios era como derramar tinta sobre a neve caída recentemente.

Como o pecado perfeito. Corrompendo os incorruptos.

O acordo pré-nupcial passou sem problemas. *Shortbread* examinou cada palavra, assinou o seu nome nas linhas pontilhadas uma dúzia de vezes e ouviu, balançando a cabeça sempre que apropriado.

Era a primeira vez que exibiu sinais de racionalidade.

Esse deveria ter sido meu primeiro aviso.

Sua versão mal-humorada voltou a todo vapor quando nossos advogados partiram e Cara chegou para entregar um trilhão de roupas novas.

Shortbread olhou de cima a baixo a Cara de cinquenta e sete anos, ostentando uma aliança de casamento. Seus ombros caíram.

Minha noiva tinha a cara de pôquer de um cachorrinho ansioso.

— Essas roupas são um insulto aos olhos de todo o mundo. Vai parecer que estou brincando de me vestir como uma pessoa de sessenta anos. — Dallas jogou vestidos de caxemira e cardigãs tricotados à mão na madeira enquanto escolhia uma roupa para o jantar.

Minha temperatura corporal disparou. Positivamente desprezava bagunças, e tudo nela era desarrumado.

Cara pairava em torno de Dallas, empurrando roupas diferentes para ela. Hettie se juntou à festa, rindo cada vez que Dallas testava a paciência de Cara. Suspeitei que se tornaram amigas rapidamente no tempo que passei em minha cobertura em *Woodley Park*. Não me importei. Era bom que *Shortbread* tivesse alguém com quem conversar.

Porque essa pessoa não seria eu. No entanto, não fiquei emocionado por ter um assento na primeira fila dessa cena.

Cara pegou um suéter xadrez. — O que há de errado com este vestido?

Dallas soprou uma bola de chiclete de framboesa como uma criança, só para me irritar. — Vou parecer que estou prestes a lançar um monólogo sobre como não vejo meu amante há oitenta e quatro anos.

Hettie, que havia entendido a referência ao *Titanic*, caiu no chão, apertando o estômago a cada risada.

Uma Cara nervosa plantou um punho em cada quadril. — Este é o décimo sexto vestido que experimenta, mocinha. É um vestido fantástico. Um clássico. Custa uma fortuna. Não ouvi nenhuma reclamação quando Romeo comprou para sua ex-namorada...

Ela não terminou a frase, mas foi o suficiente para pintar nojo no rosto de *Shortbread*.

— Bem, nesse *caso*, ele é bem-vindo para se casar com ela.

Não, obrigado.

Preferiria Dallas a Morgan todos os dias da minha maldita semana.

Depois de quarenta minutos desse espetáculo, peguei um vestido das mãos de Dallas. — Se não vai escolher uma roupa, eu escolho para você. Atrevo-me a suspeitar que nossos gostos são diferentes?

Um violento vermelho envolveu suas bochechas. — Quero ser deixada sozinha. Todo mundo fora.

Com prazer.

Esperei no foyer, grudado as minhas mensagens.

Ollie vB:

Aquele sofá precisava de uma reforma, de qualquer maneira.

Zach Sun:

Odeio te dizer isso, mas se casou com a versão feminina e virginal de Oliver.

Romeo Costa:

Zach, querido, tem certeza que está fazendo linhas de código e não linhas de cocaína?

Ao meu lado, Hettie assobiou. — Sagrado. Caramba.

Coloquei meu telefone no bolso, levantando minha cabeça. *Shortbread* desceu a escada, lembrando-me por que a roubei.

Pela primeira vez na minha vida, me arrependi da minha regra de não sexo. Imaginei que ver essa mulher inexperiente e ingênua se contorcendo embaixo de mim enquanto tirava sua virgindade faria minha década inteira, se não a vida toda. Minha futura esposa parecia sensacional.

Um amplo decote passava pelo corpete de seu vestido dourado maciço. Sua cintura fina balançava conforme caminhava, o tecido se arrastando no chão. Um coque solto descansava em sua cabeça, mechas de cabelos escuros emoldurando seu rosto. Era tão absurdamente linda, observava cada movimento dela como se ela fosse uma *Fata Morgana*⁴⁵.

Infelizmente, mesmo a senhorita Townsend, por mais sedutora que fosse, não poderia quebrar a regra de não herdeiros.

⁴⁵-Fata Morgana, do italiano fada Morgana, em referência à fictícia feiticeira meia-irmã do Rei Artur que, segundo a lenda, era uma fada que conseguia mudar de aparência.

Dallas chegou ao último degrau, onde enfiou sua bolsa Chanel no meu peito. Peguei, satisfazendo-a.

Se segurar a sua bolsa esta noite significava que ela seria uma boa menina quando a apresentasse aos meus pais, estava disposto a bancar o cavalheiro por um tempo.

— Pegarei um lanche para viagem. Não como há duas horas.

Onde ela colocava toda essa comida?

— Apresse-se e cuidado com o vestido.

Ela foi para a cozinha, então parou, franzindo a testa. — Sua família é terrível? Preciso saber se devo complementar meu lanche com uma dose de algo forte.

— Pegue duas doses. Na verdade, traga a garrafa inteira. Vamos compartilhar.

CAPÍTULO DEZOITO

Romeo

Pensando bem, estava arrependido.

Passei o trajeto até a casa de meus pais olhando para minha futura esposa, imaginando se ela havia sido criada por coiotes. As pernas compridas e bem torneadas de Dallas se estendiam por baixo dela como um tecido em excesso de um vestido usado recentemente.

Ela abriu um Oreo e lambeu o creme com um gemido, comendo-o com o champanhe vintage que dividimos. — Sabia que no Japão têm chocolate Bourbon e biscoitos de café? Imagine o gosto que deve ter.

A única coisa que imaginei foi meu esperma no lugar do creme Oreo, escorrendo por entre seus lábios suculentos. Enfureceu-me o fato de ter caído momentaneamente nessa, quando alegou ser alcoólatra.

A mulher era clara como o dia. Preguiçosa, mimada e imprudente, com certeza, mas seu único vício parecia ser a comida que a levaria aos braços do diabetes tipo 2 e uma morte precoce.

Infelizmente, Dallas interpretou meu olhar como um convite aberto para uma conversa. — Então, por que seu pai quer tanto que se case?

Ela jogou um biscoito Oreo sem creme no lixo e pegou outro, abrindo-o apenas para o recheio.

Não me incomodei em perguntar como ela sabia disso. As câmeras do meu escritório a flagraram bisbilhotando minha área de trabalho em 4K Ultra HD.

— Porque ele se descontrola tanto quanto eu e sabe que preferiria ter um urso de estimação do que uma esposa se fosse minha escolha.

— Viva eu. — Sua língua varreu o creme. *Cristo*. — E por que concorda com isso?

— Porque ele está oferecendo a empresa que devo herdar como incentivo, e não vou perdê-la para aquele saco de DSTs puxa saco do Bruce.

— Conte-me sobre esse Bruce.

Ela parou de lamber o creme e me examinou, seu interesse despertado. Foi a primeira vez que a mulher não tentou ativamente me matar ou me levar à loucura, então joguei outro osso para ela.

— Ele é o COO da Costa Industries, um idiota insuportável e, pior de tudo, fenomenal em seu trabalho. Você notará quando chegarmos lá que meu pai trata Bruce como um *poodle* premiado. Senior conheceu Bruce um ano antes de Monica ficar grávida de mim. Tentaram por anos sem sorte, então percebeu que Bruce era sua única chance de deixar um legado.

— E o pai de Bruce?

— Irrelevante. Possui um império farmacêutico, que irá para o irmão mais velho de Bruce, então passará por essa linhagem.

— Então, Bruce quer entrar no legado dos Costa.

— Precisamente. Meses antes de descobrir a gravidez de Monica, Senior colocou Bruce sob sua proteção, contratando-o na Costa Industries. Bruce cumpriu suas ordens desde então, casando-se com uma herdeira do império da moda só para que seu pai investisse nos empreendimentos de Senior. Senior quer que sejamos seus fantoches. O que quer que seja nosso deve ser dele também.

Shortbread enfiou uma mecha atrás da orelha. — Seu pai soa ainda pior do que o meu.

— Duvido.

— Por quê?

— Ninguém decente jamais entregaria sua preciosa filha para alguém como eu.

— Admite que é horrível, então. — Ela comemorou com uma única aceno de punho.

— Admito que me falta compaixão, simpatia e empatia. É por isso que teria sido melhor ficar solteiro.

— E sua mãe?

— Ela carece principalmente de uma espinha dorsal. Seus níveis de compaixão são adequados.

Dallas revirou os olhos. — Quero dizer, é próximo dela?

— Não remotamente. — Tomei um gole do nosso champanhe.
— Ela não é nada de especial.

— *Ela* não deveria ser especial?

Deus, Dallas parecia um livro infantil novamente.

— Chega de papo, *Shortbread*. Está aqui para parecer bonita e viva. A terapia gratuita é redundante.

Dallas suspirou.

— É horrível, não é? Como, no final das contas, tudo o que somos é um subproduto das ambições, princípios e desejos de nossos pais. Uma coleção de lembranças, erros e anseios inexplicáveis de agradar a quem nos deu a vida. Olhe para nós. — Olhou pela janela, seus lábios de cupido perfeitos puxados para baixo. — Ambos presos em um noivado com o qual não queremos ter nada a ver por causa de nossos pais.

Olhei para ela, o bloco de gelo cobrindo meu peito um pouco descongelado.

Foi a primeira coisa profunda que ela disse, e me perguntei se outras coisas interessantes enchiam aquela sua linda cabeça ou se isso foi uma frase de efeito accidental que memorizou por acaso.

Dallas se afastou de mim, provavelmente com medo de que eu quase a fizesse gozar de novo, meu novo e infeliz hobby. — Por que está olhando assim para mim?

— Porque — falo quando o *Maybach* estacionou em frente à residência dos meus pais — acho que simplesmente fez sentido sem querer.

CAPÍTULO DEZENOVE

Romeo

Meus pais moravam em um casarão estilo campestre francês envolto em tijolos Boral.

Apesar de morar na mesma rua, levou dez minutos inteiros para chegar aos portões, seguidos por outros dois minutos para atravessar a entrada de carros de um quilômetro e meio.

A casa de quatro acres era grande e discreta o suficiente para gritar dinheiro antigo. Luzes amarelas convidativas brilhavam através das vastas janelas, iluminando uma longa mesa cheia de comida preparada profissionalmente.

Sabia que, para qualquer um que não fosse *eu*, isso parecia a imagem da felicidade doméstica.

Atirei a Dallas um aviso final antes de apertar a campainha.
— Lembre-se, esta noite, é uma mulher bem-educada.

— Alguém disse pão? — Dallas engasgou, se fazendo de boba.
— Por favor, me diga que haverá calda também, ou qualquer coisa em que possa mergulhá-lo.

Os escarpins de Monica estalaram do outro lado da porta. Assim que abriu, joguei *Shortbread* em seus braços, meu sacrifício humano.

— Mãe, Dallas Townsend. Dallas, esta é Monica, a mulher que me deu à luz, possivelmente para me irritar.

— Meu Deus, olhe para você! — Monica negligenciou todo decoro e etiqueta agarrando as bochechas de Dallas com suas mão, examinando o rosto delicado de minha noiva com pupilas histéricas. — Não fingirei que não fiz algumas ligações para saber mais sobre você. Todo mundo disse que é linda, mas a palavra não faz justiça a você!

Shortbread abraçou minha mãe, geralmente relutante, em um floreio teatral. Embora não goste particularmente de nenhuma delas, fiquei satisfeito por elas serem uma boa combinação.

— Bom, Sra. Costa, estou vendo que a senhora e eu vamos nos dar muito bem.

— Por favor, me chame de mãe!

Eu nem a chamava de mãe. Além disso, por que ela usava um ponto de exclamação para cada frase que saía de sua boca?

— Ah, se insiste. Conhece algum bom polo de compras por aqui, *mãe*?

— Conheço? — Monica quase sofreu uma parada cardíaca. — Tenho um *personal shopper*⁴⁶ em cada um deles.

Seus olhos pegaram o colar de pérolas que Dallas deve ter roubado do meu quarto. Sabia que ela tinha bisbilhotado - deixado suas impressões digitais gordurosas em todos os lugares - mas só agora notei em seu pescoço.

⁴⁶-Indivíduo que é pago para ajudar outro a comprar mercadorias, seja acompanhando-os durante as compras ou fazendo compras em seu nome.

Monica cobriu os lábios com a ponta dos dedos, dando uma olhada em Senior. — Oh, querido, Rom deu a Dallas o colar de sua bisavó. Eles realmente se casarão.

Atrás dela, Senior, Bruce e Shelley espiaram Dallas. Estudei meu pai. O conjunto rígido de seus ombros. A maneira como sacudiam a cada expiração. Colocou uma mão no corrimão. Para apoio, concluí, embora nunca admitisse. Ele odiava fraquezas.

A má notícia era que Senior ainda estava vivo.

As boas notícias? Ele parecia um pouco menos do que da última vez que o vi.

Bruce e Shelley avançaram depois que Dallas conseguiu se soltar do aperto de Monica.

— Querida. — Shelley apertou o ombro de *Shortbread*, uma expressão sombria eclipsando seu rosto. — Ouvimos o que aconteceu no baile de debutantes. Está bem?

— Srta. Townsend. — Bruce deslizou entre eles, agarrando as mãos de Dallas em uma performance digna de um Oscar. — Se precisar discutir qualquer coisa em particular por um momento, estou à sua disposição.

O idiota queria que *Shortbread* caísse a seus pés e implorasse para salvá-la do grande lobo mau.

Previ esse comportamento de Bruce, assim como a resposta de Dallas – ela sabia que não tinha como escapar disso.

Sem casa para onde voltar. Chapel Falls só a aceitaria como minha esposa depois de nosso desastre no jardim de rosas.

Embora esperasse que Dallas calasse Bruce, não previ que ela torceria o nariz, considerando-o como se fosse um servo humilde.

— Bruce, não é mesmo? — Seus olhos se estreitaram, o pé deslizando para trás.

— Sim. — Inclinou a cabeça em falsa modéstia. — Não há necessidade de colocar uma cara corajosa, minha querida. Vi os vídeos nas redes sociais...

— Sabe o que dizem sobre as redes sociais. — *Shortbread* examinou suas unhas bem cuidadas com um beicinho condescendente. — Não passa de uma falsa realidade.

Shelley deu um passo à frente, tentando arrancar algum tipo de confissão da minha noiva. — Mas você parecia tão furiosa...

— Oh, estava. — Dallas riu, enrolando uma mecha de cabelo no dedo. Percebi que ela tinha uma constelação de sardas em forma de asa no nariz. — Mas então tive tempo para me acalmar e considerar como esse homem é completamente obcecado por mim. Veja até onde ele foi para que nos casássemos. Juro, toda vez que olha para mim, há lágrimas em seus olhos. Não consegue se conter. Seguro sua felicidade em meu punho. Quão romântico é isso?

Eu poderia beijá-la naquele momento.

Claro, ela provavelmente morderia meus lábios como vingança.

Decepcionados, Bruce e Shelley correram para o lado enquanto Senior finalmente caminhava em direção ao *Shortbread*.

Meu sangue esfriou em minhas veias. Meus músculos tensionaram.

Coloquei uma mão possessiva em sua cintura.

Dallas absorveu o bem-estar geral de meu pai, ou a falta dele. Um milhão de perguntas dançavam por trás de seus olhos cor de mel.

Esperava que Senior visse cada uma delas.

Odiava a ideia de as pessoas saberem o que havia acontecido com ele. Que seu corpo imperial havia falhado com ele, e logo murcharia em si mesmo. Foi por isso que escolheu se aposentar antes que o público em geral pudesse testemunhar o que sua doença fez com ele.

Senior capturou a mão de Dallas e levou-a aos lábios, fazendo contato visual com ela. — Romeo, ela é encantadora.

— Eu tenho olhos — informei a ele.

— Você também tem mãos, e elas parecem estar em cima dela. Relaxe. — Ele riu. — Ela não fugirá para lugar nenhum, vai?

Dallas estudou o anel humano que a rodeava, tentando ler a atmosfera. Era óbvio que animosidade corria entre os homens presentes.

Cobrindo suas apostas em um estoque seguro, enlaçou o braço de Monica e sorriu. — Adoraria ajudá-la na cozinha, mãe.

— Oh, não entro na minha cozinha desde 1998. — Acenou com a mão. — Foram todos os criados.

Dallas mostrou seu sorriso deslumbrante, mas poderia dizer que ela não gostou do uso das palavras criados por Monica.

Minha jovem noiva tinha moral? Improvável. Melhor não descobrir.

— Vamos nos sentar para jantar? — Senior sugeriu.

— Certamente, Romeo. — Bruce quase rolou e mostrou-lhe a barriga para esfregar.

Quando os quatro entraram na sala de jantar, *Shortbread* se conteve e se inclinou para mim, com a voz baixa. — Seu pai está bem? Há algo de errado com ele?

Havia muita coisa errada com Senior. A *ataxia de Friedreich*⁴⁷ passou a ser a única coisa certa nele.

Isso iria matá-lo, eventualmente. Lento demais para o meu gosto, mas, enquanto isso, gostei da progressão de seus sintomas. Cada vez lutava para andar em ataques repentinos. O cansaço. O discurso lento. A única vez que o ouvi falar, realmente.

— Ele tem uma doença hereditária rara que causa danos progressivos ao sistema nervoso. — Caminhei até a sala de jantar, recusando-me a igualar o seu volume.

Não me importava se Senior me ouvisse. Na verdade, adoraria.

Sua testa enrugou. — Hereditária? Poderia...

— Ter? Não. Requer dois genes recessivos. — Inclinei-me para ela, meus lábios roçando a concha de sua orelha. — Cuidado,

⁴⁷-É uma doença hereditária rara, neurodegenerativa, debilitante e paralisante, irreversível, também associada a cardiomiopatias, diabetes, disartria (dificuldade de articulação de sons), surdez e cegueira e que afeta pessoas com carga genética europeia.

Shortbread. Não gostaria de confundir você como alguém cuidadosa.

O jantar consistiu em Bruce e Shelley interrogando *Shortbread* sobre o baile de debutantes, Monica tentando atrair Dallas para compras na Europa e Senior indagando-a em busca de falhas óbvias.

Das quais havia muitas.

Minha noiva sentou em seu assento como um camarão cozido demais, certamente para irritar meus nervos já à flor da pele.

Poderia dizer que *Shortbread* não gostava de defender nosso relacionamento, pelo simples fato de que ele não existia. Foi forçada a mentir descaradamente por um homem que a havia arrancado de sua vida encantadora.

Quando a sobremesa foi servida, surpreendentemente, nem tocou nela.

Bruce e Shelley a interrogaram com sua milionésima pergunta sobre seu relacionamento com Madison Licht. Ela tomava goles frequentes de água, seu fogo habitual há muito apagado.

— ...apenas achei estranho que depois que Madison cantou seus elogios para metade do DMV, ambos terminaram um noivado após um breve flerte com nosso pequeno Junior...

Bruce teria perfurado o assunto até o óleo derramar se *Shortbread* não tivesse deixado escapar — Vocês me deem licença?

Meus pais compartilharam um olhar perplexo.

— Vá em frente. — Levantei-me, puxando a cadeira para ela.

Ela desapareceu mais rápido do que um top de biquíni em uma festa de primavera em Cancun.

Bruce se virou para mim. — Junior, filho, o que está fazendo com esta criança é deplorável.

— Tal qual o que está fazendo comigo — aponte.

— O que estou fazendo com você?

— Existindo.

— Romeo — Senior repreendeu falsamente. Ele adorava nossa competição por seu trono. — Pare de zombar de Bruce. Sabe que não deve desrespeitar os mais velhos.

Tomei um gole do meu conhaque. — Ele começou.

Bruce franziu a testa. — Como assim?

— Nascendo.

Nada trazia à tona minha criança interior como discutir com meu inimigo na frente de meu pai.

— Madison está dizendo às pessoas que o DOD fará uma oferta para um contrato anual. — Senior cavou em sua torta, mudando de assunto. O garfo preso entre seus dedos chacoalhou, seja por irritação ou por causa de sua doença. — Aquele em que estamos atualmente desde seu avô. Sabe, a empresa deles detém os direitos do protótipo do sistema de ondas de choque do *taser*. As minhas fontes me dizem que é um problema. Eles têm projetos de ponta que nós não temos.

Uma consequência direta de Senior confiar em engenheiros e especialistas com conhecimento datado e nenhuma experiência de

campo digna de menção. Senior não tinha apenas deixado cair a bola. Deixaria rolar até o campo do nosso inimigo.

Durante minha graduação no MIT, ele advertiu meu diploma de engenharia como um desperdício, já que a Costa Industries ostentava um exército de engenheiros, mas aqui estávamos nós. Uma década atrás, vulneráveis.

— Madison está certo. Somos sangue velho. Fracos na raiz. — Bati o copo na mesa, encarando Senior nos olhos. — Torne-me seu CEO e lhe darei uma arma de última geração. Estou falando de destruição em nível nuclear.

— Romeo. — Bruce engoliu em seco. Estava nisso pelo dinheiro. Nós dois sabíamos que o Senior precisava tomar uma decisão logo - e essa decisão seria nossa colheita ou seca. — Deveria pensar nisso. No mínimo...

— Primeiro, vamos vê-lo andando por aquele corredor, filho. — Meu pai tentou e falhou, mais uma vez, em cortar sua torta. Definitivamente sua doença. Seu garfo caiu no prato enquanto pegava sua bebida. — E depois considerarei isso seriamente.

Não sou seu filho. Não onde importa.

Esmaguei o chiclete entre os dentes.

Além de querer que a dinastia Costa continuasse, Senior também via minha reprodução como entretenimento para sua esposa. Imaginou que se me chantageasse para me casar, teria filhos, uma família, algo para manter Monica entretida e realizada.

Ela queria netos e férias de Natal cafonas e cartões de férias dignos da *Hallmark*. A família improvisada que nunca teve porque

meu pai estava muito ocupado comendo qualquer coisa na Costa Leste com uma saia para nos dar qualquer atenção real.

Monica ergueu o copo. — Romeo?

— Sim?

— Onde está Dallas?

Boa pergunta. Ela escapou da minha mente. E possivelmente das instalações.

Como havia uma chance razoável de que a resposta fosse fugir para a floresta com uma família de texugos, joguei meu guardanapo sobre o prato e me levantei. — Vou ver como ela está.

Monica tocou sua garganta. — Olhe para ele. Não vejo Rom tão envolvido com ninguém desde Morgan.

Morgan.

Nem me preocupei em verificar se *Shortbread* estava na cozinha, no jardim ou na biblioteca do Senior. Sabia exatamente onde a encontraria e subi os degraus de dois em dois.

Contornei o enorme corredor de mogno, abrindo a porta do meu quarto de infância. Com certeza, Dallas estava lá, empoleirada na beira da minha cama adolescente, folheando um velho álbum de fotos.

Morgan e eu de férias em Aspen. Morgan e eu em Nova York.

Morgan e eu nos beijando. Abraçando. Existindo em nosso próprio pequeno universo.

Ela não ergueu os olhos, mesmo quando entrei no quarto e fechei a porta atrás de mim.

— Por que não se casou com ela? — Sua voz soou distante. Em outra galáxia. — Morgan. Obviamente ainda a ama.

Por que Dallas não assumiria isso?

Meu antigo quarto era um santuário para minha ex-namorada.

Álbuns de fotografias. Imagens emolduradas. Resquícios de shows que havíamos assistido. Recordações de lugares exóticos que visitamos.

Recusei-me a jogar fora a evidência de que já fui um humano em pleno funcionamento.

O rosto de Morgan marcava cada centímetro deste quarto. Seu corpo leve de bailarina. Seu sorriso com covinhas. Era tão graciosa quanto um dia perfeito de outono. Excelência em todos os lugares, minha noiva atual ficava aquém.

Aproximando-me de minha futura esposa, peguei o álbum de suas mãos e o coloquei de volta na gaveta do criado-mudo, sua residência habitual.

Pelo que me importava, poderia queimar todas as lembranças de Morgan até o chão e depois mijar nos restos para evitar um incêndio. Havia me recuperado completamente de nosso relacionamento de cinco anos e do noivado rompido que se seguiu, mas não poderia destruir a prova de nosso relacionamento, ou os membros da minha suposta família interpretariam mal o motivo.

— Casar com ela não era uma opção.

Principalmente desde que a chutei para fora de nossa cobertura compartilhada totalmente nua no dia em que nosso

noivado acabou, e depois entrei com uma ordem de restrição contra ela quando se dirigia continuamente até minha porta, implorando por perdão.

— Ainda está apaixonado por ela, não é? — Dallas inclinou seu lindo rosto para cima, piscando com aqueles cílios escuros e curvos que a fazia parecer um animal da Disney.

A negação estava na ponta da minha língua antes que percebesse que, se eu dissesse sim, pouparia *Shortbread* do desgosto quando finalmente me livrasse dela.

Seu corpo já estava muito sintonizado com o meu.

Sob a veia rebelde havia uma jovem capaz de um grande amor. Amor que certamente não retornaria. Era melhor estabelecer que não passaríamos de uma transação comercial.

— Sim — me ouvi dizer.

Foi a primeira vez em anos que o riso real se enrolou na minha garganta. Eu. Apaixonado por Morgan. Tinha mais simpatia pelo diabo.

A garganta de Dallas balançou. Assentiu, juntando o vestido e se levantando.

— E você? — Perguntei. — Madison tem seu coração?

Isso foi o que Frankie afirmou.

Estava querendo farejar o assunto. Não porque me importasse, mas porque precisava saber se deveria monitorá-la.

Só porque eu não tinha sentimentos por ela não significava que estava receptivo a um escândalo que abalaria a D.C.

Ela parou na porta, de costas para mim.

— Seu colega de trabalho e a esposa dele estão me dando nos nervos. — Ignorou minha pergunta. — Eu gostaria de ir para casa nos próximos dez minutos.

Eu a teria empurrado sobre Madison, mas simplesmente não conseguia encontrar em mim a curiosidade.

— Liguei para Jared.

CAPÍTULO VINTE

Dallas

No mínimo, poderia ficar tranquila sabendo que a falta de civilidade de meu marido também se estendia a outras pessoas.

Jared parou na frente da mansão perto da meia-noite. Meu futuro marido desfez o cinto de segurança, com o rosto ainda enterrado na tela do telefone, lendo um artigo na *Forbes Money*.

— Jared — Romeo sibilou, tocando a maçaneta da porta. — Fique por perto. Vou para a cobertura em cerca de uma hora.

Não, por favor. Não, obrigado.

E, percebi, essa pobre desculpa para um homem, que acabara de confessar estar apaixonado por sua ex, esperava que eu fizesse sexo oral nele antes que se retirasse para seu apartamento de solteiro.

Como recompensa pelo meu bom comportamento, nada menos.

Poderia informá-lo que estava errado... ou poderia ensiná-lo que eu era mais do que um pequeno cervo inocente e assustá-lo até o casamento. Pela primeira vez na minha vida, escolhi a educação.

Caminhamos até a porta. O silêncio zumbia entre nós como uma música de fundo dramática.

Ele abriu, deixando-me entrar primeiro. — Sua postura era fraca, mas fora isso, teve um bom desempenho.

Sua versão de um elogio, imaginei. Não é de admirar que Morgan o tivesse largado. O homem era tão caloroso quanto Urano.

Fiquei em silêncio, focada em invadir meu quarto sem esfaqueá-lo. Uma vitória para mim. Ele seguiu um passo atrás.

— Na verdade. — Eu me virei, colocando a mão em seu peito.

Seus peitorais flexionados sob sua camisa Eton. Parecia levemente ciente da minha existência para variar.

— Poderia trazer um pouco de chantilly lá de baixo? — Mordi meu lábio inferior. — Sempre tive essa fantasia...

Sua expressão nublou. — Não.

— Romeo, ó, Romeo. — Cruzei meus braços sobre seus ombros, pressionando meu corpo contra o dele. Estava duro em todos os lugares. E quis dizer *em todos os lugares*. Pobre Morgan poderia ter seu coração, mas seu pênis, ao que parecia, era propriedade da comunidade. — Esse é o meu *sonho*.

Ele tirou meus braços de cima dele. — Encontre um melhor.

Colocando meus olhos brilhantes, o olhar mais puro que sempre fazia papai se curvar à minha vontade, sussurrei — É minha primeira... *experiência*.

Isso pareceu fazer o truque.

— Pode ser a última se continuar agindo como uma pirralha.
— Ele se virou, caminhando até a cozinha.

Caralho.

Ele estava fazendo isso. Mamãe estava certa. Os homens são mais básicos do que um vestidinho preto.

Corri para o meu quarto, vestindo uma camisola de lingerie rosa suave com laços de cetim cruzados em volta do meu peito.

Obrigada, Cara, por melhorar meu passeio.

Romeo apareceu alguns minutos depois, com uma lata de chantilly na mão. Foi além de cômico ver o homem mais arrogante e sério que já encontrei segurando algo tão... aleatório.

Seus olhos percorreram meu corpo. — Cara comprou isso para você?

— Sim. — Forcei um sorriso. — Gosta?

— Gostarei mais quando estiver em frangalhos no chão. — Empurrou o chantilly em minhas mãos. — De joelhos. Agora, senhorita Townsend.

— Pode... se despir primeiro? — Engoli em seco, fingindo timidez. — Nunca estive completamente nua na frente de um homem antes.

— Nudez total não será necessária para o que tenho em mente para você.

Um grito se alojou em minha garganta. Bastardo egoísta.

Seu ego precisava de seu próprio código postal, um *talk show* e um harém de agentes.

— Apenas... apenas deite na minha cama, está bem? — Falei.

— Prefiro fazer isso de pé.

— Se não me satisfaz de forma alguma, prefiro não fazer isso completamente — retruquei. Então, para esconder meu plano, suavizei minha abordagem. — Tudo o que fizemos até agora foi em seus termos. Isso é importante para mim. Preciso sentir que também tenho uma palavra a dizer.

Romeo franziu a testa, pesando minhas palavras, finalmente obedecendo. — Aproveite minha boa vontade, e garanto a você – será lembrada que não tenho isso.

Com os joelhos trêmulos, esperei até que se deitasse contra o meu colchão antes de subir nele, montando em sua cintura estreita. Ele me olhou para mim, a indiferença abrindo espaço a um brilho de desejo em seus olhos cor de névoa.

— É tudo tão novo e estranho para mim. — Lambi meus lábios, sentindo-me corar, porque isso não era realmente uma mentira. Eu me atrapalhei com os botões de sua camisa, desfazendo-os com dedos trêmulos.

— Eu disse que não vou me despir.

— Vou me despir também, prometo.

Fiquei presa em suas abotoaduras RF personalizadas. Ele assumiu, removendo-as com um rosnado impaciente.

Hesitei. — Espero não desapontá-lo.

— Embora não seja um fã de sua personalidade, pagaria um bom dinheiro para vê-la sentar e respirar — admitiu, sua voz áspera. — Tudo o que precisa fazer é estar viva para eu ficar de

pau duro, então não preocupe sua linda cabeça com baixo desempenho.

Infelizmente, essa foi a coisa mais doce que ele já me disse.

Sua camisa caiu no chão, expondo a parte superior de seu corpo esculpido. Meus dedos formigaram, implorando para correr sobre seu abdômen de obra de arte. A pele bronzeada e lisa, barriga tanquinho, peitorais perfeitos e músculos magros. As veias que corriam por seus bíceps e antebraços contavam a história de um homem que se manteve em excelente forma. Eu também estava ciente de quão facilmente poderia me esmagar com sua força se quisesse.

Lambi meus lábios, permitindo que minhas mãos percorressem seu peito até o umbigo. — Senhor — suspirei. — Você é lindo.

Ele pegou meu pulso entre os dedos quando minha mão estava na metade do caminho para suas calças.

Seus olhos perfuram os meus. — Se você se sentar na minha cara e me deixar comê-la através da sua camisola, compro para você o *Astor Opera House*.

A frase não foi totalmente registrada nos primeiros quinze segundos. Isso não parecia nada com ele. O tom possessivo. A urgência carnal em seus olhos geralmente mortos de tubarão.

— Uh... o quê?

— Comprarei para você. — Não piscou, meu pulso ainda estava preso em sua mão. — Poderá fazer o que quiser com ele. Cancelar o baile anual de debutantes. Queima-lo até o chão.

Derrube-o e construa um shopping cafona como vingança pela maneira como Chapel Falls a julgou na noite do baile. A cidade inteira saberá que seu marido lhe comprou o lugar só porque você queria.

Meus olhos queimaram, coração preso na minha garganta. O homem estava falando sério. Obviamente não estava jogando com o baralho completo, como papai disse. Não fazia sentido lembrá-lo de que *ele* era a razão de eu ser agora uma pária social.

— O Astor Opera House não está à venda — disse assim que recuperei minha voz. — Pertence ao amigo do meu pai, Paul Dunn...

— Tudo está à venda se oferecer um valor. Teste você mesma a teoria. Sente-se na minha cara, Dallas, e lhe darei qualquer coisa que desejar. Compro para você aquela fábrica de biscoitos japonesa se me deixar lambar seus sucos.

Olhei para ele com curiosidade, emoção correndo em minhas veias. Minha sexualidade exercia um poder poderoso sobre ele quando baixava a guarda. O que só aconteceu uma vez até agora.

— Mas voltaria para sua cobertura depois? Depois de nós...

— Sim. — Lembrando-se de si mesmo, soltou minha mão como se fosse fogo. — Não confunda luxúria com gostar. A luxúria é um impulso. Gostar é um sentimento. Não tenho sentimentos por você.

Coloquei minha mão sobre a braguilha de sua calça. — Então prefiro fazer as coisas do meu jeito.

Desta vez, não me atrapalhei.

Abri o zíper até o fim e me sentei sobre os joelhos enquanto ele abaixava a calça cigarette. Sua cueca preta apareceu - da Givenchy. O homem era tão rico que suspeitei que limpasse a bunda com lençóis de seda egípcios.

O contorno de seu pênis me deixou com água na boca. Por um segundo, considerei genuinamente experimentar um pouco. Era longo e grosso, a forma de sua coroa perfeita e inchada era óbvia através do tecido luxuoso.

Engraçado como todas as minhas amigas casadas me disseram que pênis eram uma visão dolorida. Achei o pênis do meu noivo muito atraente. Seu único defeito era que estava preso a um babaca.

— *Shortbread*. — Seu tom continha um aviso.

— Hum?

— Olho por olho. Tire a parte de cima antes que eu faça isso por você.

Desviando meu olhar de seu pau, desabotoei as fitas de cetim rosa, que mantiveram minha modéstia intacta. Seus olhos brilharam de desejo quando ambas as fitas caíram em seu peito.

Ele me agarrou pela cintura, me ergueu no ar e me puxou para baixo para que minha entrada pressionasse contra seu pênis vestido, arrastando-me ao longo de seu comprimento com um silvo de dor.

Minha cabeça girava com desejo estúpido e adrenalina. Hora de agir antes que me afogasse na doce tentação e lhe desse o que ele queria.

A *única* coisa que ele queria de mim.

Peguei um laço e estendi a mão para prender seu pulso contra o poste da minha cama atrás de sua cabeça.

— Quero explorá-lo primeiro. Nunca toquei em um homem antes.

Não mais amarrados pelas cordas finas, meus seios pendurados para fora da minha camisola, cheios e redondos, balançando de um lado para o outro enquanto rapidamente amarrei seu pulso na cabeceira da cama.

— Não serei amarrado.

— Oh, por favor. — Mergulhei um dos meus mamilos em sua boca, sabendo que iria pegá-lo e chupá-lo. — Provavelmente arruinarei o trabalho. Agrade-me.

Romeo estava tão concentrado em observar o pêndulo de meus seios, tentando pegar um mamilo rosado entre os dentes quando me abaixei, que me deixou amarrar seu pulso esquerdo ao poste.

— Tem a tendência de bagunçar as coisas — murmurou em volta do meu peito, lambendo-o. Tremores passaram por mim.

— Agora a outra mão.

Inclinei-me mais, meu estômago plano contra seu peito duro enquanto amarrei seu outro pulso firmemente na minha cama. Ele apertou seus lábios quentes e úmidos ao redor do meu mamilo e chupou quase todo o meu seio em sua boca. Estremeci com seu calor, minhas mãos caindo em seus ombros. A camisola estava úmida entre minhas pernas.

Eu me sentia vazia. Louca de necessidade.

Corri meus dedos por seu cabelo grosso e escuro, jogando minha cabeça para trás com um gemido. Seus dentes raspavam meu mamilo ao mesmo tempo em que sua língua girava em sua ponta. Balancei para frente e para trás contra seu pau, sabendo que deixava manchas do meu desejo em toda a sua cueca.

— As coisas que farei com você, *Shortbread*...

Meu apelido me chutou de volta à realidade. Lembrei-me de suas palavras no baile de debutante.

Arruinada por shortbread.

Endireitando meus ombros, me afastei, balançando minhas pernas e me levantando ao lado da cama.

Romeo tentou se levantar, seu abdômen magnífico se contraindo, quando compreendeu que o amarrei na minha cama com um nó triplo de cada lado. Sua cabeça caiu em meus travesseiros.

Ele arqueou uma sobrancelha escura, perfeitamente calmo e controlado. — Cuidado com o chantilly, senhorita Townsend. Detesto sujeira e bagunça e, a julgar por sua falta de jeito, sua pontaria deixa muito a desejar.

Abandonando a fachada, revirei os olhos e puxei a fita amarrada que o prendia à minha cama para garantir que ficasse no lugar. — Não é à toa que Morgan terminou com você. Como parceiro, fede pior do que o interior do boné de um adolescente.

Ele abriu a boca, prestes a dizer alguma coisa, mas lhe mostrei que realmente não me importava, virando-me e pegando o spray de chantilly do aparador.

Desfilei até ele, balançando meus quadris sedutoramente. Meus seios ainda estavam completamente expostos, mas de alguma forma, não me sentia nem um pouco constrangida.

O homem tratou minha aparência como se fosse meu defeito, me levando contra minha vontade.

Bem, agora transformei minha fraqueza em minha força.

Notei algumas cicatrizes nas laterais de sua caixa torácica. Velha e rosa contra sua pele bronzeada e bem grande. A curiosidade mordeu minha garganta, mas sabia que se perguntasse, ele arrancaria minha cabeça.

A expressão de Romeo escureceu. — Não me tente, *Shortbread*.

— Por que não? Não é como se já tivesse evitado me punir antes.

Atirei-lhe um sorriso açucarado, alcancei seu cós e o puxei para baixo de uma só vez. Seu pau saltou para fora, pesado, pulsante e ingurgitado. Essa coisa era enorme.

Ele o queria na minha boca? Dificilmente seria capaz de colocar a coisa na minha mala.

Talvez Morgan tivesse quebrado as coisas porque torceu o maxilar dela com isso. Dar as boas-vindas a uma coisa dessas em sua vagina parecia como dar à luz um pastor alemão em tamanho real.

— Ah, esqueci de mencionar. — Balancei a lata na minha mão, observando meu futuro marido tentar libertar seus pulsos, se contorcendo como um animal enjaulado. — Fui escoteira toda a minha infância. Efeito colateral de ser criada com uma menina

boazinha. Sei amarrar todos os sete nós de cor, com os olhos vendados, com a mão amarrada nas costas. Sem trocadilhos, é claro.

Pisquei. Seus olhos se estreitaram.

Ele balançou ainda mais forte, sacudindo a cama inteira. As fitas de cetim cravaram-se em sua carne, criando círculos vermelhas raivosas em sua pele.

— Por que masca chiclete o tempo todo? — Exigi, ficando a uma distância segura dele.

Sua mandíbula travou.

— Responda-me, e posso poupá-lo — menti.

— Você não vai. E mesmo que fosse, não negocio com terroristas.

— É uma obsessão.

— *Um mecanismo de enfrentamento* — corrigiu.

— Como o silêncio em sua casa. Sua ideia de paraíso é o inferno para a maioria das pessoas.

— O inferno fica com uma má reputação. Ensolarado o ano todo, muitos vizinhos interessantes e nenhuma igreja dominical.

Ele estava brigando com uma religião agora? O homem realmente ia para o *nadir do cosmos*⁴⁸.

⁴⁸-O nadir é basicamente o antizênite – o ponto diretamente abaixo do observador na esfera celeste;

Sem mais discussão, aponte o bico para seu negócio e apertei, borrifando uma nuvem espessa e fofa de chantilly em seu pau e bolas. O frio fez sua pele se arrepiar. Ele chupou em um silvo.

Romeo me olhou com assassinato em seus olhos. — Teve sua diversão. Agora me desamarre ou enfrente graves consequências.

Soltei uma risada.

— Você me chantageou para me casar, aniquilou minha reputação e arruinou meu relacionamento com meu pai. O que mais pode fazer? — Aponte o bocal para seu peito, cobrindo cada um de seus mamilos com a penugem branca e desenhando um rosto sorridente em seu abdômen. — Ah. Está *adorável*. Mal posso esperar que Hettie ou Vernon o encontrem assim.

Suas sobrancelhas subiram para a testa. — Se não me libertar agora, Dallas...

— A liberdade não é de graça, amigo. Foi você quem me ensinou essa lição. Aquele cartão de crédito que me deu será útil esta noite. — Girei, peguei um vestido que ele me comprou no chão e o vesti. — Passarei a noite em um hotel; pedirei algum serviço de quarto. Talvez sobremesa. Nem estava com apetite quando visitamos seus pais.

Aproximei-me dele e coloquei a lata em sua mão amarrada, inclinando-me para sussurrar em seu ouvido.

— *Arruinado por chantilly*. — Fiz um *tsked*, do jeito que ele tinha feito na noite em que nos conhecemos. — Como os poderosos caíram.

Houve um salto em meus passos quando caminhei até a porta, sabendo que Romeo ficaria exatamente onde o havia deixado, nu e coberto com uma gosma pegajosa, até que amanhecesse e sua equipe entrasse na sua mansão.

Antes de sair, dobrei meus joelhos em uma reverência zombeteira, imitando sua maneira grandiosa de falar, até o sotaque Potomac. — Talvez nos reencontremos no próximo século, Lorde Costa, ou no seguinte.

Ele não respondeu. *Público difícil.*

Simplesmente sabia que esse momento chegaria no meu Dia do Julgamento.

CAPÍTULO VINTE E UM

Romeo Costa:

@OllievB, ainda está interessado em tirar *banshee* das minhas
mãos?

Ollie vB:

Por que?

Romeo Costa:

Estou colocando-a no mercado.

Zach Sun:

Oh não.

O que poderia ter dado errado?

[GIF de uma pessoa saltando de paraquedas com um guarda-chuva
em vez de paraquedas]

Ollie vB:

IDK⁴⁹ se estou disposto a me casar com ela, mas estou feliz em lhe
dar uma cama para dormir até que se acalme.

⁴⁹-Sigla de "I Don't Know", "Eu não Sei".

Romeo Costa:

Estenderia esta oferta a mim?

A cobertura está passando por reformas, e de jeito nenhum
voltarei para a mansão antes do casamento.

Ollie vB:

Desculpe, mas a oferta é exclusiva para pessoas que eu gostaria de
gozar no rosto.

Zach Sun:

A imagem mental é primorosa.

Obrigado, @OllievB.

Ollie vB:

O que aconteceu?

Mostre-nos na boneca sexual onde ela tocou em você.

Romeo Costa:

@ZachSun?

Tem cinco quartos vagos.

Zach Sun:

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Desculpe, estou esperando hóspedes de Guangzhou.

Romeo Costa:

Sua família não virá até o Ano Novo.

Zach Sun:

Boa memória.

Nesse caso, não pode vir para no meu, simplesmente porque é insuportável.

Ollie vB:

Conheço uma boa rede de hotéis se estiver procurando recomendações.

Romeo Costa:

Quanta caridade da sua parte.

Ollie vB:

Vai nos contar o que aconteceu?

Romeo Costa:

Se eu contar, estragarei o chantilly para vocês por toda a eternidade.

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Zach Sun:

Sou intolerante à lactose.

Ollie vB:

E sou intolerante a limites, então nada pode me desencorajar.

Romeo Costa:

Tudo bem. Aqui vai.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Romeo

Nunca faria contato visual com Hettie novamente.

O silêncio que tomou conta do quarto de Dallas quando Hettie me encontrou às oito da manhã e me desamarrou da cama - chantilly derretido e pegajoso mal cobrindo minha ereção matinal - foi ensurdecedor.

Ela tentou afrouxar o nó manualmente, no início.

Depois, após uma luta de três minutos, bufou. — Maldição, de todas as mulheres com quem poderia ficar noivo, escolheu aquela com as habilidades de combate de James Bond?

— Confie em mim, ninguém está menos animado do que eu com as núpcias pendentes. Agora vá pegar uma tesoura e, enquanto isso, coloque o cobertor sobre minha região inferior.

Arquivo sob: uma frase que nunca pensei que diria a alguém que contratei para cozinhar meus brócolis.

— Região inferior?

— Meu pau, Hettie. Por Deus, alguém com menos de trinta anos tem um vocabulário que não foi emprestado diretamente do TikTok?

Ela tinha visto minhas cicatrizes. Eu tinha certeza disso.

Minha noiva também. Ambas tiveram o bom senso de não investigar, no entanto.

Ainda assim, não gostava que as pessoas soubessem. Não gostava que pudessem adivinhar. Não gostava do lembrete de que uma vez também fui fraco.

Minha primeira parada foi no chuveiro, onde limpei qualquer resto de açúcar e creme e soquei os ladrilhos até que pelo menos dois dos meus dedos sangrassem. Depois, vesti meu melhor terno, coloquei três chicletes na boca e peguei meu telefone, informando ao mundo que, para sua decepção, ainda estava vivo.

Nunca tinha desaparecido por mais de quatro horas consecutivas para dormir. O trabalho pensou que acidentalmente havia caído de um penhasco. Sem dúvida, os funcionários da *Costa Industries* ficaram tristes ao descobrir que eu ainda estava entre os vivos.

Minha maneira de dormir não me rendeu muitos fãs e admiradores.

Enquanto Jared me levava para o trabalho, também me informou que minha astuta noiva estava hospedada no *The Grand Millennium Regent*. Um dos hotéis de elite de von Bismarck.

Em uma suíte de quinze mil dólares por noite, é claro.

Levei menos de cinco minutos para cancelar todos os seus cartões de crédito, realocar os livros de Henry Plotkin do seu quarto para um cofre trancado no meu e limpar a cozinha e a despensa de qualquer coisa saborosa.

Não precisava dizer que o chantilly foi permanentemente banido das instalações.

Cortei também a Netflix e o pacote de TV a cabo, depois a Internet, para garantir. Minha noiva tentadora não precisava de entretenimento. Ela precisava pensar sobre o que tinha feito.

Da próxima vez que a visse, ela me prometeria o seu para sempre.

E eu aceitaria.

Só para irritá-la, porra.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Dallas

— Ainda podemos fugir. Peguei o anel de Madison. Aquele que Romeo jogou na multidão. — Frankie andava de um lado para o outro no quarto nupcial improvisado na mansão de von Bismarck, o rosto enrugado em concentração, apertando o dito anel entre os dedos. Seu vestido de seda cor de açafrão flutuava pelo chão de mármore. — Isso deve valer alguma coisa, certo?

O dia do meu casamento havia chegado.

Não via o noivo há quase três semanas. Durante aquelas semanas, mamãe e Frankie me visitaram duas vezes, mas nunca me senti tão sozinha na vida.

— Deixa para lá. — Olhei para o espelho enquanto dois maquiadores e um cabeleireiro cuidavam de mim. — É um negócio fechado.

Minha irmã nunca saberia como estava tentada a seguir seu conselho e fugir. Quase o fiz na primeira semana após a brincadeira que fiz com Romeo, mas meus amigos e parentes

começaram a enviar *RSVPs*⁵⁰, lembrando-me o quão longe no banheiro Romeo havia lavado minha reputação.

— É verdade que está grávida? — Savannah chorosa me perguntou ao telefone uma noite. — As pessoas dizem que seu pai o forçou a se casar com você depois que encontrou um teste de gravidez no lixo.

Emilie conseguiu ser um pouco mais refinada. — Seus pais me enviaram um convite. Obrigada por isso. Importa-se muito se eu faltasse ao casamento? Não estou dizendo que farei isso. Só preciso ter certeza com meus pais que isso não arruinará minha... er... reputação. Por favor, não fique brava comigo, Dal. Pelo menos vai se casar. E com Romeo Costa, nada menos. Ainda não recebi nenhuma oferta e não quero ter uma má reputação por me associar às pessoas erradas.

No final, o universo forneceu. Emilie apareceu, escoltada por seus pais de olhos de águia. Sav também estava aqui e até trouxe um acompanhante. Na verdade, ouvi dizer que do lado de fora, no jardim do século XIX de Oliver von Bismarck, mais de oitocentos convidados se misturavam, a família Licht entre eles. Meus pais os convidaram, oferecendo a cortesia de salvar a cara e provar que não havia animosidade. Nenhum escândalo entre as duas famílias.

Madison estava aqui.

O pensamento me fez querer rastejar sob a penteadeira e me esconder. Eu me senti tão arrependida e culpada pelo que fiz. O

⁵⁰-Répondez s'il vous plaît, é uma frase francesa que se traduz para "por favor, responda". É com este significado que os convites e documentos similares são freqüentemente marcados com "RSVP". É prática comum responder a um pedido de RSVP, seja confirmando o comparecimento ou recusando.

que causou essa reação em cadeia que deixou a vida de todos fora de controle?

— Dal! Oh, Dal, o bolo! — Mamãe invadiu a suíte nupcial, também conhecida como décimo segundo quarto de hóspedes de Oliver, abanando-se. Caiu contra a porta, seus dedos tremendo sobre sua clavícula. — É um bolo de oito andares. Tudo branco. O formato do seu vestido, com rosas comestíveis realistas e caligrafia personalizada.

Mamãe ficou emocionada.

Frankie e eu a protegemos da amarga verdade sobre meu casamento. Passei a última semana falando sobre Romeo. O que mais eu poderia fazer?

Frankie disse que havia parado de comer e de falar com meu pai para tentar me trazer de volta para casa. Não importa o quanto odiasse papai, ainda não suportava ver mamãe arrasada.

— Oh meu Deus. — Forcei um sorriso. — Pena, provavelmente devorarei isso antes que alguém tire uma foto.

— É hora do show, senhoras. — A organizadora de casamentos abriu a porta com um chute, suando baldes sob sua roupa de grife. Usava um fone de ouvido com um microfone pairando na frente de seus lábios. — O noivo já está esperando - e parecendo delicioso fazendo isso, devo acrescentar. Todos os convidados estão sentados. É hora.

Frankie me lançou um olhar desesperado. *É agora ou nunca*, dizia.

E embora não pudesse me imaginar encontrando a felicidade com meu belo e cruel noivo, também não poderia voltar para Chapel Falls como uma mulher danificada e arriscar o futuro de Frankie.

Além disso, que tipo de futuro me esperava? Ninguém mais me queria. Pelo menos com Romeo Costa, tinha segurança financeira, um teto sobre minha cabeça e um futuro com filhos pela frente.

— Venha, meu amor. — Mamãe enxotou os cabeleireiros e maquiadores, me puxando para cima. Seu sorriso morreu assim que nossos dedos se tocaram. — Suas mãos estão geladas.

Engoli. — São apenas os nervos.

— Tem certeza? — Olhou para o meu rosto. — Você me diria se estivesse infeliz, certo, *Pickle*?

Quase desmaiei ao ouvir meu apelido de infância. Não havia nada que eu quisesse mais do que voltar para casa. Desfazer meu erro de um mês atrás.

— Está tudo perfeito, mamãe. Sou a garota mais sortuda do mundo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Dallas

Como todas as mentiras, meu casamento foi lindo demais, bem ensaiado e, acima de tudo, sem alma.

Meu vestido simbolizava a realeza. Mangas longas de renda com decote em V profundo, corpete de cetim liso e cauda redonda que cobria toda a grande escadaria da mansão von Bismarck.

Três revistas de moda vieram tirar fotos. Os lucros foram para caridade - o Exército de *Friedreich*. Ideia de Romeo.

Assim como com todo o resto, não tinha voz.

Os tabloides e as notícias locais informaram que só o arranjo de flores custou mais de 120 mil. Não duvidei.

Meus pais não pouparam nenhum centavo no luxuoso evento. Mamãe mencionou antes que havíamos ultrapassado a marca do orçamento de um milhão de dólares.

A recepção - a ser realizada no segundo jardim botânico de Oliver - incluiu coquetéis exclusivos estampados com as siglas R&D de nossos nomes, canapés feitos no local por chefs italianos com estrelas *Michelin* e brindes de guloseimas de cinco dígitos projetadas para fazer bocas salivarem.

Eu murchava dentro da roupa pesada, nadando no tecido que se enterrava em minhas costelas. Não comia nada substancial há semanas. Não desde que Romeo limpou a casa de qualquer coisa comestível.

Hettie me deu burritos e pãezinhos para o café da manhã debaixo da roupa, para que as câmeras não a flagrassem desafiando a ordem de Romeo. Caso contrário, tudo o que a casa tinha a oferecer era couve, peito de frango, aveia e miséria.

Quando cheguei à beira do corredor, parei. Uma tela de orquídeas brancas penduradas me ocultava. Logo, caminharia pelo corredor e cairia nos braços de um Deus da Guerra e me tornaria uma Costa.

Papai se materializou ao meu lado, entrelaçando seu braço no meu. Tentou fazer contato visual enquanto estávamos no longo tapete branco que cobria o quintal de cinco acres de Oliver. Mantive meus olhos fixos nas orquídeas, meus molares pressionados.

— Por favor, Dallas, não vê que estou arrasado?

Ele realmente fez isso sobre si mesmo?

— Como deveria estar.

Agarrei meu buquê de rosas brancas. Os espinhos se cravaram em minha carne.

Papai abriu a boca. Felizmente, a música o interrompeu.

Com mamãe e Monica encarregadas da maior parte do planejamento - citei dores de cabeça e náuseas o mês todo - não

fazia ideia de qual música haviam escolhido. *Ave Verum Corpus* de Mozart.

Quão adequado. Sempre o associei a uma carnificina violenta no cinema, à la *O Casamento Vermelho*.

Até *aquela* casamento foi melhor que o meu.

Não sei como consegui colocar um pé na frente do outro, mas consegui. Em algum momento, papai e eu passamos pela cortina de orquídeas e ficamos totalmente à vista.

Suspiros e sussurros abafados se espalharam pelo corredor. Os flashes piscantes da câmera lambiam minha pele.

Minhas damas de honra, Frankie e Sav, carregaram minha cauda enquanto seis floristas da minha igreja local seguiam atrás, jogando pétalas de rosas brancas nos convidados.

Olhei para baixo e evitei contato visual com os convidados, que se levantaram, aplaudindo e comemorando.

Perguntei-me se Morgan estava aqui. Em algum lugar na multidão. Bebendo champanhe, entretida com o quão tola eu parecia, me casando com um homem que ainda a adorava em seu altar. Na verdade, me perguntei se Romeo a tinha visto entre o baile de debutante e agora.

O pensamento me deixou enjoada. Não porque gostasse dele, mas porque me recusei a ser feita de idiota ainda mais do que já era.

Cheguei ao altar. O homem que eu havia deixado acorrentado à minha cama, coberto de chantilly, estava diante de mim. Poderoso, imponente e maior que a vida.

A imagem me enviou risadas repentinas e incontrolláveis. Senti meu pescoço corar. Então olhei para cima, e o riso morreu na minha garganta.

Quase tinha esquecido como Romeo Costa era glorioso. *Quase.*

Ele usava um smoking elegante. Seu cabelo - mais curto do que lembrava, aparado com perfeição - estava penteado para trás. Seus olhos cinzentos - geralmente flertando com a cor azul - pareciam quase prata metálica. Seu rosto era neutro e vazio como uma pintura pouco inspiradora em uma sala de espera.

Quando papai se afastou e me posicionei na sua frente, Romeo me surpreendeu ao se inclinar para frente, pressionando os lábios no meu queixo.

Só que ele não estava beijando minha bochecha. Isso foi apenas um show para os nossos convidados.

Na verdade, Romeo sussurrou em meu ouvido — Faça qualquer truque e lhe garanto que sua reputação não será a única coisa que destruirei.

Meu cérebro entrou em curto-circuito para uma resposta. Piscando, reconheci o oficial do casamento como um padre local de Chapel Falls.

Padre Redd deu início à cerimônia.

Quando chegou a minha vez de ler o livro de votos, fiz um discurso de casamento tão clichê e tão insincero que tive certeza de que meu futuro marido queria vomitar com a cafonice. Romeo passou a sua parte. Atrás dele, Oliver e Zach estavam em smokings de grife.

Zach irradiava impaciência, olhando rapidamente para o relógio sem levantar o pulso.

Apesar de seu charme e maneiras adoráveis, algo sombrio espreitava sob sua superfície. Algo apenas retraído o suficiente para sugerir que ele não mostrou suas verdadeiras cores para o mundo.

Enquanto isso, Oliver - um livro aberto cheio de anotações coloridas - olhou diretamente para minhas damas de honra. Se ele achava que Frankie era um jogo justo, tinha notícias para ele, que eu destruiria junto com suas bolas.

Padre Redd virou uma página de seu manual de oficiante. — Você, Romeo Niccolò Costa, aceita esta mulher para ser sua esposa, para viverem juntos em santo matrimônio, para amá-la, honrá-la, confortá-la e mantê-la na doença e na saúde, abandonando a todas as outras, enquanto vocês dois viverem?

Romeo entrelaçou seus dedos nos meus. Estavam frios e pareciam barro. — Aceito.

Um sorriso encantador cortou seu rosto, deslumbrando o público. Parecia completamente *photoshopado*.

— E você, Dallas Maryanne Townsend, aceita este homem para ser seu marido, para viverem juntos em sagrado matrimônio, para amá-lo, honrá-lo, confortá-lo e mantê-lo na saúde e na doença, abandonando a todos os outros, enquanto vocês dois viverem?

Amá-lo e confortá-lo? Ele teve sorte de não deixar o local em uma ambulância. Meu novo sonho era contribuir para suas cicatrizes corporais com minha própria arte.

— Hum.

Padre Redd pigarreou, rindo. — Tomarei isso como um sim?

— Aceito. — Cuspi as palavras.

— Pode beijar a noiva.

Não sabia o que esperar. Talvez um beijo digno para selar o acordo, mas Romeo Costa era cheio de surpresas.

Em vez disso, deu um passo à frente, envolveu minha cintura com seu braço forte e me puxou para ele. Com uma possessividade de gelar o sangue, segurou a frente da minha garganta, mergulhou meu corpo e bateu sua boca na minha, exercendo força punitiva.

O gesto declarou uma coisa - *minha*.

Ao fundo, as pessoas enlouqueciam, torcendo e assobiando. Risos, música e vozes femininas delirando sobre o beijo icônico encheram o local.

— ...tão épico quanto seu pedido de casamento...

— ...nunca vi um homem tão louco de amor...

— ...deveria ser um filme...

Estava mole em seus braços, mesmo quando sua língua saiu e abriu meus lábios, lambendo com confiança, brincando e explorando o interior da minha boca. Este foi um beijo de declaração.

Um beijo destinado a informar ao mundo que agora eu era sua propriedade.

Invasores serão alvejados, ou pior.

Prendi a respiração, ignorei o calor deslizando pela minha espinha que exigia que o beijasse de volta e esperei que se afastasse. Eu me recusei a ceder e participar desse desastre.

— Sua submissão é mais doce que chantilly, *Sra. Costa*. — Recuou, arrastando o nariz ao longo da ponte do meu. — Como é a vida longe da civilização? Já aprendeu a fazer fogo com pedras?

Minha resposta veio na forma de afundar meus dentes em seu lábio inferior até que o gosto de cobre enchesse minha boca e encontrasse a resistência de músculos e carne. Usou as costas da mão para limpar o sangue, sorrindo.

— Aí está ela. Estava começando a me preocupar que perdeu os dentes.

— Gosta dos meus dentes? — Fingi embalar sua cabeça, olhando-o com falsa adoração. — Bom, porque está prestes a encontrar minhas garras.

Então, porque queria muito machucá-lo de volta, puxei o anel de Madison, que Frankie havia me dado antes, torcendo-o entre meus dedos.

— Talvez precise de câmeras melhores, *marido*. Fiquei quente e incomodada enquanto estava desaparecido, mas o fogo não veio das pedras.

Estava realmente aludindo ter um caso com Madison? Era imprudente, perigoso, mas extremamente satisfatório.

A expressão no rosto de Romeo, de um homem prestes a começar uma guerra, me encheu de adrenalina.

Recusando-me a lhe mostrar como estava miserável nas últimas semanas, sorrio. — Aproveite nosso casamento.

A organizadora do casamento conduziu os convidados para a área de recepção.

A mansão de Oliver von Bismarck ostentava um salão de baile completo. Juro, a sua casa fazia o *Shangri-La* parecer um saguão do Motel 6.

Mesas redondas envoltas em rendas brancas cercavam a área de dança. Centrais de candelabros antigos adornavam cada um. Lustres rústicos, luminárias douradas e dezenas de flores diferentes - todas em branco - enfeitavam a sala.

Desejei que esse evento não simbolizasse minha morte, para poder apreciar o lugar em todo o seu esplendor.

Assim que me desgrudei de Romeo, Frankie apareceu ao meu lado, agarrando meu braço e me ancorando em segurança. Ela era tão linda, meus olhos formigaram. É melhor ela encontrar um bom par. Um amor verdadeiro depois do sacrifício que fiz por ela.

— Sei que o odiamos e, em um segundo, voltarei a esfaqueá-lo com meus olhos, mas pensei que talvez se consolasse ao ouvir que o beijo de Romeo umedeceu todas as calcinhas da Costa Leste.

— Não a minha — menti. — Além disso, há uma tonelada de caras gostosos neste mundo.

— Dizer que seu marido é gostoso é como dizer que o Monte Everest é montanhoso. O desgraçado é escaldante. Não sei como toca nele sem ficar com bolhas.

Não tive coragem de lhe dizer que Romeo havia roubado todos os meus livros de Henry Plotkin. Eu também não queria que ela o esfaqueasse com um dos pingentes de gelo decorativos que mantinham geladas as garrafas vintage de champanhe.

Mamãe e papai se juntaram a nós. Juntos, passamos por cada mesa do nosso lado e agradecemos as pessoas por nos agraciar com sua presença.

Presumivelmente, Romeo fez o mesmo com sua família, embora verifiquei mentalmente, tentando esquecer que estava no mesmo lugar que eu. Quase funcionou.

Eu tinha acabado de começar a respirar direito - até mesmo a dormência em meus dedos havia passado - quando papai me arrastou para a mesa dos Licht.

Como seu melhor amigo de Georgetown, o Sr. Licht apareceu apesar da rixa com os Costas. Não perderia a oportunidade de provar que não foi afetado pelo fiasco público.

— Dallas, parabéns, minha querida. Está deslumbrante. — A Sra. Licht deu tapinhas nos cantos da boca com um guardanapo, embora não tivesse tocado em nada da comida deliciosa à sua frente.

Balancei a cabeça, rígida. Meu olhar fixo no chão. Não conseguia olhar Madison nos olhos. Madison, que me deixou escolher meu anel de noivado. Que uma vez me prometeu que eu

poderia transformar um quarto em seu condomínio em minha própria biblioteca.

— Dallas. — Sua voz era imparcial, sem um traço de raiva nela. Queria desmaiar. Mesmo depois que seu aqui-inimigo me sujou, ele ainda tinha bondade nele. — Olhe para mim, por favor. Não posso... — jogou o guardanapo no prato, levantando-se. — Não suporto que pense que estou com raiva de você. Não estávamos realmente juntos. Eu entendo.

Arrastei meu olhar do chão. Madison parecia tão familiar. Com seu cabelo loiro americano e olhos castanhos com bordas verdes nas bordas.

Embora não sentisse nada romântico por ele, sempre presumi que os sentimentos viriam. Que o conforto se transformaria em felicidade.

— Dallas. — Colocou a mão no meu antebraço. — Oh, Dal, por favor. Venha comigo. — Capturou minha mão. — Vamos lavar seu rosto.

Deixei que ele me levasse para fora do salão. Foi igualmente doce e perturbador da sua parte presumir que deixaria a água tocar meu rosto depois de me maquiar por três horas consecutivas.

— Não quero lavar o rosto.

Ele parou e se virou para mim, sua mão ainda entrelaçada com a minha. — Está bem. Sabe o quê? Deixe-me pegar um prato de sobremesas. Isso sempre levanta seu humor. Encontre-me lá atrás.

Eu me senti confortável saindo furtivamente do meu casamento para o pátio dos fundos do salão de baile e sentando no corrimão. Afinal, não poderia dar a mínima se alguém me descobrisse com Madison. O pátio dava para um pequeno lago. Cisnes e patos deslizavam sobre a água glacial.

Madison apareceu com um prato cheio de *macarons* rosa e coral, *éclairs* de chocolate branco e tortas de frutas salpicadas de ouro. As sobremesas pareciam bonitas demais para serem comidas. Mesmo assim, enfiei um *macaron* goela abaixo, mal sentindo o gosto.

Madison sentou ao meu lado. — Melhor?

Balancei a cabeça, olhando para as intermináveis colinas verdes e jardins que circundavam a propriedade de von Bismarck. — Sinto muito, Mad...

— Por favor, chega disso. — Deu um tapinha no meu joelho, sorrindo. — Você e eu sabemos que realmente não me traiu. Sempre fomos um acordo. Não se sobrecarregue com culpa injustificada. Fiquei desapontado? Sim. Gostei de você. *Ainda* gosto, Dal, mas você escolheu quem escolheu e eu aceito isso.

Querendo muito apaziguá-lo e também me livrar do peso da verdade, deixei escapar — Mas não o escolhi. Era para ser um beijinho antes de me casar com você. Tudo virou uma bola de neve e agora estou presa com... com... essa *fera*.

Era bom ser infantil e autêntica. Com Madison, meu amigo de infância, me senti livre para ser uma versão de mim mesma que seria expulsa dos corredores da sociedade educada e madura.

Madison parecia que o céu havia caído diretamente sobre sua cabeça. — Está me dizendo que não queria se casar com Costa?

— Não. — Joguei minhas mãos para cima. — Papai me forçou depois que nos pegou. Romeo planejou tudo isso. Ele armou para mim.

Enquanto explicava a cadeia de eventos para Madison, sabia em meu coração que não estava brincando com fogo, mas sim com uma caixa de dinamite completa, mas a tentação foi demais. Se existisse a menor chance de Madison me libertar desse acordo, queria aproveitá-la.

Levei três minutos para explicar tudo.

Depois que o fiz, ele juntou minhas mãos nas suas e me encarou. — Tem certeza de que não quer continuar casada com ele?

Eu nem precisava pensar sobre isso.

— Confiante — disse com convicção. — Se houver uma saída pela qual minha reputação possa sobreviver, a usarei.

Madison mordeu o lábio. — Não posso prometer nada, mas acho que há uma maneira de derrubá-lo.

Derrubá-lo?

Tudo parecia tão *Riverdale*⁵¹.

Tempos de desespero exigiam medidas desesperadas. Fiz uma nota mental para desistir do plano de Madison se ele formasse um círculo vermelho.

⁵¹-Série estadunidense de drama.

— Quando vai me avisar? Cada minuto passado em sua casa é uma tortura.

Especialmente desde que ele confiscou os carboidratos.

Madison suspirou, enfiando os dedos no cabelo. — Sinto muito por ter se metido nessa confusão, Dal. Confie em mim, nunca pensei que alguém pudesse ser tão rancoroso a ponto de persegui-la assim.

— Poderia me ligar quando...

— Vamos do início, fique de olho nele para mim, está bem? — Foi direto ao assunto. — Tenho certeza que ele está monitorando seus dispositivos, então não me envie nada sensível em mensagens de texto. É só ligar que nos encontraremos. Qualquer coisa que tenha para mim que cheire a peixe. Seja relacionado a negócios ou em relação à sua vida pessoal.

Ele estava... me recrutando para derrubar Romeo?

Lutei para imaginar meu marido sendo pego em flagrante fazendo algo ruim. Ele era mais sofisticado do que isso. Na verdade, sempre estava estupidamente no controle. Mesmo quando apresentou o rosto de Scott, o copiloto, ao chão do avião, parecia calmo e controlado.

Retirando minhas mãos das de Madison, peguei uma torta de frutas e mordisquei. — E se não encontrar nada? Ele não é exatamente um livro aberto.

Madison fingiu parecer atormentado. Ele realmente não era um bom ator. Já tinha visto produções adultas melhores nas festas do pijama de Sav.

— Bem... quero dizer, dependendo de quão forte quer pegar o filho da puta, pode sempre... *fabricar* um problema. — Roeu a unha do polegar, um velho hábito que sempre achei desagradável. — Sabe, traga à tona a maneira horrível como ele trata você. Qualquer coisa que possa manchar sua reputação. Isso é importante, Dal. Se quer Romeo Costa fora de sua vida, fora de *nossas* vidas...

— Ora, ora, vocês dois não parecem adoráveis juntos. — Palmas lentas e sarcásticas seguiram a voz aguda. — A Bela e o Fermento.

Madison *parecia* um pouco com massa de pão.

Lá estava meu novo marido, girando uísque em um copo alto, seus passos longos e confiantes.

Ele tirou o blazer em algum momento durante o evento. As mangas de sua camisa estavam enroladas até os cotovelos, expondo antebraços bronzeados e musculosos. Seu cabelo parecia ligeiramente despenteado. Talvez Morgan tivesse bagunçado enquanto desapareciam juntos em um dos vinte e três quartos de hóspedes para uma rapidinha.

Meu coração começou a bater fora de sintonia depois que me lembrei que, quando nos separamos pela última vez, tinha mostrado o anel de noivado de Madison. O mesmo permaneceu sentado ao meu lado.

Pior, colocou a mão sobre meu joelho, nivelando Romeo com um olhar implacável. — Estou de olho em você, Costa.

— Seus olhos não são da minha conta. Seu braço, no entanto, é outra questão. Se você ainda o quer preso ao resto do seu corpo, sugiro que o remova do colo de minha esposa.

— Sua *esposa*. — Madison bufou. Ainda assim, obedeceu, colocando as mãos entre as pernas. — Tudo o que ela é para você é uma forma de se vingar de mim por fortalecer nossos laços com o DOD e apresentar um pacote de defesa impecável que é muito difícil de abandonar e vinte por cento mais barato do que o que a Costa Industries oferece.

— Primeiro, sugiro que use pontuação. Essa foi uma frase longa. — Romeo piscou, como se Madison tivesse falado em outro idioma. — Segundo, não tinha terminado.

— É mesmo?

Romeo cuspiu seu chiclete. Foi a primeira vez que o vi se separar voluntariamente da coisa. — Considere este meu primeiro, último e final aviso. Cada vez que chegar perto da minha esposa, quebrarei um osso diferente seu. Estou pensando em começar pelo fêmur, mas sujeito a alterações.

Madison levantou. Um rubor serpenteou por seu pescoço. — Tem coragem. Depois de tudo que você fez a mim e a Dallas...

Roubando o assento de Madison, Romeo tirou um fiapo da manga de sua camisa. — Por favor. No ano passado, não houve um evento em que ambos participamos em que você não terminasse a noite dentro de uma loira de pernas compridas que cobra por hora.

A mandíbula de Madison se apertou. Ele a moveu para frente e para trás. — Dallas e eu tínhamos um acordo.

Embora tal acordo não existisse, não vacilei.

— Interessante. — Romeo passou um braço por cima do meu ombro, os nós dos dedos acariciando o lado da minha garganta, fazendo minha carne esquentar e formigar. — Diga-me, Sra. Costa, faremos o mesmo arranjo? Posso ter amantes e desfilar com elas pela cidade como cavalos premiados?

Prefiro morrer a lhe dar permissão para trepar com mais alguém. Só porque eu não queria que ele se divertisse.

— Não. — Fiz uma careta. — Você não merece um passe livre.

— Acho que terei que me contentar com você, então, esposa. — Voltou sua atenção para Madison. — Vou te dar uma coisa, Licht. Não exagerou no que diz respeito à aparência dela. Ela é arrebatadora. — Romeo torceu o rosto para mim, arrastando seus lábios quentes pelo meu queixo. — Quem poderia imaginar que ela é tão deliciosa quanto espirituosa? Minha esposa me disse que já te satisfez.

Estremeci dentro do meu vestido de noiva de grife, tanto de raiva quanto de excitação. Minhas pálpebras caíram, e engoli em seco.

— Não. — A resposta de Madison cheirava a ressentimento e frustração. — Eu não.

— Ah. Agora me lembro. — Romeo estalou os dedos, uma risada oca escapou de sua garganta. — Ela se guardou para você, não foi? Sorte minha.

Madison assistiu enquanto Romeo raspava os dentes ao longo da minha mandíbula, fazendo meus mamilos se contraírem contra meu espartilho.

— Pode ir embora, Licht. — Romeo usou sua mão livre para acenar para ele. — Coloquei meu ponto a vista. — Pegou meu queixo, inalando meu pescoço enquanto enterrava o rosto na curva. Se ao menos tivesse forças para detê-lo, mas era bom demais. — Diga-me, *Shortbread*, terei que destruir todas as ruínas que restam da vida do pobre Madison Licht para garantir que ele mantenha as mãos longe da minha esposa?

— Eu gosto dele.

Ele agarrou minha nuca, inclinando meu corpo para baixo, então parei no ar entre o corrimão e as roseiras espinhosas abaixo. A única coisa que me impedia de cair direto na boca de um mar impiedoso de espinhos era sua gentileza, e ambos sabíamos que ele mal conhecia a palavra, muito menos a noção.

Respirando fundo, meus olhos se abriram. O rosto de Romeo pairava a menos de um centímetro do meu.

Madison voltou para o salão de baile algum tempo depois da ameaça de Romeo de colocá-lo em uma cadeira de rodas.

— Deixe-me esclarecer uma coisa, Dallas *Costa*. Você pertence a mim agora. Escritura feita, contingência levantada, negócio totalmente pago. Se eu pegar Madison colocando um dedo em você de novo, esse dedo será quebrado. Se ele beijá-la, corto os seus lábios. Se ele fodê-la... — não precisou terminar a frase. O gosto amargo da bÍlis atingiu o fundo da minha garganta. Romeo

mostrou os dentes. — Mas eu confio que se comportará. Até a sua estupidez tem limites.

— E você? Suponho que esteja livre para correr por aí, me traindo com Morgan a torto e a direito.

— Contanto que cumpra seus deveres como esposa... — Seu domínio sobre mim se afrouxou. Podia me sentir quase caindo. Queria muito agarrar sua camisa, mas me recusei a lhe mostrar minha vulnerabilidade. — Não terá que se preocupar com mais ninguém.

Forçando meus músculos a relaxar, respirei fundo. Pairava a um centímetro de cair. Ele me inclinou baixo até o corrimão, então a maior parte do meu corpo balançou no ar.

Sorrindo em meio à dor, cuspi em seu rosto — Preocupação? Entregaria você direto na sua porta como um presente de Natal, se tivesse a chance.

— Quão tola pode ser? — Seu rosto estava no meu, a pergunta feita com curiosidade genuína. — Qualquer garota com meio cérebro cairia de joelhos tentando me apaziguar.

— Eu tenho um cérebro inteiro, e cada célula nele lembra o quanto te odeio.

— Madison não te ama. — Acariciou as bordas da minha mandíbula. — A única razão pela qual deu a você a hora do dia hoje foi porque ele quer que você conspire contra mim.

— Eu sei. — Sorrio para ele com uma dose letal de veneno. — E estou *interessada*.

Pude sentir isso. O momento em que seus dedos coçaram para me deixar cair.

Foi apenas por um milagre que ele nos puxou do corrimão, nos colocando de pé. Eu ofegava forte. O orvalho frio adornava minha testa e meus braços.

Tropeçando o mais longe dele que pude, certifiquei-me de que nunca saísse da minha linha de visão. Não confiava nele. O rosto de Romeo voltou à sua indiferença principesca normal.

— A boa notícia é que teremos muito tempo para discutir seus planos de me arruinar no avião.

Uma carranca tocou meus lábios. — Que avião?

— Por que, *Shortbread*, achou que eu não iria levá-la em uma lua de mel? — Fingiu surpresa. — De que outra forma nossa união pareceria crível?

Meu rosto caiu. Recuei. — Isso é extremamente desnecessário.

Ele deu um passo à frente, apagando a distância entre nós novamente. — Como sempre, estamos em desacordo. É preciso comemorar sua mudança de status. Especialmente quando toda a realeza de D.C. está observando de perto.

Dei outro passo para trás. — Podemos fazer algo local. Passar um fim de semana em Nova York e depois nos dividir em hotéis diferentes.

Ele avançou, um predador se concentrando em sua próxima refeição. — Se eu tivesse pensado que poderíamos nos safar, teria me livrado de você de bom grado em casa e seguiria meu caminho feliz. No entanto, você, minha querida esposa, passou todos os

momentos acordados desde o dia em que nos conhecemos tentando se livrar de mim, em voz alta e publicamente. Portanto, embarcaremos em meu avião para Paris para um fim de semana prolongado em duas horas, por isso, entre e diga adeus.

Fiquei boquiaberta. Ele não podia estar falando sério. Nem passei um tempo com Frankie, mamãe e Sav.

Esqueça isso. Ainda havia um bolo de seis quilos com o meu nome. *Literalmente.*

Finalmente, não havia mais espaço para eu recuar. Minhas costas bateram contra o vidro da porta do pátio. — Mas... não tenho uma mala. E... e... roupas.

— Cara embalou tudo o que precisa. — Ele me prendeu contra o vidro, os braços segurando minha cabeça, os dedos manchando o vidro. — Exceto chantilly.

— Ela não me conhece.

— Odeio ter que dizer isso a você, mas há mais mistério no conteúdo de um cachorro-quente do que no conteúdo dessa sua cabecinha.

— E o meu passaporte?

— Sua mãe me deu antes da cerimônia.

Que raio.

Ela provavelmente pensou que tinha me feito um favor.

— Preciso descansar. As últimas semanas foram tão estressantes...

— Nossas mães fizeram todo o trabalho. Você tem descansado toda a sua vida. Esta viagem está acontecendo, quer queira ou não. Agora vá se despedir.

— Odeio você. — Tentei pisar em seu pé, mas ele foi mais rápido, recuando.

— Que pena. — Inclinou-se para frente, os lábios deslizando sobre os meus. — Veja, não odeio você nem um pouco. Na verdade, é o meu principal entretenimento. Como uma dúzia de palhaços de circo saindo de um carro minúsculo. É um ato aéreo, Dallas. Quando consegue, fico impressionado. Quando falha - me divirto, mas nunca, nunca me importo o suficiente para odiá-la. Isso exigiria que fosse minha igual.

Sua boca estava na minha agora, tocando, mas ainda não beijando.

Meu coração martelava nas minhas costelas, ameaçando rasgar meu peito, pular entre nós e respingar em sua camisa imaculada como a neve, com sangue e tudo.

Meus olhos se fecharam por conta própria. Meus lábios se prepararam para encontrar seu calor quase familiar, mas em vez de ser envolta mais uma vez em seu domínio viciante, uma brisa de ar fresco bateu no meu rosto.

Abri os olhos e encontrei Romeo a dois passos de distância, olhando com desdém para mim.

— Tão ingênua. — *Estalou.* — Você será espetacularmente divertida de quebrar.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Ollie vB:

A noiva parecia requintada.

Romeo Costa:

Jogue água sanitária em seus globos oculares imediatamente.

Ela não era sua para olhar.

Ollie vB:

Sua irmã também.

Romeo Costa:

Chave de cadeia.

Ollie vB:

Vamos Rom.

Ambos sabemos que sou muito rico para ver uma cela de prisão por dentro.

Zach Sun:

Alguém pode remover o fantasma de David Bowie do chat?

Romeo Costa removeu Ollie vB do chat.

Zach Sun:

Por que sempre sinto que preciso de um longo e escaldante banho depois de falar com Ollie?

Romeo Costa:

Porque ele é assédio sexual embalado em um terno Tom Ford?

Zach Sun:

Denver está animada com Paris?

Romeo Costa:

Já conheci gatos mais entusiasmados com seus banhos.

Zach Sun:

Já pensou em tentar se dar bem com ela?

Romeo Costa:

Nem uma vez.

Zach Sun:

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Existe uma versão longa para esta resposta?

Romeo Costa:

Acho que aquele navio partiu no dia em que a arrastei pela orelha para um estado que não conhecia, para morar em uma casa de que não gosta e se casar com um homem que ela odeia ativamente.

Ollie vB entrou no chat.

Romeo Costa:

Como isso aconteceu?

Ollie vB:

Tenho um engenheiro de software contratado.

@ZachSun me apresentou alguns meses atrás, quando tive que lidar com uma crise de foto de pau.

Zach Sun:

Uma crise apropriadamente intitulada *Mobi Dick*⁵².

Romeo Costa:

CONTRATADO?

⁵²-Analogia com o nome do filme Moby Dick, ou A baleia;

Ollie vB:

@ZachSun, seu talento como redator é lamentavelmente desperdiçado.

Romeo Costa:

Repito: CONTRATADO?

Ollie vB:

Ficaria surpreso com a frequência com que me meto em maus lençóis com parte do conteúdo que compartilho.

Romeo Costa:

Algo me diz que não ficaria nem um pouco surpreso.

Ollie vB:

Então, a pequena Townsend está comprometida?

Romeo Costa:

PEQUENA TOWNSEND AINDA ESTÁ NA PORRA DA FACULDADE.

Ollie vB:

Odeio dizer isso, Costa, mas você sempre foi um puritano. Certo, Zack?

Zach Sun saiu do chat.

Romeo Costa saiu do chat.

Ollie vB:

Tão dramático.

Aposto meu quinto iate que a garota tem dezoito anos.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Romeo

Dallas Townsend me lembrou uma fênix, renascendo das cinzas de suas más decisões. Uma inspiração para as massas ociosas.

No episódio desta noite, *Shortbread* bebeu até o estupor.

Desde que dei a trágica notícia de nossa luxuosa lua de mel iminente, ela bebeu champanhe, murmurando seus agradecimentos aos nossos convidados enquanto ziguezagueava pela sala.

Além de sua aparência agradável, conhecia móveis de escritório mais adoráveis para passar o tempo.

Não ajudou que ela nos envergonhasse ao canalizar sua designada tia bêbada interna em um jantar de Natal, balbuciando alto o suficiente para ser ouvida do Polo Sul.

Sua família não interferiu no espetáculo. Shep conduzia os negócios, enquanto Natasha dedicava todos os seus esforços para encontrar um par adequado para a outra ameaça que ela havia gerado.

E Franklin...

Franklin sabia exatamente o quão bêbada Dallas estava. Ela deixou acontecer, ciente de que eu era alérgico a escândalos públicos.

O fato de eu ter conseguido colocar *Shortbread* em meu jato particular sem perder um olho foi nada menos que um milagre.

Estávamos a caminho de Paris, e o nível de empolgação estava em algum lugar entre uma maratona de cálculo de três dias e um funeral.

— Acho que vou vomitar — Dallas anunciou, segurando seu estômago, ainda em seu vestido de noiva.

Seu rosto estava extraordinariamente verde para alguém que não era o *Grinch*.

— Chocante. — Virei a página do meu jornal.

Ela gemeu, jogando a cabeça para trás no encosto de cabeça. — Tenho certeza que estou prestes a vomitar neste vestido.

Parecia que ela sofria de envenenamento por álcool. Justamente quando pensei que escolher pilotos nada atraentes, de sessenta e poucos anos, garantiria uma viagem sem eventos.

Dobrei uma página e fui para a próxima. — Não há necessidade de narrar sua existência em voz alta. Verdadeiramente, nenhuma parte de mim se importa.

— Não vai me ajudar?

— Não.

— Bem, então. Acho que vomitarei em todo o seu jato particular e deixá-lo fedorento pela eternidade.

Com um gemido, deslizei para fora do meu assento e a levantei em meus braços, levando-a no estilo noiva ao banheiro. Estava sem vida em meu abraço. Eu me perguntei se seria uma boa ideia fazer um retorno para que eu pudesse levá-la direto para o hospital.

Então, em sua reclamação de *Shortbread*, fez exigências. — Certifique-se de puxar todo o meu cabelo para cima para que nada fique preso nele... ah, e o vestido. Tire meu vestido.

O privilégio. O atrevimento. A crença cega de que o mundo lhe devia algo. Ela estava bem.

— Tente não beber como se o futuro desta nação dependesse disso da próxima vez.

Eu a joguei no chão antes de chegarmos ao banheiro, virei-a de bruços e comecei a desabotoar seu vestido. E havia muito *vestido* para se livrar. Ela nadou em tecido. Levou dez minutos para soltá-la dos botões, zíperes e babados.

Dallas sendo Dallas, se mexeu, arranhando o tapete fino. — Mais rápido! Não consigo mais segurar.

— Está tudo bem? — A aeromoça apareceu da cozinha, onde preparou frutas frescas e mimosas.

Deve ter parecido que eu estava lutando contra um javali daquele ângulo.

— Sim.

— Desculpe-me, senhor, mas não parece...

— Estou pagando por sua visão ou para limpar meus banheiros e preparar meus lanches? Enquanto estamos nisso,

jogue as mimosas no lixo. A última coisa que minha esposa precisa é de mais álcool em sua corrente sanguínea.

Todos os meus funcionários, de cima para baixo, assinaram NDAs⁵³. Um acordo favorável, visto que minha falta de boas maneiras não colocou um microfone *Bloomberg Finance* direcionado diretamente para o meu rosto.

Quando Dallas finalmente escapou de seu vestido, vestida apenas com um sutiã bege sem alças e tanga combinando, rolei o elástico de seu pulso e tentei amarrar seu cabelo.

— Sem tempo! — Ela *me deu um soco na cara*, frenética. — Preciso vomitar.

Eu a arrastei para o banheiro, abri o vaso sanitário e peguei seu cabelo em minha mão por trás enquanto a equilibrava com a outra palma. Ela começou a vomitar projéteis em todos os lugares. Enquanto me erguia sobre ela, embalando sua cabeça para que não quebrasse a coluna e me apresentasse a um mundo de dor legal, questionei que tipo de idiota se casou com uma mulher como ela.

Normalmente, eu era impiedosamente racional. O que diabos me fez pensar que isso era uma boa ideia?

Até mesmo irritar Madison Licht não era uma razão boa o suficiente. *Shortbread* era a resposta humana a um furacão de categoria seis. Tudo o que ela tocava, destruía.

Depois de alguns minutos esvaziando o estômago, ela desabou como uma bola no chão, abraçada ao vaso sanitário. Lágrimas

⁵³-Acordo de Confidencialidade ou acordo de não divulgação.

escorriam por suas bochechas. Sua tonalidade mudou de verde para branco morto.

Escapei do banheiro para levar água e Advil para ela, simplesmente porque não queria que nossa próxima parada fosse uma emergência em um hospital irlandês. Ela aceitou minhas ofertas sem gratidão.

Depois de engolir as pílulas, me lançou um olhar furioso. — Por que não trouxe minha escova e pasta de dente?

— Pela mesma razão que não preparei um banho para você e aparei suas unhas dos pés. Não sou seu empregado.

Joguei sua garrafa de água vazia no lixo. Nem mesmo Oliver recebeu esse nível de cuidado de mim quando apareceu em meus degraus com a cara de merda depois de uma iniciação no *Porcellian Club* em Harvard.

Ela fez uma careta para mim com os olhos vermelhos, ainda no chão. — Minha boca fede.

— O resto de você também não é tão atraente.

— Escova de dente.

— Boas maneiras — instruí no mesmo tom áspero.

— Foda-se. — Talvez ela tenha considerado isso um passo à frente, já que não encontrou meus olhos enquanto dizia isso.

— Infelizmente, recuso. Estarei lendo o *Wall Street Journal* lá fora. — Eu me afastei.

— Isso é tudo culpa sua — gritou para as minhas costas. — Não teria ficado bêbada se não fosse por você. — Não interrompi

meu ritmo. — Ah, tudo bem. *Por favor*, dê-me a minha escova de dentes. Feliz agora?

Eu não estava feliz agora. Provavelmente não ficaria feliz *para sempre* depois da minha infeliz decisão de me casar com essa mulher.

No entanto, aparentemente, encontrei meu limite de sociopata impiedoso, porque me arrastei até a sua mala, peguei um pacote de escovas de dente junto com um tubo de Colgate e os trouxe para Dallas.

Deixei-a tomar banho, escovar os dentes e voltar a si enquanto folheava as notícias financeiras em meu assento, tomando um café morno.

Ela saiu trinta minutos depois, com o cabelo úmido e o rosto rosado, vestindo um moletom do MIT que deve ter roubado da minha mala. Parecia mal-humorada e atordoada quando caiu no sofá ao meu lado, comendo frutas frescas e *banh mi*⁵⁴.

Com o canto do olho, observei-a acabar com duas bandejas de sanduíches e uma Coca Diet.

Uma vez que terminou, ela olhou ao redor e suspirou. — Não estou cansada.

Mantive meus olhos treinados no jornal. Talvez se não me movesse, ela pensaria que eu estava morto e pararia de falar.

— Vamos dar uns amassos.

⁵⁴-É um tipo de sanduíche que consiste numa baguette de porção única.

Já que ela ainda estava obviamente bêbada, e porque *eau de vomit* não era um perfume que eu achava pessoalmente encantador, ignorei sua oferta nada estelar.

— Vamos. — *Shortbread* saltou sobre os pés descalços, caminhando até mim. Arrancou o jornal da minha mão e montou em mim. — Na verdade, estou abatida o suficiente para tolerá-lo agora. Esta é uma oferta única na vida. Talvez conseguir um orgasmo me ajude a adormecer.

Ela colocou os braços em volta do meu pescoço.

— Dê-me um motivo para ajudá-la.

Ela ofereceu um sorriso cheio de dentes. — Esposa feliz, vida feliz?

Algo me ocorreu então.

— Já teve um orgasmo?

— Acho que acidentalmente me dei um, creio que um ano atrás. — Seus olhos grandes e inocentes se arregalaram.

Foi em momentos como este que me lembrei do que me atraiu para roubá-la. Onde mais na América poderia desenterrar uma jovem de 21 anos que fosse uma página em branco para eu rabiscar e moldar como quisesse?

Eu dei muita dor a Oliver por achar sua irmã atraente, mas, francamente, Dallas era tão virginal quanto fora dos limites. Ainda tão protegida do mundo exterior.

Isso despertou minha curiosidade. — Fazendo o quê?

— Andando em bicicleta.

Apertei os lábios para não rir.

— Não ria. — Franziu as sobrancelhas, batendo no meu peito. — Toda a minha família estava lá. Um gemido escapou e mamãe pensou que eu torci o tornozelo. Tive que fingir que *doía* e até fingi que mancava por uma hora. Foi muito angustiante.

Estava realmente prestes a rir pela primeira vez desde os quatro anos por causa dessa pequena dor de cabeça?

— Saia do meu colo.

— Ou pode me tirar *do* seu colo. — Mexeu as sobrancelhas. E a sua bunda.

— Está muito bêbada. Sem mencionar que não estou bêbado o suficiente.

Sua embriaguez era a única coisa que me impedia de fazê-la gozar em meus dedos.

Infelizmente, o fato de eu ter visto aquela boca expurgar pedaços totalmente digeridos de *macarons*, tortas e cremes não me impediu de querer envolvê-la em volta do meu pau. Normalmente, não baixava meu padrão para *respirando: opcional* - isso era mais o caso de Ollie - mas achei *Shortbread* estranhamente sedutora.

Quando Shep me disse que sua filha era irresistível, eu quis rir. Agora estava mais preocupado do que divertido.

— Não pode ver? Eu estar bêbada é a melhor coisa que poderia nos acontecer. — Bateu com as mãos no meu peito. — Vamos fazer sexo. Nem me importarei que seja com você. E já faz um tempo que estou querendo perder meu *V-card*.

Agora não era a hora de dizer a ela que seu V-card seria desperdiçado em meus dedos - ou minha língua, se eu estivesse me sentindo caridoso.

— Suma do meu colo.

Normalmente, gostava de estar completa e meticulosamente no controle, mas com Dallas, por uma razão insondável, parecia um fardo permanecer no personagem.

Ela arrastou sua boceta - vestida apenas com um fio dental frágil - ao longo da minha virilha.

Claro, eu estava duro.

Tudo o que ela precisava era existir no mesmo estado que eu para fazer meu sangue migrar para o meu pau.

Ela revirou os quadris, sua fenda se arrastando pelo comprimento do meu pau novamente. — Por que eu deveria ouvi-lo quando nunca me ouve?

Minha mandíbula flexionou. — Porque estou muito perto de obter a anulação e mandá-la de volta para Chapel Falls para se casar com um fazendeiro.

Ela bateu no meu peito novamente. — Tire vantagem de mim, droga.

Queria agarrar a sua nuca, beijá-la *pra* caramba e fodê-la através de nossas roupas até que tivesse um orgasmo forte o suficiente para gritar. Até que ela perdesse a voz.

Para então guiá-la para baixo entre minhas coxas e gozar naquele elegante nariz arrebitado, sardas juvenis e grandes olhos de animais da Disney, mas não tinha coragem de fazer algo que

ela pudesse se arrepender mais tarde. Embora não pudesse ser acusado de estar no mesmo código postal que o cavalheirismo, era no consentimento duvidoso que estabeleci a linha. Especialmente quando era lamentavelmente óbvio que eu a teria em meus termos mais cedo ou mais tarde.

Estava prestes a puxá-la para o sofá quando caiu de cara na curva do meu pescoço. — Se você está planejando sugar meu sangue...

Um ronco suave rompeu minha ameaça inacabada. Então a senti babar. No meu pescoço.

Jesus Cristo.

Ela tinha adormecido em cima de mim. Com meu pau duro ainda aninhado entre suas pernas.

A coisa mais inteligente a fazer seria colocá-la no sofá e voltar aos meus negócios.

Eu também ia fazer isso. Levantar-me e me livrar dela, mas não o fiz.

Talvez porque não pudesse arriscar que ela acordasse e começasse outro episódio de diarreia verbal, ou talvez porque não era a pior coisa do mundo sentir sua boceta irradiando calor direto para o meu pau.

Seja qual for o motivo, eu a deixei dormir em mim.

Lendo o *Wall Street Journal* e agradecendo às minhas estrelas infelizes que, pelo menos, Zach e Oliver não estavam aqui para me dar merda sobre como minha nova esposa era não domesticada.

Eu a domesticaria, tudo bem.

Afinal, eu já a enjaulei.

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

CAPÍTULO VINTE E SETE

Romeo

Quatro horas depois, a calmaria da sanidade chegou a um fim abrupto.

Shortbread estava acordada e bastante sóbria, a julgar pelo tempo que levou para cair no tapete em pânico, chutando minhas canelas quando percebeu que tinha dormido em cima de mim.

— Saia de cima de mim — rugiu de seu lugar no chão.

Virei outra página do meu jornal. Estava lendo o mesmo artigo por aproximadamente três meses. Era difícil me concentrar com ela pressionada contra meu pau.

Eu normalmente me orgulhava de ser imune aos encantos das mulheres. Então, novamente, fazia um tempo que não passava tanto tempo ao lado de uma linda.

— Nunca estive em cima de você.

E nunca estaria, aliás.

Shortbread franziu a testa, cruzou os tornozelos e deu um tapa na testa. As lembranças das últimas doze horas devem ter passado por seu sistema.

Esperava que ela se lembrasse de tudo.

Que agora estávamos legalmente casados. Que ela tinha bebido o suficiente para encher uma banheira. Que vomitou em tudo, menos nas asas do avião, me fez uma proposta com a sutileza de uma operadora de telemarketing e depois desmaiou em cima de mim.

— Acho que vomitarei de novo só de lembrar de me esfregar em você. — Cobriu a boca, visivelmente tremendo. — Espero não ter contraído uma DST por estar perto de você.

— Faça todas as suas orações hoje à noite, e talvez eu apenas a poupe de minhas verrugas genitais.

Bocejei, embora internamente, queria gritar com ela que, se estava tão preocupada com doenças sexualmente transmissíveis, deveria estar agradecida por não ter acabado com Madison e um pacote de preservativos Licht.

O homem tinha entalhes suficientes no cinto para fazer uma peneira de macarrão.

Ela me olhou com descrença. — Fala sério. Verificou ultimamente?

— Não, mas também não tenho sido sexualmente ativo recentemente.

Ela fez uma pausa, franzindo a testa para mim. — Não teve?

Eu balancei minha cabeça, sem saber por que tinha escolhido me explicar para essa confusão total e gostosa de um ser humano.

— Nem mesmo Morgan?

Especialmente Morgan.

Não tocaria em Morgan se o mundo ficasse sem mulheres e ambos tivéssemos que repovoá-lo. A civilização teve uma boa corrida e, francamente, estragou tudo.

— *Ninguém.*

As rodas começaram a girar naquela sua linda cabeça, mas não me importei o suficiente para me perguntar o que ela estava pensando. Fosse o que fosse, basta dizer que eu estaria em total desacordo com isso.

— Não me diga que está pensando em ser fiel. — Fez uma cara como se fosse uma coisa ruim.

O seu tipo era canalhas traidores? Isso explicaria por que ela ainda ansiava por Licht.

— Um buraco é um buraco. Pode muito bem ser o seu.

Inclinando a cabeça para trás, ela riu sem alegria. — Não é de admirar que seus pais tenham dado a você o nome do epítome dos heróis românticos. Deviam saber o quanto encantador seria.

— Meus pais me deram o nome de Romeo em homenagem ao meu pai, que recebeu o nome de seu pai.

A responsabilidade parou comigo, no entanto. Chega de Romeo Costas. O mundo poderia me agradecer depois.

Ela mordeu o lábio, ainda no chão. — Tenho me perguntado sobre... coisas sexuais.

Descansei o jornal no meu colo, enviando-lhe um olhar nivelado. — Isso é um convite?

— Vai... confirmar presença? — Mordeu um sorriso.

Outra risada borbulhou na minha garganta. Quando não era uma perda de espaço, ela era surpreendentemente suportável.

Arqueei uma sobrancelha. — A anfitriã ainda está sob influência?

Suas bochechas ficaram rosadas. — Não.

— Você tentará me matar? — Perguntei lentamente, como um pai repreendendo uma criança.

— Não neste caso.

Um momento de silêncio passou entre nós. Estava muito ciente da aeromoça se ocupando na cozinha, fingindo que não estava escutando nossa conversa bizarra.

Eu não era um *voyeur*, mas também não estava ansioso com a presença da mulher de meia-idade.

Jogando o jornal de lado, dei um tapinha no meu joelho. — Venha sentar no meu colo.

— Boas maneiras — disse, no mesmo tom que usei para sua exigência de escova de dentes.

Estava na ponta da língua dizer a Dallas para aprender sobre os prazeres do sexo através do *Tumblr* e de um vibrador. Então as palavras de Zach flutuaram em minha memória.

Tente fazer um esforço.

Não havia razão para bater de frente com essa criatura deliciosa, de cabeça forte e simples diante de mim. Nosso curto tempo passando juntos seria mais agradável se eu a agradasse de vez em quando.

— Por favor. — A palavra tinha um gosto estranho. Puxei os dois cantos dos meus lábios para cima, tentando abrir um sorriso.

— *Ugh*, pare de fazer essa cara. Parece que está planejando me comer.

Estava planejando comê-la, embora não da maneira que sua cabeça inocente pensava.

Olhou ao redor, desorientada, perdendo completamente o fato de que havia uma aeromoça atrás dela.

— Ah, tanto faz. A vida é muito curta e, se alguém perguntar, negarei que cheguei perto de você. — Ela se levantou e veio até mim. *Shortbread* se atirou em meu colo, piscando para mim com expectativa. — E agora?

Havia algumas opções, todas imundas e depravadas, mas imaginei que o caminho mais seguro seria deixá-la implorando por mais. E isso significava adiar minha própria libertação e prepará-la para o futuro. Ela teria que aderir aos meus gostos e regras, alguns deles eu mesmo ainda tinha que explorar.

Meus olhos caíram para o moletom do MIT. — Eu lhe dei permissão para usar meu moletom?

— Bem, não, mas...

— Tire-o. Agora.

Ela abriu a boca, prestes a discutir. Ergui uma sobrancelha, desafiando-a.

— Certo. Certo. — Franziu os lábios, pegando a bainha do meu moletom e puxando-o, permanecendo apenas em seu sutiã. — Acho que isso é... conversa suja, certo?

Não conseguia decidir se ela era adorável ou lamentável. Mais do que provável, era ambos, mas enquanto seus seios magníficos olhavam para mim, mal contidos por seu sutiã sem alças e implorando por atenção, esqueci a quem estavam ligados.

Agarrando-a pela bunda, puxei-a para esfregar contra o meu pau. Empurrou para frente, seu rosto a um centímetro do meu.

— Isso é o que faz comigo. — Eu a levantei pela bunda, então bati com ela de volta no meu pau. Ofegou, seus olhos queimando. — Ultrapassei o limite de não gostar de você, *Shortbread*. Na verdade, deveria inventar uma palavra totalmente nova para o que sinto por você. E ainda assim, não posso, de jeito nenhum, resistir à sua tentação.

Em vez de brigar, *Shortbread* pareceu pegar o jeito e me calou com um beijo sujo e molhado. Era tudo língua e dentes. Um beijo amador, como um cervo tentando a sorte em suas próprias patas pela primeira vez. Desajeitado, mas mágico.

Nem mesmo recuou para respirar. Sua língua encontrou a minha, e não era mais tímida e insegura. Ela queria isso.

Tremendo, suas mãos vagavam por toda parte. Meu rosto, meu cabelo, meus ombros, meus peitorais, minhas *cicatrices*. Permaneceram sobre a pele irregular e pronunciada, e eu sabia que ela queria saber o que aconteceu.

Minha boca se moveu para o sul de seus lábios para seu queixo, então para baixo para sua garganta e clavícula, deixando beijos quentes e molhados em todos os lugares.

Ela inclinou a cabeça para trás e gemeu. Seus dedos agarraram meu cabelo, puxando com muita força, muito desesperadamente. Puxei seu sutiã até a cintura, deixando seus seios livres.

— Não estamos sozinhos. — Ofegou, girando no meu pau.

Eu sabia que me arrependeria quando pousássemos e minhas bolas ficassem da cor de mirtilos, mas não consegui me conter.

— Ela não dirá uma palavra. Está sob contrato. — Gemi em sua pele, pegando seu mamilo entre meus dentes e puxando-o até que prendeu a respiração.

Senti o avião descer e percebi que devíamos estar perto de Paris. No entanto, nem a aeromoça nem os pilotos foram burros o suficiente para se aproximar de mim enquanto estava ocupado devorando os peitos de Dallas como se fossem minha última refeição.

Lambi e chupei e puxei e raspei seus mamilos rosa pálido, segurando seus seios e dando-lhes um tapa suave de vez em quando. Meu pau pulsava entre suas pernas. Poderia dizer que seu clitóris tenso estava pressionando meu zíper porque a fricção a estava deixando louca.

Sua cabeça pendeu de um lado para o outro. — Oh Deus. Isso é tão... tão...

No entanto, ela não conseguia encontrar a palavra certa e eu não tinha pressa em incentivá-la a falar.

— Senhor... — Uma voz soou ao fundo. Era distintamente masculina, o que significava que a aeromoça não queria lidar

comigo ela mesma. Tinha enviado um piloto. — Estamos nos aproximando rapidamente de *Le Bourget*. Na verdade, estamos programados para pousar em quinze minutos e já recebemos o sinal verde do...

— Não — disse com convicção, minha boca envolvendo todo o peito de Dallas. Cobri a maior parte de sua inocência com meus braços, mas ainda não gostei que ele pairasse ao nosso lado como um verme. — Saia.

— Senhor, temos que nos preparar para pou...

— Não, não precisamos. — Levantei minha cabeça entre o peito de *Shortbread*, atirando adagas nele com meus olhos. — Meu avião, minhas regras. Temos combustível suficiente para circular por mais uma hora.

— Uma *hora*? Isso é um desperdício de...

— Todo o seu ser é um desperdício. Não vê que estou agradando minha esposa? Ou encontra o caminho de volta para a cabine e dá a volta em Paris até terminarmos, ou eu mesmo te expulso daqui.

Ele disparou de volta para a cabine, onde, presumi, a aeromoça também se escondeu pelo restante do voo enquanto banhava os peitos de Dallas com beijos, lambidas e chupadas.

Ela riu assim que ele saiu e enfiou os seios na minha cara, se deliciando com a atenção. — Você é tão horrível.

— Não me lembro de você defendendo o querido Paddy quando disse a ele para dar a volta com o avião.

Voltei a fazer o que parecia funcionar melhor para mim e minha esposa - levando-a à beira do orgasmo sem realmente levá-la ao seu ponto de destino, e ela rindo e puxando meu cabelo até eu ficar careca.

Quando o avião pousou uma hora depois, o peito de Dallas estava vermelho, em carne viva e cheio de marcas. Também estava coberto por meu moletom do MIT e um casaco que joguei sobre ela, só por precaução.

No geral, não foi o melhor voo que tive em um longo tempo, mas pelo menos, ao contrário do que compartilhamos na Geórgia, quase não matei ninguém.

O que me lembrou...

Esperava que, onde quer que Scott estivesse, se lembrasse de seu novo lema de vida.

Nunca toque no que pertencia a Romeo Costa Jr.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Dallas

Não tinha muitas expectativas para minha lua de mel parisiense.

E *ainda assim*, meu marido conseguiu me decepcionar.

Depois que pousamos em Paris, a cidade mais romântica do mundo, Romeo e eu nos hospedamos na extravagante suíte nupcial do Le Bristol Paris.

O que deveria ter feito era arrancar o seu moletom e enxaguar o rubor do nosso encontro anterior no avião.

Em vez disso, girei minha mala pela alça, admirando *Montmartre* pelas portas abertas do terraço. — Quer fazer um *brunch* e depois visitar alguns pontos turísticos?

Já, Romeo tirou o paletó do smoking, colocando outro terno impecável em nossa cama. — Tenho reuniões consecutivas com alguns clientes e um velho amigo da universidade.

Estava me deixando sozinha em nossa *lua de mel*? Já que tentar apelar para sua consciência inexistente provou ser inútil, optei por outra abordagem. A tática do chantilly.

— Parece bom. — Dei de ombros, abrindo minha mala ao pé da cama. Cara tinha me empacotado lingerie suficiente para

seduzir toda a nação francesa. — Vejo-o por aí quando o vir por aí, acho.

Ele parou na frente do banheiro, cicatrizes aparecendo por baixo de sua camisa desabotoada, e pegou seu telefone, jogando-o em minhas mãos.

— Coloque seu número aqui. A última coisa de que preciso é que se perca.

Com alguma sorte, seria sequestrada para resgate à la *Busca Implacável*. Certamente, os sequestradores seriam uma companhia melhor.

Digitei meu número, devolvendo o seu telefone. Ele apertou o botão e desligou a chamada quando meu toque perfurou o ar.

Esses problemas de confiança.

— Boa menina.

— *Mau marido.*

— Pare de fingir que quer passar mais tempo comigo do que eu quero passar tempo com você.

Pateticamente, eu *queria* passar um tempo com ele.

Eu sentia falta da interação humana. Não o definiria exatamente como humano, mas ele chegava perto.

Assim que entrou no chuveiro, vesti uma saia lápis, blusa de seda e meia-calça preta transparente com uma linha vermelha na frente. Então corri para o criado-mudo, abrindo a sua carteira.

Ele nunca ofereceu um substituto para o cartão de crédito que cancelou, então interpretei sua carteira aberta como um convite aberto para me servir. E me servir.

Quando terminou de tomar banho, já tinha ido embora, meu telefone desligado, seu cartão *Centurion* a reboque.

Primeiro, delíciei-me com um almoço de quatro pratos na *Champs-Élysées*. Quando não aguentava mais, espalhei a riqueza, metafórica e literalmente, pagando a conta de cada cliente no local.

Depois disso, um táxi me acompanhou até a *Rue Saint-Honoré*, onde comprei alguns humildes presentes de casamento na forma de três bolsas *Hermès*.

Como não poderia envergonhar meu novo marido comprando uma das *Birkins*⁵⁵ mais acessíveis (leia-se: menos desagradavelmente cara), não tive escolha a não ser escolher as respeitáveis de edição limitada.

120 mil multiplicado por três. Uma verdadeira pechincha.

Não é à toa que voltei para comprar uma para mamãe e duas para Frankie.

Da *Hermès*, mudei para Dior, depois Chanel, antes de fazer minha última parada na *Balmain*, mas seria desumano sair sem apoiar os designers locais, então acabei também gastando muito dinheiro em achados exclusivos de butikues.

⁵⁵-É um dos modelos mais conhecidos e de maior sucesso da Hermè.

A exaustiva provação durou dez horas, durante as quais meu telefone permaneceu desligado e o *Black Card* funcionou como *Tracy Anderson*⁵⁶.

Eu tinha passado perto de setecentos mil dólares antes de chamar um táxi por volta das nove da noite.

Paris ainda fervilhava de atividade. Luzes deslumbrantes brilhavam como vaga-lumes no escuro.

Casais apaixonados enchiam as calçadas. Davam as mãos. Sorriam. Apaixonando-se mais profundamente. Faziam coisas que eu nunca faria. Coisas tão inatingíveis quanto beijar o sol.

O ciúme empalou meu coração. Nem todo o dinheiro do mundo poderia me comprar o que tinham.

Amor genuíno e de conteúdo.

O táxi parou na entrada do hotel. Dei quinhentos euros de gorjeta e deslizei para fora, lutando com dezenas de sacolas.

Um carregador correu em meu socorro. Aliviou meus braços e transferiu minhas compras para um carrinho de bagagem dourado, me seguindo.

Os *cliques* fáceis e medidos dos meus saltos quando batiam no saguão de mármore não me enganaram. Sabia o que me esperava na suíte.

Um marido furioso.

⁵⁶-É uma empreendedora e autora estadunidense de fitness. É mais conhecida por seu Método Tracy Anderson e por ter vários clientes famosos.

Imaginei Romeo estalando os dedos e lambendo os lábios, esperando para me punir.

Assim que corri para o elevador, liguei meu telefone. Assim como suspeitava, três chamadas perdidas apareceram na minha tela, junto com várias mensagens de texto.

Romeo Costa:

Terminei minhas reuniões.

Onde está?

Muito típico de você me dar o tratamento do silêncio na única vez que não desejo que cale a boca.

Atenda seu telefone.

200 mil? Compras?

Não tem noção do que significa dinheiro?

\$700.000 É A PORRA DE UMA CASA INTEIRA.

Ah garoto.

Ele usou palavrões. *Nunca* usa palavrões.

Alguém não estava olhando para o copo meio cheio. Esse cartão tinha uma recompensa de 1,5% em dinheiro de volta. Ganhei \$10.500 para ele - e papai uma vez reclamou que eu fui reprovada em álgebra.

O elevador abriu. Tropecei no corredor com as pernas bambas.

Agora que era hora de enfrentar a consequência, lembrei-me de como era desafiante gastar dinheiro suficiente para comprar uma mansão impressionante na maioria dos estados, apenas para irritar meu marido rude.

O carregador empurrou minhas sacolas de compras atrás de mim, sem saber da tempestade que estava se formando. Levei quatro tentativas para deslizar meu cartão-chave em seu slot.

Como esperado, quando abri a porta, Romeo estava sentado na área comum, pernas dobradas nos tornozelos sobre uma mesa, mascarando chiclete e bebendo uísque com o terno meio aberto. Sua expressão glacial não mudou ao me ver entrando com metade do conteúdo de uma loja Chanel atrás de mim.

Descansando seu *Macallan* em uma edição recente da *Bloomberg*, pescou a gorjeta no bolso da frente e se levantou, enfiando um punhado de notas na mão do mensageiro.

Com um agradecimento de despedida, o garoto seguiu seu alegre caminho, fechando a porta com um clique mortal.

Era só eu e Romeo agora.

Parados frente a frente como dois inimigos antes de um duelo.

A lânguida linguagem corporal de Romeo aumentou minha vigilância.

Ele abriu um de seus sorrisos raros, mas cruéis. — Teve um bom dia, querida?

Será que o olharia um dia nos olhos sem sentir como se estivesse sentada em uma montanha-russa, prestes a cair?

— Ótimo. — Corri para o minibar, pegando um *Evian*. — O seu?

— Bom. Esteve em algum lugar interessante?

Dei de ombros, de costas para ele. Minhas sacolas de compras não eram um sinal revelador?

Depois de drenar metade, coloquei a água ao lado do uísque de Romeo quando sua palma se curvou em volta da minha garganta. Aplicou uma pressão suave, inclinando meu rosto para cima para que nossos olhares se chocassem.

Seus cinzas de pedra penetraram meu crânio. — Vou perguntar de novo, e desta vez vai me dar uma resposta completa e satisfatória. Onde esteve, Dallas Costa?

— Compras. Onde mais?

— Em algum lugar discreto, onde pode abrir essas belas pernas para outra pessoa. — Seus lábios pairaram a um fôlego de distância dos meus. — Alguém como Madison.

Desconforto deslizou pela minha espinha. — Madison? — A mandíbula de Romeo travou. Ele se separou de mim, indo para o quarto. Odiava por segui-lo. Que minha curiosidade levou o melhor de mim. — O que está falando?

— Espero, pelo bem dele, que finja orgasmos melhor do que inocência. Não finja não saber que Madison está ocupando a suíte duas portas abaixo.

Ele me encarou. Pela primeira vez, um lampejo distante de angústia passou por seus olhos. Ainda era o mesmo Romeo distante, mas também algo mais espreitava sob a superfície.

Um vislumbre de infantilidade. Incerteza que encontraria no rosto de uma criança quando a deixasse em uma nova escola pela primeira vez.

— Não sabia que Madison estava em Paris. — Era a verdade.
— Como sabe que ele está aqui?

Ele me deu um olhar de *como acha*.

Fechei os olhos, enterrando as palmas das mãos nas órbitas.
— Você mandou alguém segui-lo.

Senhor. O que aconteceu entre esses dois?

— Seu talento na dedução natural é incomparável. Tem certeza de que gostaria de manter sua especialização em Literatura Inglesa quando há muito mais com o que pode contribuir para o mundo da matemática?

— Disse a você - não sabia que ele estava aqui.

— Isso seria convincente se não tivesse me dito há menos de vinte e quatro horas que ambos estavam conspirando contra mim.
E me mostrou seu anel de noivado.

Ah, vá se ferrar.

Passei por ele, correndo para o banheiro. Ele me seguiu, seus passos lentos, seus ombros largos relaxados.

— Ele roubou sua ex-namorada ou algo assim? — Puxei uma escova da penteadeira e passei pelo meu cabelo. — Sei que não está com ciúmes porque não dá a mínima para mim, então deve ser outra coisa.

— Madison não tem a capacidade de roubar um grão de areia do meu quintal, muito menos um ser humano inteiro. — Seu olhar intenso capturou o meu através do reflexo do espelho. — O que ele está fazendo aqui?

Nenhuma pista, mas já sabia que ele não aceitaria essa resposta.

— Meu palpite? Brincando com sua cabeça. — Suspirei, odiando jogar Madison debaixo do ônibus.

Eu não queria porém, que o referido ônibus passasse por cima de mim centenas de vezes até me derrubar na rua. De qualquer forma, Madison era um idiota. Vir aqui foi provocativo e em má qualidade. Ele colocou nós dois em perigo.

Era hora de me defender sozinha - e *apenas* para mim.

— Talvez eu devesse chegar antes dele e tirar sua virgindade primeiro. O que diz? — Avançou em minha direção.

Girei, percebendo que me preendi contra a penteadeira. Minhas costas afundaram no mármore. Romeo pressionou contra mim em segundos, sua mão entre minhas coxas cobertas por saia.

Foi incrível a rapidez com que meu corpo se submeteu a ele, em completo contraste com a forma como meu cérebro lutava contra a cada passo do caminho. Agarrei a bancada atrás de mim.

— O que diz? — Com um sorriso de escárnio selvagem, Romeo reivindicou meus lábios com os dele, beijando-me com força. Deslizou seu chiclete em minha boca e, embora normalmente achasse o gesto desagradável, se não totalmente nojento, deixei-o descansar entre meus dentes. — Devo danificar a mercadoria?

Segurei o chiclete, recusando-me a me degradar, mas também sem vontade de detê-lo.

Ele caiu de joelhos, levantou minha saia e a enfiou no cós da minha calcinha. Engoli em seco quando rasgou minha meia-calça de grife, rasgando-a no centro, e arrastou minha calcinha para o lado. Arrastou sua língua quente até minha fenda.

— Ohhh.

Os dentes de Romeo arranharam minha boceta. — É melhor agir rápido, a julgar por sua ânsia de perder a virgindade, ou ele já manchou você?

Enfiou a língua entre meus lábios, atingindo meus nervos. Parecia que ele estava me dando um beijo francês *lá embaixo*. Lambendo em um ritmo sensual. Meus joelhos se transformaram em água, o calor espiralou em meu núcleo e meus mamilos perolados.

Oh senhor.

Foi melhor do que qualquer coisa que já experimentei.

Definitivamente melhor do que a bicicleta.

Romeo tirou a língua de dentro de mim, chupando meu clitóris agora. — Responda-me.

Tudo o que pude fazer foi gemer quando meu primeiro orgasmo se enrolou como hera em volta dos meus tornozelos, subindo pelo resto do meu corpo.

Enfiou a língua em mim, massageando meu clitóris com o polegar. — Ele tirou sua inocência?

Eu sabia o que ele estava fazendo. Destruindo-me. Certificando-se de que destruísse meu hímen. E ainda assim, todo pensamento racional fugiu do meu cérebro.

Lutei para conjurar palavras. — Não, não, eu juro. Não o vi hoje.

— Melhor prevenir do que remediar, suponho.

Sua língua afundou profundamente dentro de mim. Arqueei as costas, abaixei a cabeça e gemi tão alto que patinei à beira de gritar.

— Ahhhh.

— Eu comprei a vaca. É justo que eu consiga o leite.

Ele explorou o terreno - *eu*.

Senti a ponta de sua língua encontrar resistência. A dor acompanhava a pressão, mas também o prazer. Tanto prazer, pensei que morreria se ele parasse. Eu estava tão lisa, tão molhada para ele, minha luxúria escorria pelas minhas coxas, passando pelos meus joelhos.

— Por favor. — Meus dedos ficaram brancos ao redor do balcão. — Por favor, estou perto.

— É como tirar doce de criança.

Outro impulso. Então outro. Então outro.

O clímax agarrou cada músculo do meu corpo. Da cabeça aos pés.

Uma sensação estranha - de flutuar em água morna - me dominou. Balancei para frente e para trás contra seu rosto, desvendando centímetro por centímetro delicioso.

Um estridente soado rasgou a névoa. Só assim, Romeo se afastou, levantando-se. Pressionou o telefone no ouvido e limpou a boca com as costas da mão. Rosa listrou sua língua e lábios. Outro troféu da minha inocência também manchava sua bochecha esquerda.

Meu sangue.

Ele tinha o sangue do meu hímen na boca. A satisfação voraz tocou seus lábios.

— Ele tem sorte de você ainda não ter se manchado. — Seus dedos se curvaram ao redor do meu pescoço, puxando minha orelha para seus lábios. — Ou eu o teria matado e feito você assistir.

Desejo pegajoso vitrificou minhas coxas. Provavelmente meu sangue também, mas não ousei baixar os olhos para confirmar. Com a língua de Romeo a uma distância segura do meu sexo, minha calcinha voltou ao lugar. Definitivamente manchada. Definitivamente outro troféu para o meu marido.

Eu não era mais virgem. Ele fez isso. Ele me reivindicou.

Romeo franziu a testa, pressionando o telefone no ouvido. — Checou três vezes?

Meu pulso disparou em minha pele. Achei que meu coração fosse explodir em confete vermelho no meu peito. Por que eu estava

tão ansiosa? Não tinha nada a esconder. Passei minha noite com um exército de vendedores.

Romeo deslizou o telefone no bolso, observando-me com uma insatisfação distante. Como se nada tivesse acontecido entre nós apenas alguns segundos atrás. Como se não tivesse tirado algo tão precioso de mim.

— Lave-se e coloque alguma coisa. Vamos embora.

— Tinha alguém me seguido? — A raiva roubou minha respiração.

Nunca em toda a minha vida fui submetida a um comportamento tão misógino. Mesmo na pequena cidade religiosa em que cresci.

Romeo se virou, indo para a carteira e o cartão-chave. Peguei a escova de cabelo e o persegui, os ombros tremendo com o resto do meu orgasmo e uma nova e quente raiva.

— Responda-me!

Ele não respondeu, no entanto. Apenas... *não respondeu.*

E naquele momento miserável, estava tão brava, tão chateada, tão perdida neste universo distorcido em que me enfiou, que fiz um arco com a escova e atirei-a nele.

Ela colidiu com suas costas com um *baque!* e caiu no chão.

Ele parou de se mover. Eu parei de respirar.

O que eu fiz? *Agrediu seu marido.*

Eu nunca tinha batido em ninguém antes. Nunca.

Parecia que uma eternidade se passou antes que ele se virasse para me encarar. Seus olhos ficaram da cor das cinzas, mortos e escuros.

— Eu... não queria... — O resto da frase ficou presa na minha garganta.

Tropecei para trás enquanto ele avançava em minha direção. Não havia raiva em sua postura. Apenas passos medidos, sensatos e proficientes. Combinei cada passo à frente com um pé para trás. Quando minha coluna bateu contra a parede, seus braços me prenderam.

Ele tocou meu queixo, inclinando meu rosto para cima. Seu hálito quente patinou na minha carne. Cheirava como eu, ou melhor, como o que ele fez comigo.

Uma inalação trêmula ondulou em minha garganta, e engoli o chiclete que ele jogou na minha boca.

— Vamos esclarecer uma coisa, minha linda e desequilibrada esposa. Vendo que seu ex-noivo gostaria que minha cabeça fosse espetada em uma adaga em seu portão de ferro forjado, não pararei por nada para garantir que você e Madison não estejam atrás de minha garganta. Não confunda minha vontade de comer sua boceta com carinho. Esses dois não têm nada a ver um com o outro. Vou destruí-lo em um piscar de olhos se você mostrar uma deslealdade real e poderosa contra mim.

— Eu não...

Seu polegar roçou minha clavícula, interrompendo meu protesto. — Quanto às compras... Este é um convite aberto para

queimar meu dinheiro até o fim, mas se recusar propositadamente minhas ligações e desligar o telefone, será punida. Por último, mas não menos importante, neste casamento, não tocamos um no outro sem consentimento. Isso também se aplica a objetos inanimados, animais de estimação e bebês pequenos. Não. Jogue. Qualquer. Coisa. Em. Mim. Fui claro?

Não podia acreditar que ele tinha me deixado escapar com um aviso depois que evitei por pouco quebrar seu crânio com a escova de cabelo. Quero dizer, o impulso estava lá. O mundo do arremesso de peso perdeu um talento natural.

Embora tenha sido mais do que claro, isso não significa que eu aceitei os termos que ele me impôs, mas agora não era hora de discutir. Não quando poderia chamar a polícia para mim.

Com o rosto virado para o lado, respondi libertando-me de seu aperto.

— Juro por Deus, Dallas...

— Você não tem Deus.

Tentei afastá-lo. Ele capturou meus pulsos em suas mãos e me achatou contra a parede com seu peso. Seus olhos respiravam fogo. As linhas nítidas de sua mandíbula eram tão rígidas que temi que seus músculos saltassem por sua pele.

— Quer goste ou não, somos casados. Isso não mudará. E a consequência desagradável do meu emprego inclui um risco real para nossas vidas. Seu telefone permanece ligado, operando e pronto para uso. Em todos os momentos. Quanto às suas questionáveis escolhas de estilo de vida...

— Minha pior escolha de estilo de vida é ser casada com você. Na verdade... — tentei e falhei em me libertar. — Isso não foi uma escolha.

— É realmente tão horrível ser casado comigo?

Ele parecia intrigado. Como se a ideia de não ser desejado fosse completamente estranha para ele. Acho que era.

— Sim. *Sim!* — O desespero forte trancou minha garganta. — Está brincando? Toda a sua existência me dá calafrios. Obrigame ao casamento, me arrasta para sua casa, me abandona, me ameaça. Você me come em um segundo e me repreende no próximo. Você... você...

— Trégua. — Ele se afastou de repente, me dando espaço.

Quase desabei nos ladrilhos sem que ele me segurasse de pé.

Inclinando minha cabeça para cima, fiz uma careta. — Huh?

— Estou oferecendo a você um cessar-fogo. Uma bandeira branca. Uma oportunidade de recomeçar. Estou disposto a ouvir o que tem a dizer e tornar esse arranjo mais suportável para você. Ambos sabemos que não há saída deste casamento para nenhum de nós. Pode muito bem torná-lo administrável.

Difícil dizer não a uma oferta tão charmosa e romântica.

Eu o estudei, insegura. — Qual é a pegadinha?

— Sem pegadinhas.

— Há sempre uma pegadinha com você.

— Aceite minha oferta ou deixe-a, *Shortbread*, mas se deixar, não espere que esteja na mesa daqui a cinco minutos. — Sua

mandíbula flexionou. — É um mau negócio ter animosidade com uma pessoa que possui fácil acesso aos seus pertences e é íntima de um homem que quer acabar com você. — Uma batida de silêncio passou. — Além disso, traí-la não seria a pior coisa que eu poderia fazer no meu tempo livre.

— Pare com isso, estou ficando encantada.

— Infelizmente, ainda não alcancei o auge do ardor como Madison Licht, que passou todo o período de seu noivado com você enfiando os órgãos genitais em todos os buracos possíveis em que pudessem caber.

— Ele está realmente aqui? — Fiz uma careta, lembrando de como nossa briga começou.

Romeo assentiu. — Comprou alguma coisa interessante?

Balancei a cabeça, aliviada por ele ter deixado o assunto de lado. — Apenas um monte de coisas de designer. Ah, e toda a série Henry Plotkin em francês. Eu os coleciono em todas as línguas. Esse foi o ponto alto da minha maratona de compras.

— Interessante.

— Não, não é. Não para você, de qualquer maneira. — Brinquei com o cartão ilimitado dentro do meu bolso. — Sabe, se eu realmente gastasse demais, poderia ter cancelado o cartão. Estou surpresa que não tenha feito isso.

— Era a única prova de vida que eu tinha.

— Quer dizer que não está me seguindo?

— Escapou do seu segurança designado depois que a multidão do almoço se reuniu em torno de sua mesa para agradecer por tê-

los presenteado com uma culinária parisiense superfaturada no valor de trinta mil euros.

— Se você experimentasse o *fricassée de coquillages*, não os acharia muito caros.

Pela primeira vez, e apesar de não fazer absolutamente nada diferente para me alterar, ele não parecia totalmente chocado com a minha existência. Olhou para mim com aceitação relutante. Como se eu fosse uma tarefa que precisava superar.

Poderia dizer que o que estava acontecendo aqui era um território completamente novo para ele.

— Vamos começar de novo, certo? Tenho uma reserva no *The Eye of Paris*. É em um terraço com vista para a cidade. Você se juntará a mim.

Esfreguei minha orelha. — Tão estranho. Minha audição deve estar ruim, porque não consigo registrar a palavra com P.

— Chamá-la de parasita parecia inadequado neste caso.

— Eu quis dizer *por favor*.

Poderia dizer que o estava levando à beira de me estrangular, mas tinha que conseguir algumas pequenas vitórias depois que ele literalmente arrebatou minha virgindade com a língua, só para ter certeza de que Madison não chegaria antes dele.

Parecia que ele preferia esfregar os órgãos genitais contra um ralador de queijo enferrujado do que dizer a palavra, mas finalmente murmurou — Por favor.

— Deixe-me tomar um banho rápido e colocar algo.

Trinta minutos depois, um vestido de cetim verde-oliva ombro a ombro com silhueta de trompete envolvia minhas curvas.

— Parece adequada — Romeo resmungou quando cruzamos o saguão para o serviço de motorista que esperava.

— Pare, ou vou desmaiar.

Ele abriu a porta para mim. Deslizei para dentro, sem saber como me comportar agora que estávamos em uma suposta trégua.

— Algum pedido especial esta noite? — Cada palavra cuspidada de sua boca como se estivesse pregada em sua língua.

— Cair morto? — Soltei antes que pudesse me ajudar.

— Estava pensando mais em uma viagem de helicóptero ou joias.

Se todo o meu corpo pudesse revirar os olhos, isso aconteceria.

Funcionários uniformizados nos receberam na entrada do restaurante e nos conduziram a uma mesa exclusiva no andar de cima. Depois que pedimos, peguei uma taça de champanhe, observando os carros cruzarem o rio Sena, esperando que Romeo rompesse o silêncio.

Uma série de insultos ancorou minha língua. Tinha pouco a dizer sem sua companhia familiar.

A alternativa seria pressioná-lo sobre suas cicatrizes. Uma pergunta que muitas vezes ocupava minha mente, mas sabia que ele não responderia.

O mau humor que certamente se seguiria apenas arruinaria meu escargot com manteiga de salsa.

Quando nosso silêncio começou a atrair olhares curiosos das mesas vizinhas, finalmente surtei. — Quando tivermos filhos, gostaria de criá-los no Chap...

— Não termos filhos. — Romeo jogou o guardanapo sobre o colo com um movimento do pulso.

— Não quero dizer em breve. — Eu atirei a ele um olhar assassino.

Não era como se eu estivesse apaixonada pela ideia de ele ser o pai dos meus filhos. Poderia encontrar mais inteligência emocional em uma torta de limão. Mais conforto também.

— Não teremos filhos. Não em breve. Não mais tarde. Nunca.

— E porque não?

Certamente, não o tinha ouvido corretamente.

Esqueça as más maneiras, a falta de consciência e a idiotice geral. *Este* era o meu impedimento.

Na verdade, queria apenas uma coisa na vida. Filhos. Quatro deles.

Eu adorava crianças. Adorava tudo sobre elas. As bochechas rechonchudas, risadas e pura adoração. Mesmo naquele domingo que Romeo me arrebatou de casa, passei meu tempo na igreja brincando com os pequenos lá fora.

Vovó sempre dizia que uma casa sem criança era como um corpo sem alma. Não discordei.

Romeo empilhou *foie gras* em sua colher. — Porque não os quero.

— Mas *eu* quero.

— Boa sorte ao concebê-los chupando meu pau e tendo sua boceta lambida, porque esses são os únicos encontros sexuais que terá.

Uma mulher atrás dele engasgou com seu pickles em conserva.

Minhas bochechas queimaram. — Quer dizer que não quer fazer sexo comigo?

— Quero fazer sexo com você. Há poucas coisas que quero mais, *Shortbread*. Coincidentemente, não ter filhos é uma delas, então a resposta é não. Não faremos sexo.

Fiquei tão sem palavras que nem me importei que metade das pessoas ao nosso redor tivesse parado de comer e escolhido nos assistir como se fôssemos a estreia de um filme.

— Nunca diga nunca.

— Essa pode ser a frase mais idiota que já ouvi na minha vida. As pessoas dizem nunca para muitas coisas. *Bungee jumping* sem corda, drogas pesadas, pizza de abacaxi...

— Eu gosto de pizza de abacaxi.

Ele bebeu metade de sua bebida. — Cristo. Está cada vez pior.

Sentei-me, tentando descobrir o que achava mais desagradável - a personalidade do meu marido ou os caracóis no meu prato, que tinham gosto de impressos em 3D.

— Por que é tão contra crianças?

— Além do fato de que as detesto pessoalmente? Interrompem seu sono, diminuem sua qualidade de vida, exigem cada momento

do seu tempo e geralmente são uma decepção esmagadora quando atingem a idade adulta.

Meu olhar sozinho chamou isso de besteira.

No entanto, como ele se recusou a olhar para mim, disse — Você e eu sabemos que filhos são um projeto de vaidade, não um investimento. É uma reação instintiva da civilização para se preservar. Tem algo maior que te impede de ter filhos, e não é desconforto. Está em uma posição financeira para criar filhos sem nunca ter que lidar com eles.

Um lampejo de interesse passou por seus olhos. — Não é uma completa idiota, é? — Cruzei meus braços, levantando uma sobrancelha. — Bem, acontece que está certa. Há um objetivo maior por trás de tudo isso. Não quero ter filhos porque quero acabar com a dinastia Costa.

— Pensei que você e Bruce estivessem brigando pela Costa Industries.

— Estamos.

— Por que precisa herdar esta empresa se não vai passá-la para sua descendência hipotética?

— Faz as contas, *Shortbread*.

Levei menos de um segundo para descobrir.

Então, ele poderia arruiná-la. Aniquila-la. Destruí-la como fez com tudo o mais que suas mãos frias tocaram.

Tal coisa de Romeo para almejar a destruição.

De um jantar em família, concluí que Senior se importava com uma coisa e apenas uma coisa - as indústrias Costa.

Matar seu único amor seria um golpe cruel antes que ele morresse. Um ato de pura vingança.

A razão por trás do ódio de Romeo me provocou. Não era ingênua o suficiente para pensar que ele realmente confiaria em mim. No entanto, uma ideia brotou na minha cabeça.

Romeo não queria filhos. Eu não o queria perto de mim. O que ele faria se eu engravidasse?

Ele se divorciaria de mim ou me mandaria de volta para Chapel Falls com minha dignidade e aliança de casamento intactas?

O plano não era completamente ideal.

Por um lado, doeu pensar que meu filho não teria uma figura paterna em Romeo, mas me recusei a abandonar meu sonho de ser mãe.

De qualquer forma, esse meu filho hipotético teria toda a família Townsend à sua disposição. Menos papai, que foi oficialmente destituído dos deveres de avô por ser um covarde completo.

Era inútil contar a Romeo sobre meu plano para nós.

Então, tomei um gole do meu champanhe. — Certo.

Seus olhos se estreitaram. — Considera-me um tolo? Você nunca desistiria tão facilmente.

— Desculpe, *marido*, mas seu DNA não grita exatamente mercadoria importante.

— Você se reproduziria com uma sacola orgânica do Trader Joe se realmente quisesse um filho.

— Gostaria que eu me ajoelhasse e implorasse?

— Sim, mas não por um bebê.

Rindo sem graça, porque não havia nada de engraçado em nossa situação, apontei — Não está errado. As crianças consomem muito tempo e são cansativas para uma garota preguiçosa e bagunceira como eu. Podemos fazer sexo sem engravidar, sabe.

— Obrigado pela notícia surpreendente. — Seus olhos ardiam enquanto cortava a comida com a precisão de um neurocirurgião. — Mas é melhor prevenir do que remediar.

Bem, seguro era a última coisa que estaríamos. Mataria seus planos ficando grávida, dando a ele o herdeiro que nunca quis, e me libertaria de suas garras.

Seu garfo pairou diante de seus lábios. — Gostando da sua comida?

— Quase tanto quanto a companhia — sibilei.

Durante o resto do jantar, fingimos ser um casal normal.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Dallas

— Nunca conheci um homem tão ansioso para perder todos os dentes.

Ao ouvir o murmúrio de Romeo, levantei os olhos da mensagem de Frankie.

Meu coração mergulhou direto para o meu estômago.

Madison estava sentado no tapete do corredor, com as costas pressionadas contra a nossa porta. A luz azulada de seu telefone brilhava em sua testa.

Assim que nos viu, se levantou, pintando remorso em seu rosto desgrenhado.

Seu motivo reverberou como a força do trovão. Madison e Romeo começaram um jogo calculado. Eu era o objetivo - a *bola* - que chutavam para frente e para trás.

E, de repente, o plano que tracei com Madison parecia uma ideia monumentalmente estúpida. Uma que não continuaria, visto que meu coconspirador tinha os instintos de sobrevivência de uma mariposa bêbada.

— Dallas. — Nunca estive tão ansioso para me ver desde que nos conhecemos. — Precisamos conversar. Não consigo parar de pensar em você.

Diminuí os passos.

Pela primeira vez, Romeo estava certo. Madison estava implorando para ser morto.

— Você me perdeu na parte do pensando em você. Sua inteligência miserável apenas te ajuda a funcionar. — Romeo caminhou pelo corredor, puxou Madison pelo colarinho e o jogou contra a nossa porta. Sua voz, como sempre, exalava calma. — O que pensa que está fazendo, Licht?

Madison se debateu como um verme desenterrado. — Recuperando o que é meu.

Quase bufei. *Que clichê.*

— Por que não disse isso? — Romeo o soltou, tirou um cheque em branco de sua carteira e o jogou no peito de Madison. — Aqui.

Foi parar nos sapatos de Madison.

— O que é isso?

— A indenização que pagarei depois que me processar por quebrar seu nariz.

— Você não quebrou meu...

Romeo bateu seu punho bem no rosto de Madison. O sangue jorrou do nariz do meu ex-noivo. Escorreu por seu terno, colorindo o carpete de carmesim. Balançou, batendo na parede.

Todo o ar foi arrancado dos meus pulmões.

— Que porra é essa?! — Madison gemeu, segurando as narinas entre os dedos comprimidos. — Vou chamar a polícia.

Romeo fingiu interesse genuíno, guiando seu cartão-chave para o leitor com facilidade. — E dizer a eles o quê? Que veio dos Estados Unidos para seduzir a esposa de outro homem?

Madison se colocou entre Romeo e a porta. — Quero falar com Dallas. Eu mereço algum encerramento.

Eu me perguntei que tipo de crimes hediondos cometi contra a raça humana em uma vida anterior para merecer esses dois malucos como meus interesses amorosos. Pior, se eu quisesse um bebê, o que queria, provavelmente seria com Romeo.

Suspirei, empurrando Madison para o lado com a ponta dos meus saltos, tomando cuidado para evitar uma mancha de sangue. — Isso não poderia esperar até voltarmos para casa? Desculpe, Mad, mas isso é um pouco... descabido. Além disso, provavelmente deveria levá-lo ao hospi...

— Ele se levará lá. — Romeo abriu a porta e me guiou para dentro, bloqueando a visão de Madison com seus ombros largos. — Não é a primeira vez que um marido quebra os ossos de Madison e, a julgar por suas travessuras, não será a última.

Madison avançou. — Nem toquei em Charity.

Como eu disse, crimes hediondos.

Romeo levou um dedo à testa e empurrou, mandando um tonto Madison contra a parede. — Da próxima vez que o vir nos arredores da minha esposa, nem Deus poderá ajudá-lo. Agora

limpe-se. Está fazendo os americanos parecerem tão desajeitados quanto os franceses pensam que somos.

Ele fechou a porta com força.

A ideia de ajudar Madison passou pela minha cabeça por dois segundos. Então me lembrei que veio aqui por uma causa, e essa causa provavelmente era sabotando minha lua de mel ou armar algo contra meu marido.

A todo custo. Até me usar.

Parecia que ninguém tinha meus interesses em mente além de mim.

Quanto mais pensava sobre isso, mais atraente achava ficar grávida. Seria a maneira mais rápida de conseguir que Romeo me mandasse de volta a Chapel Falls com minha dignidade e aliança de casamento intactas.

Certamente, me colocaria onde sua família não pudesse me ver. Talvez até me conceder o divórcio para garantir que nosso filho não receba nenhum benefício de Costa.

Rolei meus ombros para trás.

Esqueça o que acabou de acontecer. Execute a Operação Fazer bebê.

Sim, havia contras óbvios na minha estratégia, mas mesmo a menor chance de ter um bebê e voltar para casa prevaleceu.

Hora do show.

— Antes que reclame sobre o nariz de Madison... — Romeo arrancou seu blazer, prendendo-o em um gancho. — É ultrapassar

os limites com outros homens. Não deve, sob nenhuma circunstância enquanto estiver usando meu anel, conspirar ou foder com eles. Isso não é pedir muito.

Não disse nada. Não consegui encontrar forças para tranquilizá-lo. Além disso, lutar atrapalharia meus planos para esta noite.

Eu o encostei na porta, colocando uma mão em seu peito. Acima de seu coração lento e firme. Ficamos assim pelo que pareceu uma eternidade.

Finalmente, ele fez uma careta. — Está me lançando um feitiço de Henry Plotkin?

Uma risada involuntária borbulhou em minha garganta, mas a engoli. A vergonhosa verdade era que a perspectiva de perder minha virgindade com Romeo me deixava tonta. Todo um estudo científico poderia ser conduzido sobre como um homem tão frio poderia possuir um calor tão penetrante sempre que suas mãos me tocassem.

Tracei um coração sobre o dele. — Quero que me ensine coisas.

— Boas maneiras, presumo.

— Estava pensando mais sobre... hum, coisas de quarto.

— Por que? Dormir parece ser sua especialidade.

— *Romeo*. Fala sério.

Ele lambeu os lábios. Era óbvio que achava a ideia atraente.

Nossos peitos se apertaram um contra o outro. Tracei seu pomo de Adão.

Ele me parou, segurando meu pulso. — Por que sempre tenho a sensação de que está jogando um jogo comigo, *Shortbread*?

Porque estou.

Olhando para ele sob meus cílios, fiz beicinho. — Tudo o que quero é que nos divirtamos juntos em nossa lua de mel. Estou cansada de me sentir miserável.

Então, para mostrar a ele que falava sério, rolei o zíper do meu vestido, tirando o tecido. Caiu em cascata pelo meu corpo como uma cachoeira. Já que não usava sutiã ou calcinha – pois marcavam através da roupa – fiquei completamente nua na sua frente. Seus olhos vagavam por toda parte, acariciando cada centímetro do meu corpo.

Para alguém que se esforçou muito para me fazer sentir mal, ele exercia a estranha habilidade de me fazer sentir querida. Sua garganta tremeu. Sabia que, apesar de seu autocontrole impecável, ele queria fazer coisas sujas e indescritíveis comigo.

Ele passou um dedo pela minha barriga, minhas costelas, o contorno dos meus seios, perdido em pensamentos.

— Quero senti-lo dentro de mim. — Meu olhar se agarrou a seu rosto. — Não considerará isso? Nem mesmo pela primeira vez juntos?

— Não. — A palavra rasgou seus lábios, rouca. Seu toque enviou chamadas de desejo para cima e para baixo na minha pele. — Mas se eu começar a esticar sua bunda agora, provavelmente

posso fazer isso na próxima semana, depois de voltar da minha reunião de quarta-feira em Nova York.

Uma dúzia de réplicas dançou em minha língua, ou seja, onde ele poderia enfiar sua sugestão, mas isso acabaria com meu disfarce. E meu disfarce agora consistia em ser uma esposa agradável, que não queria nada além de relações sexuais com o marido.

— Tudo bem... — limpei minha garganta. — Eu vou... comprarei um desses...

Ugh, como os chamavam? Eu não era tão inocente. Sabia o que eram. Até vi um na Amazon.

— Plugs anais — Romeo forneceu.

— Sim, er... esses.

— Não há necessidade. Tenho uma escova de dentes elétrica, um kit para iniciantes ideal para brincadeiras anais. Largura e formato perfeitos, e as vibrações vão tirá-la do sério.

Não podia acreditar que estava tendo essa conversa com meu marido. Não podia acreditar que ele queria enfiar a sua escova de dentes na minha bunda.

Ele me estudou, esperando por uma reação.

Quando um não chegava, ele apontava — Dê-me acesso à sua bunda, *Shortbread*, e a farei gozar por dias.

Uma montanha de maldições caiu na minha língua, implorando por liberação. No que eu tinha me metido? Garota estúpida com planos estúpidos. Ser imprudente sempre veio com um preço que não estava disposta a pagar. Ainda assim, sabia que

ele esperava que eu desistisse disso. Não importa o quanto temesse, eu não daria a ele está vitória.

Passei um braço em volta de seu pescoço. — Tudo bem.

— Tudo bem?

— Você me ouviu. Ficando com medo, *marido*?

Ele chamou meu blefe, indo até o banheiro e voltando com a escova de dentes. Estudei-a com olhos frenéticos. Realmente não parecia muito grande, mas a perspectiva de enfiá-la em meu buraco mais íntimo me induzia à histeria.

Não queria isso. Não porque achasse que havia algo errado com isso, mas porque ainda não havia concluído tantos outros estágios em meu caminho para descobrir minha sexualidade. Parecia um salto de dois penhascos opostos.

Nua e trêmula, esperei as instruções de Romeo.

Ele sacudiu a escova de dentes. Uma sinfonia de zumbidos tocou entre nós antes que desligasse. — Não há vergonha em levar seus prazeres por caminhos menos percorridos.

Não respondi.

Ele brincou com o botão novamente. — Tem certeza que é isso que quer?

Tentei não tremer. — Sim.

— Na cama, então, *Shortbread*.

Deslizei para a cama, observando sua abordagem. A cada passo, meu coração afundava cada vez mais, até que pude senti-lo batendo entre minhas coxas.

— Vire-se.

Virei, lutando para ficar de joelhos. Senti o seu calor por trás. Para minha surpresa, ele não o empurrou para dentro. Em vez disso, passou o braço em volta da minha barriga, puxando-me para trás.

Seus lábios viajaram pela minha espinha, pressionando beijos da base até minha garganta. Brincou com meus seios por trás e lambeu meu queixo, formando uma poça de calor entre minhas coxas.

Embora amasse seu toque, seus beijos, sua atenção, não conseguia ficar no momento. Não com o sangue de Madison manchado em seus dedos e o assustador conhecimento do que queria fazer comigo. Tudo que podia fazer era ficar quieta e esperar pelo inevitável, engolindo minha bile.

Seus dedos alcançaram entre minhas coxas, retirando um pouco do meu calor suave. Arrastou a umidade da minha frente para minha parte de trás, circulando a borda em um ritmo preguiçoso, provocando-a. Enrijei toda, fechando os olhos.

Ele parou. — *Shortbread?*

— Apenas faça isso já.

Silêncio. Tanto silêncio. *Muito* silêncio.

Foi assim que eu soube que tinha estragado tudo.

Ele agarrou minha cintura e me rolou de costas. Caí em uma nuvem de travesseiros luxuosos, sem ousar piscar com medo de acabar chorando pela primeira vez.

A estúpida escova de dentes ainda estava em sua mão.

Mordi a língua até tirar sangue. — O que está olhando?

— Está chorando.

Eu não estava, mas estava muito perto. O mais próximo que já estive, na verdade.

Apertei os lábios, sem dizer nada. Tinha estragado meu plano. Destruindo-o em pedaços além do reparo.

Estúpida Chapel Falls e suas regras estúpidas. Teria matado a cidade para me dar alguma experiência em sedução?

Romeo jogou a escova de dentes no criado-mudo. — Você também está tremendo.

Quase engasguei quando isso passou voando por mim, como se tivesse o poder de entrar em mim de forma independente. — Só estou com um pouco de frio.

Em outra reviravolta nos acontecimentos, ele me envolveu em seus braços, colando-me em seu peito. Não sabia o que me surpreendeu mais. A resposta humana ou a batida constante de seu coração contra o meu.

Toda a minha raiva por estragar meu plano se transformou em alívio. Para meu horror, comecei a tremer. Sabia que ele detestava fraqueza. Eu também sabia que nunca me senti mais fraca em toda a minha vida. Deitada aqui, nua como vim ao mundo, nos braços de um homem que odiava, sugando seu conforto.

Ele embalou minha cabeça como se eu fosse uma coisa linda e preciosa e acariciou meu cabelo, roçando seus lábios contra minha têmpora.

Esperava que suas próximas palavras fossem: *não chore*.

Romeo, contudo, se recusou a se encaixar no modelo.

— Nunca pediu nada disso, Dallas. Estou bem ciente. Todos os homens em sua vida falharam com você, inclusive eu.

Uma epifania bateu em mim. Minha mente viajou para o quarto de sua infância, navegando pelas fotos.

Os esboços. O *amor*.

Romeo Costa não nasceu uma fera sem coração. Era uma vez, ele amou. *Até Morgan*.

Eventualmente, Romeo se afastou do nosso abraço. Espiei pelas janelas francesas para a escuridão profunda. Já devia passar da meia-noite.

Tocou minha bochecha. — Esqueça o sexo anal. Ainda há muito que podemos fazer.

Balancei a cabeça. — Sei isso. Eu sei. Só estou chateada porquê...

Lembrei-me do meu objetivo enquanto Romeo ainda percorria no limite entre essa versão esfarrapada de homem preocupado e a besta que eu conhecia tão bem.

— Estou triste porque nunca saberei o que é ser tomada no sentido tradicional da palavra. — Ronronei, acrescentando minha expressão mais inocente. — Já fez isso antes, não é? Foi... até o fim?

Agora estava apenas me aproveitando dele.

— Você sabe a resposta para essa pergunta.

Funguei. — Sim, eu sei.

Ele fez uma pausa. — Mesmo que eu quisesse te mostrar, não tenho camisinha aqui.

— Entendo.

— Não, não entende.

— É verdade, não. Nunca farei sexo, já que nunca me dará. Claro, estou triste. Estou autorizada a estar.

Ele se levantou da cama e andou pelo quarto. A culpa – tão densa e tangível – irradiava dele.

Então, ele *tinha* uma consciência.

Meus olhos o seguiam, rastreando seu movimento quando finalmente parou na frente do colchão. — Vista-se.

Não discuti, mergulhando fundo em águas de querer ferrar com Romeo. Minha mala me abasteceu de calcinha de algodão branco e um top de cetim lilás.

Estava prestes a colocar uma calça combinando quando Romeo interrompeu. — É o bastante. Volte para a cama.

Coei minha têmpora. — Não acabou de me dizer para...

— Antes que eu mude de ideia, *Shortbread*.

Whoa.

— Só porque está pedindo tão educadamente. — Caminhei até a cama, caindo sobre ela.

Ele olhou para mim. — Vá dormir.

— *O quê?*

— Vá. Dormir — disse, mais devagar e mais alto.

— Eu o ouvi da primeira vez, mas...

— Voltarei.

Pegou a carteira e saiu. Apenas *saiu*. Sem uma explicação.

O que aconteceu com – antes que eu mude de ideia? – Talvez tivesse mudado afinal.

Decidindo que hoje foi agitado o suficiente, eu, de fato, desci para os doces braços do sono.

Em meus sonhos, me afogava em livros. Capas duras com cheiro de tinta. Com palavras e universos e criaturas distantes e estrangeiras.

Em meus sonhos, não havia besta disfarçada de marido.

E mais importante, sem desgosto disfarçado de casamento.

CAPÍTULO TRINTA

Ollie vB:

Ela já te quebrou?

Romeo Costa:

Considere-me inquebrável.

Zach Sun:

Considere-me chocado com o fato de soar como uma música da Sia dos dias de hoje.

Romeo Costa:

@ZachSun, desde quando usa referências culturais que nada têm a ver com arte?

Ollie vB:

Seus pais o enviaram para um encontro com uma influenciadora na semana passada.

Romeo Costa:

Quantas de suas células cerebrais sobreviveram?

Zach Sun:

Quase todas.

Usei fones de ouvido com cancelamento de ruído ocultos, sorrindo e acenando com a cabeça em intervalos de dois minutos.

Romeo Costa:

Parece promissor.

Quando é o anúncio do casamento?

Ollie vB:

@RomeoCosta, quer me dizer que ainda não provou aquela boceta gostosa e apertada?

Romeo Costa:

Cortarei sua língua com uma faca de manteiga na próxima vez que encontrá-lo.

Ollie vB:

Por que uma faca de manteiga?

Só tornaria as coisas desnecessariamente longas e bagunçadas.

Romeo Costa:

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Exatamente.

Ollie vB:

@ZachSun, observe que ele não disse sim ou não quando lhe perguntei sobre provar sua noiva. O que acha?

Zach Sun:

Ziguezagueando sobre a borda.

Bêbado.

E sem pernas.

Ollie vB:

Sua queda será espetacular.

Romeo Costa:

A tentação é resistível, acredite ou não.

Ollie vB:

Isso pode se aplicar a um bolo. Não uma mulher que se parece com sua esposa.

A irmã dela ainda está na faculdade?

Romeo Costa:

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Já se passaram dez horas desde a última vez que perguntou, então
sim.

Ollie vB:

O tempo se arrasta quando se está esperando.

Zach Sun:

Diga isso ao seu guarda prisional quando for preso por estupro de
menor.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Romeo

Andei de um lado para o outro na *Rue du Faubourg Saint-Honoré*, mascando sete chicletes, quase arrancando o cabelo do couro cabeludo.

Por que *diabos* provoquei *Shortbread* com aquela escova de dentes?

A ninfa teimosa quase concordou também. Foi um desafio da minha parte. Um que explodiu na minha cara de forma espetacular.

Ela conseguiu me fazer amaldiçoar. *E abraçar.*

Claro, poderia entrar em uma farmácia e exigir um pacote de preservativos. Envoltório duplo. Em seguida, terminar o pacote e substituir com outro. E depois outro.

E quando um dos cem ou mais - inevitável na próxima vez que Dallas mexesse a bunda no ar, me dando boas-vindas para entrar dentro de sua boceta - preservativos estourassem, a TLC⁵⁷ poderia nos adicionar ao elenco de *19 Kids and Counting*⁵⁸.

Passo.

⁵⁷-É uma rede de televisão por assinatura.

⁵⁸-É um reality show estadunidense sobre a família Duggar: os pais Jim Bob e Michelle Duggar e seus 19 filhos - nove filhas e dez filhos.

A pílula e o DIU tinham suas desvantagens. Em primeiro lugar, não poderia lhe dizer o que fazer com seu corpo. Em segundo lugar, nunca confiaria nela para tomar as pílulas ou manter o DIU. Ela obviamente queria filhos.

E, finalmente, o corte. As vasectomias tinham apenas uma taxa de sucesso de 99,9%. Conhecendo a minha sorte, estaria nesse vírgula um por cento. Afinal, estava nessa porcentagem em todos os outros aspectos - inteligência, aparência, alíquota de impostos e assim por diante.

Uma ideia se formou na minha cabeça. Entretive-a, pisando para cima e para baixo na calçada.

Shortbread implorou para sentir isso *uma vez*. Apenas uma vez com meu pau em sua boceta.

Não um pedido muito grande. Poderia acabar com isso e seguir em frente com minha vida.

Antes que tivesse a chance de repensar, voltei para o hotel.

Na verdade, nunca esperei que Dallas fosse dormir. Não depois do dia que tivemos, mas subestimei a preguiça de minha esposa. Ela não apenas dormia profundamente, mas também roncava com um pãozinho meio comido grudado no peito.

Sentei-me na beirada do colchão, movi o pãozinho para o criado-mudo e preendi mechas de seu cabelo rebelde atrás das orelhas.

Oliver estava certo. Ela era irresistível.

De alguma forma bonita, inocente e espirituosa ao mesmo tempo. Tão requintada e espinhosa quanto uma rosa selvagem.

Nem hesitei antes de tirar meus sapatos e calças. Apenas de cueca, ajoelhei-me entre suas pernas e encostei meu nariz em sua fenda através de sua calcinha.

Ela murmurou em seu sono, balançando um pouco a bunda. Um pequeno sorriso se formou em seus lábios. Pressionei minha língua quente em seu centro - arfou. O algodão umedecido pela minha boca e seu corpo alcançando minhas intenções. Através do tecido fino, a toquei e chupei seu clitóris, provocando-a.

Seus mamilos se enrugaram atrás de seu top de cetim, e seus olhos se abriram.

Para meu grande prazer, ainda estava meio adormecida, não totalmente coerente. Talvez calasse a boca para variar.

Com um gemido suave, enfiou sua boceta na minha cara. — Mais.

Chupei com mais força seu clitóris, liberando a pressão. Usando meus dedos indicador e médio, enrolei-os totalmente dentro de sua boceta, esticando a calcinha frágil e fodendo-a com os dedos ao mesmo tempo.

— Mmm. Bom.

Bom?

Não tinha tocado uma mulher em quase meia década. Bom não descrevia isso.

As coxas de *Shortbread* tremeram, esmagando minhas orelhas. Seus dedos encontraram meu cabelo, puxando violentamente.

Fui mais forte, mais áspero, agarrando um de seus seios através de seu top e beliscando seu mamilo. Seus olhos finalmente se abriram. Ela piscou para mim por trás de uma cortina de luxúria inocente.

Por um segundo, pensei que poderia me acostumar com isso. Então me lembrei das palavras de Oliver sobre ela.

Uma flecha de possessividade passou por mim, acionando um terceiro dedo na mistura. Provoquei seu clitóris com a ponta da minha língua, circulando. Ela empurrou para frente, deslizando o broto no meu nariz.

— *Porra!* — Gritou minha linda e gentil esposa sulista. — Não é de admirar que papai não tenha nos deixado namorar. Se eu soubesse que era tão bom, teria transado com todos os caras da minha turma.

Quase engasguei com a sua calcinha. De riso ou indignação, não tinha certeza.

— Sim. Sim. Desse jeito, mas talvez... talvez mais rápido.

A alegria infantil em sua voz acelerou meu pulso. Meu coração batia em minhas costelas. Não conseguia me lembrar da última vez que o senti funcionando corretamente. Normalmente, fazia o mínimo necessário para me manter vivo e nem um pouco mais.

Ela se contorceu e gemeu debaixo de mim, apertando suas pernas em volta do meu crânio em um aperto mortal, garantindo que não fosse a lugar nenhum. Seriam necessários três exércitos e um apocalipse inteiro para me afastar.

Dallas Costa era arte refinada. Queria emoldurá-la neste momento e voltar à cena sempre que a vontade de a devorar aparecesse. Era tão receptiva. Cheia de emoção genuína. Nada sobre sua resposta a mim foi premeditada ou calculada. Ela era impiedosamente honesta.

Honesta quando me disse o quanto me odiava com tudo o que tinha. E honesta quando a fiz desmoronar com minha língua e dedos.

O melhor de tudo é que ela era tão diferente de Morgan Lacoste, que só se soltava e gozava quando estava bêbada, o que era universalmente mais frequente do que alguém deveria estar embriagado. Implacável e calculista, Morgan se importava mais em parecer bem durante o sexo do que em realmente gostar do ato.

— Sim. Sim! Estou gozando!

Minha pequena estrela pornô não domesticada me empurrou com tanta força entre suas pernas que meus níveis de oxigênio despencaram. Apertou meus dedos através de sua calcinha enquanto um orgasmo a percorria em ondas.

A onda de calor encharcou o algodão. Eu a beijei através do tecido, de novo e de novo, sabendo que amanhã tudo voltaria à sua posição correta – minhas barreiras, meus limites, meus bloqueios, meus demônios.

— Posso retribuir o favor? — Dallas sentou-se meio erguida.
— Mas não através de sua cueca. Cuecas masculinas sempre cheiram a queijo velho que está em uma panela elétrica há dias. Sei porque sempre que minha empregada saía de férias, todos nós

nos revezamos lavando a roupa. E, bem, realmente não deveria dizer, mas papai...

Não querendo que o momento fosse arruinado com uma conversa sobre a cueca de seu pai, me aproximei, fechando sua boca inteligente com um beijo que tinha gosto de sua boceta doce.

A princípio, ela apertou os lábios e fez uma careta, sem saber o que pensava sobre seu próprio gosto, mas quando arrastei a ponta do meu pau duro ao longo de sua fenda através de nossas roupas, enlouqueceu e me beijou de volta, enfiando a língua tão fundo na minha garganta que pensei que ela pescaria meu jantar.

— Sim. — Ela se mexeu contra mim. — Por favor, senhor, posso ter um pouco mais?

Ela citou *Oliver Twist* enquanto era fodida. Verdadeiramente, a mulher era única.

Sabendo que era idiota, perigoso e insano, enfiei minha ponta em sua fenda. Estava apertada - ainda mais apertada, através do algodão esticado e esfarrapado de sua calcinha arruinada - mas molhada e lisa, pronta para o que estava por vir.

A sensação, de como estava quente e tensa, me desfez completamente. Empurrei mais e mais fundo, entrando nela através da sua calcinha, fodendo-a lentamente com apenas um tecido frágil entre nós.

Afastei minha boca da dela, olhos grudados em meu pau cada vez que afundava nela. Mal cabia dentro, ela era tão apertada.

Esta foi, de longe, a melhor foda que já tive.

Ela ofegou. — É isso que as pessoas chamam de transar a seco?

Não. Nada sobre isso estava seco. Estava basicamente transando com ela através de nossas roupas íntimas.

Só que explicar a ela que isso era sexo em seu auge com uma parte dos meus problemas nele não estava em meus planos para esta noite, ou nunca.

— Claro.

Cada empurrão me trouxe mais perto de um clímax. De impulsos lentos, controlados e provocantes projetados para deixá-la louca de desejo, rapidamente descarrilei para estocadas irregulares, loucas, que precisam estar dentro desta mulher. De um homem tão faminto por conexão humana, por afeto, por necessidades carnis a serem atendidas e satisfeitas.

Minha cabeça ficou tonta. Levei em consideração a possibilidade de que Dallas não pudesse gozar através da penetração. Isso apenas a colocou na mesma categoria que a maioria das mulheres no planeta Terra, mas ela balançou, arranhou e estendeu a mão para mim, parecendo pronta para o clímax. Seus peitos saltavam e balançavam cada vez que eu batia nela.

Sua boca se abriu em admiração, provavelmente porque esse orgasmo parecia diferente dos dois primeiros. Mais profundo e mais violento.

Ela agarrou as lapelas da minha camisa, empurrando seu rosto no meu. — Tire a cueca. — Encontrou meu impulso,

gemendo quando minha coroa espreitou pela abertura em minha cueca boxer. — Quero que goze dentro de mim. Quero senti-lo.

Estava a cerca de dois segundos de cumprir sua demanda. Felizmente, minha lógica agarrou o volante, que meu pau havia agarrado em algum momento desta noite, e descarrilou a situação de uma calamidade total.

Consegui esperar até que ela gozasse, apenas um pouco, antes de sair, virando-a de bruços e me masturbando.

Apontei para sua bunda nua, mas de alguma forma gozei em seu cabelo. Não importa. Ela teria muito tempo para lavá-lo. Sua agenda não estava exatamente cheia. Dallas caiu de costas nos travesseiros, com um sorriso torto no rosto.

— É oficial. — Puxou-me para baixo com ela e salpicou meu rosto com beijos molhados e desleixados, lembrando-me, mais uma vez, que a diferença entre ela e um filhote era realmente insignificante. — Fazer sexo é meu novo esporte favorito.

— Sexo não é um esporte.

— Deveria ser. Eu faria isso o dia todo se fosse uma coisa.

— Isso é. Chama-se prostituição.

Caí em cima dela com total desconsideração ao seu peso leve, estendi a mão para a mesa de cabeceira e enfiei dois chicletes de menta na minha boca.

— Não haverá outra vez. — Rolei para longe dela, meu corpo lustroso de suor, meus músculos calmos pela primeira vez em anos.

— Claro querido. — Grudou os seios no meu braço. Abaixo de nós, os lençóis estavam encharcados com tudo o que tínhamos acabado de fazer. — Só desta vez.

No entanto, a tentação foi demais.

Acabei me concedendo um passe livre durante nossa lua de mel. Por uma semana inteira, fodi Dallas através de suas roupas em todas as oportunidades.

E todas as noites a fodia através de um lençol, tomando cuidado para sempre gozar em seu rosto, língua e seios. Quase que a fodi sem camisinha no *Louvre*. Então comi sua doce boceta em *La Madeleine*. Em uma igreja, de todos os lugares, porque minha esposa encrenqueira simplesmente não podia esperar até que voltássemos para o hotel.

Ela até me implorou para tocá-la com os dedos no *Dodo Manège*. O que significava que eu também tive que chupar seus peitos por baixo de um casaco que coloquei sobre o seu peito no táxi de volta ao hotel.

A estampa estava depressivamente clara.

Casei-me com uma mulher com tendências ninfomaníacas e não tinha vontade de privá-la do que queria. Fui dominado por boceta. Tão dominado que esqueci de pedir, de esperar, de treiná-la para retribuir o favor.

Estava tão apaixonado por sua boceta que esqueci que era uma armadilha de Vênus, faminta pelo meu esperma.

Uma coisa era certa.

Quando voltarmos para solo americano, precisava ficar o mais longe possível de minha esposa. Estar perto dela me colocaria em clara desvantagem em nossa guerra psicológica.

Ela levaria um mês. Dois. Talvez até um ano inteiro, mas sabia em meus ossos que ela me convenceria a foder sem camisinha.

Até que fique cheia até a borda com meu esperma.

O que quer que Dallas Costa quisesse, Dallas Costa conseguia.

E o que ela queria agora era meu herdeiro.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Dallas

O pênis de Romeo poderia curar a depressão.

Infelizmente, não conseguiu curar o ódio.

Eu ainda tinha isso de sobra.

Joguei minha calcinha manchada de menstruação no lixo, pegando um absorvente. A decepção que me inundou não foi porque esperava engravidar tão rápido.

Só não queria uma parada temporária em minha busca para quebrar algum tipo de recorde de orgasmo do Guinness.

O jato me empurrou como um globo de neve. Sentei-me ao lado da pia, esperando a turbulência passar.

Meu sexo já estava dolorido, esticado ao máximo e pronto para a aposentadoria depois de apenas uma semana de trabalho. Cada vez que meus mamilos roçavam meu sutiã, a dormência transformava-se em dor.

Quando o avião se recuperou, voltei para a cabine principal a tempo de ver Romeo virar a página de seu jornal. Minha bunda ainda formigava toda vez que vislumbrava suas mãos fortes.

Passamos nosso tempo na França discutindo ou chegando ao clímax. Havia uma boa chance de eu ter comprometido não apenas minha virgindade, mas também a de minha futura prole.

Eu me joguei na cadeira macia, esperando que Romeo me ignorasse.

E ignorou.

Na verdade, no segundo em que entramos no jato, mostrou mais interesse em seus e-mails do que em mim.

Tudo bem. Que seja.

Liguei do *FaceTimed* para Frankie, mamãe e Sav, estourando biscoitos de arroz de algas na minha língua, ignorando o idiota cruel e autoritária.

Quando voltamos para casa, percebi que tinha esquecido de pedir a Hettie ou Vernon para regar a rosa branca em minha mesa de cabeceira.

Ops.

Subi as escadas correndo assim que me lembrei, deixando Romeo no saguão com nossas malas, confuso e - como sempre - descontente.

— De nada pela lua de mel de 1,4 milhão de dólares, *Shortbread*. — Eu o ignorei, subindo as escadas de dois em dois enquanto murmurava para si mesmo — A qualquer hora.

Invadi meu quarto, ofegante. Embora meu polegar ficasse preto em vez de verde, eu odiava quando as flores morriam. Elas simbolizavam esperança e força. Pois depois de cada inverno vinha a primavera, trazendo flores com ela.

Uma flor cuidada crescia em todo o seu potencial. Gostava de pensar nas pessoas da mesma maneira.

Eu também poderia crescer nas minhas circunstâncias atuais?

Para minha surpresa, a rosa branca parecia florescer perfeitamente em seu frasco improvisado. Nenhuma pétala fora do lugar.

Ufa.

Vernon tinha regado?

Caí de joelhos diante dela, notando o tom esverdeado da água em que estava. Não. Parecia que a rosa havia sobrevivido sozinha.

Bem, o que sabe? Talvez Vernon estivesse certo, e criou uma subespécie de rosa que poderia sobreviver o tempo que levasse para se apaixonar.

— Pelo menos um de nós é de baixa manutenção. — Toquei o caule espinhoso. — Obrigada por sobreviver. Você é a verdadeira MVP⁵⁹, Rose.

Acabei de chamar minha rosa de estimação de Rose?

Sim. Claro, chamei.

— Vejo que conversar com plantas é outra peculiaridade que devo acrescentar à sua lista interminável de esquisitices. — Romeo encostou-se no batente da minha porta, parecendo uma estátua de gelo.

⁵⁹-O termo é uma abreviação para a expressão da língua inglesa "Most Valuable Player", que significa "Jogador Mais Valioso" em tradução livre.

Fiz uma careta para ele. Agora que a novidade do filtro romântico de Paris havia passado e não conseguia mais enfiar o seu rosto entre minhas pernas, lembrei-me do quanto não gostava dele.

Quantidade exata: uma *tonelada*.

— Tia Flow está na cidade, caso esteja aqui para o seu... er, *lanche*.

— Por favor, evite me lembrar que tem parentes. Tenho *TEPT*⁶⁰ intenso de todos os Townsend que conheci até agora. — Empurrou o batente da porta, entrando no meu quarto sem ser convidado. — Acontece que não estou aqui para agradá-la, *Shortbread*. Acredite ou não, meus interesses vão um pouco além da sua cama.

— Não se preocupe. Sei que seu arco na história é arruinar o império de seu pai. É como um vilão da Marvel mal escrito, mas com um corte de cabelo melhor.

Ele olhou para mim, impassível, elevando-se acima de mim agora. — Estou me mudando.

Meus joelhos permaneceram colados à madeira. A cena era terrivelmente degradante, então me levantei, tirando a poeira do meu vestido.

Ele enfiou a mão em sua caixa de metal, colocando dois chicletes na boca. — O trabalho está agitado, com um grande acordo com o DOD em jogo.

Li sobre isso em todas as notícias locais, também archivei na pasta “Não Se Importar” em meu cérebro. Apenas mais uma

⁶⁰-Transtorno do estresse pós-traumático.

disputa de merda entre os Licht e os Costas, ao som de soprano de cerca de seiscentos milhões de dólares.

Revirei os olhos. — Seu trabalho está sempre agitado. Pelo menos seja honesto e admita que quer ficar longe de mim.

Ele me observou com menos interesse do que um relatório de trânsito. — Você é uma distração, e não entretenho isso.

— Eu sou sua *esposa*.

— Agora está apenas repetindo o que eu disse. — Então, com um suspiro, desviou os olhos de mim. — Provavelmente vou visitá-la uma vez no fim de semana para verificar a casa. Pode convidar seus familiares e amigos quando quiser, dois de cada vez, desde que nenhum homem entre por esses portões. Em homens, também incluo Madison, embora não se encaixe necessariamente na categoria.

— Espere, realmente não pode ir. — Passei por ele, bloqueando a porta.

Eu não sabia por que achava o conceito tão difícil de digerir.

Ele deu um passo para o lado, andando ao meu redor. — Eu vou, e você está no meu caminho.

Mergulhei na sua frente, apoiando um braço de cada lado do batente da porta. — Acho que a única saída é passando por mim.

— Muito bem. — Estalou o pescoço. — Passando por você, Sra. Costa.

Romeo avançou em minha direção, me agarrou pelo ombro e me jogou por cima do ombro, caminhando pelo corredor como se não estivesse carregando uma pessoa inteira.

Bati em suas costas, rosnando. — Coloque-me no chão, seu estúpido... coração frio... burro...

— Não sou burro. — Ele me colocou em seu outro ombro, e suspeitei que tinha menos a ver com o meu peso e mais a ver com o desconforto que me causava. — Os outros adjetivos se encaixam, no entanto.

Minha cabeça balançou, colidindo com suas costas a cada passo. Ele me carregou com respirações leves e passos ainda mais leves. Pelo lado bom, obviamente tinha mais espaço para comer, já que parecia que eu não pesava quase nada.

Romeo desceu as escadas. Avistei minha mala sozinha no saguão e notei que ele nunca havia levado a sua para dentro de casa.

Ele não estava mentindo. Nunca planejou ficar.

Romeo contornou a curva da escada e se livrou de mim na cozinha, na frente de uma confusa Hettie. — Com efeito imediato, a Sra. Costa está entre suas responsabilidades, Sra. Holmberg. Deve supervisionar o seu comportamento, incluindo possíveis indiscrições e contratempos. Você garantirá que ela fique longe de problemas, já que o último parece tê-la na discagem rápida.

Hettie franziu a testa. — O que ganho com isso?

— Um aumento de 150 mil e o prazer de manter seu emprego.

— *Okie dokie*⁶¹. — Assobiou, saudando-o com dois dedos na testa. — Conseguiu um acordo, chefe.

⁶¹-É uma expressão em inglês, cuja tradução para português é: "ok", "valeu" ou "falou".

Gemi. — Traidora.

— Trabalhadora — corrigiu.

Alguns segundos depois, Romeo saiu de casa - e da minha vida - como se Paris nunca tivesse acontecido.

Eu me virei para Hettie, furiosa. — Uau. Bastou 150 mil para se virar contra mim.

Hettie não parecia afetada pela minha raiva. — Cento e cinquenta é uma tonelada de dinheiro para o cidadão comum, Dal.

Eu sabia que ela estava certa, mas agora que Romeo não estava aqui, tinha que descontar minha raiva em alguém.

— Mais. — Hettie deu de ombros. — Nunca afirmei ser uma *boa* governanta. Meu trabalho é cozinhar sua aveia. Se eu for péssima na minha função paralela, ninguém pode me culpar. — Piscou.

Sorrio. — Obrigada.

— Claro. Só não tire vantagem disso e jogue orgias massivas e queime o lugar, certo?

— Tentarei o meu melhor — disse, acrescentando interiormente que faria qualquer coisa e tudo menos a lista que ela me deu.

Arrastei-me escada acima e de volta ao meu quarto, onde passei o resto do dia lendo e me lamentando. Minha mente vagou por mil quilômetros do reino distante em que meu livro acontecia.

Antes de pular na cama, notei que uma pétala havia caído da rosa. Apenas uma.

Vê, Vernon? A rosa está murchando e meu ódio pelo meu marido não.

Balançando a cabeça, rastejei para a cama.

Eu me vingaria de Romeo Costa.

Mesmo que fosse a última coisa que eu fizesse.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Ollie vB:

@RomeoCosta, sua mãe acabou de sair da *Bougie Baby*⁶² com sua esposa a reboque e aproximadamente quinhentas sacolas.

Alguma coisa que queira nos dizer?

Romeo Costa:

Sim: cuide da sua vida.

Zach Sun:

O que estava fazendo naquela loja, @OllievB?

Alguma coisa que VOCÊ queira nos dizer?

Ollie vB:

Explicando a você que a *Bougie Baby* está logo ao lado do meu campo de tiro.

Romeo Costa:

Falando em campo de tiro...

⁶²-Marca canadense para bebês e crianças.

Zach Sun:

Nem vá lá.

Isso é duplo homicídio.

Cinquenta anos na prisão.

Apenas dando-lhe os fatos.

Romeo Costa:

Ela não está grávida. A única coisa de que está cheia começa com um S e termina com um T.

Ollie vB:

*Sexiest Alive*⁶³ é, na verdade, apenas o título que a People Magazine me deu.

Meu nome verdadeiro é Oliver.

Romeo Costa:

E sua verdadeira idade cronológica é cinco.

Zach Sun:

Fortalecendo os laços com a sogra dela.

Jogada inteligente.

⁶³-Em tradução livre seria “Mais sexy vivo”.

Romeo Costa:

Infelizmente, ela não é tão obtusa quanto eu imaginava.

Ollie vB:

Admita Costa.

Calculou mal.

Você queria burra e estúpida e conseguiu a melhor e a mais brilhante.

Alexa, toque American Idiot.

Zach Sun:

Ollie tem razão.

Pensou que ela seria seu brinquedo. Na realidade, você tem mais controle sobre o clima.

Romeo Costa:

Toda a sua personalidade é ser uma criança.

Ela se cansará, eventualmente.

Zach Sun:

Vai?

Neste ponto, estamos todos vivendo em uma simulação, e Detroit Townsend tem acesso de administrador.

Não pode me convencer do contrário.

Romeo Costa:

Detroit COSTA.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Romeo

A maneira como o cérebro de Dallas funcionava era um crime absoluto contra a humanidade.

Ao voltar para Potomac, a primeira coisa que fiz foi enviar uma mensagem de texto a Hettie, ordenando-lhe que escondesse o dosador culinário de conta gotas em algum lugar que minha esposa com tesão não pudesse encontrar.

Enquanto me recusava a gozar dentro dela, não deixei *Shortbread* dirigir até o banco de esperma mais próximo e pedir dois Ventis para viagem.

Acontece que a abstinência *era* melhor, porque consegui passar quatro dias sem me relacionar com minha Esposa do Caos.

O que fiz, no entanto, foi observá-la em 49 câmeras de segurança espalhadas pela minha propriedade.

Shortbread estava entediada. E uma *Shortbread* entediada, aprendi, era destrutiva.

Aplaudi seu talento por não fazer absolutamente nada, mas ainda conseguir tanto.

A mulher passava os dias comendo, lendo livros em excesso (às vezes terminando uma série inteira no espaço de 24 horas) e gastando quantias profanas de dinheiro.

Minha inclinação natural era suspeitar que ela havia acumulado minha fatura de cartão de crédito apenas com o propósito de me irritar, em vez de fazê-lo porque realmente desejava os objetos que comprou.

Então, entrei em seu extrato de gastos, notando que ela havia doado um orfanato inteiro para Chattanooga, laptops de última geração para um distrito escolar inteiro e sete dígitos para a pesquisa de *SIDS*⁶⁴.

Isso parecia estar de acordo com sua incapacidade de se controlar toda vez que alguém de fralda entrava em seu raio de oito quilômetros.

Ela acumulava centenas de milhares de dólares em notas todos os dias, desafiando-me a intervir e acabar com sua onda de gastos. Nunca fui de dar o braço a torcer primeiro.

Do meu escritório de canto com ar-condicionado, verificava periodicamente minha adorável esposa, dia após dia, observando-a receber sua mãe, sua irmã, suas amigas e sua recém-contratada massagista particular, pedicure, cabeleireira e uma mulher cujo único propósito parecia estar escovando as sobrancelhas.

Percebi que ela sabia que estava sendo observada. Os sinais não eram exatamente difíceis de perder.

⁶⁴-Síndrome da morte súbita infantil.

Ela às vezes parava na frente de uma câmera e mostrava o dedo ou mostrava os peitos, sem se importar com a possibilidade de minha equipe de segurança ter acesso às minhas imagens domésticas.

O fato de eu ter acabado me casando com uma mulher tão grosseira era uma farsa em si, mas me convenci de que ela sairia de sua fase rebelde.

A verdade que me recusei a considerar é que isso não era uma fase. Esta era sua configuração padrão. Um recurso, não um defeito.

Era quem ela era, e nada nem ninguém poderia mudá-la.

Nos quatro dias que passamos separados, entrava e saía de reuniões com Senior, Bruce e o conselho da Costa Industries, tentando convencer qualquer pessoa disposta a ouvir que eu poderia garantir nosso contrato com o DOD antes que a Licht Holdings tomasse posse. isto.

Não era exatamente uma mentira, mas também não era exatamente uma verdade.

Havia motivos válidos para preocupação. Senior tinha deteriorado a Costa Industries a ponto de não estarmos mais no topo da lista de empresas de defesa. E Bruce, sendo um homem que concorda com tudo certificado, deixou-o.

Poderia ter ficado uma semana inteira sem contato com Dallas se não fosse pelo fato de que, no quinto dia, algo me chamou a atenção em um monitor.

Empurrei o relatório de mercado para o canto da minha mesa de escritório. Uma comoção se formou no portão da minha propriedade. Nunca houve uma comoção no meu portão da frente, ou na propriedade, na verdade, além do volume de 45 quilos de espaço que *Shortbread* ocupava.

Planejei toda a minha vida para se adequar às minhas tendências solitárias. O que poderia explicar por que senti uma erupção desconcertante rastejar pela minha pele no minuto em que vi sete carros de luxo alinhados na minha rua.

O portão se abriu. Lentamente, o exército de veículos entrou na minha garagem. Apertei os olhos, tentando ver quem estava dentro deles.

Cara entrou no meu escritório carregando uma pilha de documentos. — Sr. Costa, seu encontro às duas da tarde com o Sr. Reynolds do DOD está aqui...

— Agora não, Cara.

Reconheci a primeira pessoa a entrar, enfiada dentro de seu Rolls Royce. Barry Lusito. Um ex-colega de faculdade e um homem que pessoalmente excomunguei da indústria há quase sete anos, quando deu em cima de Morgan enquanto ainda estávamos juntos.

Logo atrás dele, um Bentley cruzou minha entrada de carros de trezentos metros, dirigido por um dos engenheiros da Costa Industries - ou devo dizer ex-engenheiro. Um homem que despedi por assédio sexual pouco antes do meu casamento.

Que jogo Dallas estava jogando agora?

Depois de Barry, alguns carros modestos pararam com mulheres neles, algumas das quais reconheci como a nova funcionária de minha esposa. (Por que alguém sem emprego, sem trabalho voluntário e sem doenças físicas precisava de pessoal estava além de mim.)

E seguindo o rebanho de mulheres estava ninguém menos que Oliver von Bismarck, que chegou em seu chamativo Aston Martin DBX - e teve a audácia de acenar para a câmera.

Em seguida, Zach surgiu em seu Lexus LC (ele desprezava carros caros e não confiáveis).

Então, finalmente, Madison Licht.

Repito, a porra de Madison Licht.

Não poderia dizer com certeza, já que ele havia se inclinado para longe da câmera, mas seu nariz parecia estar coberto por algum tipo de curativo nude.

— Senhor... — Cara ajustou seus documentos. — Está tentando chamar a atenção do Sr. Reynolds há três semanas. Não tenho certeza se ele gostará de esperar...

— Minha reunião foi cancelada. — Fiquei de pé, arrancando meu blazer do encosto de cabeça e colocando-o sobre mim ao sair. — Assim como o resto das minhas obrigações para hoje.

Não havia como entreter Thomas Reynolds em nossa sede em Arlington enquanto Madison Licht vagava pelos corredores de minha mansão, bisbilhotando.

Cara correu atrás de mim. — Sr. Costa...

— A resposta é não.

— O que devo dizer ao Sr. Reynolds?

— Que algo urgente surgiu. Relacionado à família.

Isso não foi uma invenção. Algo *surgiu*. Minha pressão arterial. Invadi o elevador, encarando uma Cara frenética e exausta.

— Senhor, nos onze anos que o conheço, nunca perdeu um compromisso.

— Nunca, nos onze anos que me conhece, acorrentei meu destino ao de uma bela sociopata.

Foi a última coisa que disse antes das portas do elevador se fecharem na sua cara.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Romeo

Passei pela entrada da minha garagem, forçando-me a fixar meus olhos a frente, ou arriscar queimar um fusível que acabaria espalhado por todos os jornais locais. Sem mencionar a mídia social, sob a hashtag cada vez maior que compartilhei com Dallas.

Era incapaz de conciliar o fato de que minha propriedade do século XIX, que já abrigou um importante general da União, havia sido reduzida aos terrenos mágicos de uma herdeira georgiana mimada.

As pessoas explodiam da minha grande entrada. Alguém bateu no meu Bentley, jogando cerveja no para-brisa. Não reconheci nenhum deles.

Meu sangue, que geralmente corria tão frio quanto meu coração adormecido, fervia de raiva e da necessidade urgente de infligir dor a alguém. Uma certa pessoa adorável.

Nunca me senti mais vivo em minha vida, *ou* mais psicótico.

Dezoito carros diferentes ocupavam minha garagem de dezesseis carros. Levei oito minutos para localizar uma vaga de estacionamento em minha própria propriedade. Fui para dentro, passando por um Vernon em pânico, que tentou correr de volta para fora.

Uma Hettie corada me recebeu na porta, ambas as mãos levantadas. — Ela disse uma pequena reunião de amigos. Eu juro, Rom.

A ideia de *Shortbread* de uma pequena reunião, aparentemente, consistia em um clube de campo inteiro. Quem eram essas pessoas, afinal? Ela estava em Potomac há menos de dois meses.

Reconheci meus amigos, o *personal shopper* da Hermès, dois chefs com três estrelas Michelin cujos restaurantes Dallas frequentava e, notavelmente, o que parecia ser a grande maioria das pessoas que coloquei na planilha do livro preto em meu escritório doméstico.

A multidão que não quero me envolver. Pessoas que eu evitava sistematicamente a todo custo.

De alguma forma, ela os encontrou e convidou todos e cada um deles para minha casa. Incrível.

Se eu não estivesse tão furioso, ficaria profundamente impressionado.

— Fora do meu caminho.

Hettie abaixou a cabeça, dando um passo para o lado.

Passei pela massa de corpos. A maioria não se preocupou em se vestir bem, aproveitando a maior parte do bom licor da minha adega - as garrafas que guardei para ocasiões especiais - em chinelos de couro Ferragamo e agasalhos Bally.

Um serviço de bufê completo se estendia por todos os balcões, cortesia da *Nibbles*, uma boutique local que cobrava US\$ 1.800 por pessoa para festas.

As pessoas riam, comiam, se misturavam e se sentiam à vontade para fazer passeios pela minha casa. Que, a propósito, estava insuportavelmente barulhenta.

Minha alma, se é que realmente possuía uma, coçava para sair da minha pele como uma bala e correr para salvar sua vida.

Esbarrei em um ombro em minha busca em direção à escada. A pessoa virou.

Oliver.

A primeira coisa que fiz foi dar um soco na sua cara. Não com força suficiente para quebrar um nariz, mas certamente com raiva suficiente para mostrar o que pensava de seu comportamento recente.

Por razões relacionadas à minha criação de merda, possuía um instinto de luta superdesenvolvido. Meu primeiro instinto em qualquer situação, na verdade.

Por décadas, o controlei. *Shortbread* já o havia desencadeado em muitas vítimas inocentes.

— *Aw.* — Oliver esfregou a bochecha. — Para o que foi isso?

— Dizendo coisas sexistas sobre minha esposa, oferecendo seus favores sexuais na minha cara e, francamente, porque seu rosto é irritante.

Ele suspirou. — Justo. Só para constar, não estou mais interessado em brincar sobre ir para a cama com sua esposa. Achei

que isso impediria qualquer tentativa futura de ficar com a irmã dela.

Alguém na minha vida tem mais de treze anos?

— O que tem a dizer por você mesmo?

Ele tomou um gole da cerveja belga que nem vendiam nos Estados Unidos. Jesus. Quanto dinheiro essa minha maldição gastou durante nosso breve casamento?

As sobrancelhas de Oliver se juntaram. — Relativo a quê?

Perdi a paciência. — O que diabos te inspirou a confirmar presença na festa dela?

— *Ah*. Não havia *RVSP*. — Girou o dedo. — Esta pequena festa foi toda improvisada. Arrumou tudo no último minuto. Incrível, certo? Ela poderia fazer isso para viver.

A ideia de *Shortbread* possuir um emprego - ou se reportar a alguém que não fosse seu eu irresponsável - era risível e inconcebível.

Essa conversa acabou com o que restava da minha paciência.

Oliver levou a garrafa de cerveja aos lábios. Segurei a base no lugar, forçando-o a terminar até a última gota ou arriscar ser afogado pela *Pilsner*⁶⁵.

— Oliver. Por que está aqui?

Quando soltei a garrafa, ele se recuperou com um sorriso, enxugando os lábios com as costas da mão. — Bem, o fato de que ela dá festas bombásticas. Ela disse que haveria serviço de bufê

⁶⁵-Marca de cerveja.

especial, bebidas alcoólicas internacionais e teatro com fogo. E até agora, *Derbyshire*⁶⁶ não me decepcionou.

Teatro com fogo? Na minha casa?

Agarrei sua camisa, perdendo todos os traços do controle que tanto gostava. — Onde ela está?

Oliver deu de ombros - ou tentou sob meus punhos. — A última vez que a vi, estava experimentando o vestido de festa de uma garota, e aquela garota estava experimentando o vestido dela.

— Ela estava nua na frente de outras pessoas?

Ia ter um infarto. Aos trinta e um.

— Posso ver porque está enfrentando a tempestade, mano. Ela é sexo nas pernas. Como mantém aquela bunda? Quinhentos agachamentos por dia?

Experimente dois pacotes de Oreos e um McFlurry.

Lutei com dezenas de pessoas até chegar ao quarto de Dallas. Fechado. Claro.

Arrombei a porta com um chute. Normalmente, não gostava de danificar minhas portas rústicas de cinco mil, mas tempos de desespero exigiam medidas desesperadas. Falando em desespero, minha esposa estava empoleirada na beira da cama, usando um vestido verde berrante que não pertencia a ela.

Madison se ajoelhou diante dela, chorando ativamente em seu colo. O homem ostentava dois olhos roxos por causa da rinoplastia

⁶⁶-É um lugar famoso na Inglaterra por sua variedade de casas de campo únicas e deslumbrantes.

que fiz em Paris. E ainda assim, foi idiota o suficiente para pisar em meu território sem um exército inteiro ao seu lado.

Dallas parecia entediada e no personagem.

Era óbvio que ela passou um tempo considerável esperando que eu fizesse minha grande entrada. Queria minha atenção - e ela agora seria a infeliz receptora disso.

Madison ficou de pé enquanto Dallas demorava a se levantar, uma pitada de satisfação em seus lábios carnudos e deliciosos. Ela ganhou esta rodada, e sabia disso. Eu terminei meu dia para estar aqui.

Eu a circulei agora, predatório. Meus olhos nunca vacilaram de seu corpo. — Diga-me, Licht. Estava ausente no dia em que Deus distribuiu células cerebrais?

— Não pode colocar a mão em mim em público. — Madison revelou suas cartas em nosso jogo de pôquer. — E estamos, para todos os efeitos, em um local público. Há quase cem pessoas aqui.

Ele estava certo. Algumas delas saíram da sala enquanto conversávamos, imaginando por que a porta estava no chão e nós três parecíamos tão tensos. Parecia evidente que pelo menos um de nós iria embora em um saco para cadáveres.

— Está me dando um crédito quando não mereço. — Estalei os nós dos dedos, sentindo-me perigosamente perto de perder minha calma e fachada reservada. — Posso muito bem matá-lo aqui e agora se não me explicar no que acabei de entrar.

Shortbread fez beicinho. — Estávamos tendo uma conversa de encerramento.

Leio nas entrelinhas. Ela escolheu se tornar uma jogador nesta confusão. E funcionou. Isso marcou o momento em que deixou de ser colateral.

— Ou uma conversa de reconciliação — rebateu Madison. — Depende de como olha para isso, na verdade.

Sua tentativa de me induzir a um erro era tão óbvia que seria melhor ele colocar um outdoor da Times Square.

E ainda assim, pela primeira vez na vida, caí direto em sua armadilha. Parei de rodeá-lo. Apertei meu punho na sua garganta.

Quase cortei seu suprimento de oxigênio, mas alguém agarrou meu cotovelo.

— Jesus, Rom. O que está fazendo? — Zach sussurrou em meu ouvido por trás, me puxando para longe de Madison.

Se fosse apenas Zach, provavelmente poderia me livrar dele. Éramos parecidos em tamanho, mas eu tinha experiência neste campo e um extra de vinte quilos de raiva dentro de mim agora.

Infelizmente, Oliver segurou meu outro braço. — Eu sabia que ele estragaria toda a diversão. Da próxima vez, não o convide, Daly City.

Dallas o ignorou.

Madison riu. — Isso tudo é muito o recreio do jardim de infância, Costa. Não consegue controlar suas emoções?

— Minhas emoções estão bem. Na verdade, *foi* muito bom foder sua ex-noiva com minha língua cinco minutos depois de quebrar seu nariz em Paris.

Um coro de suspiros ricocheteou atrás do meu ombro.

A maioria das pessoas me via como um homem de negócios antipático e eficiente, que nunca saía fora dos limites ou fazia qualquer coisa para angariar fofocas. Positiva, negativa ou não.

Essa imagem desmoronou em ruínas. Por causa de *Shortbread*.

Ela também roubou oficialmente meu segundo escândalo.

Madison estreitou os olhos, lembrando-me por que os frascos de xampu vinham com instruções. — Deveria processá-lo pelo que fez comigo.

— Deveria. Dessa forma, posso processá-lo pelo que fez comigo.

Ele e eu sabíamos exatamente a que eu me referia. Seu sorriso desapareceu. Ele se afastou ainda mais de Dallas, que havia saído dessa conversa minutos atrás e agora estava examinando suas cutículas.

Seus lábios voltados para baixo cheiravam a insatisfação. Ainda bem que ela também convidou sua manicure.

— Tudo bem, amigo. É hora de sair daqui antes que eu mesmo estrague ainda mais sua cara. — Com um sorriso alegre, Oliver agarrou Madison pela orelha como um diretor do século XIX, arrastando-o para fora para que todos vissem. — E odeio dizer isso, mas do fundo do meu coração, não pode se dar ao luxo de mais danos ao seu rosto já mediano.

As pessoas cuspiam risadas nervosas. Não notei nenhum telefone apontado para nós. *Shortbread* deve tê-los confiscado na chegada de seus convidados.

Garota esperta.

Garota morta também, mas inteligente mesmo assim.

Com Madison chutando, gritando e ameaçando com ação legal enquanto Oliver literalmente o arrastava para fora do local, me dirigi a verdadeira culpada pela ruína da minha vida.

— O que tem a dizer por você mesma?

— Não muito. — Fez beicinho. — Parece estar falando por nós dois. Sêrio, Rom? Contar ao mundo o que aconteceu no quarto do hotel?

Não é o meu melhor momento, daria isso a ela. Não que estivesse com humor para admitir isso.

— Foi a nossa lua de mel. Ninguém sob este teto pensou que estávamos jogando cartas e discutindo poemas de Dante em nossa suíte. Agora está pronta para ficar de castigo?

— Estamos interpretando agora? É aqui que me bate, papai?

Para meu horror, meu pau se mexeu.

Enquanto isso, Zach pairava na periferia, provavelmente com medo de que eu fizesse algo que achasse que eu me arrependeria. Como chutar Dallas para fora da minha casa e jogar seus livros de Henry Plotkin no Potomac.

— Está ciente de que Hettie é responsável por cada passo em falso que você dá?

Isso a afetou.

Shortbread endireitou-se, encontrando-me em passos rápidos.
— Isso não é culpa dela. Prometi a ela apenas uma pequena reunião, mas nunca esperei que aparecesse tanta gente na sua casa. Pensei que todos iriam evitá-lo como uma praga.

— E devo acreditar que convidar todas as pessoas que já coloquei na lista negra em um raio de 160 quilômetros é um simples erro inocente?

Ela fez beicinho. — Pensei que era sua lista de amigos. *Surpresa?* — Na minha expressão plana e sem graça, balançou em seus pés. — Como poderia saber qual era aquela lista? Não é como se me dissesse alguma coisa. Não sei nada sobre você. Em que cidade nasceu. O nome do seu primeiro animal de estimação. O nome de solteira da sua mãe. Sua comida favorita quando criança.

— Aprende-se coisas perguntando, Dallas. Não dando festas que podem ser ouvidas da Estação Espacial Internacional.

— Eu *pergunto*. Você nunca me responde.

— Potomac. Nenhum animal de estimação. Serra. Qualquer coisa com calorias. Viu como foi fácil?

— Rom. — Isso veio de Zach, que se aproximou do meu flanco. Eu o ignorei. — Mais alguma coisa que gostaria de saber?

— A marca e o modelo do seu primeiro carro?

— Um Porsche Cayenne.

— *Rom*.

Eu me virei para Zach. — O quê?

— Essas perguntas tocam alguma campainha? De, ah, não sei... Das perguntas de segurança para uma conta bancária, talvez?

Dallas lançou um olhar feroz para ele. — Então, pode curtir minha festa, mas não pode ajudar a custeá-la? Vai pagar a conta se ele cortar meu cartão de crédito? Pelo menos fique fora do meu caminho enquanto corro.

Do corredor, Oliver gargalhou. — Eu a amo, Rom. Amo mesmo.

Eu nem tinha percebido que ele havia retornado.

— Fora. — Apontei para a porta, seguido por meus dois amigos. — Vocês dois. Fora. E *você*... — me virei para Dallas. — Vem comigo.

— Por que eu deveria? — Ela sacudiu o cabelo.

Levou tudo em mim para não agarrá-la pela cintura e acabar com ela na frente de uma plateia. A única coisa que me impediu foi o fato de que, infelizmente, provavelmente fazia parte de seu plano mestre.

— Porque eu disse.

Ofegou teatralmente. — Oh, por que não disse isso? Nesse caso, comece a caminhar. Eu *certamente* seguirei.

Sorrio. — Porque toda a série de Henry Plotkin ficará linda com chamas dançantes ao seu redor quando seu teatro de fogo começar.

Isso limpou o beicinho satisfeito de seu rosto. — Lidere o caminho.

A viagem para o meu quarto transcorreu em silêncio absoluto. Entre nós, pelo menos. A própria casa jorrou mais barulho do que um show do BTS.

Fechei a porta, trancando-a para garantir. Agora que estávamos sozinhos, a incerteza obscureceu suas feições delicadas. Eu a encarei, perdendo o restante da minha compostura.

Suas costas encostaram contra a minha janela. — Está tendo um ataque cardíaco? — A mordacidade porém, havia desaparecido de sua voz, substituída por timidez. — Já que é uma aberração por limpeza e há um trilhão de pessoas festejando aqui.

— De quem é este vestido? — Agarrei o tecido de sua roupa entre nós, torcendo-o até esticar ao longo de sua pele lisa.

— Morgan. — Ela me encarou com o queixo erguido. — Ela está aqui.

Não perdi nem uma batida. — Pouco provável.

— Como sabe?

— Porque depois que terminei com ela, a exilei para a Noruega. Ela não pôs os pés nos Estados Unidos nos últimos seis anos. Ela tiraria a própria vida antes de me procurar de bom grado.

Palavras frias. Entregue sem um pinga de simpatia. E ainda, mais do que Morgan merecia.

Shortbread parecia horrorizada. — Senhor, o que fez àquela pobre mulher?

— Só o que ela merecia. Agora responda minha pergunta. De quem é este vestido?

— Abby Calgman.

Abby Calgman. Um dos encontros mais proeminentes de Madison. Ele costumava desfilhar com ela em nossos círculos.

Na verdade, suspeitava que ele realmente gostasse dela. Aposto o que restou de minha propriedade e a esposa selvagem que a arruinou que ainda estão se vendo.

— Provavelmente deveria devolver a ela... — Dallas engoliu em seco. O constrangimento pintou suas bochechas de rosa, provavelmente pela memória recente de mostrar para toda a festa seus peitos e bunda. — Eu devo ir.

Ela tentou passar por baixo do meu braço, mas a apertei ainda mais, com um sorriso perverso brincando em meu rosto. — Ora, Sra. Costa, infelizmente não posso permitir que saia sem uma despedida adequada.

— O que quer dizer...

Em um movimento suave, rasguei o vestido do decote até a barra, deixando-o em duas peças bagunçadas nas tábuas de madeira. Dallas agora usava um sutiã preto sem alças e uma calcinha de renda combinando.

Estava boquiaberta. — Você é insano.

Comecei a desafivelar meu cinto. Se eu tivesse que perder meio dia de trabalho, algo bom precisava sair disso.

Assim que soltei meu pau, pesado e inchado, todos os protestos e venenos abandonaram Dallas. Ela lambeu os lábios.

— Onde quer isso? — Exigi.

Seu olhar viajou para cima, encontrando o meu. — Dentro de mim.

— *Onde?* Especifique. Você tem muitos buracos, e todos estão implorando para serem fodidos agora.

Em um raro momento de lucidez, ocorreu-me que *Shortbread* veria isso como uma recompensa, não como uma punição, e isso poderia vir com o efeito colateral não intencional de incentivar seu mau comportamento, mas *também* me ocorreu que, se minha esposa intratável não tocasse meu pau nos próximos minutos, esse pau poderia realmente entrar em combustão.

Dallas franziu os lábios, recusando-se a entrar no jogo. A mulher abrigava muito orgulho para seu próprio bem.

— Aqui? — Apertei meu pau, correndo ao longo de sua fenda através de sua calcinha.

Ela estremeceu toda.

No fundo da minha cabeça, lembrei-me de sua bunda contra a janela. Que alguns de nossos convidados no jardim abaixo estavam a par do que estava acontecendo entre nós, mas não poderia me importar menos. Cheguei à deprimente conclusão de que minha jovem e descontrolada esposa trouxe à tona características em mim que nunca soube que existiam.

Ela ergueu o queixo, mas não respondeu.

— Ou talvez... aqui?

Agarrei-a pela cintura e a girei, empurrando-a contra o vidro. Deslizei meu dedo na lateral da sua calcinha e a movi para o lado, deixando-a bater contra sua pele.

Então corri a coroa do meu pau ao longo de sua bunda. Um gemido escapou dela. Arqueou as costas para acomodar meio centímetro entre as nádegas. Mesmo assim, sem palavras.

Minha boca encontrou a concha de sua orelha.

Eu torci minha mão ao seu redor, puxando seu mamilo. — Talvez finalmente esteja pronta para retribuir o favor por todas as vezes que a comi.

Shortbread agarrou o parapeito da janela, dobrando-se até a metade e empurrando para mim. Meu pau deslizou por sua boceta molhada, fazendo-me assobiar com prazer descarado antes de sair. Queria bater nela como se minha vida dependesse disso, e ela sabia disso.

— Jogo sujo. — Belisquei seu mamilo.

Ela arfou, o interior de suas coxas ficando ainda mais úmido com seu desejo. — Você começou isso.

— Já se perguntou qual é o meu gosto, *Shortbread*?

— Não.

— Bem, está prestes a descobrir.

Eu a virei novamente, deslizando minha mão entre suas coxas. Estava encharcada através de sua calcinha, esfregando-se contra mim com entusiasmo. Sua respiração ofegante fez seus seios saltarem contra meu peito. Achei que tinha feito tudo isso de propósito. Com esta reação exata em mente.

E ainda assim, não conseguia parar.

— De joelhos, *Shortbread*.

— Nos seus sonhos, idiota.

Não adianta dizer a ela que desempenhava um papel importante nos meus pesadelos. Para minha consternação, meu pau não compartilhava do sentimento e pulsava entre nós.

Ela olhou para baixo, lambendo os lábios. — Certo, mas farei isso por ele, não por você.

Dallas caiu de joelhos, seus olhos âmbar evitando meus cinzas. Colocou a mão em volta do meu pau, e juro que quase gozei na cara dela ali mesmo.

A confiança que demonstrou, apesar de sua absoluta inexperiência, acabou comigo.

Outra mulher - basicamente qualquer outra garota de criação religiosa e zero horas de experiência com sexo - pediria informações ou se desculparia antecipadamente pelo que poderia ser um desempenho medíocre.

Não minha esposa. Não. Ela existia em seu próprio pequeno universo. Um universo no qual eu, e todos os outros homens que cativou, orbitamos à sua volta.

Shortbread estudou meu pau centímetro por centímetro, sem se importar com o fato de haver um homem zangado e impaciente ligado a ele, antes de passar sua língua quente e úmida sobre o topo. Inclinei minha cabeça para trás, suprimindo um grunhido.

— Um pouco salgado — comentou, então começou, surpreendentemente, a morder meu pau.

Seus lábios se moveram ao longo do eixo, meio beijando, meio lambendo, enquanto o agarrava pela raiz. Era tão erótico, tão autêntico, tudo que podia fazer era olhar maravilhado.

— Cheira bem — observou, aparentemente para o meu pau, não para mim, se afastando para olhar para ele novamente.

Então, quando estava prestes a cair de joelhos e implorar para ela me chupar, ela abriu sua boca apertada, cobriu meu eixo e deu uma chupada longa e ávida.

Porra. Foda-se, merda, porra, merda.

Todas as minhas boas maneiras voaram pela porta enquanto Dallas me atendia na frente da minha janela. Coloquei uma mão no vidro e enlacei a outra em seu exuberante cabelo castanho enquanto tentava tomar mais e mais de mim.

Ela fez barulhos alegres o tempo todo, levando-me ao limite, a ponto de eu saber, desconcertantemente, que meus joelhos cederiam e eu gozaria como um pré-adolescente depois de dez segundos se ela não parasse.

Puxei-a pelos cabelos, recusando-me a perder o prestígio. — Na minha cama.

Na minha cama?

O que diabos eu estava pedindo a ela? Nenhuma mulher entrou na minha cama desde Morgan - e não por coincidência.

Sentindo isso como um convite único na vida, *Shortbread* se levantou e correu para o meu colchão. Aquele trem havia saído da estação e não tinha freios.

Eu a empurrei para baixo para que ela se achatasse contra o meu edredom, a cabeça apoiada em dois dos meus travesseiros. Subindo na cama, a segurei com minhas coxas, agarrei a cabeceira e posicionei meu pau na frente de sua boca.

Ela olhou para mim com pura alegria. Estava tentando puni-la, e ela legitimamente pediria por mais.

Inacreditável.

— Vou foder essa sua boca esperta agora, *Shortbread*.

Qualquer outra mulher pelo menos pararia para pensar sobre isso. Vinte centímetros de comprimento em uma circunferência de quinze não era brincadeira de criança.

Shortbread, porém, apenas abriu bem a boca. — Está bem!

Bati nela, acertando o fundo de sua garganta. Ela fez um som de engasgo. Seus olhos lacrimejaram. Estudei-a por um segundo, imóvel, esperando que me afastasse. Em um movimento característico de *Shortbread*, ela agarrou minha bunda, puxando-me para mais perto dela.

Uma vez que se acostumou com o tamanho na sua boca, olhou para mim sob uma cortina escura de cílios. A excitação saltou de seus olhos.

Meu coração batia tão rápido que pensei que fosse se desprender das artérias e cair no esquecimento.

Puxei para fora, então bati em sua boca novamente. Então de novo.

E de novo. E de novo.

Logo, estava fodendo sua boca sem piedade. Sem um cuidado com o nosso entorno.

Sem me importar com o fato de que, ao fazê-lo, lhe dei tudo o que ela queria.

As molas do colchão rangeram. Dallas gemeu, excitada pelos meus grunhidos. O ruído encobria todas as superfícies. No entanto, não estava tão provocado quanto normalmente estaria.

Cada vez que meu pau encontrava a parte de trás de sua garganta, minhas bolas apertavam e tinha certeza que estouraria minha carga.

Dallas sugou e lambeu, cada movimento com fome, tomando cada centímetro de mim como se fosse sua refeição favorita. Se era assim que eu reagia a sua boca, o que aconteceria se pegasse sua boceta?

— Gozarei na sua boca, e vai segurá-lo, abrir bem a boca, gorgolejar, provar e depois - e só depois - engolir. Estamos entendido?

Apesar de todos os seus modos desobedientes, quando se tratava do quarto, ela era surpreendentemente boa em seguir instruções. Assentiu com entusiasmo.

Empurrei em sua boca mais rápido, mais forte e mais profundo. Lágrimas escorriam por seu rosto. Fiquei pensando que não gostava de vê-la chorar, mesmo sabendo que não era de tristeza.

Meu orgasmo foi uma coisa linda. Fazia muito tempo desde que gozei na boca de uma mulher - em uma mulher, *ponto final*.

A quantidade de esperma que ejaculei nela foi surpreendente. O suficiente para encher um maldito Venti. O esperma vazou dos cantos dos lábios até a garganta adorável e os seios fartos.

Eu me afastei, observando-a olhar para mim com expectativa.
— Abra sua boca.

Ela abriu. Mais esperma saiu dela. Branco e grosso.

Passei meu dedo indicador ao longo do canto de seus lábios, pegando algumas gotas e esfregando-as contra seu mamilo tenso. O resto do esperma gentilmente enfiei de volta em sua boca.

— Engula, querida.

Engoliu.

— Gosta disso?

Ela assentiu com a cabeça, as bochechas manchadas de lágrimas, a pele corada.

— Vamos ver se está falando a verdade.

Coloquei minha mão entre suas pernas e deslizei por sua calcinha, afundando meu dedo em sua boceta apertada. Estava tão molhada que eu poderia enfiar um martelo nela e ela nem sentiria.

Meu pau já tinha endurecido de novo, e não tinha nem um minuto.

Um sorriso encontrou meus lábios. — Você me deixaria fazer qualquer coisa que eu quisesse com você. Não é, *Shortbread*?

Ela deu de ombros, sua boca ainda cheia do meu esperma.

— Posso foder sua bunda?

Um aceno de cabeça.

— Posso foder sua boceta e dedilhá-la ao mesmo tempo?

Um aceno *ansioso*. Não faria, mas foi bom saber.

Eu levantei uma sobrancelha. — Meus amigos podem se juntar a nós?

Esta era uma pergunta capciosa, porque só havia uma resposta - inferno para o maldito não, mas Dallas acenou com a cabeça, ainda, um sorriso se espalhando em seu rosto, fazendo mais do meu sêmen escorrer por seu queixo.

Toquei a curva de sua mandíbula, fechando sua boca. — Resposta errada. Agora engula tudo de bom grado e abra a boca quando estiver limpo.

Engoliu algumas vezes. Abriu a boca. Sua língua estava rosa. Limpíssima.

Enquanto admirava a vista, tudo que eu conseguia pensar era que ela tinha respondido sim para foder Oliver e Zach.

Eu me arranquei dela, enfiando meu pau de volta na minha cueca e apertando o cinto. — Parabéns. Se você queria minha atenção, conseguiu. Voltarei para a casa, nem que seja para garantir que permaneça de pé e sobreviva a você.

— Tudo o que ouvi foi que sentiu minha falta — disse, espalhando seus membros na minha cama preguiçosamente.

— Precisa verificar seus ouvidos.

— Precisa ter seu coração curado.

— Gosto disso do jeito que é. — Abri a porta do meu quarto, sinalizando o fim da nossa conversa. — Coberto de gelo e batendo apenas por um propósito: minha vingança.

Passei do limiar. E o que me esperava? Abby do lado de fora. Na verdade, havia escutado, caindo aos meus pés em uma pilha de membros.

Ela se endireitou em pânico e embaraço, ainda usando o vestido de chiffon rosa de Dallas.

— Hum, oi, Rom. Faz algum tempo.

— Isso é porque evito você ativamente.

Abby fez beicinho, olhando para mim através de cílios postiços. — Estou aqui para pegar meu vestido.

— Achou que entraria no seu ouvido pela porta do meu quarto?

Ela corou, bufou e colocou a mão na cintura. — Terei meu vestido de volta ou não?

— Não antes de me devolver o vestido da minha esposa.

A referida esposa permaneceu atrás do meu ombro, enfiada na minha cama debaixo das minhas cobertas, encolhendo-se com a maneira como lidei com toda a situação.

Servi-a bem. Recusei-me a tocar no fato de que tinha uma mulher na minha cama pela primeira vez desde Morgan com uma vara de três metros. Muito para raciocinar.

Com um grunhido, Abby começou a se despir da coisa rosa. Não usava sutiã, então seus seios agora balançavam perigosamente perto do meu peito.

Resisti à vontade de vomitar sobre eles.

— Aqui. — Jogou os braços para o lado. O vestido reunido em torno de seus tornozelos de salto alto. — Feliz agora?

— Nem um pouco. Espere aqui. — Eu me virei, recuperei as duas peças do vestido arruinado do chão perto da minha janela e as joguei em sua direção. — Envie meus cumprimentos a Licht.

Ela gritou. — Espere, o vestido está rasgado.

— Tão perspicaz.

Abby pisoteou. — Seu desgraçado.

Bati a porta na sua cara.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Dallas

Romeo mudou suas coisas de volta no mesmo dia da minha festa.

Logo depois, expulsou todo mundo e chamou seu serviço de limpeza quinzenal para – passar alvejante por toda a casa, paredes e teto incluídos.

Espiei da janela do meu quarto enquanto um exército de pessoas em sua folha de pagamento empurrava suas malas de volta para dentro. Abracei meus braços, pensando sobre o que aconteceu entre nós apenas algumas horas atrás.

Quando Romeo gozou em minha boca, tinha guardado um pouco de seu sêmen debaixo da minha língua. Li em algum lugar que o esperma ainda pode sobreviver na boca, desde que permaneça em sua forma gelatinosa. Fiz isso.

Quando corri para o meu quarto para cuspir em um copo de enxaguante bucal, imaginei que poderia tentar engravidar, mas encostada em minha pia, observando a coisa branca nadando no copinho, algo me impedia de fazê-lo.

Minha moral, talvez.

Eu ainda a tinha, embora meu marido tivesse perdido a dele em algum lugar ao longo do caminho.

Era roubo de esperma. Estava errado. E eu, infelizmente, tinha limites que me recusava a ultrapassar.

Claro, não tinha obrigação de seguir a estrada ética. Não depois de tudo que Romeo me fez passar. Ele me enganou de tantas maneiras, então era justo que eu o enganasse de volta.

Ainda assim, meu orgulho não me deixaria conceber dessa maneira. Com sêmen cuspidor. Em um banheiro. Como uma ladra.

Não. A queda de Romeo seria causada por ele mesmo.

Eu pretendia quebrá-lo. As rachaduras já eram aparentes, impressas em todo o seu comportamento.

Ele me queria. Eu sabia que queria. Mesmo que fosse a última coisa que ele precisava.

Enquanto observava meu lindo e terrível marido serpentear pelo jardim, impassível, o telefone pressionado contra o ouvido, sem dúvida discutindo algo relacionado ao trabalho, me perguntei como seria trazê-lo à submissão total.

Eu certamente descobriria.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Romeo

Romeo Costa:

Cara enviou um vestido para casa.

Esteja pronta às oito da noite em ponto.

Dallas Costa:

Desculpe, eu tenho planos.

Romeo Costa:

Ingerir *pho*⁶⁷ em frente a *Dead to Me*⁶⁸ não é considerado plano.

Dallas Costa:

Está bem, nesse caso, desculpe. Eu não quero.

Romeo Costa:

É para uma gala de caridade.

⁶⁷-Prato tradicional da culinária vietnamita, trata-se de uma sopa de fitas de arroz com peito de boi.

⁶⁸-Série estadunidense de humor, no Brasil, Disque Amiga para Matar.

Dallas Costa:

A coisa mais caridosa que pode fazer é enviar o cheque e não estar lá pessoalmente para estragar a diversão de todos.

Romeo Costa:

Esteja pronta às oito.

Shortbread ignorou minha mensagem.

O fato de ela ter me enviado uma mensagem depois do incidente, três dias atrás, foi nada menos que um milagre.

A mensagem lida me encarou, dez minutos depois de minha reunião com um contato do Pentágono.

Infelizmente, Bruce ocupou o assento ao meu lado. E também lamentável foi o fato de que era irritantemente, incomparavelmente fenomenal em seu trabalho.

Na verdade, a única falha de Bruce era sua função como animal de estimação de Senior. Quando se tratava de negócios, merecia sua reputação imponente. Walkman, que trabalhava diretamente com o vice-secretário de Defesa, apegava-se a cada uma de suas palavras, prometendo influenciar seu chefe a nosso favor.

Uma hora e meia depois, verifiquei minhas mensagens no elevador para o estacionamento. Ainda sem resposta. Era óbvio que Shortbread não tinha intenção de comparecer à gala.

Como era esperado, ela não tinha escolha.

Meu pai estaria lá, o que significava que toda a diretoria da Costa Industries estaria lá.

Aparecer sem minha nova esposa confirmaria todos os boatos dos tabloides que Dallas e eu conjuramos nos últimos dois meses. Não ajudou que a festa de Shortbread tivesse chegado à primeira página das notícias da sociedade DMV.

Bruce desembrulhou um *Treasurer Luxury Black*, sacudindo o cigarro entre os dedos. — Problemas no paraíso, Junior?

Perfume adocicado enjoativo de pêssego invadiu o espaço apertado. Veio direto de Bruce. Lembrei-me, mais uma vez, de que Bruce e Senior tinham muito em comum. Como o fato de que ambos consideravam o adultério seu cárdio diário.

Guardei meu telefone no bolso, desejando que minha propensão à morte se estendesse à indústria do tabaco. Que o cigarro na mão de Bruce o descartaria mais rápido.

— Shelley sabe que inseminou metade de DMV?

— Não só Shelley está ciente, como também é obediente o suficiente para aparecer na gala desta noite. Que dócil. — Deslizou o *Luxury Black* pelos caninos. — E sua gata selvagem não domesticada? Estará presente?

Mesmo que eu tenha que arrastá-la pelos cabelos, estilo homem das cavernas.

Quando cheguei em casa, encontrei-a vazia.

Verifiquei primeiro a cozinha, depois a sala de TV e, finalmente, o seu quarto. Nada de Shortbread.

Encontrei, no entanto, a caixa verde-oliva *Yumi Katsura* com flores douradas em seu edredom. Fechada. Um cartão de agradecimento manuscrito por comprar conosco ainda aninhado no topo.

O objetivo de voltar a morar aqui era monitorar minha esposa *banshee*, mas ela voltava para casa todas as noites depois da meia-noite e acordava às três da tarde, apenas para sair de casa novamente.

Isso acabou agora.

Tirei meu telefone do bolso Kiton.

Romeo Costa:

Estou na propriedade e você não.

Dallas Costa:

Comi *ota'ika*⁶⁹ e *lu sipi*⁷⁰ no almoço.

Você comeu couve-de-bruxelas e frango.

Não era difícil que ela soubesse disso.

Afinal, eu comia a mesma coisa todos os dias. Toda refeição. Trezentos e sessenta e cinco dias por ano. Até no nosso casamento.

⁶⁹-É um prato da Oceania que consiste em peixe cru marinado em suco de frutas cítricas e leite de coco.

⁷⁰-É um prato tonaganese com folhas de taro, carne de cordeiro, cebola e creme de coco. É conhecido também como “pacotes de bondade”.

Romeo Costa:

?

Dallas Costa:

Não estávamos declarando coisas que fizemos hoje?

Infelizmente, sua capacidade de raciocínio lógico deixou muito a desejar.

Saindo do aplicativo de mensagens, disquei rapidamente para sua equipe de segurança. Encontrei Shortbread em uma pequena livraria independente no extremo oposto da cidade.

De acordo com o relatório, ela passou a tarde experimentando todas as padarias do quarteirão antes de se decidir por um restaurante familiar tonganês na esquina. Depois, fez uma parada em um hospital infantil, conjurando uma doação tão alta que pensei em abrir um.

E nas últimas duas horas, pegou e largou todos os livros das seções de Romance e Fantasia desta loja.

Aproximei-me de Dallas, caixa de vestido na mão. Ela teria que se trocar no carro e agradecer a sua estrela da sorte por não precisar de muito para ser a mulher mais bonita em todos os cômodos em que entrasse.

Ela se assustou com meu toque quando toquei em seu ombro, caindo para frente ao me ver. — Oh. É você.

Seus dedos deslizaram sobre outro livro, puxando-o para fora.

Seu toque sujo.

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

— Há uma gala de caridade esta noite. Presença obrigatória.

Ela deslizou o livro de volta em seu lugar e foi para outro corredor. — Eu sei. Li sua mensagem. Passo.

Aquela sua língua rápida acendeu um único pavio dentro de mim.

Impaciência.

— Não foi uma pergunta.

— Confie em mim, desde que eu seja uma participante relutante, não me quer como sua acompanhante.

Como ela tinha razão, falei na única língua que parecia entender. Comida.

— Os anfitriões trouxeram um Sushiman de Hokkaido.

Ela finalmente ofereceu sua atenção total. — Sushi?

Não me passou despercebido que ela tinha comido apenas duas horas atrás.

— Sim. Um menu de onze pratos.

— Hmm... menu fixo. — Ela considerou por um momento, parando entre Horror e Fantasia antes de passar para Erótica. — Como tudo menos ovas.

— Existe alguma coisa no mundo que não come?

— É mais uma aversão infantil. Emilie e Sav uma vez me contaram que as ovas de peixe eclodem na barriga e nadam até sair... *no sul*, onde montam os canos de volta ao oceano.

— E uma vez por ano, um homem barrigudo com barba branca desliza por bilhões de chaminés estreitas em uma única noite.

Uma onda de diversão caiu em seu rosto. — Eu era jovem.

— A juventude não é desculpa para a estupidez. — Peguei a caixa do vestido, depositando-a em cima da capa dura que ela segurava com ambas as mãos - *A Lover's Thrust*. — Sugiro que fique de boca fechada quando chegarmos ao evento.

— Com medo de envergonhá-lo?

— Com medo de que se envergonhe. Assim que abrir a boca, ficará bem claro para todos que não me casei com você por causa de sua sagacidade. O que quer que eles assumam depois não é minha responsabilidade nem culpa.

— Nunca concordei em ir.

— Nunca foi uma opção não ir.

Olhou dentro da caixa. — Ohhh... *Yumi Katsura* desta temporada. Esgotaram o vestido na *Tyson's Galleria*. Liguei para a gerencia e disseram que estava em espera.

— Claro que sim.

— Quero este vestido em todas as cores.

— Isso já foi arranjado.

Isso não tinha nada a ver com afeto. O vestido era verdadeiramente magnífico. Assim como Dallas. Combinavam bem juntos.

— Tudo bem. — Fechou a caixa e a colocou de volta em meus braços, substituindo-a por outra de capa dura. Desta vez: *Blindfolded by my Professor*. — Vou considerar participar.

— Você considerará isso no ritmo em que normalmente processa a vida? O evento começa em uma hora.

— O que disse que era a caridade mesmo?

— Eu não disse.

— Romeo.

Por causa do tempo, cedi.

— O exército *Friedreich*.

Os lábios de Shortbread se separaram.

Não tinha dúvidas de que ela havia pesquisado sobre a instituição de caridade depois do casamento. Que sabia sobre a ataxia de Friedreich. Que formou a conexão entre a doença e o Senior.

Como esperado, isso foi entendido imediatamente e deixou escapar — Tudo bem. Irei.

Optei por não a informar de que não compareceria devido à doença de meu pai, mas sim ao exame de membros do conselho com direito a voto que o seguia aonde quer que fosse.

Deixe-a pensar que - em algum lugar, bem no fundo, *bem no fundo* - me importava com meu doador de esperma, desde que não aparecesse em um evento público sem minha esposa.

Ela passou por uma fileira de livros de autoajuda sobre vício em sexo, direto para a placa com cinco emojis de pimenta abaixo de uma *hashtag* em negrito Garotinha-do-Papai-Dom.

— Só preciso de algum material de leitura para quando ficar chato. — Selecionou uma capa dura que mostrava dois homens

azuis sem camisa com chifres e rabos ajoelhados diante de uma mulher seminua.

— Absolutamente não. — Arranquei o livro de suas mãos, erguendo-o além de seu alcance.

— Não seja tão chato. Vou cobri-lo com uma sobrecapa. Podemos escolher um na seção de clássicos.

— Não temos tempo para isso.

Ela se moveu para uma fileira de livros de capa dura e tirou um de sua sobrecapa, acariciando a capa dura de seis maneiras diferentes. Observei enquanto o levava ao nariz e cheirava. Depois abriu as páginas e verificou cada uma delas. Seus dedos traçaram as bordas do livro, procurando sulcos. Como se ela não fosse cobri-lo com a sobrecapa de *Crime e Castigo* mais tarde.

E, finalmente, ergueu o livro ao nível dos olhos, inclinando-o em todos os graus para verificar por - não sabia o quê. Pó? Amassados? Sua sanidade? Todas as opções?

— Apresse-se. — Levantei meu relógio, notando a perigosa proximidade do ponteiro maior chegando ao número 12. — Vou comprar a livraria. Pode voltar após a gala de caridade e escolher o que quiser. A loja inteira, se for preciso.

— Você é rico. Entendemos. — Bocejou. — Os únicos bilionários de que gosto são fictícios.

— No entanto, as únicas pessoas que podem pagar sua existência são bilionários. E mesmo assim, por pouco. — Fiz contato visual com o gerente de cabelos crespos, direcionando-o para nós com um olhar furioso. — Seu chefe está aqui?

— Sim. — Seu cabelo balançou com seu aceno. — Acho que sim.

— Encontre-o e chame-o.

Ele falou em seu rádio de funcionário, mudando de pé para pé.
— Está no depósito. Ele sairá em um segundo, senhor.

Peguei meu cartão Centurion da carteira quando minha teimosa esposa passou por mim em direção à saída. Não pela primeira vez, me vi seguindo-a.

— Você não comprará nada?

Ela se colocou no banco do passageiro, uma carranca tocando seus lábios carnudos. — Agora que pretende comprar este lugar, não posso mais comprar aqui. Não quero lhe dar nenhum negócio.

Inacreditável.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Romeo

— A coisa sobre o gelo é... está fadado a derreter.

Zach girava o uísque puro em seu copo, estudando uma pintura de *Elmer Nelson Bischoff*⁷¹ em sua garagem subterrânea, que uma equipe de arquitetos havia convertido em uma galeria de 4 mil metros quadrados.

Zach era sensato quando se tratava de seus carros, suas roupas, suas mulheres e sua carreira - mas era absolutamente raivoso quando se tratava de sua arte.

Desde que havia emprestado um quarto de sua coleção particular à *Sotheby's* dois meses atrás, aproveitou a oportunidade para preencher o espaço com novas descobertas.

O gelo em questão era o meu coração.

Uma referência específica ao meu confronto com Madison, treze dias atrás, na festa improvisada de Dallas.

Fiquei feliz em relatar que, além da gala de caridade que ela passou perturbando um famoso mestre japonês por suas receitas ultrassecretas, passei meu raro tempo em casa ignorando-a completamente, enfurnado em meu escritório, trabalhando sem

⁷¹-Pintor estadunidense, fez parte da geração pós-Segunda Guerra Mundial de artistas que começaram como pintores abstratos e voltaram à arte figurativa.

parar para provar ao Senior que eu realmente merecia o cargo de CEO.

— Meu coração não está cercado de gelo. É cercado por não se importar com ninguém no mundo. — Minha voz reverberou pelas paredes com um eco.

Valsei pelo imenso espaço, parando diante de uma pintura abstrata de *Gerhard Richter*⁷².

— Verdade. — Oliver encostou-se a um pedaço vazio da parede, virando uma dose de algo forte. — Quando penso em alguém que não dá a mínima, penso em um idiota que quase assassinou seu arqui-inimigo na frente de dezenas de pessoas na porra de sua própria casa, que está mais conectada que o maldito Pentágono. Tudo porque este último se envolveu com sua esposa.

— Não acredito que estou dizendo isso, mas concordo com Ollie. — Zach passou a mão pelo cabelo preto como tinta. — Ela está virando você do avesso.

— Ela é uma bagunça precisando ser arrumada e endireitada — respondi, passando para a próxima obra de arte pendurada.

— Podemos pelo menos concordar que é um limpador de merda? — Oliver se afastou da parede, avançando em direção a um Picasso genuíno. Estendeu a mão para tocá-lo.

Zach se materializou na velocidade da luz, afastando a mão com um tapa. — O que pensa que está fazendo? Não é um zoológico.

⁷²-Pintor alemão, em exibição no The Museum Of Modern Art – Museu de Arte Moderna de Nova York, mais conhecido como MoMA.

Oliver bocejou, examinando o lugar, provavelmente procurando pela seção de nudez. — Nunca entendi o que vê nisso.

— Em *Les femmes d'Alger*⁷³, de Picasso? — Zach olhou para ele como se tivesse sugerido substituir a peça por um retrato de suas próprias fezes.

Oliver caminhou até o carrinho de bebidas vintage, selecionando uma garrafa de uísque.

Ele o girou no ar pelo pescoço da garrafa. — Vamos todos fingir que não vemos que essa “obra de arte” se parece com algo que uma dona de casa entediada do meio-oeste pintou na sua YMCA⁷⁴ local para expressar o desgosto de seu casamento desfeito com um corretor de seguros que a trocou por sua secretária?

Zach piscou. — Isso foi incrivelmente detalhado e surpreendentemente ignorante.

Saudei Zach com minha cerveja. — Não se esqueça de dizer que foi condescendente e estereotipado.

— Eu? Condescendente? — Oliver engasgou com a bebida. — Falo a verdade do povo comum. Isto — apontou para a pintura *Sem título* de Cy Twombly⁷⁵ — parece a contracapa do meu caderno de cálculo da sétima série. E isso — virou-se para a 17A de

⁷³-É uma série de 15 pinturas e vários desenhos, inspirado na pintura de Eugène Delacroix de 1834, Mulheres de Argel em seu apartamento. A série é uma das várias pintadas por Picasso em homenagem aos artistas que admirava.

⁷⁴-Sigla em inglês para Associação Cristã de Moços, o objetivo da organização é colocar os princípios do Cristianismo em prática.

⁷⁵-Pintor estadunidense do expressionismo abstrato. Recebeu o apelido de “Cy” em homenagem a seu pai e ao jogador de baseball Cy Young.

Jackson Pollock⁷⁶ — é claramente o que acontece quando um suéter de Natal de baixa qualidade e uma bola de pelo procriam.

Zach torceu o nariz, caminhando até o botão de pânico vermelho em uma de suas paredes e apertando-o. — Segurança, tenho um homem aqui e preciso que o escolte para fora de minha propriedade.

Inclinando uma sobrancelha para cima, sorriu para o homem em questão. — Não chamaria Oliver de homem.

Oliver assentiu. — Uma lenda é mais parecida comigo.

Zach se virou para mim. — Ela já sabe sobre Morgan?

— Não exatamente.

Shortbread conhecia pedaços, mas não as partes que esculpiram a besta sem coração de mim.

— Qual é o plano de jogo dela? — Oliver colocou o copo na palma da mão de uma deusa grega. A única estátua que ele - entre aspas - *entendeu*. — É óbvio que ela tem um.

Nós três nos separamos, todos nos movendo em direções diferentes, orbitando em torno de obras de arte que falavam conosco.

Parei na frente do cachorro balão *Jeff Koons*. — Ela quer engravidar.

Oliver riu. — Boa sorte com isso.

⁷⁶-Jackson Pollock pintor estadunidense e referência no movimento do expressionismo abstrato. Tornou-se conhecido por seu estilo único de pintura por gotejamento. 17A é uma pintura expressionista abstrata, de propriedade do gerente de Fundos Hedge Kenneth C. Griffin.

Não lhe confidenciei que ela estava se aproximando rapidamente de seu objetivo, andando pela nossa casa em camisolas quase inexistentes e constantemente tentando me seduzir.

— De qualquer forma, a Sra. Costa não é da minha conta agora. — Terminei minha cerveja em um só gole, jogando a garrafa no carrinho de bebidas. — A Licht Holdings tornou-se pública hoje.

— Eu vi. — Zach coçou o queixo. — Prevê-se que suas ações disparem para o céu.

O que significava que era hora de dar um passo à frente e começar a se intrometer na empresa deles.

— Passei por suas auditorias. — Peguei meu casaco *Burberry* e o vesti. — Não são à prova de balas. A receita deles não cresceu exponencialmente nos últimos dois anos.

— Isso porque estavam trabalhando no lado tecnológico das coisas, não na produção.

Oliver passou a língua pelos dentes superiores, puxando os lábios para cima. — E porque ainda não roubaram oficialmente o seu contrato com o DOD.

Se não fosse o fato de que eu mesmo desejava ver a Costa Industries totalmente queimada, acharia desagradável a alegria de meu amigo.

No entanto, para eu herdar o cargo de CEO, precisava cuidar desse assunto. Não é pouca coisa, visto que Senior teve bastante sucesso em arruinar a lucrativa organização de seus ancestrais.

Tirei um chapéu imaginário. — Se me derem licença, cavalheiros, tenho muito trabalho a fazer.

Nesse momento, a equipe de segurança de Zach invadiu a garagem. Igor e Dane se moveram automaticamente em direção a Oliver. Não foi a primeira vez que Zach o expulsou por Oliver ser um troll da vida real.

Oliver me seguiu até a porta. — Não se preocupem, rapazes. Eu mesmo me colocarei para fora.

Seguimos para nossos carros, que havíamos dirigido apesar do fato de nós três morarmos na mesma rua.

Antes de Oliver deslizar para o banco do passageiro, soltou um *suspiro de me pergunte o que há de errado*. Sabia que agradá-lo seria um erro, mas não o fazer quebraria uma tradição de três décadas.

— O que está errado?

— Não sei como dizer isso, Rom.

— Com o mínimo de palavras possível e rapidamente.

— No dia em que sua esposa deu sua festinha... — hesitou, me examinando. Minha guarda imediatamente subiu com sua menção. — Ela deu em cima de mim.

— Deu em cima de você? — Repeti. — Quis dizer que ela bateu em você? Isso faria mais sentido. — E também se encaixa em seu caráter geral.

— Ela se ofereceu a mim. — Apoiou o cotovelo na porta aberta de seu Alfa Romeo. — Disse que faria isso só para irritá-lo.

Isso, eu podia acreditar.

Agora lembrei também que Dallas tinha concordado em ser compartilhada com meus amigos - um desafio que dei para provocá-la que explodiu na minha cara - começou a fazer mais sentido.

A parte de trás do meu pescoço esquentou. Meus dedos formigavam para estrangulá-la. Sentimentos que permaneceram adormecidos por anos voltaram, sombrios, sufocantes e cheios de ressentimento.

— E como reagiu? — Finalmente falei.

Oliver mostrou os dentes. — Eu disse a ela para me ligar depois de seu divórcio iminente, é claro.

Isso foi tudo o que precisei para me lançar contra ele.

Em segundos, o atirei no asfalto, os punhos cerrados ao redor das lapelas de sua camisa de colarinho.

Eu o puxei até nossos narizes se juntarem, tremendo de raiva. — Se você alguma vez olhar para ela porra...

Antes que pudesse terminar a frase, palmas fracas vieram de trás do meu ombro.

Zach saiu de sua garagem. — Tudo bem, von Bismarck. Ganhou 50 mil. Tente não gastar tudo em prostitutas.

Oliver me empurrou para longe dele e se levantou, limpando suas roupas. — Mas as prostitutas são a minha paixão.

Eu me endireitei, olhando entre eles, não impressionado. — Qual foi a aposta?

Zach sinalizou para Oliver com o queixo. — Von Bismarck aqui disse que você reagiria de forma mais drástica do que depois do que aconteceu com Morgan. — Fez uma pausa, inclinando a cabeça para o lado. — Cristo, Costa, já vi adolescentes mais reservados em um show do *One Direction*. Você é uma bola de fogo de emoções no que diz respeito a ela.

— Ela realmente não deu em cima de mim, amigo. — Oliver bateu no meu ombro, inclinando-se para pegar meu olhar. — Embora provavelmente deva saber... se ela o fizer, vou tê-la com tanta força que deixarei marcações com o formato do meu pau por todo o seu corpo.

Às vezes, desejava que Oliver ainda tivesse uma mãe, só para que eu pudesse transar com ela e provocá-lo por toda a eternidade.

Eu o afastei, decidindo contra todas as probabilidades terminar a noite sem ser preso. Embora estivesse prestes a encontrar Senior, talvez ainda não estivesse livre.

— É diferente — resmunguei. — Não sou ciumento. Sou protetor dela. Dallas não fez nada de errado, além de existir.

— Denver fez muita coisa errada. — Um sorriso triste apareceu no rosto de Zach. — Você continua a perdoando por tudo.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Dallas

— Custa *mais de seis dígitos para consertar...*

— *...precisa de mais câmeras na Ala Leste...*

— *Alguém sabe para onde foi o maldito pênis da estátua romana no meio da fonte?*

As palavras se misturaram, pingando contra cada curva do meu crânio. Vieram de todas as direções. De vozes que não reconheci. Em tons elevados que sugeriam descrença em todo o calvário.

Abri um único olho, piscando para afastar pontos brancos embaçados. Um exército de especialistas em restauração se espalhava por toda a sala de estar, onde tinha adormecido ontem à noite durante uma farra de *Friday Night Tykes*⁷⁷. Entraram e saíram da mansão nas últimas semanas, fazendo o possível para reabilitar a propriedade histórica à sua condição original.

Aparentemente, a pequena reunião que organizei deixou *um grande estrago*. Lado bom - pelo menos Romeo conheceu pessoas que sabiam como festejar.

⁷⁷-Série estadunidense documentários esportivos de realidade na Esquire Network.

Hettie se materializou diante de mim, uma taça de suco verde estendida entre nós. Aceitei o copo e bebi em dois goles.

Meu cérebro latejava de horas tentando dormir através de uma sinfonia de serras, empilhadeiras e pistolas de pregos.

— Romeo deixou uma caixa na sua cama.

Afundi-me na almofada do sofá, desinteressada em tudo o que meu marido tinha para me dar, a menos que exigisse trocas frequentes de fraldas e sua primeira palavra fosse *mamãe*.

— Ele mencionou algo sobre você não poder escolher os livros que queria antes da gala de caridade.

Joguei a manta de cima de mim, correndo para o meu quarto. Com certeza, uma caixa gigante de livros descansava no meu colchão.

Mergulhei em sua direção, empilhando pilhas de capa dura em meu edredom Somerset. Deve haver uma dúzia deles. Pelo menos. Uma carranca tocou meus lábios.

Uma História Radical das Finanças.

A Psicologia do Dinheiro.

O Investidor Selvagem.

Cada título era pior que o anterior. Todos nós sabíamos que os únicos livros que consumi continham uma dose generosa das palavras pau, boceta e esperma. O que deu nele para pensar que eu leria isso? Outra forma de punição, sem dúvida.

Sério, tinha feito um favor a Romeo, visto que este lugar não passava por uma reforma desde 1800 e precisava urgentemente de

modernização. Na verdade, enquanto a equipe de restauração estava trabalhando nisso, talvez pudessem substituir a feia monstruosidade de cristal da era Lincoln pendurada no foyer por um brilhante lustre Sputnik de LED.

Devolvi todas as capas duras de volta à caixa. Além de estar cheia de livros que prefiro queimar meus olhos do que ler, não posso ter certeza de que Romeo não fez algo com eles. Como revestir as páginas com veneno de rato.

Olhei para a caixa, debatendo o que fazer. Se devia doá-los ou se ele adulterou o conteúdo de alguma forma. Seria apenas minha sorte acabar atrás das grades depois de enviar sem querer livros envenenados para o Exército de Salvação local. Decidi não arriscar, ligando para Vernon pelo sistema de intercomunicação.

Sua voz passou pelo alto-falante alguns segundos depois. — Vernon falando.

— Vi uma fogueira algumas semanas atrás. Isso está disponível para eu usar?

— Aquela no lado leste da propriedade? Com vista para o Potomac?

— Penso que sim. Pode me acender uma fogueira?

— Pode deixar, querida.

CAPÍTULO QUARENTA

Romeo

Atravessei o saguão da Costa Industries, carregando uma pilha de documentos. Quase à meia-noite, não tive pressa em retornar ao meu agente pessoal do caos.

O prédio estava morto, exceto por meu pai, que, ironicamente, *desejava* que estivesse morto.

Invadi seu escritório de canto.

— É uma cortesia comum bater antes de entrar no espaço de alguém.

Eu me convidei para sentar na sua frente. — É uma cortesia comum não foder a noiva que mora com seu filho.

A boca de Senior formou uma linha plana e insatisfeita.

Nunca pararia de lembrá-lo de que ele não estava em posição de me dar sermão sobre conduta. Não depois que entrei na minha cobertura e encontrei meu pai comendo a boceta da minha noiva no almoço.

Ela estava esparramada em nossa mesa de jantar, ainda com os *Louboutins* que lhe dei no Natal. Quanto a Senior, continuou lambendo seu próprio esperma dela.

Chutei Morgan para fora como veio ao mundo, apesar do fato de que era meados de dezembro e mais frio do que algumas câmaras do meu coração.

Tomei um uísque da minha varanda enquanto ela fazia a caminhada da vergonha em nada mais do que saltos antes que um carro da polícia a pegasse.

Posteriormente, Senior e eu fechamos um acordo. Concordei em não relatar a Monica que ele a traiu - *de novo*. Por sua vez, me tornou o CFO mais jovem da história da Costa Industries.

Aos 24 anos, geria bilhões em contratos. Fiz um bom trabalho, mas o plano mestre sempre foi reduzir tudo o que Senior amava a nada além de cinzas.

Ele queria herdeiros. Por isso, não lhe dei nenhum.

Ele amava sua companhia mais do que o oxigênio que consumia. Então, jurei destruir a empresa, liquidá-la e queimar o dinheiro, se necessário, apenas para ver a dor em seu rosto antes que ele morresse.

Morgan representou minha única tentativa de normalidade. E meu pai aniquilou esse esforço.

Senior empurrou para trás em seu assento. — Vai segurar isso na minha cabeça por toda a eternidade?

Suas mãos tremiam. Ultimamente, sempre tremiam.

Bocejei. — Você não amassou meu carro. Fodeu minha noiva.

Sua testa se enrugou como um guardanapo amassado. — Não usa palavrões há anos. Você está mudando.

Estava cansado de ouvir as pessoas me dizendo o quanto havia mudado desde que Shortbread entrou na minha vida. Como era, mesmo no meio da conversa, meus pensamentos vagavam para Dallas.

Onde mais? Mostrei pouco interesse em assuntos mundiais desde que meu pau descobriu que a boceta da minha esposa era seu local favorito.

Fiz um bumerangue nos documentos em sua mesa. — Vamos direto ao assunto.

— A Licht Holdings tornou-se pública esta manhã.

— Obrigado pela notícia de ontem. — Vasculhei o papel, procurando por um em particular. — Não consegui me sentar com Thomas Reynolds. — Principalmente porque estava ocupado acabando com uma festa em casa e cuidando da importante tarefa de foder a linda boca de Dallas. — Mas falei com ele ao telefone ontem à noite. Ele confirmou que o DOD está inclinado a não renovar o contrato conosco.

Meu pai esfregou a bochecha como se minhas palavras o tivessem esbofeteado. — Ele disse por quê?

— Nossa tecnologia é antiquada em comparação com a de Licht. — Encontrei o que estava procurando - uma lista de armas e artilharia que a Licht Holdings fabricava por uma fração do nosso preço de varejo - e deslizei para ele. — Sem falar que são simplesmente mais acessíveis. Fabricam no Sul, enquanto você fica na Nova Inglaterra, onde o salário mínimo é muito mais alto. Eles também fecharam alguns negócios lucrativos com empresas de aço e chips.

Senior me empurrou o documento de volta como uma criança recusando comida nova. — Não quero ver isso. Quero que você encontre soluções.

— Torne-me CEO e o farei.

— Faça isso. Então o nomearei CEO.

Senior já teve um rosto jovem e bonito. Quando a Licht Holdings entrou em cena, falhei deliberadamente em detê-los. Nos anos que se seguiram, adquiriu fios grisalhos, rugas e olheiras. A verdade é que ele amava a Costa Industries o suficiente para se curvar e me ver salvá-la.

Era o seu legado.

A única coisa que seu pai imprestável (vê um padrão aqui?) havia deixado para ele.

— Olha. — Jogou os braços para cima. — Não é segredo que não sirvo mais para isso. Há um ano que quero me aposentar. A única razão pela qual Bruce está concorrendo para ocupar o meu lugar é porque não posso confiar completamente em você para não fazer algo perturbador para se vingar de mim.

Ele acertou em cheio, então arremessou-o contra uma parede de meio metro, mas dificilmente admitiria isso.

— Pensa muito bem de si mesmo. Quero o cargo de CEO porque mereço. E porque ninguém cuidaria dessa empresa tão bem quanto eu. Sou o herdeiro aparente.

— Além disso, *aparentemente* um idiota vingativo. — Passou a mão no cabelo prateado. — Vi o que fez com o pobre Madison Licht por fazer muito menos do que fiz com você.

— Madison Licht não é pobre, e a extensão do que ele fez comigo nunca saberá.

— Mesmo assim, livra-nos do problema da Licht e lhe darei o cargo de CEO. Um último desafio para passar. Prometo.

Permaneci em silêncio. Tanto tempo, na verdade, que ele enfiou a perna debaixo da mesa.

— Vou precisar disso por escrito.

Ele assentiu. — Estou feliz em assinar.

— Meus advogados entrarão em contato com os seus. — Juntei meus documentos, feliz por ficar o mais longe possível dele.

— Deveria me agradecer, sabe.

Porque claramente, ser um desperdício consumado de recursos naturais simplesmente não estava servindo, ele também tinha que estar delirando sobre isso.

— Qual parte? — Fingi interesse. — A educação ruim ou a parte em que arruinou meu primeiro e único relacionamento seminormal?

Embora tivesse que ser dito, Morgan também tinha responsabilidade. Ninguém a obrigou a abrir as pernas para o meu pai.

— A parte em que Morgan claramente não era a mulher com quem estava destinado a se casar, assim como avisei. Nos poucos meses que conheceu sua esposa, você escapou de sua concha, viveu um pouco, voltou a usar sua boca suja.

— Sim, Dallas merece um *Pulitzer*⁷⁸ por me levar ao sacrilégio.

— A questão é que encontrou alguém melhor.

— Gostou dela, não é?

— Claro.

— Da última vez que isso aconteceu, agiu de acordo com seus sentimentos. — Fiquei de pé. — Não haverá uma segunda vez, pai. Se chegar perto de Dallas, mato você com minhas próprias mãos. Deixarei também isso ainda mais bagunçado.

Seu sorriso vacilou. — Por que acha que eu cometeria o mesmo erro duas vezes?

Eu me elevei sobre ele. — Porque você não pode ajudar a si mesmo. Desde o momento em que nasci, você quis tudo o que eu tinha. E eu? Só queria uma coisa - seu título.

⁷⁸-É um prêmio estadunidense outorgado a pessoas que realizem trabalhos de excelência na área do jornalismo, literatura e composição musical. É administrado pela Universidade de Columbia, em Nova York.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Ollie vB:

@ZachSun, quer saber o que fiz com os 50 mil que me deu?

Zach Sun:

Doou para os cansados, os pobres, as massas amontoadas ansiando por respirar livremente?

Ollie vB:

Uau.

Tão surpreso que nunca foi convidado para as raves ilegais em Harvard.

Romeo Costa:

Vá em frente e nos ilumine, @OllievB

Ollie vB:

Comprei uma obra de arte.

Zach Sun:

Você não fez tal coisa.

Romeo Costa:

@ZachSun, acho que está se referindo às edições antigas da
Playboy.

Ollie vB:

Há, ha, homem de pouca fé.

Zach Sun:

Edição limitada da *Penthouse*⁷⁹?

Ollie vB enviou uma imagem para o grupo.

Romeo Costa:

Primeiro, assegure-me de que abrir este arquivo não me colocará
na lista de vigilância do FBI.

Ollie vB:

A quantidade de abuso a que sou submetido neste grupo me levará
ao divã de um terapeuta um dia.

⁷⁹-É uma revista pornográfica direcionada ao público masculino fundada por Bob Guccione, combina artigos sobre o estilo de vida urbano e ensaios fotográficos eróticos softcore que, nos anos 1990, evoluiu para o hardcore.

Zach Sun:

Deveria ir três vezes por semana.

Você tem mais problemas do que a *National Geographic*.

Ollie vB:

Basta abrir o anexo.

Zach Sun:

É um... tweet?

Romeo Costa:

De uma universitária comendo sorvete de biquíni?

Ollie vB:

NFT⁸⁰, amor.

Zach Sun:

Ollie.

OLIE.

NFTs são as maiores *Fake News* desde a Terra é plana.

⁸⁰-Sigla para “non-fungible token” (símbolo não falsificável). Significa que algo é único e não pode ser substituído. Pelo contrário, dinheiro físico e moedas criptográficas são fungíveis, o que significa que podem ser trocados uns pelos outros.

Ollie vB:

Só porque todos os outros objetos celestes são esféricos não significa que o nosso também seja @ZachSun.

Não seja um seguidor cego.

Pense fora da caixa.

Zach Sun:

A caixa oval, presumo?

Romeo Costa:

Você acabou de desperdiçar 50 mil, meu amigo.

Ollie vB:

Mas um cara no *Reddit*⁸¹ me disse especificamente que valerá milhões um dia.

Zach Sun:

Ele realmente não fez isso.

Ollie vB:

⁸¹-Agregador social de notícias ou um social bookmarks.

Claro que não.

Só queria ver se vocês achavam que eu era assim TÃO burro.

Romeo Costa:

Acho que você tem sua resposta.

Ollie vB:

Sim.

Embora ainda me escape como Rom é aquele casado com uma modelo da *Victoria's Secret* e se recusa a engravidá-la e eu sou o único com IQ baixo.

Zach Sun:

Quer dizer QI.

Ollie vB:

Foda-se, Sun.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Romeo

Adquiri um hábito nada galante.

O hábito incluía observar Dallas durante todo o meu dia de trabalho por meio das câmeras de segurança de minha casa e contratar um segurança para rastreá-la sempre que ela saísse de casa.

Visto que minha indústria polêmica me tornou um alvo ambulante, poderia ter me dado desculpas por me preocupar com a sua segurança.

No entanto, no fundo, sabia que a estava observando porque queria ter certeza de que ela não estava fazendo nada que a proibisse de fazer.

O que, em minha defesa, era uma coisa e apenas uma coisa - outros homens.

Nas semanas desde que voltei, minha delicada flor de esposa conseguiu fazer bastante, incluindo, mas não se limitando, a abandonar oficialmente seu programa de graduação na *Emory*, financiando sozinha uma gala do mês de conscientização da *SMSL*⁸², quitando dívidas médicas existentes em nada menos que

⁸²-Síndrome da Morte Súbita do Lactente é a morte súbita e inesperada de uma criança entre 1 mês e 1 ano de idade em que depois de muita investigação não se poder concluir a causa da morte.

três hospitais infantis regionais e experimentando todos os restaurantes do guia Michelin a uma curta distância.

Ela passava os dias lendo livros, intimidando grandes corporações para doar para a pesquisa do SMSL e jogando jogos de tabuleiro com Hettie e Vernon.

À noite, assistia lixo na Netflix e ansiava pelos bebês de outras pessoas nas redes sociais.

Pessoalmente, não vi o apelo nas crianças. O fato de ela querer tanto um – quanto mais múltiplos – sugeria que precisava desesperadamente de um hobby. E não, comer não era uma atividade recreativa, como tentou me convencer várias vezes.

Ela também se encarregou de reorganizar toda a minha casa, empurrando os móveis para áreas que não deveriam estar. Para não me irritar, não pensei, mas sim, porque não conseguia conter seu desejo de tornar seu ambiente tão caótico quanto ela.

Certa manhã, encontrei-a em meu escritório, empoleirada em minha cadeira de rodinhas. Hettie sentou-se no apoio de braço, separando o recheio de Oreo branco de sua casca.

Caminhei até minha mesa e peguei meu laptop. — O que está fazendo?

Shortbread lambeu o interior de um Oreo. — Pendurando nosso retrato de casamento.

— No meu escritório?

— Onde mais penduraria? — Acenou com a cabeça para Vernon subir a borda esquerda, então sinalizou para ele parar com um biscoito levantado. — Perfeito.

Estudei a imagem, observando um fato importante. — Não estou nisso.

Ela sorriu. — Eu sei. Não é perfeito?

Deixei o retrato no lugar, sem saber por quê, mas a imagem dela me assombrava toda vez que entrava em meu escritório.

Minha carteira de ações, assim como meu patrimônio líquido, havia despencado desde meu casamento, o que meus amigos gostavam de trazer à tona em todas as oportunidades.

Ollie vB:

Parece que está a caminho de se tornar um milionário.

Parabéns.

Zach Sun:

Nesse ritmo, queimará seu patrimônio líquido mais rapidamente do que o *Bankman-Fried*⁸³.

Ollie vB:

Quem pensou que seria uma boa ideia desembolsar dinheiro para alguém cujo nome, ao contrário, é *Fried Bank Man*?

Romeo Costa:

⁸³-É um empresário, bilionário e investidor estadunidense, também conhecido por suas iniciais SBF. É o fundador e CEO da FTX, uma corretora de criptomoedas, e FTX.US, sua afiliada nos EUA.

Vindo do cara que investiu no *Chicago Bulls*⁸⁴ porque, virado de cabeça para baixo, o logotipo lembra um robô fodendo um caranguejo...

Ollie vB:

Na verdade, é um alienígena coroinha lendo a Bíblia.

E você me chama de ateu.

Zach Sun:

Ateu é uma palavra muito fraca para o que você é.

Que tal pagão?

Infel?

O símbolo principal da queda da graça da civilização educada?



Na maior parte, Dallas e eu coexistimos em paz por não reconhecermos a presença um do outro.

Shortbread estragou a sequência quando invadiu meu escritório, dias depois, encharcada de suor, interrompendo minha reunião virtual. Saí, não tão irritado quanto deveria.

⁸⁴-Time de basquete profissional estadunidense.

Em vez de me cumprimentar, o que seria educado demais para minha esposa *banshee*, ela bateu os nós dos dedos na minha mesa, fazendo meu mouse voar para o meu colo.

— Preciso de sua ajuda.

Fiz um inventário de Dallas, observando o controle remoto cerrado em seu punho e o rubor raivoso decorando suas bochechas.

Somente ela para ficar tão excitada com um episódio de *Cheaters*.

Eu me reclinei em minha cadeira e entrelacei meus dedos, já debatendo o que negociaria. — Se trata-se de vender tanques para sua colega de colégio como adereços para sua despedida de solteiro, já disse, minhas mãos estão atadas.

— Ajude-me a formar um grupo de *lobby*⁸⁵ político para produtos de segurança infantis. — Enxugou o suor da testa. — Sei que tem conexões em D.C.

Nesse ponto, sua obsessão por crianças me deixou com medo de ela sequestrar uma para chamar de sua.

Coloquei meu mouse de volta em seu devido lugar, abrindo um e-mail de Cara. — Embora apoie a causa, a Costa Industries não se envolve em política além do lobby de defesa. É política corporativa da nossa manter o apoio bipartidário.

— A Costa Industries não fará nada. — Apontou o polegar no peito. — *Vou* trabalhar para o lobby.

⁸⁵-Lobby é quando um indivíduo ou um grupo tenta persuadir alguém no Parlamento a apoiar uma determinada política ou campanha.

— Você é minha esposa e, portanto, uma extensão da Costa Industries. Um conselho, lobby é um trabalho impossível em geral, muito mais para uma primeira ocupação adequada. Tente caminhar antes de correr. — Olhei para o suor em sua têmpora. — Apenas a jornada do sofá para o meu escritório parece tê-la sobrecarregado.

— Tive um emprego.

— Operar a *Kiss Cam*⁸⁶ para o time de basquete da faculdade não conta. Especialmente desde que foi demitida.

— *Injustamente.*

— Você transformou a *Kiss Cam* em uma câmera para bebês.

— Seu ponto? — Largou o controle remoto e contornou a mesa para o meu lado, parando diante de mim. — O noticiário disse que há um projeto de lei para revogar a proibição de berço de grade. Eles aumentam o risco⁸⁷ de SMSL.

O que havia com ela e SMSL? Já encontrei dezenas de cobranças em seu cartão de crédito para mais instituições de caridade SMSL do que eu sabia que existiam.

— Não posso arriscar nenhuma fraqueza para Bruce e Senior criticarem. — Encaminhei um documento para revisão, passando para um e-mail de um analista financeiro. — Isso inclui quebrar uma política de longa data da empresa.

— *Rom.*

⁸⁶-Uma câmera "kiss cam" examina a multidão e seleciona um casal, cujas imagens são exibidas nos telões da arena, famosa em jogos da NBA.

⁸⁷-Esses riscos são de: sufocamento, estrangulamento e asfixia.

— Minha resposta não mudará.

Ela hesitou por um momento, recuando antes de se aproximar. Seus olhos se fecharam. Lentamente - muito, muito lentamente - ela se ajoelhou.

Por um momento, ela não respirou. Nem eu.

Finalmente, seus olhos se abriram.

Ela apoiou o punho cerrado em cada joelho, olhando tão profundamente para mim que me perguntei se ela via uma alma.
— Estou literalmente implorando a você, Romeo.

— E estou literalmente respondendo ao seu pedido da maneira mais pragmática e lógica...

— Foda-se seu pragmatismo! — Sua respiração escapava em espasmos pesados e erráticos, seus olhos cuspidos fogo na sala, aumentando a temperatura. — Já se perguntou por que me importo tanto?

Sim. O tempo todo, mas não disse nada, esperando que ela continuasse.

— Quando tinha seis anos, Frankie e eu finalmente realizamos nosso desejo. Uma irmã. Uma linda menina. Mamãe deixou-nos nomeá-la. Vitória. — Sua garganta balançou.

Ela estava olhando para mim, mas não realmente.

Fiquei rígido em meu assento. Pela primeira vez em muito tempo, o pânico me envolveu, atravessando meus ossos com uma familiaridade surpreendente.

Merda.

— Ela era adorável. Tão doce, de bochechas rechonchudas e feliz. Saudável. Era saudável, Rom. — Ainda de joelhos, Dallas franziu as sobrancelhas delicadas, enquanto recolhia a memória entre os dedos trêmulos, tecendo seu passado. — Lembro-me do dia em que a encontrei. Um domingo. Acordei muito cedo para escolher vestidos combinando para a igreja. Victoria, Tory, tinha apenas quatro meses.

Fez uma pausa, passando a mão pela camisa como se pudesse aliviar a dor. — Achei-a azul e dura. Ela ainda parecia adormecida. Angelical e confortável. Apenas... azul.

Sua irmã morreu de SMSL.

Fazia sentido agora. Seu fascínio pelo assunto. Seu foco total em bebês. A primeira morte que testemunhou - uma tragédia de proporções magníficas - esculpiu uma pessoa diferente nela.

E ela me implorou para ajudar a lutar contra esse demônio, mas eu tinha meus próprios fantasmas para matar.

— Romeo. — Colocou as mãos no meu colo, olhando para mim com desafio, com dor, com crueza – mas, notei, não com lágrimas. — Por favor. Ajude-me a fazer isso por Victoria. Ela faleceu, mas seu legado ainda pode viver.

Matou-me fazer isso com ela.

Negar a ela algo tão profundo e importante. Tão exclusivamente Shortbread.

Eu toquei sua mandíbula, inclinando seu queixo para cima, empurrando através do nó em minha garganta. — Pode doar outra

ala para qualquer hospital infantil que desejar. Dinheiro não é problema, mas formar um grupo lobby está fora de questão.

Dallas subiu lentamente, centímetro por centímetro.

Prendi a respiração.

— Você é um covarde. — Ela falou com uma voz vazia de emoções, sua expressão em branco. — Felizmente, é *meu* covarde. Eu conheço sua fraqueza agora, Romeo. E pretendo usá-la.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Romeo

Dias depois que Dallas detonou uma bomba da verdade em meu escritório, ela vestiu um de seus muitos vestidos Chanel, colocou joias caras e passou seu batom vermelho favorito em seus lábios carnudos.

Shortbread me mostrou o dedo do meio quando passou por uma câmera de segurança ao sair e entrou na parte de trás do Maybach de Jared, saindo para o dia.

De meu escritório na Costa Industries, disquei para Alan, treinado em artes marciais que contratei para segui-la.

— Minha esposa saiu de casa. Certifique-se de que esteja segura. — Eu me perguntei se a mentira parecia mais convincente para ele do que para mim. — Não se esqueça de me enviar uma mensagem onde ela está e com quem está o tempo todo.

— Sim senhor.

— Para onde Jared a está levando agora?

— Parece que ela está indo em direção ao seu escritório, senhor.

Meu coração traiçoeiro e inútil batia fora de sintonia em sua gaiola óssea. Avaliei a foto de Shortbread que mantinha em minha mesa para manter as aparências.

Descobriu de alguma forma que manipulei secretamente o súbito apoio do Congresso à sua proibição aos berços de grade?

Está vindo me agradecer com algo sexy sob seu vestido?

Largando minha caneta gravada sobre meus documentos, me reclinei contra meu encosto, entrelacei meus dedos e os bati contra meus lábios.

Suponho que tenha passado tempo suficiente desde o meu último lapso para me conceder outro gostinho dela.

A facilidade com que agarrei o controle remoto da persiana e abaixei a cortina com antecedência deveria ter me dado uma pista sobre meu julgamento cada vez pior em relação a Dallas.

Infelizmente, meu cérebro não entendeu a dica.

Em vez de usar minhas células cerebrais para fazer algo produtivo como o trabalho, masquei meu chiclete e arrumei meu escritório já imaculado.

Como se a limpeza fosse algo que ela apreciasse.

Quando dez minutos se tornaram vinte, comecei a refletir sobre a eterna questão - *que porra é essa?* No entanto, ligar para Alan e importuná-lo sobre o paradeiro de minha esposa estava abaixo de mim. Talvez tenham pego trânsito. Acidentes de carro não eram fora do comum na minha parte da cidade.

Muitos enviados estrangeiros protegidos por imunidade diplomática, cujas atividades extracurriculares incluíam atropelar pessoas como se fosse uma missão do GTA.

Quando vinte minutos se transformaram em trinta, meus dedos coçaram para ligar para Alan. Acontece que meu telefone vibrou na minha mesa, o nome dele aparecendo na tela.

Atendi. — Sim?

— Ela chegou ao seu destino, senhor.

Impossível. Se ela realmente tivesse chegado ao seu destino, estaria de joelhos embaixo da minha mesa, chupando meu pau.

— É mesmo? — Esmaguei o chiclete entre os molares, cauteloso, dada a soberania com que Shortbread se comportava. — Onde ela está, exatamente?

— Ela acabou de entrar no *Le Bleu*. Tem um assento virado para a rua na varanda e uma garrafa de champanhe. Parece que está esperando por alguém.

Ela com certeza não estava esperando por mim.

O Le Bleu era um restaurante com duas estrelas Michelin bem em frente ao meu prédio. Na verdade, o escritório de Bruce oferecia uma linha de visão direta para o local.

Duas coisas ficaram imediatamente claras para mim:

1) Este foi outro movimento de poder de Dallas, projetado para me irritar.

2) Esta foi a última vez que ela mexeu na minha vida.

Não haveria mais segundas chances. Não há espaço de manobra para negociação.

— Verifique se há paparazzi por perto. — Minha mandíbula travou em torno de minha gengiva.

Apostaria toda a minha fortuna pessoal e testículo direito que havia.

Alan limpou a garganta, levando um momento, presumivelmente, para procurar. — Sim senhor. Há. Do outro lado da rua. — A sede de outra empresa quase beijava o prédio da Costa Industries. Licht Holdings. — Senhor, alguém está se aproximando dela. Vou desligar e iniciar uma chamada de vídeo, então pode...

— Não há necessidade. — Eu me levantei, colocando meu casaco no ombro. — Deixe-me adivinhar, homem alto, cabelo loiro e nariz arrebitado, vestindo um terno sob medida e carisma zero?

— O que... como sabia?

— Estarei aí em breve.

Desliguei, seguindo para a sala de conferências do outro lado do corredor.

De alguma forma, Shortbread se ergueu, não gostou e retaliou encontrando-se com Madison em algum lugar público.

Mensagem recebida.

Agora era hora de entregar a minha.

O objetivo de Madison neste arranjo pode ser visto com os olhos vendados do topo do Monumento a Washington. Ser visto

com minha esposa - documentado pelos tabloides locais, nada menos - me humilharia, mas eu sabia jogar o jogo.

Além disso, cada minuto que passava sem entrar no restaurante e causar uma cena aumentava o desconforto deles.

Meu dedo indicador afundou no botão do interfone. — Cara.

Minha assistente se materializou, correndo atrás de mim em saltos altos, um iPad agarrado entre seus dedos bem cuidados. — Sim, Sr. Costa?

— Enviarei a você uma lista de pessoas que preciso contatar para uma ligação urgente.

— Urgente quando?

— Urgente agora.

Por cinquenta e cinco minutos, Dallas e Madison fervilharam em sua própria estranheza enquanto eu terminava uma teleconferência, seguida por um prato cheio de couve-de-bruxelas e peito de frango preparado pelo chef da empresa. As mensagens de Alan zumbiam em incrementos periódicos.

Alan Reece:

Muito estranho, senhor.

Estão apenas olhando um para o outro sem falar.

Parece que estão esperando por algo?

Esse algo era eu.

Alan Reece:

Ambos estão comendo atum rabilho.

O homem está olhando para o relógio a cada dois segundos.

Se Madison esperava que eu batesse nele em público, teria uma decepção esmagadora. Eu daria uma coisa à minha jovem esposa.

Para um homem que se orgulhava de ter uma gama limitada de emoções, ela de alguma forma me fez sentir. Raiva, frustração, aborrecimento e desgosto - mas sentia mesmo assim.

Finalmente, uma hora depois que Dallas e seu ex-noivo desfilaram no Le Bleu, fui até lá.

Encontrei Bruce no elevador, no andar de baixo.

— Parece que há mais drama com sua pequena beldade sulista. — Apertou o botão do saguão, observando os números em cima das portas deslizantes rolares. Deve ter visto Madison e Dallas de seu escritório. Difícil perder o mar de paparazzi na frente. — Não pode ser bom para a sua reputação.

Alisei a mão sobre o meu terno. — Nem um artigo da *Page Six* sobre o caso de um certo candidato a CEO com uma atendente do campo de golfe.

Seu sorriso desapareceu mais rápido do que uma cesta de pão de cortesia na frente de Dallas no Olive Garden. — Esse é um boato descaradamente malicioso.

— Conte para a pequena Ginny, que me prometeu escrever um livro contando tudo sobre você se eu pagasse a dívida estudantil dela.

Assim que passei pela porta giratória da Costa Industries, os paparazzi me cercaram como piranhas famintas, tirando centenas de fotos.

Sessenta minutos de presunçosa expectativa se misturaram quando atravessei a rua.

Shortbread estava largada na ponta de uma cadeira Wassily no topo da sacada do Le Bleu. Ao me ver, suas costas enrijeceram como uma vareta. Analisou cada centímetro meu, olhos de falcão desesperados para ler meu rosto inexpressivo.

Seguindo sua linha de visão, Madison também me olhou.

Com um raro sorriso ensolarado - e usando cada gota de serenidade em minha corrente sanguínea - subi três lances de escada até o restaurante.

Nas portas duplas, uma recepcionista e dois garçons fizeram profundas reverências enquanto abriam as portas.

Então. A notícia havia chegado à administração.

Já aproveitei o fruto do meu trabalho.

Segui para Shortbread, peguei uma cadeira de uma mesa ocupada sem permissão e me convidei para me juntar à minha esposa e seu ex-noivo.

— Como está o atum, minha querida?

Peguei o seu garfo e cortei para mim um belo e succulento pedaço, colocando-o na boca. Dallas coçou a têmpora, franzindo as sobrancelhas.

Os flashes das câmeras brilharam na minha periferia.

— Querida, por favor, feche a boca. — Usei a ponta do meu dedo para fechá-la para ela, então espetei um pedaço do peixe morto, pairando entre nós. — É tão impróprio parecer com o que come.

Madison limpou a garganta. — Estávamos no meio de alguma coisa. — O suor escorria de seus poros, enquanto buscava um colapso que nunca viria. — Ninguém convidou você para se juntar a nós.

Eu o encarei. — Está absolutamente correto, mas estou aqui com uma proposta.

Ele arqueou uma única sobrancelha. — Seja o que for, não me atrairá.

— Faça a minha vontade.

— Romeo... — Shortbread capturou seu copo. A água espirrou da borda, cortesia de sua mão trêmula.

O que aconteceu com a fonte de atitude desafiadora que ela me afogou em todos os momentos do dia?

Surpreendentemente, não achei essa sua versão tímida tão atraente quanto a impetuosa com a qual me acostumei. O fato de eu pensar nela o suficiente para desenvolver preferências deveria ter me preocupado.

A mandíbula de Madison flexionou. Sua tentativa fracassada de me encarar provocou raras e genuínas risadas de mim.

Peguei o guardanapo de linho de Dallas e dei um tapinha nos cantos dos meus lábios. — Como ambos obviamente acham difícil ficar longe um do outro, cheguei à inevitável conclusão de que não posso mais atrapalhar o que é claramente uma história de amor única na vida.

O silêncio na mesa era tão denso e alto que pensaria que era um necrotério.

Madison falou primeiro. — Você se casou com ela.

— Sim, casei-me. Veja, existe uma certa invenção chamada divórcio. É incrivelmente eficaz e rápido, especialmente para pessoas com acordos pré-nupciais rígidos como o nosso. — Apertei a mão rígida de Dallas. — Não é verdade, querida?

Ela estava pálida como neve recém caída – e igualmente congelada.

Como sempre, seus sentimentos estavam claramente escritos em seu rosto.

Sim, seu plano saiu pela culatra.

Sim, sei que quer Madison Licht um pouco menos do que quer ter seus membros amputados por um tubarão.

E sim, ambos sabemos que Madison é, de fato, mais podre do que isso.

Madison jogou o guardanapo sobre o prato. — Você tirou a virgindade dela.

— Não seja tão puritano, Licht. Sua própria virgindade foi perdida há tanto tempo e de forma tão escrupulosa, que ficaria surpreso se estivesse no mesmo cosmos que nós. Além disso... — Virei minha cabeça de volta para Dallas. — Não é isso que sempre quis? Uma saída para este casamento?

— Sim. — A palavra passou por seus lábios. — Mas não para que eu pudesse entrar em outro relacionamento tóxico.

Tsking, toquei meu queixo. — Deveria ter especificado.

Os olhos de Madison dispararam para Shortbread. — Eu não me casarei com ela.

Ela se empurrou para trás em sua cadeira, não afetada por sua rejeição. — O mesmo.

— Que devastador. — Bocejei. — E aqui pensei que um anjo ganharia suas asas por meio de minhas habilidades casamenteiras.

Quando me levantei, eles espelharam meus movimentos, grudados em mim com uma mistura inebriante de horror e trepidação.

— Sr. Licht... — inclinei meu corpo inteiro em sua direção. — Por favor, saia das instalações.

Madison puxou seus ombros para trás, endireitando-se em toda a sua altura, pronto para o confronto que havia antecipado. — Não pode me dizer o que fazer. Este não é o seu restaurante.

— Na verdade, é. — Peguei meu telefone e inclinei a tela em sua direção. — A escritura foi assinada no início desta hora. Reconheço que acordar Jean-Pierre de seu sono na França para

convencê-lo a me vender este belo estabelecimento foi um desafio, mas como bem sabe, nunca me esquivo disso.

Madison ficou boquiaberto com o contrato. — *Comprou* este restaurante só para me expulsar dele?

— E todos os outros restaurantes e carrinhos de comida nesta rua — confirmei, ciente dos cinegrafistas ainda nos cercando, longe demais para escutar. — O que significa que as pausas para o almoço se tornaram particularmente desafiadoras para você.

— Não pode fazer isso.

— Qual é o sentido de me dizer que não posso fazer coisas que claramente acabei de fazer?

— Você oficialmente perdeu o controle. Ouvi rumores, mas agora vejo que é verdade.

— Duvido que eu realmente tenha tido *isso*. — Suspirei. — Alguma palavra de despedida antes de eu chamar a segurança?

Infelizmente, se houvesse, não tive a oportunidade de ouvi-las, porque Madison praticamente saiu do lugar sem ao menos se despedir da mulher com quem havia compartilhado o *brunch*.

Eu girei para Shortbread.

Este foi o segundo dia de trabalho em um único mês que ela me arruinou completamente. Embora ninguém pudesse me culpar por não gostar da companhia de Senior, precisava pelo menos fingir que me importava com isso.

— Sinta-se à vontade para saborear qualquer uma das nossas maravilhosas sobremesas. Minhas desculpas por sua falta de companhia. — Com isso, me afastei.

Ela me seguiu, como eu sabia que faria. Deslizei para o banco de trás do meu Maybach, sem olhar para ela quando entrou do outro lado, sem ser convidada.

— Tem duas opções. — Descansei no banco de couro marrom enquanto Jared saía do estacionamento do Le Bleu. Dallas se aproximou, sorvendo cada palavra, sabendo que toda a sua vida dependia delas. — Já que sei o quanto deseja ter filhos e voltar para sua família, não concederei nada a você, em vez disso, a mandarei para minha mansão em *Hamptons*, onde permanecerá longe o suficiente de tudo e de todos que ama, enquanto tiro de você sua capacidade de infligir sérios danos à minha vida, ou...

Acaricieei meu queixo, pensando um pouco.

Como regra geral, não recompensava o mau comportamento, mas, no caso de Shortbread, muitas vezes me peguei abrindo exceções, incluindo, mas não se limitando, à caixa de livros que dei a ela por ter comparecido à gala beneficente, apesar de seu comportamento indisciplinado durante o terceiro jantar.

(Ela tentou tirar uma foto dos seios de uma estrela pop. Quando a afastei e a repreendi sobre como se comportar em público, deu de ombros e me informou que com grandes poderes vêm grandes responsabilidades.)

E desta vez, a mesma parte misericordiosa de mim que nunca tinha desenterrado antes de ela ter entrado na minha vida queria lhe dar uma segunda chance, ou melhor, uma trilionésima chance.

Joguei isso para arruinar a sua vida. Essa deve ter sido a razão pela qual ainda possuía um pinga de paciência para a criatura a minha frente.

As sobrancelhas de Shortbread voaram para cima, quase beijando a linha do cabelo. — Ou?

— Eu lhe darei o que quer. Vou conceder-lhe o divórcio. Retornará a Chapel Falls e se tornará um escândalo vivo. Arruinada para todos os efeitos. Você provavelmente se casará com um viúvo ou divorciado com filhos, mas terá a liberdade que tanto deseja.

Irritava-me infinitamente que minha respiração recuasse em meus pulmões enquanto nos encarávamos, esperando para ver qual opção ela escolheria.

Propositalmente deixei de fora qualquer coisa remotamente atraente para ela recorrer. Dallas precisava compreender a gravidade da situação.

Finalmente – *finalmente* – ela rompeu silêncio. — Posso pensar nisso a caminho de casa?

De alguma forma, foi a pior coisa que ela poderia ter dito. A espera seria pura tortura.

Dei de ombros, desviando minha atenção para minhas mensagens. Assim que Jared nos deixou, Hettie e Vernon estavam esperando na entrada.

— Bem? — Hettie disse antes que a porta de Shortbread se abrisse totalmente. — Você o irritou?

Vernon caminhou para a frente atrás dela. — Será que finalmente teremos um pequenino em casa?

Entrei em minha casa primeiro, o que significava que minha equipe desleal – voltada contra mim por minha própria esposa –

caiu para trás, rubores fortes grudados em suas bochechas, olhos fixos no chão. — Vocês dois, deem o fora.

Vernon, o gigante gentil, piscou. — Mas para onde devemos ir?

— Em qualquer lugar fora da minha vista, se quiserem manter seus empregos — aconselhei, me livrando do meu casaco e avançando para as escadas. Não dei uma olhada em Shortbread. — Você tem mais trinta minutos para considerar sua resposta enquanto faço algumas ligações. Irei ao seu quarto quando estiver pronta.

Através da alta janela de vidro espalhada ao longo da minha escada, testemunhei Shortbread desabando no último degrau em seu lindo vestido, a cabeça enfiada entre os braços, o cabelo caindo em cascata pelas costas.

Ela não teria um bebê.

Ela também não se divorciaria.

Tudo o que ela conseguiu foi um choque da realidade.

Quanto a mim?

Sempre, *sempre* consegui o que queria.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Romeo

Quarenta e cinco minutos depois de deixá-la soluçando na escada, fui até o quarto de Shortbread.

Não me surpreendeu encontrá-lo vazio.

A rosa boba que ela guardava no pote de cotonetes tinha derramado pétalas por todo o lugar. O fato de a faxineira não ter limpadado a superfície do criado-mudo deve ter sido obra da minha esposa desleixada.

Não me passou despercebido que ela se fundiu em minha casa tão completamente, que se tornaria um lugar totalmente diferente se decidisse sair.

Percorri os corredores em busca de Dallas.

A chuva batia no telhado, batendo nas janelas. A temperatura havia caído desde nosso retorno de Paris. O frio nunca me incomodou - estava acostumado por dentro e por fora, mas me ocorreu que minha esposa poderia não se encantar com a geada amarga que chegava depois que o outono se afastava, abrindo espaço para o inverno.

Sem vontade de brincar de esconde-esconde, peguei meu telefone e verifiquei o seu paradeiro pelas câmeras de segurança.

Rebobinando os vídeos, encontrei imagens dela arrastando uma enorme mala Louis Vuitton para a garagem subterrânea, dois punhos cerrados segurando a alça como se abrigasse um cadáver.

Uma mala.

Corri naquela direção.

Uma potente poção de raiva e alarme borbulhou em meu estômago. O que ela pensou que estava fazendo?

Escolhendo uma das opções que deu a ela. Indo embora, seu idiota.

Já não me surpreendia que tivesse uma reação a Dallas - um fato neste momento, mas isso torceu meu estômago e todos os órgãos internos, os pressurizando em uma bola de apreensão, para admitir o quão profundamente cavou em minha pele. Tão profundo, penetrou através da carne, sangue e osso.

Através de células-tronco, cicatrizes cerebrais e densas camadas de gelo.

Ela atingiu exatamente onde estava cru e macio. Onde a dor era inevitável. Não porque gostasse dela - porque eu realmente não gostava de Dallas Costa, mas porque a *queria*.

Desejava.

Porque tocá-la era a única coisa que eu conseguia pensar.

No momento em que irrompi pelas portas da garagem subterrânea, tinha raiva suficiente para iluminar Vegas. No entanto, minha postura permaneceu impecável.

Dallas empoleirada no topo de uma montanha de malas ao lado do Maybach, comendo uma pequena caixa de palitos *Pocky* cobertos de morango. Suas pernas balançavam no ar, como as de uma criança.

Enojava-me ver alguém tão pouco sofisticada ter tanto poder sobre mim.

Eu a circulei com minhas mãos entrelaçadas atrás das costas. — Indo para algum lugar legal?

— Qualquer lugar longe de você é adorável.

Lá dentro, algo - *alguém* - gritou comigo para forçá-la a ficar. Não porque pudesse tolerá-la, mas porque perdê-la significava perder para Madison.

Em vez disso, fingi indiferença. — Chapel Falls ou Hamptons?

— Chapel Falls. — Chupou a cobertura de morango até limpá-la antes de jogar o palito de volta na caixa. — Não me importo de casar com alguém com filhos. Mais crianças para me cercar.

O que havia com esta mulher e pequenos humanos?

— Liguei para Jared. — Levei meu telefone ao ouvido, sem acreditar que, pela primeira vez em meus trinta e um anos, alguém havia descoberto meu blefe - e que esse alguém gostava dos livros de Henry Plotkin e *Cheaters*.

— Não há necessidade. — Um zumbido satisfeito subiu por sua garganta ao sentir o gosto de outro bastão *Pocky*. — Já liguei para ele. Está a caminho.

Você deu a ela um ultimato. Ela escolheu. Agora vá embora com sua dignidade intacta e encontre outra maneira de insultar Licht.

Coloquei meu telefone no bolso. — Meus advogados enviarão alguns papéis para finalizar o divórcio. Não deve demorar muito por causa do acordo pré-nupcial.

Um sorriso doce e cheio de dentes cresceu em torno de seu lanche. — Ótimo!

— Embora... — avancei um único passo. — Com a quantidade de tempo que estamos casados, talvez uma anulação seja uma opção melhor. — Uma anulação a tornaria uma pecadora para Chapel Falls. A cidade nunca permitiria que ela sobrevivesse.

Dallas jogou o seu cabelo em um ombro, impassível. — Ouça aqui, Costa. Não me importo se me mandar de volta com um pacote de *Chippendales*⁸⁸ ao meu lado coberto de preservativos usados. Qualquer coisa é melhor do que viver em uma prisão, onde sou constantemente monitorada, simultaneamente ignorada e recusada a única coisa que quero de você: um bebê.

— Este é realmente o auge de suas aspirações? — Fiz uma careta. — Para se tornar um receptáculo para carregar outro ser, então seu servo pelos próximos dezoito anos?

— Sim. E antes que me digam que preciso derrubar os muros do patriarcado, querer me realizar como mãe e reconhecer que essa é minha paixão é uma escolha tão nobre quanto ser neurocirurgiã.

Estava em completo desacordo com ela, como sempre, mas era inútil debater o assunto. Alguns segundos se passaram em silêncio.

⁸⁸-É um clube famoso de striptease para mulheres.

— Por que ainda está aqui? — Bocejou. — Vá embora. Jared chegará a qualquer momento e não passarei de uma lembrança infeliz.

Eu devo ir. Gire e saia.

Para meu alívio, comecei a fazer exatamente isso.

O eco dos meus passos refletia nas paredes nuas. Não olhei para trás. Sabia que se a visse de novo, cometeria um erro. Isto era o melhor.

Era hora de cortar minhas perdas, admitir meu único erro em meus trinta e um anos de vida e seguir em frente. Minha vida voltaria ao normal.

Pacífica. Limpa. Silenciosa. *Econômica.*

Minha mão se curvou ao redor da maçaneta, prestes a abri-la.

— Ei, idiota.

Parei, mas não me virei. Recusei-me a responder à palavra.

— O que diz - uma última vez para fechar?

Olhei por cima do meu ombro, sabendo que não deveria, e encontrei minha futura ex-esposa apoiada no capô do meu Maybach, seu vestido levantado até a cintura, revelando que ela não usava calcinha.

Sua boceta nua brilhava, pronta para mim.

Um desafio. Nunca me esquivei deles.

Jogando a cautela ao vento (e as poucas células cerebrais restantes que ela não tinha fritado com sua conversa estúpida), marchei para ela.

Quando cheguei ao carro, ela levantou a mão para me parar, batendo com a palma da mão no meu peito. — Não tão rápido.

Será rápido, visto que estou prestes a gozar só de vê-la assim.

Arqueei uma sobrancelha. — Com medo?

— Nah, medo é a sua coisa. Não quero roubar seu protagonismo, ou vamos até o fim, ou não vamos a lugar nenhum. É tudo ou nada.

Enfureceu-me que cada vez que lhe dava uma escolha, ela inventava outra. Se eu desse a ela uma opção, trocaria por uma de sua criação. E agora, na esteira do meu ultimato, ela deu a sua própria.

E como um tolo condenado, escolhi *tudo*. Escolhi minha queda.

Explodimos juntos em um beijo imundo e frustrado, cheio de língua e dentes. Ela agarrou meu pescoço, meio me sufocando, meio me abraçando. Eu me atrapalhei com o zíper da calça do meu terno, liberando meu pau, que a essa altura brilhava com pré-sêmen, tão pesado e tão duro que era desconfortável ficar de pé.

Meus dentes roçaram seu queixo, arrastando sobre sua garganta antes de fazer o que não tinha feito em cinco fodidos anos e empurrar para dentro dela, de uma só vez.

Nu.

Meu pau desapareceu dentro dela, atingindo um ponto quente, espremido até a morte por seus músculos.

Oh, porra.

Minha testa caiu contra a dela. Uma fina camada de suor nos grudava. Nunca na minha vida algo me pareceu tão bom.

Queria evaporar na névoa, penetrar nela e nunca mais voltar. Queria viver, respirar e existir dentro da minha linda, enlouquecedora, conivente e irritante maldição de esposa.

Ela era a única coisa que nunca quis e a única coisa que desejava. Pior ainda, era o fato de eu saber que não poderia negar a ela uma única coisa que desejasse, fosse um vestido ou uma joia, ou, infelizmente, meu coração em uma travessa, perfurado com um espeto para ela devorar. Ainda batendo e vermelho vibrante como maçãs cristalizadas.

Eu recuei, então bati nela com mais força. Puxei e entrei de volta.

Meus dedos a agarraram pela cintura, prendendo-a, selvagem com luxúria e desejo. Mergulhei nela em movimentos espasmódicos e frenéticos de um homem faminto por sexo, transando com ela até a morte. Agora que tinha entrado oficialmente com uma ordem de restrição contra a minha lógica, agarrei a frente de sua garganta, afundando meus dentes em seu lábio inferior. Meu hálito de menta patinou em seu rosto.

O capô do carro aqueceu suas coxas, ainda quentes do motor, aumentando ainda mais a temperatura entre nós.

Gemidos pequenos e desesperados escaparam de sua boca. Os únicos sons no espaço cavernoso vinham de meus grunhidos, nossas peles batendo juntas e seus pequenos suspiros de prazer. O carro balançava para frente e para trás ao ritmo das minhas estocadas.

Dallas agarrou a parte de cima da minha mão em volta de sua garganta e colou suas costas contra o capô do carro enquanto continuava a fodendo com força.

A porta atrás de nós se abriu e Jared entrou. — Oh, desculpe. Não queria...

— Dê o fora — gritei.

Minha exigência sacudiu as paredes com tanta força que fiquei surpreso por não terem rachado.

A porta se fechou prontamente.

Talvez por ter sido, de longe, a experiência mais prazerosa que já tive, o orgasmo não foi instantâneo. Esgueirou-se para a frente, agarrando cada um dos meus membros com suas garras, tomando conta de mim como uma droga. Sabia que me arrependeria do que estava prestes a acontecer.

No entanto, não conseguia nem cogitar a ideia de parar.

Dallas tremeu embaixo de mim. Os músculos de suas coxas tensos. Deslizando em seu aperto quente mais algumas vezes, finalmente explodi dentro dela. Foi glorioso. E ao mesmo tempo, senti como se alguém tivesse sugado meu peito até esvaziar.

Gozei, e gozei e gozei na boceta de Dallas.

Quando finalmente saí, tudo entre nós estava pegajoso. Olhei para baixo entre suas pernas.

Meu sêmen grosso e branco escorria de sua fenda vermelha e inchada para o capô do meu carro. Flocos de sangue rosa se espalharam dentro do líquido turvo e leitoso.

Ofegante e sem fôlego, percebi que isso marcou a primeira vez que me perdi por um momento. Que eu tinha esquecido tudo.

Incluindo o fato de que *ela* estava presente.

Meu olhar subiu por sua boceta machucada até seu torso. Em algum momento durante o sexo, rasguei a parte de cima do seu vestido sem nem perceber. Marcas vermelhas cobriam seus seios expostos. Cheio de arranhões e mordidas. Seu pescoço ainda trazia as marcas dos meus dedos - com que força a agarrei?

E embora temesse ver as consequências em seu rosto, não consegui me conter. Olhei para cima e quase caí para vomitar.

Rosa avermelhado cobria seu rosto. Uma única lágrima silenciosa desceu por sua bochecha. Um brilho cobriu seus olhos castanhos, quase dourados em seu tom e vazios como meu peito. O canto de seus lábios produziu uma fina linha de sangue. Seu sangue. Não meu. Ela os mordeu para abafar seus gritos de dor.

Shortbread queria tanto que eu a fodesse sem proteção, que sofreu durante todo o calvário.

Culpa incomparável se abateu sobre mim. A amargura atingiu o fundo da minha garganta.

Eu a tinha tomado sem considerar seu prazer. Contra o meu melhor julgamento. E no processo, arruinei sua primeira experiência genuína de sexo.

— Desculpe. — Afastei-me de Dallas, enfiei meu pau a meio mastro pingando de volta em minhas calças e fechei o zíper. — Jesus. Porra. Estou tão...

O resto da frase desapareceu na minha garganta. Balancei minha cabeça, ainda sem acreditar que eu a tinha fodido ao ponto de sangue e lágrimas. Sem sequer lhe dar um olhar.

Ela se sentou. Aquela lágrima solitária ainda brilhava em sua bochecha, de alguma forma ainda pior do que um soluço alto.

— Tem chiclete? — A postura perfeita e equilibrada em sua voz mexeu comigo.

Na verdade, tudo sobre Dallas mexeu comigo. No piloto automático, tirei dois chicletes da minha lata e lhe dei. Ela enfiou os dois em sua linda boca rosa que nunca beijaria e foderia novamente.

— Shortbread... — parei.

Um pedido de desculpas nem começaria a cobrir isso.

— Não. É a minha vez de falar. — Ela não fez nenhum movimento para fugir. Para me dar um tapa. Para chamar a polícia, seus pais, sua irmã.

Meu esperma ainda pingava gotas brancas e gordas por sua boceta exposta. Uma única mancha de sangue espalhou-se pelo capô do meu carro. Fiquei longe o suficiente dela para não ser uma ameaça e escutei.

— Quero que pare de me seguir. — As palavras saíram como se fossem ditas dentro das paredes frias e clínicas de uma sala de reuniões. Diante de um exército de acionistas, não de um marido. — Sem mais carros seguindo Jared. Não há mais segurança. E chega de me monitorar pelas câmeras. Eu me sinto como uma concorrente do *Big Brother*. Só que nunca poderei vencer. — Jogou

as mãos para cima. — Quero que esta seja minha casa, não minha prisão.

A surpresa de ouvir que ela queria ficar quase me deixou de joelhos. Permaneci de pé, porém, meu rosto impassível.

Se havia uma coisa que aprendi com meu pai, era manter-me orgulhoso, mesmo quando não tinha nada do que se orgulhar.

Ela afundou os dentes no chiclete, uma expressão vazia no rosto, lembrando-me de mim mesmo por um momento surpreendente. — Diga-me que entende e isso será feito, ou me mudarei e darei a você o divórcio que tanto deseja.

Estava na ponta da língua para lhe dizer que estava chamando um Uber que a levaria de volta a *Bibleville*. No entanto, minha racionalidade não permitiria que meu orgulho anulasse meus sentidos.

— Isso é aceitável.

Ela respirou fundo. — Eu quero ter um bebê.

E o que *eu* queria era que ela aceitasse o plano B, mas tal pedido seria covarde. Não foi sua culpa que perdi o controle.

Nós dois jogamos para ganhar. O time da casa - eu - havia sofrido uma derrota inesperada hoje. Não há necessidade de enganá-la em sua vitória. Não importa o quão grande possa vir a ser.

Ela poderia engravidar.

Esses últimos vinte minutos podem determinar o resto da minha vida.

Eu peguei um chiclete da lata, estourando um pedaço de chiclete em meus lábios. — Bem, eu não.

— Por que é tão contra a procriação?

— Trauma.

— Nunca me dirá?

— Não.

Ela não pareceu surpresa com a minha resposta, ou chateada. Na verdade, enquanto avançava em sua direção, notei pequenas bolhas salpicando a lágrima, que *ainda* não havia evaporado.

Não. Não uma lágrima.

Isso era... *saliva*?

Percebi, pela primeira vez, que nunca tinha visto Dallas chorar.

Nunca.

Algo mudou em mim naquele momento. Não via mais Dallas Costa como um incômodo. Afinal, tinha vantagem em quase todos os nossos jogos mentais.

E desta vez, ela me trouxe para a beira, então me derrubou sobre a borda. Fez-me fodê-la sem proteção, e me sentir culpado por tudo isso, e também barganhar com ela. Dallas Costa não era um brinquedo. Era minha igual, e seria sensato tratá-la como tal.

Shortbread franziu a testa, provavelmente debatendo o que queria barganhar em nossa negociação. Se eu desse a ela a oportunidade de falar primeiro, o pedido provavelmente estaria em cada centímetro da minha alma.

— Eu te darei liberdade se me der tempo. — As palavras saíram da minha língua por conta própria.

— Tempo para quê?

Tempo para me livrar de você nos meus termos depois de completar minha tarefa de arruinar Madison Licht.

— Pensar em bebês — menti.

Ela considerou isso.

Antes que pudesse responder, acrescentei — Mas também tenho uma condição.

Ela lambeu os lábios, assentindo. — Nunca mais me encontrarei com Madison.

— Prometa.

— Prometo.

Ela pula do capô do Maybach, o vestido ainda torto e preso na cintura.

Meu sêmen escorria por sua coxa, viajando até seus joelhos e tornozelos. Sangue seco e emaranhado em forma de nuvens estampado na parte interna de suas coxas.

Nós dois os observamos em silêncio.

— Quer que eu lamba para melhorar? — Ouvi-me sibilando.

— Sim, obrigada.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Dallas

Pode-se alegar, com alguma justificativa, que muitas vezes superestimei minhas habilidades de atuação.

Hoje não, no entanto.

Fiz algo um pouco ruim. Tudo bem, *muito* ruim.

Fingi uma lágrima.

O que posso dizer? Depois que Romeo escolheu uma empresa que odiava em relação à prevenção da SMSL, foi uma experiência catártica vê-lo cair sobre si mesmo porque pensou que eu estava perturbada.

Eu não estava perturbada. De jeito nenhum.

Na verdade, adorava quando ele agarrava minha garganta, adorava quando mordida meus mamilos e desfrutava quando me penetrava com tanta força que o sentia alcançar minha barriga.

E quando se ajoelhou, lambeu seu próprio sêmen das minhas pernas e arrastou sua língua mais para o norte até que desapareceu dentro de mim - lambendo, sugando, beijando meu clitóris e raspando os dentes nele até que gozei em seu rosto - estava quase pronta para doar meus rins e meu fígado para obter uma repetição.

Incitar Romeo com Madison pela milionésima vez poderia ser classificado como imoral? Claro.

Usar a culpa para levar meu marido a considerar os bebês um novo ponto baixo? Talvez.

Eu me senti mal com isso?

Nem um pouco.

Horas depois, desfilava pela casa com um pijama da Disney que comprei na Internet. De jeito nenhum Romeo os aprovaria - um bônus extra que me levou a comprar o conjunto em todas as cores.

Depois do jantar, que ele comeu na sala de jantar enquanto eu devastava o meu direto do forno, Romeo se enfiou em seu escritório, provavelmente fazendo coisas chatas e adultas.

Fofoquei com Frankie ao telefone, mastigando uma cana-de-açúcar. Cada vez que me lembrava do meu acordo com ele, um sorriso surgiu em meu rosto.

Claro, minha primeira experiência sexual completa foi... *estranha*.

Eu não gozei. Bem, não até que ele me comeu depois.

E o ajuste muito apertado me doía, mas havia algo emocionante em ver meu marido realmente perder o controle pela primeira vez desde que nos casamos.

— Ele ainda está te incomodando duramente? — Frankie perguntou no outro lado da linha. — O bastardo gostoso e irritante.

Não poderia lhe dizer que ele tinha me dado algumas outras coisas com força. Ela não entenderia. Na verdade, *eu* também não entendia o que estava acontecendo entre mim e Romeo. Sabia que existia uma linha vermelha entre o amor e a luxúria, mas o que acontecia quando você a ultrapassava?

Eu não queria descobrir.

— Ele é horrível! — Disse alegremente, esmagando a cana entre meus molares. — O pior absoluto. Eu constantemente faço coisas para deixá-lo louco. Ainda hoje, fui almoçar com Madison. E convidei os paparazzi.

— *Ugh*. Madison. — Frankie engasgou. — Ela estava em Chapel Falls na semana passada. Disse a você? Andou por aí lamentando o quanto sente sua falta. O canalha mentiroso. Levou Deidre Sweeting e Jean Caldwell para a cama com suas lágrimas de crocodilo. Todo mundo está falando sobre isso.

— Frankie. Fofoca maldosa está abaixo de nós.

— Ah, Dal. — Podia imaginar sua carranca exagerada. — Mas boa fofoca é tão chata.

Nós duas rimos.

— Como está a escola? — Mudei de assunto, com medo de que, se falássemos muito sobre Romeo, eu desabasse e confessasse que por mais que o odiasse fora da cama, dentro dela, eu era sua fã número um. — Aconteceu alguma coisa interessante?

— Falhei na maioria das minhas provas, o que acho fascinante. Pelo menos para mamãe, papai e nossos vizinhos intrometidos.

Suspirei. — Precisa se esforçar, Frankie.

— Ah, mas estou. Estou me esforçando para não perder meu V-card antes do casamento. E isso é muito difícil.

— Frankie. Sabe o que acontece se você der o leite antes que compre a vaca.

— Talvez eu não queira ser comprada. Talvez queira participar do maldito século XXI.

Se ao menos as coisas fossem assim tão simples. Nós duas sabíamos que éramos produtos de nossa educação. Que jogamos de acordo com as regras do lugar de onde viemos.

A natureza humana, apesar de todo o progresso que havia feito, ainda era tribal por natureza. A mudança para Potomac me libertou, embora tivesse trocado uma jaula por outra.

— Existe alguém em particular que te agrada? — Deslizei pelo corrimão do segundo andar para o primeiro, só para ver se Romeo ladraria comigo por fazer isso. Para testar se havia parado de me vigiar pela câmera de segurança.

A casa permaneceu estranhamente silenciosa. Até agora, estava cumprindo sua parte no trato.

O sorriso da minha irmã viajou pela linha.

— Existem muitos alguéns. — Sua voz tornou-se sombria imediatamente. — Você está triste, Dal? Que pode nunca fazer sexo porque é casada com um homem que odeia?

Não poderia fazer isso. Não poderia dizer a ela que já tinha feito a ação.

Que era primordial, estimulante e celestial. Que tudo que eu queria fazer era fazer sexo com meu marido - e as coisas que vinham com isso.

Especialmente não queria dizer a ela como o sexo era divertido quando brincou com a tentação de fazê-lo ela mesma - e fora do casamento.

Eu não era puritana, mas também sabia que problemas a aguardavam se Chapel Falls a considerasse corrompida. Infelizmente, sabia disso em primeira mão.

Congelei na entrada da cozinha, descalça. — Tenho certeza que isso me acontecerá um dia.

— Sim. Vai quebrá-lo em algum momento, e ele te dará o divórcio. Estou certa disso.

No entanto, isso não significaria mais sexo capaz de alterar a vida e destruir a terra com meu marido ridiculamente gostoso. Sem mais orgasmos sob sua língua talentosa. Nenhum bebê com seus olhos cinzentos.

Não. Eu não queria o divórcio. De jeito nenhum.

Depois que desliguei e terminei meu terceiro jantar do dia (o *bistek tagalog*⁸⁹ de Hettie e o *lumpia*⁹⁰ frito), fui para o meu quarto ler meus livros de Henry Plotkin, que Romeo havia retornado do exílio. Hora de reler o último livro da série lançado antes do décimo quarto e finalmente último livro da série.

⁸⁹-Prato filipino que consiste em fatias finas de bife refogado em molho de soja, suco de calamansi, alho, pimenta preta moída e cebola cortada em anéis.

⁹⁰-Vários tipos de rolinhos primavera encontrados na Indonésia e nas Filipinas.

— Shortbread. — A voz arrogante de Romeo rugiu das profundezas do seu escritório. — Entre.

Quer dizer... como fez hoje?

Rindo para mim mesma, segui suas instruções.

Ele estava sentado atrás de uma mesa de mogno, trabalhando em seu laptop, uma biblioteca de literalmente todos os livros ilegíveis que já encontrei atrás dele.

— Sim? — Abaixei-me para colocar minhas meias engraçadas por cima da calça de moletom da Minnie Mouse.

— É o Halloween?

— Não.

— Então por que está vestida como uma criança?

Eu me arrastei mais para dentro do escritório e dei a ele um sorriso ensolarado, sabendo que aqueles, em particular, azedavam seu humor. — Conforto primeiro, certo?

— Errado. — Seus dedos patinaram sobre o teclado. — Conforto é o que as pessoas medíocres buscam quando percebem que a moeda do sucesso é o trabalho duro.

Naturalmente, gravitei em sua biblioteca e notei a última fileira de cerca de quinze livros. Capas duras de linho, sem sobrecapas e qualquer indicação do conteúdo dentro.

Toquei um, tirando-o de seu lugar antes de colocá-lo de volta. — Isso é para decoração?

Ele nem se virou para ver a que me referia. — Não.

— Como pode dizer qual livro é qual?

— Ao abri-los.

— Isso é alguma coisa estética estranha que os ricos fazem para manter os pobres tentando adivinhar o que leem?

— *Você é uma pessoa rica.*

— Sim, mas sou uma pessoa rica anormal.

— Você é uma pessoa anormal. Ponto. E não, isso não é *uma coisa estética estranha que os ricos fazem para manter os pobres tentando adivinhar o que leem.*

— Então... a livraria os vendeu assim? Isso deveria ser criminoso.

— Vieram com sobrecapas.

Meus lábios se separaram, horrorizados com a ideia de tê-los destruídos. — O que aconteceu com eles?

— Estão agora nos livros que eu dei a você.

— Que livros?

Certamente, ele não quis dizer *aqueles* livros.

— *Seu toque sujo. O impulso de um amante. Vendada pelo meu professor. Dominada por dois alfas alienígenas.* Devo continuar? Perco uma célula cerebral a cada segundo que discutimos sobre eles.

Tentei me lembrar se tinha parado para espiar além das sobrecapas e ver o que realmente eram os livros abaixo. Não tinha. *Ops.*

— Oh. Esses livros.

Os olhos de Romeo se estreitaram. — Sim. Esses livros. Já terminou?

Oh, eles terminaram, tudo bem...

— Poderia dizer isso...

— O que aconteceu?

Bocejei, cobrindo minha boca com a mão para obscurecer minhas próximas palavras. — Eu poderia tê-los queimado.

— Você os *queimou*. — Sua mandíbula estalou. O menor movimento.

Se eu não estivesse prestando atenção a cada detalhe meticuloso do meu marido, não teria notado. Brinquei com a barra da minha camisa, olhando para Minnie Mouse. Achei que era tarde demais para pedir desculpas. Águas passadas e tudo.

— Sim. — Acenei com a mão. — Aconteceu há séculos. Não há necessidade de revisitar o passado.

— Já que estamos nisso, podemos proibir os cursos de história. Educação desde a pré-escola até o 12º ano também.

— *Mm-hmm*. Deveríamos. — Balancei a cabeça rapidamente, sorrindo para Romeo. — Funcionou extremamente bem para as mulheres no passado.

E não. Ainda não consegui me fazer pedir desculpas. Por que eu estava assim?

Melhor pergunta - por que *ele* estava assim?

Eu fervei em seu silêncio potente, abanando minhas bochechas com uma capa dura de linho não identificável.

Romeo continuou a digitar em seu laptop. Parou por um momento, desembainhou sua velha lata e pegou um retângulo branco de dentro, colocando-o na boca.

O seu chiclete.

Eu queria chegar mais perto. Mergulhar em seu passado. Dar uma olhada na lata, que notei pela primeira vez que *possuía* uma única falha. Um pequeno amassado no canto que estragou a superfície fosca lisa.

Em vez disso, fiz questão de continuar minha leitura atenta de suas prateleiras. Meus dedos roçaram cada lombada nua. Aos livros não tive nenhum problema em me desculpar.

Na verdade, também teria feito uma vigília à luz de velas, se não achasse que seria de mau gosto, considerando como suas capas enfrentaram sua morte prematura.

Apertei as palmas das mãos e ofereci uma oração silenciosa a cada um cuja pele queimei até ficar crocante na fogueira.

Por favor, Senhor, lave-me dos meus pecados e encontre um lar melhor para esses livros na vida após a morte. De preferência com alguém de bom gosto. A Vasta História das Demonstrações Financeiras? Realmente?

Pelo lado bom, finalmente descobri os vícios de Romeo, além de chiclete e minha miséria - dinheiro. Toda a sua estante consistia em fileiras e mais fileiras de livros de finanças.

Achei estranho. Poderia jurar, com base em minhas habilidades estelares de espionagem, que ele estudou engenharia

durante a graduação e se concentrou em Gestão Empresarial em seu MBA.

Inclinei minha cabeça, percebendo algo. — Memorizou os livros que comprei naquela loja independente?

Ele finalmente rompeu o silêncio e me encarou, respondendo à minha pergunta entre ataques perfurantes na minha cabeça com seus cinzas gelados.

— Nada mais do que um subproduto da minha memória superior. *Não há necessidade de revisitar o passado.* — Arrancou o livro dos meus dedos e o enfiou na minha boca, bem entre os meus dentes. — Terminou?

Ele não esperou que eu respondesse, voltando para seu laptop.

Cuspindo o livro em minha mão, avancei em sua direção. — Deveria entrar em finanças. Aposto que se fizer algo de que goste, abandonará seu plano de *Missão Impossível: se vingar do papai por ser um malvado.*

— Ótimo plano. Apenas negligencie toda a minha carreira na Costa Indus...

— Não é uma carreira. É uma busca de vingança. E é infantil. Isso suga a sua alegria e a alma. — Acenei com a capa dura nua aninhada na palma da mão, que provavelmente se chamava *Riqueza Geracional: A História Imperial dos Bebês Nepo Medíocres* ou algo igualmente digno de soneca. — Você *adora* trabalhar com dinheiro. A vida é muito curta para não fazer o que ama.

— A vida é longa o suficiente para que eu possa fazer as duas coisas.

A súbita vontade de abraçá-lo tomou conta de mim. — Ah, Romeo. Nunca se sabe se sua próxima respiração será a última. Que tolíce sua não aproveitar o momento.

Na televisão montada na parede ao seu lado, uma notícia passou pela tela.

Hacker ataca Licht Holdings, LLC.

A manchete informava que um hacker anônimo havia roubado e vazado na internet os principais projetos de uma nova arma tecnológica, tornando toda a produção inútil.

Isso tinha as impressões digitais do meu marido por toda parte. O homem não descansaria até que ele tivesse Madison na sua palma da mão.

Fazendo beicinho, olhei para a notícia. — Uau. Não sabia que Zach se envolvia com hackers.

Onde ele estava quando Sav me gravou enchendo meu sutiã com tortas de chocolate na festa do pijama de Emilie e aproveitou a filmagem para minha edição limitada de Jimmy Choos?

Romeo não levantou os olhos da tela, ainda digitando. — Ele não se envolve.

Eu realmente não esperava que ele confiasse em mim.

— Então, por que estou aqui?

— Eu tenho uma surpresa para você.

Meu coração imediatamente fez polichinelos, expandindo e contraindo em velocidades recordes. A pressão aumentou entre minhas pernas.

— Podemos fazer isso na sua mesa? Oh! Posso subir e me vestir como uma secretária sexy?

Finalmente. Uma oportunidade de usar todas aquelas saias lápis que Cara tinha me dado.

E pensar que quase as tomei como uma mensagem subliminar de Romeo para conseguir um emprego.

Aqueles cinzas árticos surgiram de sua tela, surpresa e... era deleite?

— Não estava falando sobre sexo.

— Oh.

— Mas é bom saber que não a assustei para o resto da sua vida depois desta tarde.

O olhar que me deu me disse que ele sabia que eu tinha fingido aquelas lágrimas, não achou graça e me puniria mais tarde por isso. Esperançosamente, no quarto. Sobre os joelhos. Enquanto vestia o uniforme de colegial que comprei antecipando esse cenário exato.

Ignorei seu julgamento. Devolvendo a capa dura, apoiei minha bunda na beirada de sua mesa. — Tudo bem. O que tem para mim?

Ele se recostou na cadeira, agarrou minha coxa por cima da calça de moletom e passou a palma da mão áspera pelo meu quadril até agarrar minha cintura.

— Como fui tolo o suficiente para comprar suas lágrimas hoje, doei dois prédios em nome de nossa família. Um para Georgetown e o outro para Johns Hopkins.

Pisquei, ainda sem compreender. — Vai transformá-los em bibliotecas para mim? Parece um pouco exagerado roubar o diploma de tantos alunos...

— Agora pode escolher em qual universidade gostaria de concluir seu diploma universitário. — Seu queixo erguido me disse que ele pensou que tinha me feito um favor.

Eu, por outro lado, queria dar um tapa nele.

Que coisa horrível de se fazer. Ele não me conhecia? Talvez eu tenha exagerado ao incomodá-lo por me arrancar no meio da minha graduação.

Interpretando mal a surpresa em meu rosto por admiração e gratidão, um sorriso de lobo apareceu em sua boca deliciosa. — Receberei meu agradecimento na forma de você chupando meu pau, embora eu goste também de comê-la no balcão da cozinha.

Joguei minhas mãos no ar, gemendo. — Como pôde fazer isso comigo?

Isso apagou o sorriso de seu rosto.

— Você abandonou a Emory — apontou, como se o detalhe tivesse me escapado.

— Sim. — Enfiei um dedo acusador em seu peito. — E isso foi literalmente a única coisa que eu esperava quando me tomou como esposa.

— Não quer um diploma universitário? — A máscara de indiferença voltou a seus olhos.

— Claro que não. — Balancei minha cabeça. — Conhece alguém que se preze que tenha um?

Ele olhou para mim de uma forma que sugeria que eu tinha falado em uma língua totalmente diferente.

Suspirei, listando as maiores mentes de nossa geração, todas sem graduação. — Steve Jobs, Mark Zuckerberg, Bill Gates, Jack Dorsey...

— Shortbread. — Franziu a testa. — Não acho que corra o risco de privar o mundo de um gênio da tecnologia em ascensão. Na verdade, quando o telefone bloqueia, você o esmaga contra uma superfície dura em vez de reiniciá-lo. Eu a vi fazer isso. Várias vezes. Não sabe nada de tecnologia e mídia social. Além disso, praticamente todas essas pessoas abandonaram as escolas da *Ivy League*, nas quais não exigiam a eles doações de prédios inteiros para serem aceitos.

— Está dizendo que sou estúpida? — Acrescentei um tom insultado à minha voz, principalmente para desviá-lo do assunto do meu diploma universitário inacabado.

— Não. Você provou ser incrivelmente inteligente.

— Então, qual é o problema?

— Não me casarei com uma mulher sem uma educação.

— Deveria ter pensado nisso antes de sequestrar uma. — Comecei a mover as coisas – canetas, grampeador, peso de papel – apenas para deixar minha marca nesta sala geralmente intocada.

Agora que pensei sobre isso, poderia usar alguma arte. Um toque de cor, talvez?

— Você terminará seu curso. — Agarrou meu pulso, gentilmente me impedindo de bagunçar ainda mais seu espaço de trabalho. — E é isso.

— Ou então o quê? — Deslizei de sua mesa, montando-o em sua cadeira agora. Passei meus braços ao redor de seus ombros, olhando em seu rosto. — Vai me expulsar para os Hamptons? Para Chapel Falls?

Nós dois sabíamos que eu não iria a lugar nenhum.

Eu não sabia por que ou como, exatamente, isso se tornou um acordo silencioso entre nós, mas acho que de alguma forma confusa e completamente doentia, o que quer que estivesse fermentando dentro desta mansão era melhor do que a realidade que ambos tínhamos vivido antes.

Ele agarrou minha bunda, moendo-me contra sua ereção.

Os músculos de sua mandíbula saltaram, os olhos semicerrados. — Foda-se. Comprarei um diploma para você.

— Vou queimá-lo — retruquei. — Quero que as pessoas saibam que sou autodidata.

— Em quê? Sentar no sofá e lamber creme do Oreo? — Seu comprimento rígido abriu minha fenda através de nossas roupas, colidindo com meu clitóris. — Pelo menos se torne presidente de uma organização sem fins lucrativos.

Balancei minha cabeça. — Continuar doando para a caridade nos bastidores.

Ele me examinou, perplexo. — Por que?

— Porque não preciso impressionar ninguém, e você também não. — Inclinei-me para beijá-lo. Ele pegou meus lábios nos dele, puxando-me para um beijo profundo e cheio de língua. — Agora, devo ficar nua?

— Certamente. — Ele me empurrou para longe dele, voltando sua atenção para seu trabalho. — Mas só porque o que está vestindo é uma monstruosidade. Estou ocupado.

Mesmo que tenha me jogado discretamente para fora de seu escritório, na verdade fiquei muito feliz quando saí. Esta foi a nossa primeira interação não tóxica.

Que patético isso me deixar exultante, mas, infelizmente, aconteceu.

Voltei para a cozinha para pegar uma garrafa de água - sempre ficava com mais sede depois de nossos encontros - passando por seu escritório novamente enquanto subia as escadas.

Parei, notando que ele não estava mais com os olhos fixos na tela. Seus cotovelos agora descansavam em sua mesa, e ele colocou a cabeça em concha, olhando para baixo.

Ele parecia exasperado.

Insatisfeito.

E não mais com ódio de mim.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Dallas

Romeo e eu caímos em uma rotina.

Uma rotina em que eu fazia o que queria quando queria e ele parava de me incomodar com isso.

Isso consistia principalmente em almoços com Hettie, viagens a bibliotecas locais e leituras de Henry Plotkin em antecipação ao décimo quarto e último.

Não exatamente a vida no limite.

Esta noite se arrastou como qualquer outra. Enquanto pairava sobre o fogão, enfiando o garfo na barriga de porco antes que Hettie pudesse colocá-lo no prato, Romeo comia seu frango chato em seu escritório chato.

Deus me livre de ser pego sendo civilizado com sua esposa na frente de sua equipe.

— Você não é um esfregão, Dal. — Hettie empurrou o pote para longe de mim. — Não precisa lamber a panela para limpá-la.

— Chama-se eficiência. Estou economizando água para a seca.

— Aquela do outro lado do país?

— Chama-se patriotismo, Hettie.

— Nós duas sabemos que termina o jantar em vírgula dois segundos todas as noites para me expulsar mais cedo para que você e Lúcifer possam ficar loucos.

Já que ela não falou nada além da verdade, fiz exatamente isso, conduzindo-a e Vernon porta afora.

No momento em que Romeo entrou em meu quarto, eu o esperava em meu edredom, nua, Henry Plotkin em uma mão e um marca-texto na outra.

Na verdade, contei os dias, as horas, os minutos até a minha menstruação. Queria tanto acordar de manhã (tudo bem, tarde) e descobrir que estava atrasada.

Nada me faria mais feliz do que estar grávida. Eu tinha certeza disso. Mesmo que minha bênção fosse a maldição de Romeo.

Romeo caminhou até mim e tentou arrancar meus dedos da capa dura.

— Espere. — Fiz beicinho, puxando-o de volta. — Madison está prestes a...

Ele ficou mortalmente imóvel. — Madison?

— O *personagem*. A irmã de Henry.

Madison, o canalha, por outro lado? Não tinha notícias dele desde o confronto no Le Bleu.

Estaria mentindo se dissesse que me sinto bem com a maneira como deixamos as coisas. Não por culpa. Madison me usou como uma ferramenta contra meu marido, que então me usou como uma ferramenta contra Madison.

Se eu fosse um juiz, *ambos* seriam condenados por crimes. Foi uma droga saber que nós três estávamos presos nesse limbo de poder, ego e dinheiro.

Soltei o livro, permitindo que Romeo o colocasse na mesinha de cabeceira. Então começou a me mostrar o paraíso em um lugar que deveria ser meu inferno pessoal.

Fizemos tudo menos sexo. Passávamos horas explorando os corpos um do outro. Cada músculo. Cada curva. Tudo lambidas, beijos, arranhões e chupões. Ele conhecia meu corpo de dentro para fora. A marca de beleza abaixo do meu osso do quadril direito. Cada sarda individual no meu ombro.

E eu o estudei intensamente, aprendendo exatamente onde sentia cócegas (entre o tanquinho e o osso do quadril), o que o fazia prender a respiração (quando cobri a coroa de seu pênis com a boca e depois soprava o ar no ponta), e o que apenas tolerou porque sabia que eu gostava (quando lambi a concha de sua orelha. Deu-lhe arrepios).

Às duas e meia da noite, ele deslizou as calças sobre as pernas. Deitei na cama, os lábios inchados, o cabelo uma bagunça, o corpo deliciosamente dolorido.

Romeo olhou para a pobre flor e murmurou algo que soou suspeitosamente como — ...incapaz de cuidar de uma planta de casa, quanto mais de uma criança.

A rosa de Vernon prevaleceu sobre o impossível - eu.

Meu quarto privado de sol, a água suja em que marinava e minha desatenção geral.

De vez em quando, Romeo cuidava dela, trocando a água por fresca. Uma vez, até pegou a tesourinha que eu usava para aparar minhas sobrancelhas, cortando a ponta da rosa.

Talvez tenha sido por isso que apenas uma pétala caiu desde que começamos a transar regularmente.

Não sei o que mais me impressionou - a habilidade de Vernon de criar uma subespécie de rosa ou a característica oculta de meu marido de cuidar das coisas com a gentileza de um pai amoroso.

Na manhã seguinte, dancei pela ilha da cozinha com Hettie, imersa em um desafio de chocolate. Cada marca sob o sol se espalhava diante de nós. *Godiva, Cadbury, Dove, Ghirardelli, Lindt e La Maison du Chocolat.*

Vernon, nosso juiz, estava sentado em uma banquetta, em cima de quatro grossos livros de finanças que roubei do escritório de Romeo para aumentar a altura. Não que Hettie ou eu pudesse vê-lo através de nossas vendas.

Mastiguei uma pérola de ganache de framboesa. — Godiva.

Vernon limpou a garganta, interrompendo minha vantagem de 4-3. — Sra. Costa, tem um convidado.

Como sempre, ele insistia em me chamar de Sra. Costa.

E como sempre, estremei visivelmente.

Tirei a venda dos olhos, ofegante. — Frankie!

Não era ela, contudo, e também não era mamãe.

Meus pulmões se esvaziaram, uma rajada de ar passou por meus lábios.

Shepherd Townsend estava diante de mim. Ele pairou na porta, chapéu na mão, mudando seu peso de um pé para o outro. Usava aquele terno que eu mais gostava. Preto com listras amarelas. Uma combinação hilária que lhe rendeu o apelido de *Bubba Bee*⁹¹.

Aqueles dias pareciam eras atrás. Não estava rindo agora.

— Dallas. Não tem atendido minhas ligações.

Empurrei o chocolate para o lado. — Sim, estou ciente.

— Esperava que pudéssemos conversar. — Ergueu um ombro, inseguro de si mesmo pela primeira vez.

Ele puxou as cordas do meu coração, se não as amarrou completamente juntas em uma pilha emaranhada. Apesar de suas ações, não poderia odiá-lo completamente.

Fiz um gesto para a mesa repleta de sobremesas à minha frente. — Claramente, estou ocupada.

Uma raiva espinhosa subiu pela minha garganta. Foi além do ato de me prometer a Romeo sem meu consentimento. Papai também tinha feito isso antes com Madison.

O que me queimou de dentro para fora foi o momento revelador em que meu agora marido me arrastou da casa da minha infância, descalça e em meu roupão. Naquele instante, com a clareza de um espelho polido recentemente, soube que meu pai não me salvaria. Os pais deveriam proteger seus filhos. Não a reputação de sua família.

⁹¹-No uso americano, "Bubba" é um termo carinhoso usado principalmente para meninos.

Shepherd Townsend operava em um mundo masculino. Onde as mulheres eram uma novidade. Criaturas simples e estúpidas para serem acalmadas quando entregues a elas um cartão de crédito. Acreditava que eu encontraria a felicidade com Madison, assim como apostou que eu me acostumaria com Romeo. Afinal, ambos eram agradáveis aos olhos e podres de ricos.

O que mais uma mulher poderia querer?

O que, de fato? Talvez uma voz. Vontade. Respeito.

Meu pai era machista. Assim como o resto de Chapel Falls. Agora que não morava mais sob o seu teto, pude mostrar a ele exatamente o que pensava sobre sua visão de mundo.

Uma onda de surpresa encharcou o rosto de papai. — Certamente, poderia me dar alguns minutos.

Enquanto Hettie e Vernon se afastavam, dando-nos privacidade indesejada, eu vagueava pela ilha, reunindo os ingredientes para o chantilly caseiro.

— O que te dá tanta certeza? Porque não tenho filhos para criar? Algum chão para varrer? Almoços para organizar? Porque sou mulher, papai?

Nesse ritmo, ele precisaria de uma empilhadeira para colocar a mandíbula de volta na posição vertical.

Pelo lado positivo, talvez ele pudesse se desculpar com a sociedade por seu machismo doando seus olhos para a ciência. Nem sabia que aqueles olhos de cachorrinhos podiam crescer tanto, ou ser tão vazio. Como dois planetas desertos.

— De onde vem isso? Costumava ser tão doce. — O chapéu de papai escorregou de seus dedos, caindo no chão. — O que aconteceu com você?

— O que acontece com toda garota que escapa de Chapel Falls. — Um sorriso triste pairou em minha boca. — Cresci e percebi que há vida além das paredes cobertas de hera de Chapel Falls. Que nesta vida, as mulheres podem cometer erros, ser humanas, experimentar a vida tão plena e integralmente quanto os homens, sem pagar um preço horrível.

— Sabia o que aconteceria se fosse pega com um homem antes do casamento. Eu não fiz as regras. A sociedade fez.

— Dois mil anos atrás. A maior parte da sociedade americana não vive mais como nós.

— Está com raiva de mim desde antes de se mudar para Maryland.

De alguma forma, ele parecia menor. Mais velho. Muito menos poderoso do que me lembrava. O tempo afastado havia extinguido aquele brilho supremo que uma vez irradiava dele. Aquele que toda garota via de seu pai antes que a realidade apagasse isso.

— Sim. — Lavei minhas mãos, enxugando-as em um pano, junto com todas as ilusões sobre a preocupação de meu pai por mim. — Percebi, depois que me entregou a Romeo, que também nunca havia escolhido Madison. Na época, concordei em evitar aborrecê-lo. Nunca me deu uma voz. Que irônico que eu tenha encontrado a minha, de qualquer maneira, e na gaiola dourada para a qual me enviou, nada menos.

Papai observou nossos arredores. A beleza. O luxo. A riqueza.

— Pensei que ele seria bom para você. A reputação de Costa é incontestável. É realmente tão ruim aqui?

Não. De jeito nenhum. E também não foi minha escolha.

No momento em que me preparava para dizer-lhe o que pensava, passos rápidos ecoaram pelo corredor. O ritmo. A confiança tranquila.

Só podia ser meu marido.

Duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Primeiro, meu coração deu uma cambalhota, ansiosa para vê-lo novamente, embora apenas três horas se passaram desde que ele se banqueteara comigo no café da manhã.

Em segundo lugar, meus nervos – já tão tensos que temi que fossem romper minha pele como elásticos – pularam para a atenção.

Romeo entrou, maior e mais ameaçador do que meu pai.

Do que a cozinha. Do que sua *mansão*.

Como não tinha notado isso antes? Que meu marido – vestido com esmero com sua mandíbula muito afiada e olhos cinzentos – era uma arma de guerra ele mesmo.

Ele passou por meu pai, percebeu minha expressão e voltou seu olhar para Shep Townsend. Um calafrio ziguezagueou entre nós.

— Tem um convite para estar aqui?

O ego inchou o peito de papai. Antes, rugas marcavam sua testa, revelando sua frustração comigo. Com as palavras de Romeo, dissiparam. Shepherd Townsend recusou-se a ser repreendido por um homem com metade de sua idade.

— Não preciso de convite. Minha filha...

— É minha esposa, minha responsabilidade e, portanto, meu negócio. Ela atualmente não quer falar com você. A menos que eu esteja enganado? — Romeo virou-se para mim, erguendo uma sobrancelha.

Eu não precisava balançar a cabeça. Leu meus olhos. Ele me leu.

Ele se voltou para meu pai. — Saia.

— Dallas... — Meu pai – não mais papai para mim, percebi – torceu o terno nas mãos, tentando contato visual. — Você realmente tratará seu próprio pai dessa maneira?

A culpa atravessou meu peito, passou por minhas costelas e entrou em meu coração. Eu ignorei, cruzando os braços.

Ele jogou as mãos para cima quando Vernon se materializou atrás dele, guiando-o pelo cotovelo. — Disse à sua mãe que estava feliz.

— Disse muitas coisas para mamãe para que o coração dela não se partisse. — Engoli. — Seu coração, no entanto, merece desmoronar em pó.

— Permita-me tornar as coisas mais fáceis para você, Shep. — Romeo plantou a mão no ombro de meu pai. Fiquei surpresa que o último não afundou no chão e desapareceu entre as rachaduras.

— Se eu pegá-lo aqui mais uma vez, sem ser convidado e indesejado, cortarei suas pernas para garantir que seus erros não se tornem um hábito. Não subestime minha tendência maldosa. Afinal, *arruinei* a reputação, o noivado e a vida de sua primogênita, tudo no espaço de uma noite. Sou terrivelmente proficiente no que diz respeito à crueldade. É um talento herdado. Fazer de mim um inimigo não é para os fracos de coração.

A calma de aço que se instalou em meus ombros ao ver a remoção forçada de meu pai deveria ter me abalado. Não me reconheci. No entanto, sabia que nunca voltaria ao antigo eu.

Não importa o que acontecesse.

Georgia sempre possuiria minha alma, mas eu suspeitava que meu coração vivia aqui. Em Potomac. Uma esperança perigosa borbulhava dentro de mim. Talvez minha gravidez não manchasse a existência imaculada de Romeo.

E se eu pudesse convencê-lo de que dar a vida a outra pessoa vale mais do que arruinar a de seu pai?

Meus olhos se fixaram em Romeo, que se apoiava nas costas de um banquinho estofado, olhando para mim com um misto de ternura e aversão. Nas raras vezes em que me mostrou bondade, ele se desprezou por isso.

Ele fez uma careta, interpretando mal o meu olhar de desejo como um acusador. — Pensei que queria se livrar dele.

— Queria.

— Por que está olhando para mim, então?

— Eu normalmente não olho para você?

— Somente quando quer comer fora ou perdeu seu cartão de crédito e precisa de um novo.

Senhor, isso era verdade?

Estive tão ocupada comparando-o com o personagem apaixonado de Shakespeare que não percebi que também não havia ganhado nenhum prêmio de Esposa do Ano.

— Bem, estou olhando para você agora — disse. — E gosto do que estou vendo.

Ele jogou a cabeça para trás. — Está bêbada?

— Não posso te fazer um elogio?

— Sou eu quem faz os elogios nessa relação. O que quer que esteja fazendo, pare imediatamente.

De alguma forma, nossos olhares estavam tão entrelaçados que não sabia como desviar os meus.

Ele recuou primeiro com um aceno de cabeça. — Vou para a academia.

Eu o teria seguido. Verdadeiramente, mas os equipamentos da academia pareciam primos distantes da guilhotina. Não é minha culpa que entrei neste mundo com instintos de autopreservação altíssimos.

Eu fiz beicinho. — Está sempre indo para a academia.

— Isso mesmo. — Romeo abriu a geladeira, pegou uma garrafa de água e a tomou tudo de uma só vez. — Quero ver uma idade maior que trinta e três anos, e sua única missão na vida parece estar me desgastando.

Esmagou o plástico em seu punho, jogando-o na lixeira.

— Vem ao meu quarto depois?

Imediatamente me arrependi da pergunta. Soava carente.

Nunca esperei que Romeo fosse. Ele simplesmente ia. E nas raras ocasiões em que não o fazia, eu fingia não notar.

Romeo virou-se totalmente para mim, observando-me. — *Por quê?*

Está bem. Poderia ter passado sem a incredulidade.

— Talvez eu tenha sentido sua falta — murmurei.

— Espero que não. Podemos não ser mais inimigos, Shortbread, mas nunca seremos amantes. — Roçou o ombro no meu quando saiu da cozinha. — Certifique-se de que Hettie limpe todo o chocolate derretido do balcão. Cabeças rolarão se eu encontrar uma formiga dentro da minha mansão.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Dallas

Depois que Romeo me bateu com o bastão da verdade, preparei um banho para esfregar suas palavras da minha pele.

Queria que fôssemos um casal. Um *real*. Não tenho certeza de quando isso aconteceu, mas agora que aconteceu, qualquer outro resultado terminaria em devastação.

O segundo golpe do dia veio na forma de uma mancha rosa salpicada na minha calcinha. Grande, ousada e inconfundível.

E um dia antes.

Segurei o algodão contra a luz como se houvesse alguma dúvida sobre o que era. A visão me abriu. A miséria derramou através da ferida aberta. A mancha parecia uma traição. Como luto e autoaversão.

Cortei o tecido com minha tesoura mais afiada, joguei os restos esfarrapados no lixo e puxei o ralo da banheira, recusando-me a apodrecer em meu próprio sangue.

Se eu não cheirasse como um bordel esta manhã, teria renunciado totalmente a um banho. Em vez disso, fui rápida, vestindo meu pijama infantil mais confortável e rastejando para baixo do meu edredom.

O terceiro golpe veio quando me forcei a chorar, falhando em evocar as lágrimas que me escaparam durante toda a minha vida.

Eu precisava de alívio. De qualquer forma, isso viria.

No entanto, mais uma vez, meu corpo falhou comigo. Nas lágrimas. Na fertilidade.

Tudo bem. Não foi culpa dos meus óvulos que sofreram uma seca de esperma. Eu apenas preferi não reconhecer a simples verdade.

Romeo se recusou a fazer sexo comigo. Não importa meus avanços. Não importa todas as atividades deliciosas, emocionantes, indutoras de orgasmo e *quase sexuais* em que nos envolvemos.

O início de uma tempestade provocou meus tornozelos, enrolando-se em torno deles.

A visita inesperada do meu pai. A rejeição do meu marido. Meu período. Minha existência geral sem sexo. Giraram juntos, ganhando força, transformando-se em algo sinistro e perigoso.

Então, horas depois, quando a porta se abriu, sabia que a visita não terminaria bem.

Romeo nunca batia e nunca me importava. Só que, esta noite, eu me importava.

Sua sombra deslizou pela escuridão lustrosa. Parou logo acima de mim, o seu cheiro - de hortelã, colônia e homem potente - navegando em minhas narinas.

Ele veio.

Porque pedi a ele? Porque sentiu minha falta? Ou porque suas necessidades exigiam satisfação?

Nunca saberia dizer.

Romeo passou os nós dos dedos ao longo de sua constelação favorita de sardas na minha bochecha.

— O que está no menu desta noite, Sra. Costa? — O tom rouco e baixo infiltrou-se através de mim. — Mais meia nove, ou posso finalmente foder seu cuzinho apertado?

Com suas palavras, a tempestade se transformou em um furacão, apodrecendo em algum lugar bem abaixo e subindo à superfície. Ao contrário da calamidade natural, sua velocidade e ira não enfraqueceram ao atingir o solo. Aumentou. Dez vezes.

Afastei seu toque. — Saia do meu quarto e nunca mais volte.

Eu te odeio. Eu te odeio com tudo que tenho em mim e muito mais.

Senhor, sempre doeu tanto respirar?

Era verdade, o que dizem. Não há lei de conservação para o amor. Você não recebe o que dá.

— Isso é sobre nossa conversa mais cedo? — Seu tom leve e despreocupado poderia muito bem ser uma adaga. — A dicotomia é a melhor amiga do simplório. Deve mirar mais alto que isso, Shortbread. O amor não está nas cartas para nós, mas isso não significa que não possamos desfrutar da companhia um do outro. Se eu realmente não pudesse sofrer com nossos breves encontros, teria concedido a você o divórcio que tanto deseja.

Não quero o divórcio, seu tolo egoísta e estúpido.

Eu queria jantares na frente de luz de velas, encontros de filmes e piadas internas que ninguém mais entendia. Queria beijos, palavras de conforto, para ser sua luz brilhante quando a melancolia se apoderasse dele.

Joguei o edredom sobre a cabeça. — Apenas saia.

— Qual o problema com você? — A temperatura na sala caiu, indicando sua mudança de humor. — Tem agido estranha o dia todo.

— Sabe — murmurei em meu travesseiro. — Não acho que Leonardo DiCaprio realmente fez sucesso em *Romeo e Julieta*. Acho que o que o colocou no sucesso foi o *Titanic*. E acho que todos sentiram pena dele. Aquela maldita porta claramente caberia ele e Rose.

O silêncio que se seguiu enviou uma onda de pânico ao meu estômago. Certamente, ele não foi embora.

Infelizmente, não foi.

— Tenho certeza de que há lógica por trás de suas palavras, embora não consiga encontrá-la.

— Quero fazer sexo com alguém que me dê um lugar na porta!
— Joguei o edredom longe, olhando para ele no escuro.

Ele me avaliou como se estivéssemos nos encontrando pela primeira vez. Avaliando-me, fazendo anotações, decidindo como queria abordar o assunto.

— Não precisamos fazer cruzeiros. Pessoalmente, tenho uma forte antipatia por iates...

— *Arghh*, Romeo. — Pulei para fora da cama, empurrando seu peito. O desespero praticamente saiu de mim. Para quê, nem sabia. — Não estou falando de iates agora.

Ele acendeu a luz. Nenhum de nós disse nada.

Ele esperou que eu fizesse sentido. Decidi tirá-lo de sua miséria.

— Parabéns. — Caminhei até a porta e a abri, esperando que ele saísse. — Eu menstruei.

Romeo apenas ficou lá. Silencioso. Não tive a sensação de que estava feliz; também não tive a sensação de que estava triste.

— Sinto muito. — As palavras pingavam obrigação.

— Não, não sente. — Abri mais a porta. — Agora saia.

— Serei convidado a voltar em um futuro próximo?

— Só se quiser fazer sexo como um casal.

— Chato, rápido e a cada duas semanas? — Poderia dizer que ele não queria discutir, não queria voltar a ser inimigos, mas também não queria me encontrar no meio do caminho, por mais que isso pudesse parecer.

— Sem camisinha.

Antes, considerava o vazio dentro de mim sem fundo, mas quando ele saiu, tão impassível quanto tinha chegado, aumentou e cresceu, até que eu tinha certeza de que se alguém gritasse em minha boca, um eco terrível se seguiria.

Eu sabia que ele não voltaria.

Não amanhã. Não na próxima semana. Nem no próximo mês.

Ele se esquivou de uma bala e não ousaria mexer com uma arma carregada novamente.

Eu tive uma chance.

E meu corpo a estragou.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Dallas

Encontrei a vontade de atrair meu marido para o sexo desprotegido no quinto dia de nossa guerra fria.

Com o fim da minha menstruação, acordei cheia de energia, eras antes do alarme das duas da tarde, e passei uma quantidade de tempo desagradável me embelezando, até raspando tudo ao sul do meu queixo.

Desde a nossa briga, Romeo tinha me evitado a todo custo.

Isso acabava agora.

Cheguei à sala de jantar com floreios, às seis da manhã em ponto, sabendo que Romeo estaria lá depois de sua corrida de oito quilômetros e banho gelado.

Verdadeiramente, *eu* deveria ser a única cautelosa em procriar com ele. Os genes dos psicopatas não eram hereditários?

Quando entrei, Romeo folheava o jornal, uma xícara fumegante de café em seus lábios.

Servi-me de um croissant, manteiga de Vermont e dois *Danishes*⁹² da bandeja de massa que Hettie fazia todas as manhãs. Então deslizei para o assento em frente a ele.

⁹²-É um doce de pastelaria típico da Dinamarca.

Romeo não ergueu os olhos do jornal. — Bom dia, Shortbread. Estou tendo alucinações ou está fora da cama antes das três?

— Definitivamente está tendo alucinações.

— Vendo que enrolou quatro dedos de manteiga em um único croissant, acho que não. Isso é muito você para ser uma miragem. — Fechou o jornal e o dobrou em quadrados ao seu lado. — Está se sentindo melhor?

— Sim, não graças a você.

Ele largou o café. — Acredite ou não, pretendia verificá-la neste fim de semana se não tivesse mostrado seu rosto até então.

Descansei a mão sobre o meu coração. — E dizem que o romance está morto.

— O romance *está* morto. Os aplicativos de namoro acabaram com isso anos atrás. Você é a única que ainda acredita nisso. Estou meio preocupado que gaste uma quantidade profana de tempo assistindo *Caça-Fantasmas* no caso de encontrar um fantasma.

Devorei meu croissant em duas mordidas. — Quero que me divirta hoje.

Por uma razão desconhecida para mim, sabia que ele me agradaria. Sempre me deu algum tipo de versão do que eu queria, sem falta.

Ele terminou seu café. — Posso visitar seu quarto no final do dia, se minha agenda permitir, desde que afrouxe sua regra de sexo.

— Quis dizer durante o dia.

— E a coisa chata que é o meu trabalho?

— Então, me leve para o trabalho.

— Não, obrigado.

— Não estava perguntando.

— Eu não estava oferecendo. — Houve uma pausa. Ele a usou para expirar, para não me estrangular. — Hoje não. Há uma demonstração de armas e sou obrigado a estar lá. É perigoso.

— Gosto do perigo.

— E eu gosto de você inteira. — Pensando bem, acrescentou — Como um dos meus bens mais caros, é claro. Você custa centenas de milhares de dólares para manter. Por mês.

— Vou trabalhar com você hoje.

— Não.

Fiz beicinho, rolando uma mecha de cabelo em volta do meu dedo. — Sabe o que acontece quando estou entediada.

Eu estava, é claro, sendo deliberadamente petulante, sabendo que isso prejudicava seu equipamento.

Meu reflexo brilhou através de seus olhos de tubarão morto. Nele, os últimos meses se desenrolaram. A quantidade de merda que colocamos um ao outro. No final das contas, porém, Romeo nunca teve medo do meu mau comportamento. E desta vez, suas intenções brilharam em sua testa.

Uma concessão por uma concessão.

Que pensamento tolo. Naturalmente, esperava que ele continuasse pensando nisso.

Paramos em um impasse.

Finalmente, ele se levantou, checando seu Rolex. — Mandarei Jared buscá-la ao meio-dia. A demonstração ocorre em uma pista ao ar livre. Espere vento, frio, lama e uma boa dose de desconforto. Não use nada que chame a atenção, inclusive e principalmente salto alto. Enquanto estiver lá, não sairá do meu lado, não passeará por aí e não fará nada que não esteja no manual de instruções que enviarei por e-mail depois que eu sair.

— Tudo bem, *Zaddy*⁹³ — ronronei.

— Se você se comportar, o que duvido muito, poderíamos almoçar mais tarde depois. Não faça com que me arrependa disso, Shortbread.

Eu me levantei, socando o ar. — Não vou!

Ele balançou a cabeça, colocou o blazer sobre o antebraço e saiu. Podia jurar que o ouvi murmurar — Já estou.



Talvez Romeo precisasse definir melhor o que significava *uma roupa que não chama atenção*.

Porque quando saí do Maybach pelo asfalto sem fim, não pareceu impressionado.

⁹³-É um termo usado para homem bonito, elegante e sexy com estilo, geralmente mais velho que você; cuida, protege e te ama. Pode também ser usado para indicar papéis sexuais, uma posição dominante em um relacionamento.

E por não estar impressionado, o que quis dizer é que ele me jogaria de bom grado de um penhasco se um deles passasse por sua linha de visão.

Foi a primeira vez que vi fogo em seus olhos, e esse fogo queria me queimar até a morte.

Se você me perguntasse, não havia nada de errado com meu minivestido preto de tiras. Os minúsculos retalhos de náilon transparente que cobriam minha modéstia só poderiam ser descritos como alta moda. Eu usava botas *Louboutin* de doze centímetros para completar o visual – e então Romeo não se elevava completamente sobre mim. O couro envernizado esticou minhas pernas, cortando no meio das minhas coxas.

Aninhados nos arredores de Alexandria, dezenas de homens uniformizados circulavam pelo asfalto, onde um *Humvee*⁹⁴ do tamanho de uma casa havia estacionado. E todos estavam olhando para mim, boquiabertos, olhos vidrados.

Balancei meus quadris enquanto caminhava para meu marido, seu pai e seu inimigo. Estavam ao lado de um helicóptero com protetores de ouvido com cancelamento de ruído, olhos fixos em mim.

Achei que tinha alcançado meu objetivo de lembrar a Romeo o quanto sua esposa era desejada, considerando que cada homem por quem passava me despia com os olhos.

⁹⁴-Automóvel Multifunção de Alta Mobilidade de guerra.

O sorriso ensolarado em meu rosto apenas endureceu o olhar de Romeo. Ele arrancou seus protetores, jogando-os nas mãos de Cara.

Senior estudou meu decote como se tivesse perdido as chaves do carro dentro dele. Ao seu lado, Bruce parecia pronto para se voluntariar como tributo e cavar por eles.

As hélices do helicóptero agitaram o ar ao nosso redor.

Ainda assim, ouvi Senior claramente através do rugido. — O que ela está fazendo?

— Certificando-se de que eu a tranque em uma cela até que atinja a menopausa. — Romeo já havia começado por mim, mesmo ultrapassando o vento dançando entre nós.

Encontramo-nos no meio da pista. Minha pele floresceu com consciência, sabendo que tínhamos todos os olhos em um raio de um quilometro.

— Ei, marido. — Enlacei meus braços ao redor de seu pescoço, levantando meus calcanhares para lhe dar um beijo.

Sua boca estava fria e indiferente enquanto cobria meus lábios. Lancei minha língua através da costura, em seguida, chupei seu lábio inferior em minha boca.

Ele se recusou a ceder. — Parece uma vadia.

A palavra cortou meu suprimento de ar, deixando-me tonta. Perdi o equilíbrio, quase tropeçando se não fosse por sua mão nas minhas costas.

Ele nunca tinha me chamado assim antes. Nem mesmo quando enfiava meus órgãos genitais em seu rosto, exigindo ser satisfeita, o que ocorria diariamente.

O Romeo que eu conhecia não via mulheres sexualmente livres como pecaminosas. Algo o havia engatilhado.

Ou talvez esteja tentando desculpar sua masculinidade tóxica.

Sua expressão permaneceu tão dura e implacável quanto seus ombros. — Essa era sua intenção, não era?

Odiava que meu argumento morresse antes que pudesse germinar, crescer membros e estrangulá-lo até a morte. Para ser justa, já vi estrelas pornô envoltas em lingerie com mais tecido do que meu vestido.

Se o vento soprasse na direção errada, todos os homens na vizinhança desfrutariam de uma visão aberta dos meus seios.

E havia *muitos* homens nas proximidades. Muito vento também.

— Certo. Se você quer que eu a trate como uma, parabéns. Vou deixá-la ser minha putinha.

Afastei-me dele, ferida e mal. Mesmo no auge do nosso ódio, ele nunca ousou falar assim comigo. Sempre houve uma corrente de respeito.

Não havia agora.

Ele avançou, esmagando a mão na minha cintura até eu pensar que meus ossos virariam pó. Seus lábios se arrastaram pela minha bochecha, parando na concha da minha orelha.

— Fique de joelhos, tire meu pau e me masturbe até que eu goze em sua “roupa”. Vá em frente. Faça isso.

Meu joelho esquerdo cedeu por instinto, mas me forcei a permanecer ereta.

Um vento brutal nos envolvia. Os cachos que eu tinha trabalhado tão duro antes chicoteavam em torno de nós como as lâminas de um liquidificador. Estava claramente ciente de que a única coisa que mantinha meus mamilos longe dos olhos de todos os homens aqui era o suor nervoso que colava o minúsculo pedaço que os cobria à minha pele.

Se eu tivesse coragem, chamaria seu blefe. Eu me ajoelharia, o levaria à minha boca na frente de todos os seus empregados, mas não o fiz.

Em vez disso, me apoiei no chão, com medo de cair se me movesse, mas sabendo que Romeo nunca me deixaria cair.

— Foi o que pensei, Shortbread. — Seus dedos deslizaram logo abaixo do meu vestido, cavando em minha coxa. — Queimarei a porra dessa roupa até o chão, junto com tudo o mais que achar inadequado, assim que chegar em casa esta noite. Acho que estará livre de mim depois de tudo.

— Livre? — Minha boca secou. Não queria isso de jeito nenhum. Muito pelo contrário. — Onde vai?

— Cadeia.

— O quê?

— Onde mais pararia depois de arrancar os olhos de todos os homens que os usaram para despi-la?

Procurando sarcasmo em seu rosto, tudo o que encontrei foi um vazio nítido e um aviso do que estava por vir.

Do outro lado da pista, o carro acenou para mim, convidando-me a fugir, mas me recusei a perder prestígio na frente de seu pai e colegas. Nunca daria a Romeo essa satisfação.

— *Aww*. — Tirei fiapos invisíveis de seu terno. — Com medo de eu fugir com um homem de verdade? Talvez um sem problemas com o papai do tamanho do Vietnã? — Ignorei seu olhar duro. — Disse Vietnã? Muito pequeno. Quis dizer a China.

— Meça suas palavras. — Enfiou os dedos no meu cabelo no que poderia ter parecido uma carícia de longe, mas não havia como confundir o aviso em seu puxão. — Ou esta noite, vou fodê-la com tanta força que não conseguirá comer por uma semana.

Suas palavras não deveriam ter molhado minha calcinha, mas, molharam.

Mais do que tudo, estava pateticamente feliz por ele ainda não ter terminado comigo.

Colei em um sorriso. — Tente colocar seu pau na minha boca, baby. Vou mordê-lo e realizar seu desejo de nunca ter filhos nesta vida.

— Dallas, querida. — Senior acenou com a mão para que me juntasse a ele. — Vamos. Estamos prestes a começar o exercício. Não vai querer perder essa beleza.

Corri para ele, principalmente para poder escapar de Romeo antes que explodisse.

Quando cheguei ao Senior, ele beijou minha bochecha, entregando-me copos de plástico. — Espero que meu filho não esteja lhe causando muitos problemas.

Bruce escolheu protetores de ouvido com cancelamento de ruído. — Junior pode ser um pouco imaturo.

Afastei-me, tentando me concentrar no *Humvee*. Cor cáqui, com rodas grandes o suficiente para achatar um shopping center e provavelmente pago com meus impostos. Bem, o dinheiro dos impostos de Romeo.

Vantagens do desemprego.

Senior gesticulou para o veículo. — Somos os únicos contratantes dos oito protótipos de *Humvees* do Exército dos EUA. Esta é a nossa última criação. — Plantou uma mão no antebraço de Bruce para se equilibrar. — Produzimos mais de vinte mil Humvees por ano, mas nenhum é tão sofisticado quanto este bebê aqui. O HMWWV3.

Poderia pensar em um nome mais atraente, mas provavelmente não era minha função sugerir uma reformulação de marketing. Além disso, as armas tendiam a se vender sem a ajuda de propaganda e anúncios de rádio.

Eu balancei a cabeça e olhei para o suporte da metralhadora, canalizando todos os meus esforços para ignorar o confronto anterior. Nunca tinha sido tão humilhada como hoje. Bem quando também nos aproximamos de algum tipo de cessar-fogo.

Obriguei-me a me concentrar, recusando-me a procurar por Romeo. — O que há de tão especial nisso?

— Que bom que perguntou. — Senior entrelaçou o braço no meu e se aproximou da porta Kevlar, seus passos irregulares e fracos. — O vidro no campo de batalha é resistente o suficiente para sobreviver a um golpe direto; também é leve. Nosso Humvee é o mais rápido até hoje. Pode transportar o triplo do equipamento militar de nossos concorrentes e inclui amortecedores capazes de suportar a maioria dos mísseis balísticos.

— Oh.

Linda contribuição, Dal. Qual a próxima? Uma dissertação?

O que realmente queria saber era para onde Romeo foi. Achei bizarro que perdesse qualquer oportunidade de atropelar Bruce na frente de seu pai.

Paramos diante de uma fileira de homens, arrumados com um uniforme preto, óculos de proteção e capacetes. Todos os quatro piscaram para mim como se eu tivesse acabado de fazer uma visita direto do espaço. Talvez tenha exagerado um pouco com a roupa.

Ainda assim, a explosão de Romeo foi completamente desnecessária.

Senior gesticulou para o homem mais próximo do Humvee. — Este é Matthew Krasinski, um dos nossos melhores engenheiros. Matt, esta é minha nora, Dallas.

Matt pegou minha mão. — Prazer.

Eu a balancei, olhos correndo para todos os lados em busca de Romeo novamente. Não poderia encontrá-lo em qualquer lugar. O pânico tomou conta de mim.

Foi esta a gota que transbordou o copo? Depois de tudo que passamos? Um estúpido minivestido La Perla nos mandaria para o escritório do advogado para assinar os papéis do divórcio?

Então isso me atingiu.

A coisa que sabia no fundo da minha cabeça há semanas, mas me recusava a articular em minha mente – eu não queria o divórcio.

Queria o oposto do divórcio. E os velhos truques do meu chapéu – de pressionar seus botões com meu comportamento confuso, preguiçoso e chocante – não funcionou. Não o estava puxando para mais perto.

Eu o estava afastando.

Matt apontou para o tanque monstruoso. — Está pronta para ver este bebê em ação?

Nem um pouco.

— Claro.

O Humvee, porém, não se mexeu. Nem os homens ao redor.

Finalmente, Senior balançou a cabeça, rindo. — Muito bem, vejo que todos estão um pouco distraídos. Vamos dar-lhes algum espaço, certo, Dallas?

Ele colocou a mão nas minhas costas, levando-me em direção ao helicóptero enquanto Bruce nos seguia.

Percorri meus olhos através da pista. — Para onde Romeo foi?

Bruce se estabeleceu do meu outro lado. — Provavelmente para ficar de mau humor. Junior faz isso com frequência. Não

suporta quando as pessoas são legais com seu pai. Uma característica tão imprópria em alguém que se espera que herde uma posição de liderança.

Senior concordou com a cabeça. — Ele não está a deixando infeliz, está?

— Não, de jeito nenhum — falei.

Uma estranha sensação de propriedade agarrou minha garganta. Só *eu* poderia dar golpes em Romeo.

— Sempre pode vir a mim para qualquer coisa. Deveria ter mencionado isso antes. Estou aqui se precisar de mim.

— Er... obrigada.

Continuei procurando, levemente ciente de que algo estava errado – e não apenas meu marido.

A mão de Senior escorregou, atingindo a curva da minha bunda. Eu me assustei, os ombros caídos quando subiu a mão nas minhas costas novamente.

A mortificação em brasa cobria suas bochechas. — Desculpe-me. Minhas mãos não são o que costumavam ser, infelizmente. Não tão estável.

Dei a ele o benefício da dúvida, porque a alternativa me pareceu muito estranha.

Bruce correu para o lado de Senior, oferecendo um braço. — Onde está Junior quando seu pai precisa dele? Ele realmente não é confiável.

Assim que o exercício começou, entendi por que Romeo não me queria aqui.

O experimento consistia no Humvee, dirigido por um profissional treinado, navegando pela pista enquanto tudo, desde a natureza até as catástrofes provocadas pelo homem, tentavam varrer sua existência da Terra.

O veículo atravessou em uma série de obstáculos perigosos: lama, gelo, água e árvores caídas. Enquanto isso, dezenas de homens armados atiraram na retaguarda.

Apenas quando o barulho diminuiu, uma explosão tremeu sob meus calcanhares. Cambaleei, a um passo de cair de cara no cimento áspero.

Senior parecia pior, mal conseguindo manter o equilíbrio, o que já lutava para fazer regularmente. Bruce voou para o resgate, oferecendo seu antebraço novamente.

O tanque parou, o motor desligando. Um homem segurando um bastão de luz laranja direcionou o veículo para passar por nós para a segunda pista de obstáculos.

Meu minivestido subiu, expondo a ponta da minha bunda. Eu me forcei a assistir, tremendo em minha roupa estúpida, me xingando por ignorar a previsão do tempo de Romeo.

Senior empurrou Bruce para o lado, pegou seu telefone e apontou para um lançador de foguetes, gravando a exibição. — Esta é a minha parte favorita. Você verá como o veículo sai ileso de tudo isso.

Aparentemente, porém, este todo-poderoso Humvee não resistiu a uma simples viagem de três metros, porque assim que voltou à vida, caiu diretamente em uma vala.

— O que é isso?! — Senior cambaleou em direção ao tanque, que se projetava perpendicularmente à estrada, enfiado em uma trincheira de quase dois metros de profundidade. — O que aconteceu?

O motorista rastejou para fora, arrancando o capacete.

Matt correu para ajudá-lo, lançando-me um olhar feroz. — Sua nora aconteceu, senhor. Steven não conseguia parar de olhar para ela e se distraiu.

Steven se levantou, um rubor vermelho picando suas bochechas. — Sinto muito, senhor. Isso não é... quero dizer... olha, senhor, pode vê-la inteira, hmm, *sabe*, naquela roupa.

— Olha como fala, garoto. — Senior balançou com a força de seu grito. — Não deveria estar comentando sobre a roupa da minha nora, muito menos o que está por baixo dela. Cadê meu filho?

Examinou a crescente multidão enquanto Matt puxava Steven para longe.

— Deve chegar a qualquer minuto. — Cara se materializou, enfiada em um casaco sensato. Um casaco tão adorável e também totalmente funcional. Meus dentes batiam, dedos invadindo território congelado. — Ele foi pegar algo do helicóptero.

— Por quinze minutos?

Cara ergueu o queixo. — Ele tinha uma ligação importante para atender.

Não havia ligação.

Eu sabia disso tão perfeitamente quanto sabia que Romeo havia desaparecido para não me matar na frente de uma plateia.

— Ele perdeu o exercício? — Senior ficou boquiaberto. — O que diabos há de errado com ele?

— Um péssimo exemplo para nossos funcionários — acrescentou Bruce. Por que esse cretino estava aqui?

Muito bem, tudo bem, eu também não tinha nenhuma razão real para estar aqui. Na verdade, me arrependi de ter aparecido.

Cara franziu os lábios. — Não quero exagerar, Sr. Costa, mas Romeo avisou que Steven é muito inexperiente para o trabalho.

Senior girou para mim. — Deixe-me levá-la para almoçar, Dallas, já que meu filho rude é muito incompetente para manter sua própria esposa entretida.

— Não estou com fome.

Não só era a (surpreendente) verdade, mas Senior também nunca retirou a mão da minha parte inferior das costas, embora tivéssemos alcançado o helicóptero. Se eu tivesse que adivinhar, ele a manteve lá para ser visto assim, o que não gostei nem um pouco.

— Senhor. — Matt correu até nós, parando alguns metros além do necessário quando viu o braço de Senior em volta da minha cintura. A única razão pela qual não tinha dado um tapa foi porque não tinha certeza se tinha pensado demais. — Vamos precisar de cerca de quarenta pessoas para tirar o Humvee da vala. Não temos mão de obra suficiente. Pedi ajuda.

Senior apontou um dedo para a vala. — O fato de não conseguir sair de um buraco sem ajuda é um deboche em si. Um quatro por quatro pode superar este pedaço de lixo. — Ele me mostrou os dentes. — Você realmente é um pouco encenqueira, não é? — Antes que pudesse dizer a ele para tirar as mãos de mim – era realmente importante se eu estava pensando demais? Não me sentia segura, e isso era o suficiente – ele beliscou meu osso do quadril. — Ora, ora, tem carne em você. Muito mais do que Morgan. Posso ver por que ele é tão territorial com você.

Uma percepção terrível me emboscou.

Que desculpa desagradável, lasciva e horrível de homem. Não é um choque que Romeo odiasse tanto seu pai. Todas as peças do quebra-cabeça se fundiram.

Senior e Morgan.

Morgan e Senior.

Não é de admirar que meu marido quase explodisse minha cabeça quando apareci parecendo um jogo justo. Ele não queria que seu pai pensasse que eu *era* um jogo justo.

Dor, desejo e verdade eram o DNA do amor. Ele tinha preenchido duas das opções, e eu ansiava desesperadamente pela terceira. Agora que o tinha ao meu alcance, temia as consequências.

— Tire as mãos da minha esposa antes que eu quebre as duas na frente de toda a sua equipe. — A voz gelada de Romeo gelou o ar.

— Junior — Bruce ronronou. — E aqui pensamos que tinha saído para trocar sua fralda com Cara e não estaria nos agradando com sua presença.

Virei minha cabeça, observando Romeo dar a volta no helicóptero. Ele tirou o casaco Burberry de caxemira.

Senior se afastou de mim enquanto o colocava sobre meus ombros. Bruce também sabia que não devia ficar em seu caminho.

Não sabia se ele tinha me coberto para que eu não mostrasse meus bens para sua equipe ou porque estava frio, mas a gratidão nadou dentro de mim, no entanto. Não apenas gratidão, mas euforia.

Senhor, estava ferrada. A visão de seu rosto reavivou meu coração, e a ideia de não o ver novamente...

Ele abotoou o casaco em volta de mim como se eu fosse uma criança pequena, garantindo que estivesse confortável dentro dele. Juro que ele cheirava a álcool e sangue. A raiva cortou uma linha profunda entre suas sobrancelhas, o conjunto rígido de sua mandíbula tornando-o inacessível.

Ainda assim, eu precisava tentar.

— Romeo, sinto muito...

— Não estou interessado no seu “sinto muito” padrão, que geralmente segue um comportamento desprezível, pelo qual nunca arca com as consequências. — Ele se virou para Cara. — Leve minha esposa de volta para nossa casa e certifique-se de que ela não saia até que eu chegue lá.

Cara apertou suas chaves. — Claro.

Parecia óbvio, agora que eu tinha descoberto. Cara sabia o que havia acontecido entre Morgan e Senior. Afinal, ela o mencionou no dia em que trouxe meu novo guarda-roupa. Outra coisa óbvia – o quanto Cara me odiava pelo truque que fiz hoje. Não podia nem a culpar.

Comecei a me odiar por todo o castigo que infligi ao meu chefe.

Cara me levou até o carro de Jared. Estiquei meu pescoço, desesperada para pegar o olhar de Romeo, mas ele recusou minha atenção.

Ele manteve os olhos fixos em seu pai. O pai que não poderia matar agora, mesmo que fosse totalmente justificado, já que estava competindo pelo cargo de CEO.

Ao fundo, homens volumosos descarregavam de jipes, correndo em direção à vala. Que desastre.

E foi tudo obra minha.

Queria chamar o nome de Romeo, mas minha voz pereceu na minha garganta.

A escuridão se infiltrou em mim, cortando minha carne e ossos, direto para minha alma.

A percepção de que algo terrível aconteceu com meu marido – e que foi infligido por sua família – me agarrou como um demônio com garras podres.

Como pude ser tão cega?

Deveria ter me lembrado do que aprendi nos livros.

As bestas nunca nascem – elas são feitas.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Ollie vB:

Putá merda.

Não posso acreditar que Rom apenas FOI LÁ.

Zach Sun:

Talvez não tenha sido ele quem fez isso?

Talvez a grande mídia tenha algo certo para variar?

Romeo Costa:

Não aconteceu.

Zach Sun:

É por isso que o otimismo deve ser banido.

É basicamente propaganda enganosa gratuita.

Ollie vB:

A história é verdadeira?

Romeo Costa:

É.

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Ollie vB:

Isso é ótimo.

Zach Sun:

Ótimo para quem?

Não para a natureza e certamente não para a humanidade.

Ollie vB:

PARA ROM.

Obrigado, Zach, por estragar a diversão do seu melhor amigo.

Sabe que existe CON na palavra consciência, certo?

Zach Sun:

Há também fofo em *executar*⁹⁵.

Isso significa que o assassinato é adorável?

Romeo Costa:

@ZachSun, pare.

Você fará a cabeça dele explodir.

⁹⁵-A palavra executar em inglês é *execute*, tendo cute (fofo) nela.

Zach Sun:

Falando em assuntos explosivos, dizem na cidade que o exercício de hoje não foi fantástico.

Romeo Costa:

Pode creditar a minha esposa pelo desastre.

Isso nos custou 800 mil, excluindo a mão de obra extra.

Ollie vB:

Seu talento de queimar dinheiro é impressionante.

Já pensou em inscrevê-la no *America's Got Talent*⁹⁶?

Zach Sun:

Como está Des Moines, afinal?

Romeo Costa:

Não falando comigo.

Ollie vB:

O casamento é ótimo.

@ZachSun, em breve na sua realidade.

⁹⁶-Programa estadunidense de talentos amadores.

Zach Sun:

Nunca me casarei com uma completa estranha (claramente desequilibrada).

Romeo Costa:

Nunca diga nunca.

Romeo

Resisti à vontade de verificar Shortbread através das câmeras.

Ao contrário de Senior, honrei promessas e contratos com os quais me comprometi.

Continuei abrindo a gaveta da minha escrivaninha. Cada vez que fazia isso, me acalmava um pouco mais.

Uma Glock 19 aninhada dentro. Descarregada. Uma espécie de cobertor de conforto.

Toda vez que Senior me levava à beira da loucura, olhava para ela e lembrava a mim mesmo que ele logo estaria morto. Nada além de uma memória distante e ossos podres.

Sua morte iminente me deixou de bom humor, mas, eventualmente, minha mente circulou de volta para a visão dele tocando Dallas.

Se eu estivesse lá, não teria acontecido. Do jeito que estava, me tranquei no helicóptero como medida preventiva.

O que, precisamente, estava impedindo? Cumprindo minha ameaça de arrancar os olhos de todos que ficaram boquiabertos com ela.

No helicóptero, bebi um copo de uísque, esmagando-o com a força bruta do meu punho. O vidro cortou minha pele. Cara teve que me costurar assim que voltou de escoltar Dallas para casa.

Quanto ao Senior, deveria saber que ele não poderia se conter. Não deveria ter presumido que ele não tinha interesse nela, só porque só tinha tomado Morgan como uma lição para mim, mas Dallas não era Morgan.

Ela era indiscutivelmente, *irrevogavelmente* minha.

Uma constante absolutamente inegociável em minha vida. Uma que iria a extremos assustadores para transmitir.

Incluindo, aparentemente, chamá-la de vadia. Poucas palavras me revoltavam. Está sim. Não existia criatura mais covarde do que um machista, que eu exibia de maneira espetacular.

Hoje marcou minha primeira vez usando-a. E minha última vez.

Usá-la para provocá-la era um ato de rebelião juvenil. Um pedido de desculpas estava em ordem.

Como nunca pedi desculpas a ninguém em minha vida, tinha noventa e nove por cento de certeza de que estragaria tudo. Além disso, esse parecia ser o tema geral do nosso casamento.

Cara entrou no escritório com os documentos que pedi. — Esqueci de te contar uma coisa. Achei tão cativante.

Ela sempre achava coisas encantadoras em Dallas, embora, sempre que dividiam um quarto, dificilmente dava atenção positiva.

Fechei minha gaveta com força, aceitando o discurso que imprimiu. — Duvido que vá compartilhar o sentimento, mas continue.

— Ela vestiu o pijama assim que pôs os pés dentro de casa.

— Tem certeza de que a palavra que estava procurando é cativante e não preguiçosa?

— Mas o que ela fez depois disso, quando pensou que eu não estava olhando, foi tão fofo. Arrastou seu casaco pela casa como se fosse um brinquedinho fofo, cheirando-o quando achava que ninguém estava olhando.

Shortbread começou a mostrar sinais de domesticação. Você pensaria que eu teria prazer nisso. Afinal, queria ficar com ela. Infelizmente, não me deu nenhum prazer ver minha ingênua esposa confundindo luxúria com algo mais profundo.

Eu não era uma criatura adorável. Não fingiria ser uma.

Folhee o discurso, lábios franzidos, fazendo mudanças rápidas antes da conferência de imprensa urgente que marquei para daqui a uma hora. — Obrigado, Cara.

— E se isso faz alguma diferença... — Cara demorou-se, suspirando. — Ela parecia realmente abalada com o que aconteceu. Acho que ela se arrependeu. Eu acho, Rom.

Odiava que Cara soubesse que Morgan me traiu com Senior. Odiava que ela tivesse dado a notícia, solicitando minha presença urgente na cobertura tantos anos atrás, porque sabia que eu precisava encontrá-los pessoalmente para acreditar.

— Estou totalmente desinteressado no estado mental de minha esposa. — Eu me levantei, entregando a ela as mudanças de fala enquanto mascava meu chiclete, surpreso por minha mandíbula ainda estar intacta com o quão excessivamente mastiguei hoje. — Edite, revise e me devolva nos próximos vinte minutos. E traga-me a minha gravata dourada. A mais adequada para câmeras.

Ela fez uma careta, aceitando os papéis. — Está projetando, Rom. Dallas não é Morgan. É apenas uma criança. Uma garota selvagem, mas boa. Ela não deveria pagar pelos pecados de Morgan.

Shortbread não era Morgan, certo.

Ela nunca estaria em posição de me machucar.

Minhas paredes eram muito altas, muito grossas, muito frias para ela passar.

CAPÍTULO CINQUENTA

Romeo

Se eu pudesse ver o rosto de Madison enquanto fazia esse discurso, o emolduraria na galeria de Zach.

Na verdade, contratei Alan para capturar isso, e foi por isso que acrescentei uma hora a mais antes desta coletiva de imprensa. O homem precisava de tempo para encontrar o ângulo perfeito.

Acomodei-me atrás do pódio da Costa Industries na sala de imprensa de nossa sede.

Eu tinha praticado esse rosto no espelho alguns minutos atrás, já que não era um que tivesse experiência em usar. Arrependido, dedicado e sombrio.

Nada difícil, visto que passei a maior parte da tarde me incentivando a não assassinar meu pai.

Um bando de repórteres, jornalistas e fotógrafos de meios de comunicação nacionais e internacionais estava sentado diante de mim. Deliberadamente tomei meu tempo, tomando cuidado para não revelar minha satisfação em meu rosto. Bem, a pequena gratificação que eu possuía.

Shortbread garantiu a ruína completa do meu dia. *E a vida.*

— Senhoras e senhores. Hoje, aproximadamente às 10h30, horário do leste, surgiram notícias de que a Licht Holdings Corporation, a quem consideramos colegas, pares e copilotos no esforço para fortalecer o Exército dos EUA, descartou dezenas de produtos químicos tóxicos *PFAS*⁹⁷ no córrego de água em *Newsham*, Geórgia, uma pequena cidade operária na qual a Licht Holdings fabrica armas.

Fiz uma pausa, franzi a testa, fingi dar a mínima. O suficiente para convencer as pessoas de que me importava genuinamente – e assim não suspeitariam que eu dei a dica aos repórteres sobre a história.

— Após uma investigação detalhada, confirmamos que isso causou altas taxas de câncer, depressão, suicídio, dificuldades de aprendizagem e asma nesta comunidade já em dificuldades.

Outra pausa.

— Ainda estamos no processo de descobrir todo o sofrimento e dor que esse movimento impensado e imprudente da Licht Holdings infligiu. No entanto, gostaria de garantir, aqui e agora, que a Costa Industries condena essas ações. Estamos e sempre estaremos comprometidos em servir as comunidades das quais fazemos parte e não o contrário.

Alguns jornalistas levantaram as mãos. Fotógrafos tiravam fotos, cheios de energia.

⁹⁷-Substâncias per e polifluoroalquil - são uma classe de produtos químicos que as empresas adicionam a uma grande variedade de produtos de consumo para torná-los antiaderentes, impermeáveis e resistentes a manchas. Há mais de 9.000 diferentes produtos químicos PFAS atualmente, fazendo com que esta seja a substância sintética mais fácil de encontrar no mundo.

Você não poderia contar uma história como essa sem fotos, então paguei uma boa quantia para as famílias afetadas pelos produtos químicos tóxicos para compartilhar fotos de seus parentes moribundos, pulmões danificados, membros infestados e viagens de quimioterapia.

Não me sentia nem um pouco culpado por isso.

Não a parte em que paguei pessoas angustiadas para compartilhar suas histórias trágicas. E não em trazer isso à tona, impedindo que outras empresas tenham esse comportamento no futuro.

— Embora compartilhe pouco sobre minha vida pessoal em público, seria negligente não mencionar que minha esposa é da Georgia, nascida e criada. Assim, gosto especialmente do estado.

Uma onda de risos rolou pela multidão. Pelo menos completos estranhos me consideravam um galã. Pena que as palavras de despedida de Shortbread foram uma promessa de morder meu pau se eu me aproximasse dela novamente.

— Encontrei Madison Licht, filho do CEO da Licht Holdings, Theodore Licht, muitas vezes e o considereei um colega no setor. Os Licht compartilham laços profundos com a Geórgia, então estou chocado, se não completamente estupefato, ao descobrir que fariam isso com seu próprio povo, seu próprio estado, seus amados recursos naturais.

Fui tão sentimental que fiquei surpreso por meus próprios olhos não rolarem para fora de suas órbitas. Hora de encerrar antes que eu navegasse em território exagerado.

— Ao enfrentarmos esta nova era de incerteza, trauma e perda dramática de vidas preciosas nesta grande nação, gostaria de fazer uma promessa, em nome da Costa Industries, de nunca decepcionar o povo deste país. Dos estados que nos hospedam como fabricantes.

Mais mãos se levantaram, acenando agora. *Jornalistas*. Tão impaciente.

— Além disso, gostaria de anunciar que, à luz das recentes descobertas sobre os danos do PFAS, a Costa Industries doou cinquenta e cinco milhões de dólares a trabalhadores e residentes de *Newsham*, que atualmente sofrem as consequências de uma política catastrófica, administração irresponsável, e um péssimo exemplo de empresa de defesa.

Palmas irromperam pela sala. Algumas pessoas se levantaram, particularmente aquelas que plantei na multidão para ganhar apoio.

— Obrigado por confiar na Costa Industries. Prometemos não trair sua fé.

Absorvi os aplausos, permitindo que os fotógrafos capturassem todos os ângulos antes de eu sair do palco.

Nossa responsável de relações públicas passeou no palco, sorrindo grande em seu terno elegante. — Sr. Costa não responderá perguntas. Compreensivelmente, ele gostaria de estar com seus entes queridos hoje e certificar-se de mostrar apoio à família de sua esposa.

Os Townsend não moravam nem perto de *Newsham*. E Shep Townsend era tão operário quanto eu era uma garçonete do *Hooters*⁹⁸, mas apostar no meu blefe não se encaixava na narrativa da mídia.

Enquanto marchava para os bastidores, Cara e Dylan, meu analista financeiro, me seguiram, correndo para acompanhar meus passos longos.

— Dá-me boas notícias. — Afrouxei minha gravata, caminhando até o elevador.

Fiz muito trabalho braçal para garantir que essa história chegasse às mãos de todos os principais meios de comunicação dos Estados Unidos.

— As ações deles estão afundando. — Os olhos de Dylan permaneceram grudados em seu iPad. Empurrou os óculos para cima. — Isso é catastrófico para eles. Estamos falando de uma redução de cinquenta por cento no valor. Pelo menos. Honestamente, inédito. Nem mesmo depois de *Parkersburg*. E as ações da Licht eram complicadas em primeiro lugar, já que acabou de abrir o capital.

Ele não me disse nada que eu não soubesse.

Este deveria ter sido o meu momento de saborear o dano e a miséria que causei aos Licht, mas tudo que podia sentir era a persistente pontada de culpa que me cutucava como um beija-flor.

Dallas.

⁹⁸-Cadeia de restaurantes estadunidense, focada na clientela masculina contando com mulheres trajando roupas sensuais e de patins.

Ela sempre invadia minha psique.

— Senhor? Ouviu o que eu disse? — Dylan acenou com seu iPad. — As ações deles está caindo. Por que não está feliz?

Uma excelente pergunta. Queria a resposta tanto quanto ele.

Cara atendeu o telefone. — Sim. Direi a ele. Obrigada. — Ela não precisava me dizer quem era nem o que queria, mas o fez. — Seu pai solicita sua presença em seu escritório. Ele parece muito satisfeito.

Quase satisfeito em me dar o cargo de CEO. Podia sentir isso. Eu o ganhei. Ele me fez pular através de arcos de fogo – e até agora, as chamas não me atingiram.

— Vou vê-lo imediatamente.

A vitória estava ao meu alcance, tão potente e doce que quase podia prová-la.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Dallas

— E o que ele está fazendo agora?

Virei de costas, colocando meu livro no colchão, os pés balançando no ar.

Hettie se inclinou ao lado da minha porta. Não tinha certeza de em que ponto, exatamente, a atraí para o meu lado, mas não me preocupava mais sobre de que lado ela estava.

Às vezes, parecia que éramos colegas de quarto em um dormitório, ou talvez adolescentes presas em um longo acampamento de verão no exterior.

Compartilhamos o parentesco de duas jovens forçadas a enfrentar um homem árduo, que de alguma forma se manteve firme.

Hettie apertou os olhos para o espaço entre as dobradiças. — Ele ainda está andando de um lado para o outro, resmungando para si mesmo que sabe que você está aqui.

Bufando, balancei a cabeça e reabri meu livro.

Depois de algumas páginas, perguntei — E agora?

Hettie se inclinou para frente e apertou os olhos, sobrancelhas franzidas, mãos pressionadas contra o painel de madeira. — Acho que está tentando ligar para você de novo.

Não me incomodei em verificar meu telefone, que vibrou na minha mesa de cabeceira. A última vez que fiz isso, havia acumulado dezesseis chamadas não atendidas.

Isso foi há duas horas.

O relógio marcava dez horas da noite, e Romeo ainda não mostrava sinais de desânimo por minha relutância em vê-lo.

— Posso vê-la, Hettie. — Suas palavras vazaram pela porta. — Se você não a abrir, vou demiti-la.

Hettie segurou a boca, reprimindo uma risadinha.

— Você não fará isso — gritei, virando uma página. — E se tentar, vou recontratá-la e pagá-la para ser minha amiga em tempo integral.

— Com o dinheiro de quem, por favor, diga?

— Meu. Ah, esqueci de mencionar. Vendi alguns de seus relógios de grife para garantir que não estou sem dinheiro. Não se importa, não é?

O silêncio do outro lado da porta me disse que ele estava usando cada gota disponível de paciência para compensar suas palavras cortantes para mim antes.

— Abra a porta, Shortbread.

— Dê-me um bom motivo — desafiei, aproveitando a troca entre nós.

— Então pode me explicar como conseguiu desafiar as leis da gravidade – e na minha casa de onze milhões de dólares, nada menos. O teto do meu banheiro está salpicado de verde.

Era com isso que se importava agora? Meu pequeno acidente de rotina de cuidados com a pele?

Certamente esperava que a clorofila líquida fosse tão eficaz para o meu rosto quanto as revistas afirmavam, porque era absolutamente eficaz na preciosa sanca de Romeo.

— Deveria me agradecer. Sua casa precisava de um pouco de cor. Tudo é creme e bege aqui.

— Abra a porta.

Caramba, ele parecia um disco arranhado.

— Peça desculpas primeiro — falei.

— Pelo quê? Manchar minha casa com uma cor verde vil ou arruinar um exercício com um protótipo que custou mais de oitocentos mil dólares?

— Meu Deus, tão caro e nem tem teto solar.

Embora quisesse prolongar nossa briga ao próximo século (e talvez no seguinte), sabia que as coisas não eram preto e branco.

O seu pai *deu* em cima de mim hoje. Descaradamente e na frente das pessoas, desrespeitando seu filho honesto, leal e trabalhador. Se minha suspeita fosse verdadeira, Romeo havia sido submetido a uma terrível traição por Morgan e Senior. Estava furiosamente curiosa.

— Tudo bem se eu for? — Hettie me encarou. — Quero dizer, claramente, ele dormirá na frente da sua porta se você não abrir.

Eu balancei a cabeça, fechando meu livro, levantando-me. — Apenas certifique-se de que ele não entre quando você sair.

— Tudo bem.

Dei um abraço de despedida em Hettie. Assim que ela saiu, fechei a porta e a tranquei para garantir.

Romeo bateu na madeira do outro lado. *Alguém* estava se aproximando rapidamente do fim de sua paciência.

— Você tem exatamente cinco segundos para abrir esta porta antes que eu a derrube. Aviso justo: não vou reinstalá-la e sua privacidade acabará em segundos, junto com suas roupas sexy.

Não me surpreendeu nem um pouco que ele continuasse queimando meus vestidos reveladores. Só porque disse algo que não deveria, não significava que achava que estava errado.

Apoiando minha testa contra a madeira, fechei os olhos, respirando fundo. — Tenho condições.

— Sua única condição é intolerável. — Entretanto, a mordida havia sumido de sua voz, substituída por algo diferente, quase persuasivo.

Ignorei suas palavras. — Precisa se desculpar por me chamar de vadia hoje. E me prometa nunca mais dizer isso. Não sobre mim. Não sobre ninguém. É uma palavra degradante, destinada a fazer com que as mulheres se sintam envergonhadas por terem as mesmas necessidades e impulsos que os homens.

Silêncio absoluto entre nós. Por alguns segundos, pensei que poderia ter fugido para outro lugar. Talvez para encontrar uma esposa agradável.

— Certo. Não deveria ter dito isso. Desculpe-me pelo que disse. Não acho que seja uma vadia e compartilho da ideia de que as mulheres não devem ser envergonhadas por seus impulsos sexuais.

Embora nunca tivesse me ocorrido pensar nisso antes, suas palavras provocaram uma onda de alívio. Afinal, *ficamos* juntos depois que me esgueirei pelas costas de Madison com ele.

— Isso nunca acontecerá de novo — prometeu, sombrio. — Mesmo se decidir andar nua. O que, infelizmente, não posso descartar neste momento, conhecendo você.

Um sorriso tocou meus lábios. Girei, meus olhos pousando na rosa branca. A rosa que ainda sobreviveu. Mais ou menos como nosso relacionamento improvável.

— Qual é a outra condição? — Um baque suave me disse que ele se inclinou do outro lado.

Pressionei a palma da mão contra a madeira, onde imaginei que descansasse.

— Precisa me contar sobre Morgan e seu pai. — Engoli. — Tudo.

As palavras passaram voando pelos meus lábios antes que pudesse me acovardar. Parte de mim queria levá-las de volta. Recuar e poupá-lo da dor de cabeça, mas e a *minha* angústia?

Enquanto ele me punisse pelo pecado de outra pessoa, nunca encontraria a verdadeira felicidade.

O silêncio se infiltrou pela fresta, envolvendo meus tornozelos, prendendo-me no lugar.

Desta vez, sabia que ele ainda estava lá. Ouvi sua respiração difícil. Quase podia sentir seu batimento cardíaco batendo na madeira.

Finalmente, ele rompeu. — Por que?

— Então, posso ajudá-lo a se curar. Porque você quer destruir o pouco que resta da vida de seu pai mais do que quer aproveitar a sua. E como meu destino estará para sempre acorrentado ao seu, mereço saber onde tudo deu errado. Quando decidiu que o ódio era mais valioso do que o amor.

— O ódio é um impulso mais poderoso do que o amor.

— Bobagem. — Meus dedos correram sobre a madeira como se fosse seu rosto, como se pudesse acariciá-lo, tocá-lo. Tirar a sua dor. — O amor sempre vence. Depois de cada guerra, há um *baby boom*⁹⁹. Depois de cada tempestade, a primavera chega e tudo floresce. É sempre escuro antes do amanhecer. O amor é um combustível potente sem esforço. É mais fácil manter do que odiar. Não consome – *alimenta*. Está usando a energia errada, querido marido.

Outra pausa. Outra respiração.

Então seus passos o levaram para longe do meu quarto.

⁹⁹-É uma definição genérica para uma explosão demográfica decorrente do aumento súbito do crescimento de uma população, ou seja, pelo grande número de nascimento.

Meu coração afundou. *Ele foi embora.*

Apertei meus olhos fechados, batendo minha testa contra a porta.

Estúpida. Estúpida. Estúpida.

Por que fez isso? Por que o forçou a se abrir quando ele claramente não estava pronto?

O baque constante de seus passos ressurgiu depois de alguns minutos, aproximando-se do meu quarto. — Abra a porta.

Girei, virando a chave bem devagar, sabendo que o que me esperava do outro lado não seria bonito. Ele estava diante de mim, olhos vermelhos, cabelo emaranhado em uma bagunça despenteada e devastadoramente sensual. A gravata pendia abaixo das lapelas do terno de trabalho, os botões da camisa meio desabotoados. Os contornos nítidos de seus peitorais espreitavam.

Segurava dois copos de uísque.

Olhamos um para o outro, e sabia que nada seria o mesmo entre nós depois dessa conversa.

Ele me ofereceu um copo. — O que lhe contarei não sairá dessas paredes.

Dei um passo para o lado, de cabeça baixa.

— Não sou Morgan, Romeo. Nunca vou decepcioná-lo.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Dallas

— Conheci Morgan na festa de verão de Monica em nossa casa em *Hamptons*.

Romeo reclinou-se na outra ponta do meu tapete, girando a simples aliança de casamento em seu dedo. Nunca a tirou. Nem uma vez desde que trocamos votos. Sempre presumi que ele buscava as vantagens de sua reputação de bom menino. Não o que estava bem na minha frente – Romeo Costa era leal ao extremo.

— Ela era a *au pair*¹⁰⁰ de um casal do outro lado da rua. Uma charmosa bailarina do meio-oeste. Loira, linda, sedutora. Frequentou a *Juilliard*¹⁰¹ para seus estudos e tinha um sorriso com covinhas e maneiras impecáveis. E era ótima com crianças. Muito cativante.

Pegou seu copo, girando o líquido castanho-amarelado. Partículas de ouro brilhavam dentro dele. Ele os estudou com uma carranca profunda.

— Eu tinha vinte e um anos. Ela tinha dezenove anos. Eu era rico. Ela... não era. Não me importava. Não me importa, mas assim que Senior me pegou olhando em sua direção, ele me informou que

¹⁰⁰-Jovem estrangeiro, geralmente uma mulher, que ajuda nas tarefas domésticas ou no cuidado dos filhos em troca de hospedagem e alimentação.

¹⁰¹-Escola de ensino superior de música, dança e dramaturgia estadunidense.

o sangue azul não se misturava bem com o de meros mortais. “*Trate-a como o oceano, filho. Alguns mergulhos não doerão, mas não vá fundo demais*”. Ignorei-o. E o que começou como lhe dar carona depois que ela terminava o dia rapidamente se transformou em sexo no meu banco de trás, nadando nus no oceano e conversando da noite até a manhã até nossas bocas secarem.

O ciúme apertou meu estômago em seu punho apertado, torcendo-o dolorosamente.

Essa criatura inatingível e grandiosa que havia entrado em um salão de baile meses atrás, podendo escolher entre todas as garotas disponíveis no evento, havia cortejado infantilmente uma garota comum. Aquela cujo pai não era dono de uma importante empresa americana e cujo sobrenome não abria portas.

Ele tomou um gole de sua bebida, ainda olhando para a parede. — Quando o verão terminou, ficou claro que Morgan e eu não éramos uma aventura sazonal. Ela saiu da *Juilliard* para morar comigo enquanto eu terminava minha graduação. Uma mudança que Senior havia antecipado. Ele alegou que as mulheres de seu pedigree nunca poderiam enfrentar homens como nós. Que Morgan estava cega demais pela minha fortuna para ser minha igual. Recusei-me a aceitar dicas de amor de um homem que notoriamente traiu minha mãe durante toda a minha vida. — A flexão de sua mandíbula me disse que se arrependeu de não ter ouvido o conselho. — De qualquer forma, Morgan foi morar comigo e Senior se irritou.

Sabia onde isso ia. Enfiei minhas pernas debaixo da minha bunda, engolindo o uísque para acalmar meus nervos.

— Morgan entrou sem esforço em uma vida de luxo. Enquanto eu assistia às aulas, ela fazia compras, arrumava o cabelo, malhava e assumia o papel de esposa-troféu. Só que ainda não éramos casados. Nem mesmo noivos. E isso foi um problema para ela.

Um sorriso irônico tocou seus lábios como se ele se lembrasse de algo particularmente desagradável.

— Ela esperou até eu me formar antes de me dizer que esperava que eu a pedisse em casamento.

— Você era tão jovem.

Ele me lançou um olhar. — Ainda mais velho do que você é hoje.

Soube naquele momento que ele se arrependeu de ter me levado contra a minha vontade. O que, infelizmente, só fez meu estômago revirar ainda mais. Não poderia imaginar perdê-lo, mesmo que nunca fosse verdadeiramente meu.

— Fui criada para ser esposa e mãe. — Rastejei até ele, roçando seus dedos. Embora não tenha se afastado, ele também não entrelaçou seus dedos nos meus como eu desejava. — Sei que parece antiquado, mas não podemos evitar as coisas que desejamos. Por favor, continue.

Ele apertou sua mandíbula, espalmando-a em sua mão livre. — Estava pronto para propor. Sabia que a amava, malditos fossem os defeitos. Deus sabe que eu tinha os meus. Quando o notifiquei de minhas intenções, Senior estragou tudo. Ele me informou que queria que eu me casasse, mas em seus termos. Alguém que ele

pudesse exhibir. Uma mulher com um sobrenome influente que traria sua própria fortuna para a mesa e nos tornaria ainda mais ricos.

Uma mulher como eu.

Sabia que nunca fui a escolha do meu marido. Que era conveniente porque uma vez pertenci a Madison e vinha de uma linhagem aceitável, mas o lembrete me cortou com uma lâmina tão afiada que pude sentir a queimadura em minha pele.

— Senior me disse que era hora de encarar a realidade. Ele até sugeriu que eu a encontrasse novamente depois de me casar com uma garota adequada. Acredito que suas palavras foram - *todo mundo faz isso, Sonny. A monogamia é uma criação da classe alta para oprimir a classe média. Não precisamos aderir a ela.* Monica, ela mesma, veio de uma família muito rica. Seus pais pagavam a conta sempre que a Costa Industries precisava de capital externo. Para Senior, um casamento que não incluísse um contrato comercial era totalmente inútil.

Eu me afastei de seus dedos. — Mas você não o ouviu.

— Comprei um anel para Morgan. Eu tinha vinte e dois anos; ela tinha vinte anos. Não queria comprar o anel de noivado com o cartão de crédito dos meus pais. Parecia errado, considerando que ambos se opunham a união. Monica com menos inflexibilidade – sempre viu Morgan como uma garimpeira, mas me deixou viver minha vida. Então, comprei o anel com todo o dinheiro que economizei da minha tutoria.

Não deve ter sido muito.

Um palpite que Romeo confirmou virando seu copo para trás, terminando o resto de sua bebida.

— Presenteei Morgan com um anel de dez mil dólares. Ela ficou irada.

Um suspiro se formou em minha garganta. — Ela disse não?

Romeo riu. — Oh não. Ela disse sim, mas também disse outras coisas – como eu não a amava de verdade porque o anel de noivado era uma vergonha em comparação com os de seus novos amigos ricos. Que não poderia ser vista com ele em seu clube de campo. Reclamou que eu não estava falando sério o suficiente. Que saiu da *Juilliard* por mim. Colocou toda a sua vida em espera.

— Pediu a ela para fazer tudo isso?

— Nem uma vez. Então, novamente, eu era jovem e imaturo. Aceitei alegremente seus sacrifícios sem considerar que ela exigiria uma recompensa por cada um.

Cravei minhas unhas nas palmas das mãos, acenando para ele continuar.

— Naquela época, a Licht Holdings entrou no jogo como um concorrente sério. Morgan e eu consertamos as coisas. Eu a levei de férias para as Bahamas. Quando voltamos, comecei a trabalhar para a Costa Industries enquanto me candidatava ao mestrado.

— Meu primeiro ano na Costa Industries pareceu aliviar a tensão em nosso relacionamento. Ganhei dinheiro de verdade e amadureci em minha confiança, o que significava que ela gastava muito mais. Eu a levava para jantares semanais com meus pais, esperando que conquistasse seus corações. Monica descongelou,

mas Senior permaneceu inabalável. Ao mesmo tempo, ele sempre flertava com ela na mesa de jantar. Não tinha pensado muito nisso. Quase três décadas os separaram. Sem mencionar que ela era minha noiva.

Estremeci, me preparando para o pior.

— As coisas se desenrolaram quando comecei meu mestrado enquanto trabalhava em tempo integral na Costa Industries. Passei pouco tempo com Morgan, o que a deixou ressentida. Ela começou a sair com a equipe de Madison. Os georgianos ricos que inundaram Potomac aparentemente da noite para o dia. Ela gostou deles. Achavam o lugar chato e faziam viagens frequentes a Nova York. Juntou-se a eles com frequência. Eu não me importava, já que não podia lhe dar o tempo que ela precisava. Naquela época, Madison e eu éramos amigos.

Morgan o traiu com Senior e Madison?

Romeo roubou meu uísque, levando-o à boca. — Quando terminei meu mestrado, Morgan e eu éramos pouco mais que colegas de quarto que ocasionalmente faziam sexo. Meu amor por ela se transformou em obrigação. Poderia dizer que ela se ressentia por eu ser obsessivamente focada em minha carreira, mas eu tinha um objetivo.

— Para derrubar a Costa Industries?

Se o caso de Morgan não desencadeou sua busca por vingança, o que desencadeou?

— Sim. — Não elaborou. — Não posso negar que fui um noivo desatento, mas também fui confiável, fiel e dei a ela cada centavo

que tinha. Então, quando nos separamos, duvidei que o casamento pudesse funcionar. Ainda assim, Morgan sempre me atraiu de volta para sua teia. Eu me sentia culpado o suficiente por arrancá-la de sua existência anterior para ver isso.

— No dia da minha primeira promoção, Senior me chamou em seu escritório e me informou que havia selecionado noivas em potencial para mim. Que se eu não terminasse com Morgan, ele faria isso por mim. Tivemos uma discussão feia, mas não pensei nisso. Dias se passaram, depois semanas. Um dia, Cara, que rotineiramente comprava mantimentos para nós, ligou. Estava a caminho da casa de Zach. Saía com ele e Oliver com mais frequência, já que casa parecia tudo, menos isso. Cara me incentivou a ir para minha cobertura. Disse que havia algo lá que eu deveria ver. E havia.

A tempestade se formando em seus olhos cinzentos me levou a um turbilhão emocional.

— Encontrei meu pai comendo minha noiva, que usava nada além de um par de saltos para ele. Ele nem parou quando entrei. Apenas me olhou bem nos olhos e me disse que era o que acontecia quando se escolhia uma garota da classe trabalhadora em vez de uma garota elegante e viável. Sempre escolheria o dinheiro em vez de você. — Fez uma pausa enquanto eu lutava contra a vontade de vomitar. — E ele estava certo. Tudo o que ela precisou para abrir as pernas para ele, para fazer isso comigo – com minha mãe, que a alimentava todos os domingos em sua casa – foi um cartão preto e uma promessa vazia de que se divorciaria por ela.

— Ah, Romeo. — Cobri minha boca.

Entendia sua abordagem zombeteira ao casamento agora. Ele dificilmente tinha visto um bom exemplo. Seus pais eram infelizes juntos, e sua única namorada o traiu da maneira mais desprezível.

Ele devolveu minha bebida. — Poupe suas lágrimas para alguém que as mereça. O poder é um ótimo substituto para o amor. E tenho bastante. A vida é muito mais fácil quando se aceita o fato de que todo mundo vai machucar você.

Segurei o uísque no meu peito, meu coração martelando contra o copo. Ele estava certo, mas também havia perdido a parte mais importante. Todo mundo vai te machucar. A chave para a felicidade é encontrar alguém que valha a pena suportar a dor.

— Depois que joguei Morgan fora para vagar nua pelas ruas, observei Senior se aconchegar e percebi que ele estava certo o tempo todo. A noiva da classe trabalhadora. A habilidade de se safar de absolutamente qualquer coisa se tivesse influência suficiente. Poderia tê-lo derrotado até virar polpa. Afinal, tenho experiência nesse campo.

Ele se encostou na base da cama. — Mas a vingança é um prato servido frio. E eu já tinha feito planos para arruinar a coisa que ele mais amava – seu negócio. Esse seria o meu momento de acerto de contas. Isso e matar a dinastia Costa com meu último suspiro. Afinal, Senior sempre planejou ter mais filhos para garantir uma linha de sucessão. Não funcionou tão bem.

Um sorriso amargo surgiu nos lábios de Romeo. — Então, joguei o jogo de longo prazo. Ganhei controle e influência para usar contra ele. Concordei que Morgan foi um erro. Sentei-me com ele

para uma bebida. E jurei lhe dar o que ele queria no devido tempo – uma noiva podre de rica de alto escalão.

Gerar um herdeiro para Romeo significava ceder aos desejos de seu pai.

Abracei o copo com tanta força que sua borda deixou uma marca na minha pele. — Bebeu com seu pai imediatamente depois de descobri-lo dormindo com sua noiva?

— Na verdade, sim.

— Isso é doentio.

Romeo deu de ombros. — O amor não existe. O casamento é um meio para um fim. Meu único arrependimento é arrastar outra pessoa por este meu caminho sombrio. Antes de te conhecer, era fácil descrevê-lo como uma versão de classe alta de Morgan. Uma mulher estúpida que não se importava com quem se casasse, desde que sua qualidade de vida permanecesse imaculada. Achei que não se importaria se eu roubasse você de Madison. Nesse aspecto, não sou melhor que seu pai.

Olhei para ele com nova tristeza. Ele se virou, não querendo ver o que estava estampado no meu rosto.

— Por que odeia tanto Madison? Qual foi o papel dele nisso?

Romeo travou sua mandíbula novamente. Percebi que não estava mascando chiclete e percebi que se sentia desconfortável sem ele.

— Depois que ela percebeu que meu pai a havia enganado, Morgan tentou rastejar de volta às minhas boas graças. Não aconteceu, obviamente. Deixava-me mensagens de voz de hora em

hora. Longas. Implorando-me para tê-la de volta. Sabia que minha organização não permitia que eu ignorasse o alerta vermelho no meu telefone. Em uma de suas divagações, mencionou algo sobre como ela nem mesmo disse a Madison nada que pudesse voltar para *me* machucar. A idiota basicamente se revelou. Descobri que Madison lhe pagou os últimos seis meses de nosso relacionamento para coletar informações contra a Costa Industries através de mim. E foi por isso que finalmente a exilei em algum lugar onde ela não pudesse me machucar.

Parecia o Madison que eu conhecia e não gostava em Potomac; também parecia que meu ex-noivo foi o primeiro a iniciar essa guerra entre eles. O ódio queimava com uma chama sem fim.

— O que ele descobriu? — Engoli em seco, temendo a resposta.

Os olhos de Romeo encontraram os meus, mortos e frios. — Não muito com o que poderia trabalhar, mas muito para me envergonhar. Morgan nunca se importou com o meu negócio. Nunca quis saber muito sobre isso. Então, para conseguir um bom cheque para si mesma, recorreu a contar a ele meus segredos. Meus medos. Minha... infância *complexa*. — Suas narinas dilataram. Um olhar distante cobria seu rosto. — Fez algo muito mais feio do que dar a ele segredos comerciais. Ela contou a ele minhas fraquezas e como usá-las.

— Onde ela está agora? — Parte de mim não queria saber. Poderia fazer a viagem e estrangulá-la eu mesma.

— Noruega. — Seu tenor preguiçoso me disse para não fazer mais perguntas sobre o porquê e o como. — Trabalhando no varejo e mantendo o nariz fora do meu negócio. Não está se saindo tão

bem. Ainda solteira. Gastou o dinheiro que Madison deu a ela semanas depois de nossa separação, então nenhum investimento sólido também foi feito.

— Acha que a verá novamente?

Ele balançou sua cabeça. — Está morta para mim, e ela sabe disso.

— Então, não há razão para ela permanecer lá. Precisa deixá-la voltar para a América.

— Não.

— *Sim*. Pode odiar alguém por todos os motivos certos e ainda errar com ela. Vingança é o ato de descer tão baixo quanto a pessoa que te machucou.

Ele olhou para mim miseravelmente. — Odiá-la era muito mais fácil quando eu pensava que era boba.

O silêncio cobriu a sala.

Surpreendentemente, não tinha muitas perguntas a fazer. Apenas uma, realmente. Todo o resto era cristalino. Suas motivações. Seus desejos.

— Isso tudo aconteceu anos atrás — aponte. — Por que me tomou como esposa agora?

— Algumas razões. — Colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha distraidamente. — Primeiro, agora sou CFO da Costa Industries, ao alcance de CEO. Senior está gravemente doente e deixará o cargo a qualquer momento. E você e Madison apenas recentemente oficializaram o noivado para o público em geral. Não sabia da sua existência até a semana em que nos conhecemos.

Além disso, por muito tempo, não aguentei a ideia de ter uma mulher ao meu lado, nem que fosse como decoração. O tempo embotou a raiva, mas não obscureceu a memória.

Eu me afastei dele. — Que todas as mulheres são iguais?

Ele balançou sua cabeça. — Não, minha preciosa Shortbread. Que uma vez destruído, um coração nunca pode consertar. Funcionar – sim, mas não se pode consertar algo que já está em pedaços.

Não concordei com ele. Então, novamente, meu coração nunca foi partido. Embora, atualmente, parecesse pisar perigosamente perto desse território.

— Então, agora sabe. — Ele recolheu nossos copos, de pé. — Por que odiei vê-la desfilar na frente do Senior. Por que ele tocou em você para me fazer um ponto – que você também era um jogo justo. Por que nunca terei filhos.

Ele não deixou espaço para negociação. Não há espaço para pensar.

Eu o estudei do meu lugar no tapete, percebendo que ele tinha me dado exatamente o que eu queria – a verdade – e que isso não me deixou nem perto de descongelar seu coração.

Na verdade, a missão parecia mais impossível do que nunca.

— Nunca vou amá-la, Dallas Costa. Por isso, realmente sinto muito. Porque você certamente é digna de amor.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Zach Sun:

Sou só eu, ou não vemos Rom há semanas?

Ollie vB:

Não é só você.

Ele tem estado ocupado com sua querida.

Zach Sun:

Detroit?

Romeo Costa:

@ZachSun, sabe que essa piada não foi engraçada na primeira vez,
muito menos na quinquagésima, certo?

Ollie vB:

Aí está você, raio de sol.

Onde se enfiou?

Romeo Costa:

A vida está agitada.

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Ollie vB:

Muito agitada para participar de nossas férias anuais de *snowboard* antes do Natal?

Romeo Costa:

Temo que sim.

Ollie vB:

Mentiras.

Você não tem medo de nada.

Além de captar sensações.

Zach Sun:

@OllievB, consegue ouvir os estalos?

Ollie vB:

De @RomeoCosta, sendo chicoteado por boceta?

Sim.

Zach Sun:

@OllievB, lembra quando Rom tinha suas bolas?

Ollie vB:

@ZachSun, sim.

Eram lindas.

Quando ele corria, batiam uma contra a outra.

Parecia sinos de casamento.

Romeo Costa:

Falando em casamento, quando é o seu, @ZachSun?

Zach Sun:

Nunca.

Romeo Costa:

Estou dando três meses.

Ollie vB:

Serei generoso e lhe darei seis meses.

Romeo Costa:

100 mil?

Ollie vB:

Fechado.

Quem estiver mais próximo vence.

Zach Sun:

Odeio vocês dois.

Ollie vB:

Ouço sinos de casamento novamente.

Romeo Costa:

Alarme falso.

São apenas as bolas de Zach tremendo.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Romeo

Uma semana depois de Shortbread ter desfilado em pouco mais do que um *post-it* cobrindo suas partes íntimas, entretive Tom Reynolds no Le Bleu.

Esta reunião estava muito atrasada. Da última vez, cancelei depois que Dallas canalizou seu *Great Gatsby*¹⁰² interior, dando a mãe de todas as festas em casa.

A agenda de hoje incluía convencer Tom a reverter a decisão do DOD de conceder à Licht Holdings nossa renovação perdida.

Um otimismo cauteloso se instalou em meus ombros. A Licht Holdings estava em meio a um desastre de relações públicas. Com muitos incêndios para extinguir para cumprir o contrato monstruoso.

Jared pisou no freio, evitando por pouco um Tesla que o cortou.

— *Ooooh*. — Shortbread caiu do meu lado, espirrando cidra de maçã espumante no meu Bruno Cucinellis.

Arranquei a garrafa de suas mãos, jogando-a no lixo. — Estamos a minutos do restaurante. Isso é necessário?

¹⁰²-É referência ao filme “O Grande Gatsby”.

— Estou preparando.

— Está *derramando*.

E isso me levou à única desvantagem de Tom convidar sua esposa – Shortbread também teve que ir junto.

Não havia nada de errado com minha esposa. Impressionante, divertida e doce como o pecado, forneceu uma distração bem-vinda para Casey, que duvidava que quisesse ouvir sobre drones, tanques e armas semiautomáticas.

Havia apenas um problema com Dallas – mal conseguia pensar em outra coisa senão me enterrar dentro dela sempre que ela entrava em minha vista.

Shortbread fez beicinho, puxou lenços do espartilho apertado de seu vestido e enxugou meus mocassins, apresentando uma visão desimpedida de seu decote generoso.

— *Dallas*.

— Hum?

No entanto, o que eu poderia dizer? Guarde seus peitos antes que eu tenha uma ereção do tamanho de um rifle que fará Tom desejar nunca ter pedido para ver minhas armas?

Estendi um lenço. — Limpe-se.

Em vez de usá-lo para limpar a cidra pegajosa de suas mãos, Dallas levou o quadrado ao nariz, inalando minha colônia. — Sabe, só porque concordei em vir esta noite, não significa que aprovo seu trabalho.

Roubei o tecido dela, peguei seu pé de salto alto e limpei o álcool dela eu mesmo, ignorando suas palavras.

— Quero dizer, não confio nos humanos para cuidar do planeta, e tudo o que precisam é, literalmente, não serem ruins. Por que confiaria neles com artilharia pesada?

— Não deveria confiar em ninguém com artilharia pesada. Esse é todo o seu propósito. A guerra que acaba mais rápido é aquela que nunca começou.

— Tão profundo. — Piscou. — O Prêmio Nobel da Paz está a caminho. Certifique-se de que seu terno esteja passado.

Enfureceu-me infinitamente que esta era a mulher a quem eu tinha confiado a minha verdade. Sabia que ela manteria meus segredos seguros. Isso não me ofereceu nenhum conforto, visto que eu queria apontar, dissecar e devorar cada falha dela. Qualquer coisa para torná-la menos atraente para mim. Ela também tinha muitos defeitos.

Lembrei-me da facilidade com que os localizei quando ela se mudou, mas tudo o que eu detestava nela – sua risada alta e estrondosa, sua bagunça, sua incrível capacidade de fazer amizade com qualquer coisa e qualquer pessoa, vasos de plantas incluídos – não mais me irritou.

É verdade que ela não era academicamente talentosa, mas havia lido metade da biblioteca local em menos de quatro meses e feito piadas em um ritmo assustador. Ela também exibia um

talento especial para números, esmagando Vernon no xadrez e *Zeus on the Loose*¹⁰³.

Sua obsessão por comida beirava ao não saudável, mas seu conhecimento em todas as coisas culinárias me fascinava. Principalmente, me desapontou que minha esposa não era realmente preguiçosa. Estava apenas esperando ser mãe para poder canalizar toda a sua energia para suas crias.

Em pouco tempo, porém, descobri um bom motivo para estar descontente com ela enquanto caminhávamos do Maybach para meu restaurante recém-adquirido. Estava ofegante como se tivesse acabado de terminar uma maratona.

— Precisa respirar tão alto? Alienígenas podem ouvi-la de planetas vizinhos.

— Você também acredita neles? — Ela se animou antes de me olhar de soslaio, notando minha expressão plana. — Espere, está irritado com a minha *respiração* agora?

Abri a porta para ela. — Você é jovem e, por uma razão insondável não relacionada ao seu estilo de vida, parece estar em excelente forma. Por que está respirando com tanta dificuldade?

— Estou respirando regularmente, Rom. Talvez você esteja extremamente sintonizado comigo, então pode me ouvir mesmo quando estou quieta.

Rom.

¹⁰³-Um jogo de cartas da mitologia grega onde o objetivo é tirar Zeus.

Meu apelido falado de seus lábios de botão de rosa soava como a palavra mais bonita da língua inglesa. Quando Oliver e Zach me chamavam assim, queria dar um soco neles.

— Continue sonhando, Shortbread. — Coloquei a mão em suas costas, levando-a para nossa mesa. — E enquanto faz isso, não se esqueça de ser cortês, amigável e bem-educada. Preciso dos negócios de Reynolds.

— *Ugh*. Planejava comer diretamente de seus pratos, mas agora que pedi...

Tom e Casey já nos esperavam na mesa. Não estavam sozinhos. Eles trouxeram – não estou mentindo – seu bebê.

Assim, uma enxurrada de cumprimentos e beijos se seguiu. Casey imediatamente falou sobre o cabelo, vestido, olhos e existência geral de Dallas.

Enquanto isso, minha esposa agarrou fisicamente a criança e a embalou contra o peito. — Quem temos aqui?

— Freida. A sua babá nos deixou na mão no último minuto. — Casey suspirou. — Não se importa, não é?

— Importar? — Pela extensão da indignação de Dallas, pensaria que Casey acabou de sugerir uma troca de casais. — Crianças são a minha paixão, e esta é deliciosa demais, não é, querida?

Apesar dessa última frase potencialmente colocá-la na lista de observação do FBI, uma pontada de orgulho picou meu peito. Estudei Dallas, vendo-a com os olhos de um estranho. Sua beleza permaneceu incomparável. No entanto, mais do que sua

aparência, admirava sua resistência, doçura, honestidade impetuosa e devoção às crianças.

Eu não era tão arrogante a ponto de pensar que ela estava contente com o que compartilhamos. Ela queria mais. Sentimentos. Romance. Encontros. *Herdeiros*. Ela merecia todas essas coisas também, mas a única maneira que eu poderia concedê-las era deixá-la ir, e me recusava a fazer isso.

A conversa estúpida começou assim que nos acomodamos em nossos assentos. A pequena Freida – de cabelos cacheados e vestido xadrez amarelo – sentou-se no colo de Dallas e comeu comida espremida por entre os seus dedos.

Perguntei sobre os pais de Tom, o torneio de golfe e o hobby de pilotar drones, coisas com as quais me importava um pouco menos do que a opinião de Kanye West sobre minorias marginalizadas.

Através de fragmentos, ouvi Dallas e Casey discutirem a grave questão das cirurgias de elevação da sobrancelha.

De forma idiota, e por nenhuma razão além da minha incapacidade de deixar o assunto de lado, desliguei-me de Tom Reynolds, a quem cortejei por semanas, ouvindo a conversa de Shortbread.

Sua respiração constante permanecia em meus ouvidos, acompanhada por sua risada barulhenta, o crocante de seu pão de cortesia e os pequenos goles que sua garganta produzia enquanto bebia um martini rosa. A maneira como aquietava Freida e acariciava o ombro da criança toda vez que se agitava.

Estava certa? Eu estava simplesmente hiperconsciente dela? O próprio pensamento me fez estremecer.

Levei um tempo para entrar no modo de negócios, mas assim que o fiz, esqueci a existência de Dallas. Ela parecia divertir as mulheres Reynolds.

Fiz uma nota mental para recompensar sua cooperação na forma de transar com ela. Seria inteligente sobre isso. Agora que conhecia seu ciclo menstrual, eu transaria com ela quando houvesse poucas chances de ela engravidar.

— Serei honesto. As coisas não estão indo bem para a Licht Holdings. — Tom soltou o ar, balançando a cabeça quando finalmente fomos direto ao ponto. — Duvido que consigam honrar nosso contrato, mesmo que estivéssemos dispostos a ignorar o clamor público para boicotá-los. O que, devo dizer, o secretário de Defesa não está ansioso para fazer. Cameron Lyons é georgiano, se você se lembra.

Servi a Tom outra taça de vinho. Suas palavras eram silêncio para meus ouvidos alérgicos à música. — Suas produções reduziram significativamente?

— Não estou em posição de discutir os negócios deles com você. Sabe disso tão bem quanto eu, Costa. — Reynolds examinou as pessoas cheias de joias jantando, a voz baixa. — Mas com a base de fabricação de *Newsham* fechada e outra no Alabama sob intensa investigação, simplesmente não vejo como podem fazer isso sem perder o prazo por meses. Estamos falando de um acúmulo que pode custar bilhões ao Pentágono.

— Poderemos levar a carga deles e cumprir o prazo. Talvez até entregue algum equipamento mais cedo. Como deve saber, acabamos de recrutar quinhentos trabalhadores em nossa fábrica em *Smethport*. Chame isso de Profecia dos Ossos Secos¹⁰⁴. A ressurreição e a restauração ao retornar à sua terra prometida – Costa Industries.

Se as coisas fossem do meu jeito – o que historicamente acontecia – o DOD e Reynolds não teriam nenhuma parte de seu contrato cumprida. A Costa Industries já teria ido embora há muito tempo. Devidamente triturada, liquidada e inativa.

Eu não me importava nem um pouco. Como Dallas adorava apontar, eu estava no ramo da morte e da intimidação.

Reynolds assentiu, coçando o queixo. Sua filha gorgolejou ao fundo. — Falarei com Lyons. Ele inicialmente queria experimentar a Licht Holdings por seus preços atraentes, mas isso está fora de questão, então verei o que podemos fazer...

Um estrondo alto explodiu em meus ouvidos. As portas de entrada dupla desabaram no chão.

As pessoas gritaram. Utensílios e taças de champanhe se espatifaram na madeira em uma sinfonia de vidro quebrado. Os garçons mergulhavam em busca de segurança sob as mesas.

Quatro homens vestidos com calças cargo, *Henleys* pretos e balaclavas marcharam pelo restaurante.

¹⁰⁴-Referência ao versículo da bíblia Ezequiel 37.

Imediatamente os reconheci como o bando de ladrões responsáveis por aterrorizar Potomac. Ainda não capturados, depois de todo esse tempo.

Ao meu lado, Dallas empurrou Freida para trás sem se importar com sua própria segurança.

Um assaltante apontou para o chão com a ponta de uma *Savage 64F*. — Telefones na porra do chão ou todo mundo morre. — Dezenas de iPhones explodiram em direção a seus pés.

Todos morrem?

Por um rifle de caça desatualizado? Não apostaria nisso.

E ao interromper minha reunião, nada menos.

Irritado, passei um braço em volta de Shortbread, que encostou Freida na parede, deslizando nossos telefones nas tábuas de Bocote.

Li as notícias. Sabia o que esses idiotas faziam. Roubavam restaurantes ricos e elegantes, tiravam dinheiro das caixas registradoras – não muito, era o século XXI, todos pagavam com cartão – e deixavam as vítimas escandalizadas, mas ilesas.

Ao contrário dos lugares anteriores que invadiram, no minuto em que comprei o Le Bleu, instalei um sistema de segurança de propriedade da Costa tão avançado e sofisticado que os policiais devem ter saído antes mesmo de os ladrões entrarem no local.

Pessoal de segurança externo monitorava nossas câmeras 24 horas por dia, sete dias por semana.

A pele de Shortbread esfriou. Firmei meu aperto ao seu redor, empurrando sua cabeça sob meu queixo. Não porque me

importasse, mas porque parecia ótimo na frente de Tom e Casey. Que, aliás, pareciam tomados de horror.

Casey lançou olhares de gratidão para Shortbread por esconder Freida. A criança tremeu, mas minha esposa fez caretas para conter as lágrimas.

— Mãos para o alto, pessoal. — Outro ladrão com uma *Glock* levantou o braço, atirando para o teto. O palhaço acertou o lustre, que caiu a seus pés, fazendo todos gritarem e chorarem.

— Agora vou para cada mesa com meus amigos aqui, e vocês entregarão tudo o que tem que vale a pena. Joias, relógios, dinheiro, porra de cupons. E esperarão com as mãos onde eu possa vê-las até chegar em você, ou coloco uma bala na sua cabeça.

Eu me virei para Dallas. — Faça o que ele diz. Nada de ruim acontecerá com você.

Sua garganta balançou com um gole, embora não tenha chorado como Casey, que desmoronou em uma histeria que rivalizava com a dos outros clientes.

Há muito tempo suspeitava que minha esposa era o que a Geração Z ridiculamente chamava de vadia durona.

Como sempre, estava certo.

Os ladrões trabalharam rapidamente, pegando tudo de valor e colocando em mochilas. O que estava com a *Glock* chegou à nossa mesa, enquanto os outros três se aproximavam, esvaziando bolsos e bolsas.

Casey arrancou seus anéis, bem como seus brincos, colar e bolsa Chanel, deslizando-os para ele. Tom e eu oferecemos nossas alianças, relógios e o pouco dinheiro que carregávamos.

Dallas entregou suas alianças de noivado e casamento, uma pulseira e uma Birkin. Freida ainda estava escondida atrás das suas costas, longe da vista. Ela olhou para o homem mascarado como uma professora desaprovadora. O riso borbulhou na minha garganta. Ela estava lhe dando atrevimento sob a mira de uma arma.

Clássico Shortbread.

— Os brincos também. — O homem atrás da balaclava apontou para eles com sua arma.

Shortbread passou os dedos pelo simples botão de pérola, balançando a cabeça. — Não. Não posso fazer isso. Pertenciam à vovó. E ela morreu...

— Não dou a mínima para como sua vovozinha chutou o balde. Passe os brincos, cadela.

O que ela estava fazendo?

Sendo sentimental e doce. As coisas pelas quais zomba dela com tanta frequência.

Ela espalmou os dedos sobre a toalha de mesa. — Não vou te dar meus brincos.

Freida começou a chorar. O grito estridente ecoou pelas paredes como uma bala.

— Querida. — Não a chamei pelo nome, pois seria burrice dizer a eles quem éramos.

— Não. — Colocou a criança debaixo da mesa e olhou bem nos olhos daquele idiota, emitindo um desafio tácito. — Atire em mim se quiser, mas você não ficará com os brincos da minha avó.

Seu rosto se contorceu de raiva, visível mesmo através do tecido preto. — Vou acabar com você.

Ele ergueu a pistola para acertá-la. Dallas fechou os olhos com força, preparando-se para a dor que nunca veio. Bloqueei o cano a poucos centímetros do seu rosto.

Segurei-o em um aperto de morte. — Farei um porta-caneta com a porra do seu crânio se olhar na direção da minha esposa.

Ele empurrou a arma para trás, o suor manchando sua balaclava. — Quem diabos pensa que é?

— Eu disse o que disse. Abaixei a arma e vá embora.

Freida chorou mais forte.

Francamente, não conseguia entender o fascínio de Dallas por crianças. Eram incrivelmente barulhentas para seu tamanho.

— Atirarei na cadela se ela não me der os brincos.

— Vamos, T. Temos que ir. — Chamadas urgentes do resto dos ladrões fizeram “T” balançar para a esquerda e para a direita, em pânico.

Seus estimados colegas já disparavam para a porta, mochilas penduradas nos ombros. Um arsenal de sirenes da polícia soou, assaltando meus ouvidos e sinalizando o fim dessa bobagem.

— Não antes que ela me dê a porra dos brincos. Vou atirar na porra da filha dela.

Ele pensou que Freida era nossa. Isso fez Dallas realmente desistir. Ela correu para desatar os brincos.

— Não. — Coloquei minha mão livre em seu braço. — Seus brincos ficam.

— T, que porra está fazendo? — Um ladrão gritou. Parecia jovem.

— Ela não me desrespeitará. — T apontou sua Glock para Shortbread.

Algo estranho aconteceu em meu peito naquele momento. Um turbilhão de frenesi. Um apetite intolerável por sangue e violência.

Eu me levantei, bloqueando sua visão de Dallas. Ele tropeçou para trás quando cheguei em seu rosto, empurrando-o. Seus amigos fugiram, deixando-o para trás – *covardes* – enquanto ele lutava para recuperar o equilíbrio.

Peguei a arma pelo cano.

— Para! — T tentou puxar a arma para trás. — Porra, largue.

— Eu lhe disse para não ameaçar minha esposa, não disse? — Empurrei a arma para baixo e agarrei T pelo pescoço com a mão livre, apertando com tanta força que seus olhos saltaram das órbitas, rosados, redondos e petrificados. — Jogue jogos estúpidos, ganhe prêmios estúpidos. *Ninguém* ameaça minha esposa e vive para contar a história.

Ele gorgolejou. Espuma borbulhou de sua boca. Ao fundo, registrei as sirenes se aproximando, as pessoas ofegando e Dallas me implorando para parar, mas não conseguiria, mesmo que tentasse.

Tudo o que eu conseguia pensar era como ele apontou a porra da arma para ela, tudo porque ela queria manter a herança de sua avó. Uma avó que eu nunca conheceria. Havia tantas coisas sobre ela que não sabia, e esse idiota quase garantiu que eu nunca as descobriria. Se ele fizesse algo com ela... se a machucasse...

Segurei sua garganta com tanta força que senti os ossos dentro dela se esticarem, a ponto de quebrar.

— Oh, Senhor — Dallas gritou, assim que o ladrão desabou no chão abaixo de mim por falta de oxigênio.

Não pensei que ele estivesse morto. Cérebro danificado, talvez. Nenhuma grande perda, considerando suas ações pouco inteligentes até agora.

— Romeo. — Dallas saltou sobre mim, segurando meus ombros.

Ela entregou Frieda para Casey quando viu meu rosto.

— Está bem? — Segurou minhas bochechas. Suas mãos tremiam. Aqueles lindos olhos castanhos brilharam com lágrimas. — Por favor, por favor, me diga que está bem. Tom ligou para o 9-1-1. A ambulância está a caminho.

— Não dou a mínima para esse filho da puta. Pelo que me importa, ele pode morrer bem aqui no meu chão.

— Não para ele. Para você!

Para mim?

Fiz o inventário de Dallas primeiro.

Braços. Pernas. Pescoço. Tudo parecia intacto.

Uma súbita explosão de dor atingiu meu braço esquerdo. O mesmo braço esquerdo que agora parecia um peso morto. Como se não pertencesse mais ao meu corpo.

Olhei para baixo e percebi que estava em uma poça de meu sangue. Meu olhar rolou para o meu braço. Eu fui baleado. De raspão, para ser mais preciso. Bem, isso era inconveniente.

À medida que a adrenalina diminuía, a dor começava a aparecer.

Dallas acenou com a mão na frente dos meus olhos, tentando chamar minha atenção novamente.

— Olá? — Ela bateu no centro da minha testa. — Alguém aí?

Rasguei parte do tecido esfarrapado. — Felizmente, há uma grande distância entre o bíceps e o cérebro.

— Uma bala atingiu seu braço. — Ela se envaideceu com a pele arranhada, pulando de um lado para o outro como se fosse desaparecer em um ângulo diferente. — Como pode estar tão calmo sobre isso?

— Será que correr histericamente com lágrimas escorrendo pelo meu rosto fecharia a ferida aberta?

— Você testa seus próprios produtos ou algo assim?

Não, mas já sobrevivi a lutas piores.

Dezenas de policiais invadiram e pegaram o homem nocauteado embaixo de nós, algemando-o. Uma comoção de pessoas girava ao meu redor, com Reynolds e dois policiais tentando afastá-los para me dar espaço.

Eu detestava atenção, especialmente do tipo positiva.

Um dos policiais puxou Dallas para o lado. Ela chutou, gritando para ele não a tocar, recusando-se a me deixar. Um fato que me surpreendeu e encantou.

Com meu braço ileso, puxei-a para o meu peito. — Minha esposa fica.

A ambulância chegou logo depois. Um paramédico me conduziu para dentro, cortando minhas roupas para alcançar meu ferimento. Nós dois examinamos com olhos sóbrios.

Shortbread estava parada ao lado das portas abertas do compartimento, rosnando como um cão de guarda para qualquer repórter que se aproximasse.

— Parece uma ferida superficial. Poderia levar alguns pontos, mas parece um arranhão. — Empurrei a mão do paramédico. — Posso fazer isso sozinho. Não tenho tempo para passear no hospital por horas.

Ele limpou a ferida com antisséptico. — O protocolo diz que tem que nos acompanhar até o hospital.

— Foda-se o seu protocolo.

— Não pode...

— Vai me levar contra a minha vontade?

— Não, mas...

— Então posso.

A cabeça de Dallas chicoteou em nossa direção. — Você deveria ter isso suturado.

A pura preocupação agarrada a sua voz me emocionou, e foi assim que eu soube que estava completo e totalmente ferrado.

— Eu vou. Sei o que estou fazendo. — Saltei para fora da ambulância, caminhando em direção ao nosso Maybach, onde Jared esperava. — Venha, Shortbread.

Ela parecia dividida entre tentar me convencer a ir para o hospital e fazer o que eu disse. No final, pareceu se lembrar de que seu marido não respondia a ninguém, nem mesmo a ela, e se juntou a mim.

Quando entramos e sangrei por todo o meu assento de couro, sem camisa, Jared não fez nenhuma pergunta.

Ele conhecia o seu lugar.

Cale a boca e dirija.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

Romeo

Parecia que Shortbread tinha algo para falar.

Ou, no caso dela, gritar.

Eu a ignorei, entrando no meu quarto, ainda sangrando. Ela seguiu as gotas escarlates de sangue, como João e Maria perseguindo uma trilha de doces.

No banheiro, peguei um kit de primeiros socorros e limpei o ferimento novamente. Sofri arranhões piores do que isso, mas parecia desagradável.

Dallas pulou no balcão da pia, embalou os joelhos e apoiou o queixo neles, estudando. — Precisa de ajuda?

Sequei a área e puxei uma agulha e linha, franzindo a testa para o bíceps que precisava costurar. — Sabe como costurar feridas de bala?

— Não.

— Então, como sugere que me ajude? Na torcida, segurando uma placa com o meu nome?

Ela piscou com minhas palavras duras, obviamente magoada.

Deslizando a linha pelo orifício da agulha, acrescentei — Pode sair agora. Você fez bem hoje. Acho que salvamos o contrato.

— Isso é tudo com o que se importa?

Passei a ponta da agulha pela minha pele, procurando onde havia rasgado. Que péssimo ângulo para me costurar.

— Claro que não. Também me preocupo com os danos que infligiram ao Le Bleu. Cara precisará falar com a seguradora e as autoridades. A burocracia é uma verdadeira filha da puta.

— Você salvou minha vida.

— Aquele palhaço não causaria nenhum dano sério. Era apenas uma criança.

Ela pulou do balcão, abaixou a cabeça para pegar meu olhar e segurou meu rosto. — Não, ele estava zangado e foi provocado. Você levou um tiro por mim, Romeo.

Fiz uma careta. — Não seja dramática.

— Obrigada.

Já que não tinha feito nenhum progresso em encontrar o ponto de partida para me costurar, limpei minha garganta, dando um passo para trás. — De nada. Agora saia.

— Quero você.

Sua mão correu o comprimento do meu peito até meu ombro.

Eu também quero você, e é por isso que preciso que dê o fora daqui. Não me reconheço mais ou minhas ações no que diz respeito a você. Tornou-se uma dívida que não posso pagar.

Em vez de chutá-la para fora, coloco a agulha e a linha no chão. — Pode montar na minha coxa.

— Quero montar no seu *pau*. — Levantou a bainha curta de seu vestido de cetim verde-oliva. — Quando me forçou a ir ao Le Bleu, não disse que me foderia se eu me comportar? Eu me comportei.

— Eu disse que a foderia quando estivesse menstruada.

— Interpretei isso de forma diferente.

— Não é um livro de *Benedict de Spinoza*¹⁰⁵. Não estava aberto a diferentes interpretações.

— Que seja. A última vez não foi tão boa de qualquer maneira. — Ao contrário de suas palavras, seu vestido subia, flertando com a borda de sua calcinha de renda. — Aconteceu há tanto tempo que nem me lembro de muita coisa. Será que eu estava lá? *Você* estava?

Incitar-me não funcionaria. Infelizmente para ela, eu era mais sofisticado do que isso.

Ela continuou, implacável. — Oliver me disse que você é um virgem nascido de novo. Sabe que seu piu tem outras funções, certo?

— Vá embora, Dallas.

No entanto, ela não foi embora. Em vez disso, se ajoelhou e começou a abrir meu cinto. Inclinei-me na beira da pia, impotente para detê-la. Meus dedos se curvaram ao redor do balcão.

— Sangrarei por todo o chão.

Um último esforço para detê-la.

¹⁰⁵-Filósofo que veio a ser considerado um dos grandes racionalistas da filosofia do século XVII.

Ela puxou meu pau pesado e inchado. Seus dedos circularam todo o caminho sem tocá-lo.

Amava o quão pequena ela era comparada a mim. Como éramos um par improvável. Como as pessoas devem ter se perguntado como eu me encaixo nela. A deliciosa resposta, aliás, era *por um fio*.

— Vai complementar todo o verde que salpiquei no seu teto.

Envolveu seus lábios ao redor do meu pau, tomando-o centímetro por centímetro. Seu calor o envolveu. Estremeci quando ela achatou sua língua contra o meu eixo.

Joguei minha cabeça para trás e gemi. Dallas era uma grande chupadora de pau. Tinha resistência, já que sua mandíbula trabalhava o dia todo de tanto comer.

E estava entusiasmada.

Poderia dizer que ela adorava cair sobre mim.

Eu já tive meu pau chupado por muitas mulheres que só fizeram isso para aquecer minha cama. Piscavam para mim, examinando-me através de seus cílios com o que pensavam ser sorrisos sedutores, sugando suavemente, acariciando meu pau para cima e para baixo como se fosse um violoncelo.

Não Shortbread.

Shortbread adorava tudo – chupar, cuspir, beijar, o jeito que meu pau batia no fundo de sua garganta quando eu agarrava seu cabelo e fodia seu rosto. Adorava engasgar com isso e muitas vezes tentava me levar até o fim. Na verdade, esse parecia ser o único aspecto da vida de Dallas em que ela *não* era preguiçosa.

Inclinando meu queixo para baixo, observei enquanto ela me chupava. Gotas carmesim escorriam por seu cabelo brilhante, arrastando-se ao longo de sua testa. Vê-la contaminada com meu sangue fez algo comigo. Deu-me um senso de propriedade que normalmente não me permitia contemplar.

Talvez fosse a perda de sangue, mas não queria terminar assim. Gozar em sua boca não resolveria. Enlaçando seus longos cabelos castanhos em meu punho, puxei-a para longe do meu pau. Ela se afastou, piscando para mim com expectativa.

— Quer que eu te foda? — Inclinei-me para baixo, trazendo seu rosto para o meu para que nossos narizes se encostassem. Agarrei a frente de seu vestido, torcendo, apertando-o contra sua pele até que o tecido começou a se separar e rasgar. — Quer que eu a engravide?

— Sim — suspirou. — *Sim.*

Eu me afastei do mármore, descansando minhas costas contra a penteadeira. — Peça gentilmente.

— Por favor.

— *Mais gentil.*

Ela rastejou em minha direção de quatro, montou no meu colo e agarrou minha mão, colocando-a entre as pernas. Seus dedos guiaram os meus em sua boceta escorregadia, dois dela se juntando aos meus dentro de seu calor.

Meus lábios encontraram seu mamilo, mordendo-os sob seu vestido. Juntos, fodemos sua boceta até os nós dos dedos, enrolando até que suas paredes vibrassem. Observei nossos dedos

desaparecerem dentro dela. Ela arqueou as costas, tentando acomodar o máximo de nós que pôde.

Seus lábios se moveram para a concha da minha orelha. — Por favor, por favor, *por favor*.

Arranquei meus dedos dela, rasguei seu vestido ao meio e capturei ambos os lados de sua cintura, afundando-a em meu pau, até o talo.

Sua cabeça caiu para frente. Mordeu meu ombro, tirando sangue, seus quadris arqueando. Ela era tão apertada que parecia que eu estava fodendo sua bunda. Suas paredes se espremeram ao meu redor, ordenhando meu pau por esperma.

Deixei-a cavalgar até minha impaciência vencer, e puxei-a para longe de mim, virei-a e coloquei-a de quatro.

O mármore estava frio e duro contra seus joelhos. Adoro ver essa pirralha mimada tomar todo o meu pau, sentir o desconforto disso. Minha ninfa de colher de prata. Eu a penetrei por trás. Ela empurrou de volta, encontrando cada uma das minhas estocadas.

Meus dedos se curvaram ao redor de seu pescoço e a conduziram para cima até que suas costas colassem na minha frente. Ela esticou a cabeça e capturou meus lábios, deslizando a língua pelos meus dentes.

Suas costas arqueadas, os dedos mergulhando entre as pernas, procurando por seu clitóris. Eu os afastei, então acertei a palma da mão em sua bunda.

— Rom — choramingou. — Preciso gozar.

— O que precisa é ser grata *pra* caralho. — Meu sangue trouxe meu ponto de vista, cobrindo cada centímetro de suas costas, braços e seios, emaranhando seu cabelo em tufo.

Soltei sua garganta e acariciei o topo de sua cabeça, sussurrando elogios em seu ouvido. — Uma garota tão boa. — Palavras que nunca pensei que diria. Especialmente para essa garota em particular, que era tudo *menos* boa duzentas por cento do tempo. — Se ao menos seguisse as instruções tão bem quando não está cheio do meu pau.

Estendi a mão ao seu redor e encontrei seu clitóris, recompensando-a com um único movimento. Ela gritou e caiu para frente, de quatro novamente, empurrando meu pau. Mais gotas vermelhas respingaram em suas costas. Reabri minha ferida, e vermelho fresco pintou sua espinha. Mergulhei um dedo nele, então escrevi meu nome em suas covinhas nas costas.

— Quem é o dono da sua bunda? — Sibilei.

— Você.

— Mais alto.

— *Você.*

— Agora rasteje para a frente e me mostre sua boceta por trás. Quero ver se vale a pena minha porra.

Com um gemido relutante, ela se afastou do meu pau, contorcendo-se cerca de meio metro.

Ela começou a se virar quando sibilei — Não quero ver seu rosto, Sra. Costa. Apenas a boceta que roubei do meu inimigo.

Ela abriu as coxas, expondo sua boceta. Pingava no meu chão, seus sucos se misturando com meu sangue, criando uma poça rosa a seus pés. Acaricieei meu pau, coberto com sua umidade, cheirando como a esposa da qual não conseguia o suficiente.

Sorrio, a liberação fazendo cócegas no meu eixo. — Envergonhada?

— Não. Vazia.

Foda-me.

Como essa mulher acabaria com um covarde como Madison, não fazia ideia. Ela faria almôndegas com ele antes da recepção.

— Continue olhando para a frente. Vou fodê-la quando achar melhor.

Aguntei menos de dois minutos antes de martelar nela por trás. Seus cotovelos arquearam e ela soltou um suspiro surpreso.

Minhas bolas se apertaram. Sibilei e dirigi cada centímetro de mim dentro dela.

Gozei dentro dela. Em cordas grossas e sem fim, a cabeça do meu pau pressionou o mais fundo possível.

Quando ela percebeu o que eu tinha feito, seu corpo inteiro tensionou. Sua boceta estourou ao redor do meu pau, engolindo-o com sua liberação.

Deslizei para fora, observando nosso esperma sair em cascata por seus lábios e cair no mármore. Ela desabou sobre os ladrilhos, descansando de costas, um sorriso preguiçoso adornando seu rosto.

Estendi dois dedos, juntei meu esperma que escorria de sua boceta e o enfiei de volta em sua boceta, lembrando-me de suas palavras anteriores. — É isso que eu faço com meu piu piu?

Com os braços estendidos como um anjo de neve, ela soltou uma risadinha encantada. No medidor de prazer, fazê-la rir chega perto de fazê-la gozar.

— Gozou em mim — sussurrou, quase confusa.

— Gozei.

E, infelizmente, eu queria fazer isso de novo. E de novo.

Quantas vezes ela me deixasse.

Ela se espreguiçou, apoiando um de seus pés sobre minha coxa. — Esse seu coração de vidro, Romeo... Um dia vou quebrá-lo.

— Se alguém pode, Shortbread, é você.

Eu poderia lhe dar um filho sem lhe dar meu coração.

E isso era muito bem o que eu planejava fazer.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Dallas

Romeo e eu fizemos sexo.

Sexo de *verdade*.

Na verdade, ele parecia quase aceitar a ideia de aumentar nossa família. Sem falar que salvou minha vida na semana passada no Le Bleu.

O homem levou literalmente um tiro por mim. Sem nem hesitar.

No papel, eu deveria estar exultante. Então, por que não estava feliz?

Para começar, mais duas pétalas caíram da rosa de Vernon.

Minha rosa.

Quanto mais caia, mais triste parecia o frágil caule. Pairou em uma poça de branco murcho, já que me recusei a descartar uma única pétala. E de alguma forma, isso tornou mais vazio. Um soldado solitário em uma guerra perdida.

E segundo, apesar de todas as concessões, gestos e devoção de Romeo, ainda me mantinha à distância. Ainda não tinha me levado em um encontro apropriado.

Conhecia a adoração genuína quando a via. Shep Townsend pode ser um péssimo pai, mas ama minha mãe com tudo o que tem.

Enquanto isso, Romeo não me deu nenhuma atenção real. Para ele, me tornei um elemento fixo. Um móvel. Uma distração.

A realização me estripou. Afinal, não havia dor maior do que o amor não correspondido.

Infelizmente, me senti uma tola explicando isso para Hettie. Então, em vez disso, jogamos *Connect Four*, a televisão murmurando ao fundo.

— Espere. — Agarrei seu antebraço. — Aumente o volume.

— Dal, não pode mudar as regras toda vez que perder.

— Não. As notícias.

— Caralho. — Ela pegou o controle remoto, ligando a minitela plana da cozinha.

Uma alegre repórter cruzou as mãos sobre uma mesa de âncora curva. — Uma fonte anônima relata que a artilharia de demonstração da Costa Industries explodiu no meio do teste, deixando três funcionários hospitalizados. Os investidores estão questionando se a empresa pode cumprir com sucesso seu contrato com o Pentágono, devido a esse enorme revés de engenharia. — Um infográfico apareceu na tela. — Como pode ver, as ações despencaram desde os relatórios iniciais do fiasco.

Esse “vazamento” tinha as pegadas do meu querido ex-noivo por toda parte. Quase tinha me esquecido de Madison. Não tinha

notícias dele desde nosso brunch no Le Bleu, e preferi continuar assim.

Um recorte do rosto sorridente de meu marido em um evento de caridade apareceu ao lado do repórter. O que não *esperava*, enquanto ela lia seu comentário oficial, era que o referido marido invadisse a cozinha.

O relógio marcava duas e meia. Romeo nunca chegava em casa antes das seis.

Hettie se virou para mim, sorvendo o café com ovo vietnamita que pedimos no *DoorDash*. — Acho que seu marido acabou de entrar na cozinha.

Balançando a cabeça, tentei não corar. — Não. Devem ser os *brownies especiais*¹⁰⁶ que comemos antes. De jeito nenhum ele perderia toda a diversão do escritório.

Nunca comemos esses brownies, mas sempre gostei de manter Romeo no limite, sempre na dúvida. Isso o fez prestar um pouco de atenção em mim, e eu, a mendiga que era, lutava por qualquer migalha que ele jogasse em meu caminho.

— Dallas. — Ele ignorou a existência de Hettie. — Temos algo a discutir. Siga-me.

Meu sorriso evaporou. Eu estava com problemas? Se sim, porquê?

Eu não falava com Madison há eras. Além disso, o que aconteceu hoje não teve nada a ver comigo.

¹⁰⁶-Refere-se a alimentos que são preparados utilizando cannabis.

Ao fundo, as notícias sobre os crescentes problemas da Costa Industries continuavam rolando.

Fingi um bocejo, mas meu coração disparou. — Tudo o que tem a dizer pode ser dito aqui.

Encostou um ombro no batente da porta, cruzando os braços sobre o peito. Seus músculos se projetavam sob a camisa social. Eu sabia que ele estava enfaixado, em pontos e com dor sob a manga. Isso me fez desejar beijar cada centímetro dele para melhorar.

— Este é um assunto privado.

Hettie se mexeu em seu assento, claramente querendo estar em qualquer outro lugar, menos na posição em que a coloquei. Embaixo do balcão, ela me beliscou.

Eu a belisquei de volta. — Isso é privado o suficiente. Hettie é da família.

— Não, ela não é. Mesmo que fosse, esta última não saberá de todas as coisas passadas entre um marido e sua esposa.

Mais uma vez, ele falou como um duque do século XIX. Não pude negar que me fez repensar minha postura em relação ao romance histórico. Ainda assim, recusei-me a ser submetida a ele enquanto sofria de mau humor, o que claramente sofria.

— Discordo. — Endireitei minha coluna. — Tudo o que precisar de mim, aqui e agora é bom o suficiente.

Ele passou os olhos por Hettie, sem realmente prestar atenção nela, e deu de ombros. — Muito bem.

Em dois passos rápidos, Romeo me ergueu, empoleirou minha bunda na ilha da cozinha e começou a desabotoar a calça entre minhas pernas.

Ofegante, virei-me para olhar para Hettie atrás de mim. — O que em nome do Senhor você pensa que está fazendo?

Ele me deitou no balcão. Meu cabelo fez cócegas no cotovelo de Hettie quando levantou minha camisa, expondo minha barriga. Sua língua se arrastou para cima, em direção ao meu peito. Arrepios violentos de prazer percorreram meu corpo. Em um instante, umedecei entre minhas coxas.

— Disse que tudo o que eu preciso de você pode acontecer aqui. Na frente de Hettie. Estou tendo um dia ruim e preciso de um estímulo. Vim aqui ter uma rapidinha na boceta apertada da minha esposa e estapear os seios dela. Hettie é bem-vinda para sair a qualquer momento.

Sua cabeça desapareceu dentro da minha camisa, seus dentes já beliscando meu mamilo através do meu sutiã.

— E Hettie está saindo agora antes que nunca mais possa olhar nos olhos de nenhum de vocês... — Sua cadeira arrastou. Em um borrão loiro, Hettie saiu correndo da cozinha.

Vernon, que estava entrando, também deu meia-volta, murmurando — Meu Deus.

— Isso não é higiênico — aponteí enquanto Romeo descartava minha camisa e sutiã. Sua boca devorou o lado do meu pescoço. — As pessoas devem comer aqui.

— *Pretendo* comer aqui. Sua boceta.

— Eu pensei que estava com raiva de mim. — Apoiei-me nos cotovelos, observando-o, fascinada.

Ele puxou para baixo minha calça jeans e calcinha, enterrando o rosto entre as minhas pernas, comendo-me com a urgência de um homem faminto. Sua língua quente e úmida acariciou meu interior, seu nariz massageando meu clitóris.

— Por que eu estaria com raiva de você? — As palavras foram murmuradas em meu âmago.

— Por causa das ações... Madis...

— Não diga o nome dele quando minha língua estiver profunda o suficiente em sua boceta para alcançar seu útero.

A queimadura familiar de um rubor subiu pelo meu pescoço. — Eu me preocupei que você pensasse que eu tinha algo a ver com isso.

Com muita relutância, ele ergueu os olhos, entendendo que palavras precisavam ser trocadas entre nós.

Ele suspirou, beijou a parte interna da minha coxa e se endireitou, olhando-me nos olhos. — Sei que não está mais saindo com ele.

— Como sabe?

De alguma forma, tinha certeza como o sol da manhã que ele havia parado de mandar alguém me seguir. Romeo manteve sua palavra. Sempre mantinha.

— Porque você e eu sabemos que eu a exilaria de Potomac e pediria o divórcio se me trair depois de tudo o que foi dito entre nós. — O fogo acendeu seus olhos cinzentos glaciais.

Apesar da malícia dentro deles, seu olhar me banhou como a luz do sol, aquecendo-me até a ponta dos dedos. Ele agora se importava o suficiente para se machucar. Não era muito, mas era o suficiente para fazer minha cabeça girar de alegria.

— Agora. — Mergulhou dois dedos em mim, enrolando-os enquanto o som dos meus sucos agarrados a ele enchia o ar. — Posso gentilmente comer minha esposa, depois fodê-la e depois comê-la de novo? Cancelei todas as minhas reuniões de hoje, só para poder fazer isso.

Ele retirou os dedos e chupou-os limpando meu desejo por ele.

Sorrio. — Pode.



Estava tão satisfeita e exausta, todos os músculos do meu corpo doíam. Romeo estava no fogão, esquentando leite para meu chocolate quente. Chocolate branco de *L.A. Burdick*, que especificamente instruiu Hettie a encomendar para mim antes do inverno.

Foi a primeira vez que ele fez algo meio romântico para mim.

Não significa nada, Dal.

Ainda assim, não pude atender ao meu próprio aviso.

Romeo peneirou duas colheres de mistura de *Burdick* raspada na panela. — Eu levava um copinho para a aula toda vez que a

temperatura baixava. Mesmo no MIT, onde os locais mais próximos ficam na Harvard Square ou do outro lado da ponte.

Fingi suspirar. — Quer dizer que existe algo além da couve-de-bruxelas e do peito de frango que você come?

Meus olhos grudaram em seu antebraço musculoso enquanto mexia a mistura. Bom Deus.

— Você entenderá quando experimentar.

Para ser honesta, poderia ter gosto de estrume líquido e ainda pediria uma segunda dose, nem que fosse para ver seu antebraço pornográfico na primeira fila enquanto ele a preparava.

Eu me deleitava com a visão dele. Sem camisa, gloriosamente poderoso e *quase* meu. Seus músculos tensos flexionavam toda vez que fazia o movimento mais leve. Uma fina camada de suor ainda grudava em seu corpo bronzeado.

Eu o observei com prazer do meu lugar na cadeira que Hettie ocupava há apenas uma hora.

— Encomendei réplicas de suas alianças de noivado e casamento. — Romeo derramou o chocolate na minha caneca em forma de caldeirão, cheia de feitiços de Henry Plotkin. — Devem chegar no final da próxima semana.

Meu coração estúpido vibrou no meu peito. Era tão difícil manter meus sentimentos sob controle quando tudo que eu queria fazer era deixá-los soltos. Observá-los crescer, desenvolver e evoluir.

Fingi tédio. — E quanto ao seu anel?

Ele chupou o resíduo de leite com o dedo, colocando a caneca na minha frente. Chantilly fresco e raspas de hortelã-pimenta. Assim como eu gostava.

Ele estava prestando atenção?

Romeo sentou-se à minha frente. — Minha aliança de casamento deve chegar na mesma hora.

Estava ouvindo tudo o que eu queria ouvir. Por que não fiquei satisfeita? Era a rosa que morria lentamente antes que Romeo tivesse tempo de se apaixonar por mim? Estava apenas sendo mal-humorada? Hormonal? Com saudades de casa?

Girei a colher de chá no meu chocolate quente, canalizando toda a minha concentração para ele.

— Shortbread?

Meus olhos se arregalaram. — Sim?

Ele franziu a testa. — Por que parece tão triste?

Porque ainda não sente nada por mim. Você simplesmente me aceita como sua. Como alguém aceita um novo colega ou vizinho. Alguém aleatório que entrou na sua vida e veio para ficar.

Tentei engolir minha frustração, mas não consegui. A ideia de ir para a cama com ele hoje à noite – de compartilhar meu corpo com ele sem compartilhar um único pensamento – me assombrava.

Fiz um gesto entre nós. — Porque isso não é real.

— Elabore.

— Isso. Nós. — Suspirei, empurrando o chocolate para longe de mim. As coisas ficavam sérias quando eu não estava com disposição para algo doce. — Compartilhamos tanto juntos, mas nada. Não me conhece. Na verdade. Nem tentou aprender mais sobre mim. Você se abriu para mim e, por isso, sou grata, mas não sabe nada sobre mim. Sem pedaços sedutores que me tornariam mais cativante aos seus olhos. Não sabe qual é a minha cor favorita. Minha comida favorita. Quais são meus sonhos...

— Sua cor favorita é azul.

Senhor, ele poderia soar mais desinteressado? Contudo, estava certo.

E eu fiquei chocada.

Ele se reclinou contra o encosto, encolhendo os ombros. — Sempre usa azul. Complementa o seu bronzado. E você gravita em torno de coisas azuis. Da capa do seu telefone Henry Plotkin à sua bolsa Chanel favorita – tudo azul. Quanto à sua comida favorita, seria *lomo saltado*¹⁰⁷. *Extra ají verde*¹⁰⁸. — Mesmo o menor sorriso dele direcionou raios de luxúria direto para minha corrente sanguínea. — Faz o pedido três vezes por semana. O entregador praticamente tem o código do nosso portão. Sempre muda as coisas para variar quando faz um pedido em qualquer outro restaurante. Exceto os peruanos.

No ponto. De novo. Talvez eu fosse mais transparente do que pensava.

¹⁰⁷-Prato típico peruano, refogado que combina tiras marinadas de lombo com cebola, tomate, batata frita e outros ingredientes.

¹⁰⁸-Tipo de pimenta.

Reprimi um sorriso, sabendo que se eu o soltasse, veria o quão estupidamente apaixonada por ele estava.

Oh não.

Eu estava, não estava? Apaixonada por Romeo Costa. O homem mais frio e menos simpático do planeta Terra. O Deus da Guerra.

Toda a umidade fugiu da minha boca. A adrenalina em meu corpo me despertou da sonolência induzida pelo orgasmo.

— Mas não sabe sobre o meu sonho. Meu verdadeiro sonho. Não os que brinco.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Crianças?

Eu balancei minha cabeça. — Isso é um objetivo, não um sonho.

— Então não. Não sei. Qual é o seu sonho, Dallas Costa?

Ser Dallas Costa porque é uma escolha sua e não faz parte do seu plano.

Eu tinha um sonho muito mais antigo, no entanto. — Quero uma casa que também seja uma biblioteca.

— Uma biblioteca na sua casa? — Corrigiu, franzindo a testa.

— Eu disse o que disse. Quero uma casa esvaziada e reformada por dentro e transformada em biblioteca. Cada centímetro dela. Cada cômodo teria prateleiras, de parede a parede, do chão ao teto. Não importa onde ande. Cozinha. Sala de jantar. Banheiro. Em todos os lugares.

Ele me estudou como se eu fosse uma obra de arte intrigante que tivesse acabado de encontrar no museu. Completamente nova aos seus olhos.

Lentamente, balançou a cabeça, abriu a lata de chiclete e colocou um quadrado na língua. — Agora eu sei.

Bem, isso foi anticlimático.

Engoli em seco, sentindo-me estúpida e infantil.

Eu mudei de assunto. — Então, você se sentiu mal hoje e veio me ver. Cuidado. Posso suspeitar que está desenvolvendo sentimentos por mim.

A piada saiu estranha e errada. Mais acusadora do que paqueradora.

— Eu precisava de uma transa rápida para me livrar do excesso de raiva reprimida. — Pegou sua garrafa de água, tomando um gole. — Faça um favor a si mesma e não interprete isso errado. Odiaria ferir seus sentimentos, Shortbread. São tão preciosos. Como você, a propósito.

Foi o elogio mais paternalista, indireto e terrível que já recebi. E nem poderia dizer isso a ele, porque então ele saberia o quanto me machucou.

— Ei, Romeo?

— Hum?

— Notou que não tem mascado chiclete excessivamente nos últimos dias?

Eu notei. Notava tudo sobre ele.

Romeo inclinou a cabeça. — Isso mesmo. Já se passaram alguns dias.

— Um dia desses, você terá que me dizer por que gosta tanto de chiclete e silêncio — provoquei, meu pé encontrando o dele debaixo da mesa.

— Por que está tão fascinada com isso?

— Porque nossos hábitos nos dizem quem somos. Suas peculiaridades são um pedaço de você. — Parei. — E eu quero juntá-lo, Romeo Costa. Isto é, se você me deixar.

Ele disparou, levando sua garrafa de água com ele. — Estarei em meu escritório, trabalhando. Obrigado pela foda, Shortbread.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

Romeo

Obrigada pela foda, Shortbread?

Eu merecia levar um tapa de todas as mulheres da Terra.

Ainda assim, quis dizer o que eu disse.

Embora seus sentimentos *importassem*, seria errado para Dallas confundir nosso relacionamento cordial com um relacionamento romântico.

Para ser honesto, Morgan não tinha nada a ver com isso. Meu coração já havia decaído há muito tempo quando ela entrou em cena.

Não. O que me assustou não foi meu coração morto.

Era o perigo do que minha esposa poderia fazer com ele. Soprar a poeira com seu doce hálito. Ensaboar sua lápide com suas mãos hábeis. Dar vida a ele com sua doçura insuportável e inegável.

De seu retrato em meu escritório, Shortbread pairava sobre mim. Seus olhos se fixaram em meu perfil enquanto meus mocassins alisavam o tapete. Indo e vindo.

Claro, tínhamos algo bom acontecendo. Confiei nela. Gostava da sua companhia, até. Sua boceta era de longe a coisa mais doce

que já havia provado – talvez devido à quantidade industrial de açúcar que ela consumia, mas nunca haveria mais do que isso. E como poderia manter minha esposa enquanto oferecia a ela uma fração do que ambos sabíamos que ela merecia?

Não entrei no seu quarto naquela noite, ou na noite seguinte.

Em vez disso, dirigi para a mansão de Oliver com Zach. Eles tinham acabado de voltar de nossas férias anuais de *snowboard* antes do Natal no Colorado, das quais eu faltei pela primeira vez.

Desde sempre.

Os caras jogavam sinuca enquanto eu tomava uma dose, empoleirado na velha máquina de *Pac-Man*. Um jogo dos *Commanders* passava na televisão diante deles.

Em suma, uma noite agradável.

Deveria ter sentido falta dessas reuniões com eles, agora que passava a maior parte do meu escasso tempo livre com Shortbread.

No entanto, de alguma forma, não sentia.

— Então, quando acha que concederá o divórcio a ela? — Oliver acendeu um charuto e tirou uma calcinha fio dental perdida do vinco de seu sofá de couro de cedro, jogando-a no lixo.

Cristo. Tinha esquecido que a sua casa era um laboratório de DST projetado para criar novas doenças.

Caminhei até o bar, estudando sua impressionante seleção. — Quem disse que vamos nos divorciar?

Zach riu da mesa de bilhar. — Você.

— Várias vezes, na verdade — Oliver acrescentou.

— Seis. — Além de ser um gênio, Zach também parecia possuir a memória de uma manada de elefantes. — Posso recitá-los se quiser, incluindo datas e contextos.

Oliver coçou a têmpora. — Acho que suas palavras exatas foram: “A arte raramente fica pendurada na mesma parede para sempre”.

Abri a geladeira de bebidas. — Dallas e eu chegamos a um entendimento mútuo.

— Boa tentativa. — Oliver enfiou o fio dental de renda vermelha no bolso, um redemoinho de fumaça escapando de sua boca. — Você e sua esposa quase não falam a mesma maldita língua.

Tentei outra tática. — Se nos divorciarmos, será daqui a algum tempo. Não estou com pressa. Ela também não. Tenho problemas mais urgentes para resolver.

Zach e Oliver sabiam dos meus planos para a Costa Industries.

E porquê.

Eu não escondia nada deles, exceto meus sentimentos complexos em relação a Dallas, mas esse era um desenvolvimento recente e não havia muito o que contar.

— Não muito tempo. — Oliver orbitou sua sala de mídia, desenterrando peças de lingerie em diferentes tamanhos, estilos e cores, jogando-as em sua lata de lixo. — Ela querará filhos em algum momento.

— E darei isso a ela — soltei, irritado.

Zach errou a bola branca, acertando a grade lateral. Meia dúzia de sutiãs caiu das mãos de Oliver. Ambas as sobrancelhas beijaram a linha do cabelo.

Zach digeriu a notícia primeiro. — Vai, agora?

Agarrei uma garrafa de cerveja pelo gargalo sem ao menos ler o rótulo, desenroscando-a. — Preciso de um herdeiro. Ela precisa de um hobby.

— Desde quando precisa de um herdeiro? — Oliver inclinou a cabeça para trás e gargalhou. — A última vez que falamos sobre o assunto, você desenvolveu uma crosta de hímen sobre seu pênis para evitar filhos.

— Alguém precisa herdar minha fortuna.

Zach reorganizou a mesa de bilhar. — De uma de *Gates e MacKenzie Scott*¹⁰⁹. Doe a maior parte.

— Você me conhece? — Fiz uma careta. — Se a filantropia me encontrasse em um beco escuro, se fingiria de morta e eu *ainda* a mataria apenas pelo esporte sangrento.

Ele estalou a língua, passando giz na ponta do taco de sinuca.

— Então, o que estou tirando disso é que você está absolutamente, certamente, sem dúvida fodendo sua esposa. — Oliver terminou de fumigar sua caverna masculina de lingerie de seus encontros e passou a recolher embalagens de preservativos

¹⁰⁹-Filantropos que doaram na casa do bilhão para instituição de caridade.

vazias do chão. Por que diabos eu achava que esse bordel era digno do meu casamento? — E que ela sabe usar a boca.

— *Hidra de Lerna*¹¹⁰. — Zach assentiu. — Uma cabeça não é suficiente para lascar o gelo. Estou pensando em cinco, no mínimo.

— Pare de falar sobre minha vida sexual — sibilei.

Oliver sorriu. — A irmã dela já tem dezoito anos?

Joguei minha cerveja pela metade em sua direção.

Babaca.



Não visitei o quarto de Dallas naquela noite.

Principalmente para provar a mim mesmo que ainda tinha controle sobre o assunto.

Nosso tempo juntos não era obrigatório. Eu não estava obcecado.

Na verdade, não sentia falta de seu calor, boceta e beijos.

Não enquanto me deitava em minha cama gelada e grande demais.

E não enquanto olhava para o teto, imaginando que novo inferno eu prepararia para o Madison Licht amanhã.

¹¹⁰-Mitologia grega, era um monstro filho de Tifão e Equidna, que habitava um pântano junto ao lago de Lerna. Tinha o corpo de dragão e várias cabeças de serpente.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

Romeo

Desde o início, Dallas organizou o Natal com sua família enquanto eu o passaria com a minha.

Um acordo que tínhamos feito nas raras vezes em que nos falamos antes de tirar nossas roupas. Um que pensamos que funcionaria bem.

O problema era que eu me perguntava como toleraria cinco dias inteiros sem Dallas ao meu lado.

A perspectiva assombrosa me incentivou a fazer uma experiência.

Planejei evitar Shortbread por alguns dias para provar a mim mesmo que poderia, de fato, viver minha vida sem afundar meu pau e minha língua dentro dela, assim como fiz trinta e um anos antes de conhecê-la.

No primeiro dia, cheguei em casa tarde o suficiente para que ela já tivesse adormecido.

No segundo, cheguei com um convidado. Oliver. Isso certamente a manteria afastada.

Para minha surpresa, Shortbread não estava na cozinha quando entramos, seu habitat natural. Ela também não estava na

sala de estar ou no meu escritório. (Neste último, gostava de ler e deixar migalhas de lanche, só para me lembrar que nunca mais teria uma casa arrumada.)

Oliver se serviu do que quer que Hettie tivesse preparado antes, enquanto eu fingia não estar intrigado com o comportamento de Dallas.

— Hettie — gritei, interrompendo sua luta para vestir uma jaqueta. — Shor... Dallas está aqui?

Ela se virou, franzindo a testa. — Não é a venda oficial do lançamento do décimo quarto livro de Henry Plotkin? Ela provavelmente está fazendo fila na frente da *Potomac Yards Barnes & Noble*, tentando arrebatá-la uma primeira edição autografada.

Claro. Ela adorava aqueles livros bobos.

Olhei para fora, carrancudo. Neve empilhada em pedras brancas gigantes. — Estava agasalhada quando saiu?

A cabeça de Oliver disparou da tigela de sopa de pimenta. Ele ficou boquiaberto, uma colher caindo de seus lábios.

— Oh, realmente não a vi sair. Tenho feito compras de presentes. — Hettie enrolou três vezes um cachecol em volta do pescoço, enfiando as mãos nas luvas.

Estava tão frio que ela usava camadas para sua curta caminhada pelo gramado até sua residência.

Minhas narinas dilataram. — Ela provavelmente está usando *baby doll* e sandálias lá.

Hettie riu. — Conhecendo-a, provavelmente. — Acenou para mim e Oliver antes de sair.

Permaneci rígido por mais algumas batidas enquanto Oliver me encarava.

Ele colocou a colher dentro do prato, engolindo um pedaço. — Pode simplesmente ligar para ela, sabe.

Eu podia, mas ela não atenderia.

Suspeitei que ela não gostava do fato de eu ter desaparecido nos últimos dias.

— Vou pegar um casaco e um cachecol para Jared levar até ela. — Balancei a cabeça, fingindo exasperação, embora estivesse mais preocupado do que furioso. — Eu volto já.

Em minha jornada escada acima, lembrei a mim mesmo que não devia nada a Dallas. Sempre tivemos um acordo, e ela sabia disso. E daí que não nos víamos há dias? Ela quase não me procurou também.

Quando cheguei ao quarto de Dallas, fiquei surpreso ao encontrá-la ainda dentro dele. Ainda mais que estava deitada na cama. Shortbread não pensava em dormir antes de uma da manhã. No entanto, um sete vermelho neon me encarou do alarme em seu criado-mudo.

A rosa ao lado havia murchado, com apenas mais duas pétalas agarradas à sua preciosa vida. Não conseguia entender por que ela não tinha se livrado daquela coisa estúpida até agora.

— Deixe-me adivinhar. — Entrei no seu quarto. — Contratou alguém para ficar na fila para você, então não teria que mover sua preciosa bunda...

O resto da minha frase morreu na minha garganta quando finalmente tive um vislumbre completo dela.

Provavelmente pela primeira vez em sua vida, Dallas Costa parecia terrível.

Um rubor cor de cereja manchava suas bochechas, mas toda a cor se esvaiu em outro lugar, deixando-a tão pálida quanto sua rosa moribunda. Flocos brancos salpicavam seus lábios, sem umidade, enquanto um brilho fosco cobria seus olhos.

Coloquei minha mão em sua testa. Quente como uma fornalha.

— Jesus. — Puxei para trás. — Você está queimando.

Ela estava *narcoléptica*¹¹¹ demais para falar, ou se mover.

Há quanto tempo isso estava acontecendo? Estava assim ontem? Eu tinha perdido sua doença em minha busca para provar ao meu cérebro que meu pau não era o único atrás da roda deste trem destruído?

Toquei sua testa novamente. Ardeu.

— Querida.

— Por favor saia. — As palavras arranharam sua garganta.

— Alguém precisa cuidar de você.

— Esse alguém definitivamente não é você. Deixou isso claro nos últimos dias.

¹¹¹-Uma pessoa afetada por uma tendência extrema a cair no sono.

Eu não disse nada. Ela estava certa. Não tinha me incomodado em checá-la. Talvez desejasse que *ela* tivesse *me* checado.

Na verdade, ela já havia superado qualquer expectativa ao tentar fazer o que quer que fosse entre nós funcionar. Enquanto isso, eu a afastaria. Repetidamente.

— Shortbread, deixe-me pegar um pouco de remédio e chá.

— Não quero que cuide de minha saúde. Você me ouviu? — Deve ter odiado que eu a visse assim. Fraca e doente. — Ligue para mamãe e Frankie. São elas que eu quero ao meu lado.

Engoli em seco, mas não discuti. Entendi que não queria se sentir humilhada. Ser cuidada pelo homem que garantiu que ela entendesse sua insignificância para ele.

Como o seu medidor de merda não fritou? Como pode pensar que eu realmente não sinto nada por ela?

— Primeiro, pegarei o remédio, chá e água. Depois chamarei Hettie para ficar com você. *Depois* notificarei sua mãe. — Puxei o edredom até o queixo. — Sem argumentos.

Ela tentou acenar para mim, gemendo ao menor movimento. — Que seja. Apenas vá. Não quero ver seu rosto.

Eu dei a ela o que queria, embora, como sempre, não da maneira que ela esperava. A sequência de ações não ocorreu como prometido.

Primeiro, entrei em contato com Cara para enviar o jato particular para a Geórgia.

Depois liguei para minha sogra e para Franklin – separadamente – exigindo a presença delas.

Só então entrei na cozinha para pegar água, chá e ibuprofeno para a febre de Shortbread.

Naturalmente, como o preguiçoso crônico que muitas vezes provou ser, Oliver ainda estava sentado na ilha, agora saboreando uma fatia extragrande de bolo de *red velvet* que eu tinha certeza que era para ser consumido por Dallas.

— O que ainda está fazendo aqui? — Exigi, coletando as coisas que eu precisava para ela.

Ele coçou a têmpora com o cabo do garfo, as sobrancelhas franzidas. — Você me convidou aqui. Queria assistir a um jogo de futebol, lembra?

Não me lembrava. Nem me lembrava do meu próprio endereço agora. — Saia.

— E quanto ao...

Peguei o prato de seus dedos, admitindo para mim mesmo que havia pisado em terreno selvagem. — Este bolo não era para você comer.

— Enlouqueceu nos dez minutos em que se foi. — Oliver me olhou boquiaberto, com os olhos arregalados. — O que aconteceu com você? Durban não pôs as mãos no último livro de Henry Plotkin e descarregou sua raiva em você?

Merda. O livro de Henry Plotkin.

Empurrei Oliver para fora com um garfo ainda preso em seu punho sujo, discando para Hettie com minha mão livre.

Ela meio bocejou, meio falou. — Sim?

— Dallas está doente. Precisa vir aqui e cuidar dela até que meus sogros cheguem em cerca de duas horas.

— Oh, sim? — Sua energia voltou com tudo. — E o que diabos você fará durante esse tempo?

— Congelar minhas bolas.



Poderia ter enviado Cara para fazer isso.

Não teria sido a coisa mais galante que já fiz – Cara chegava a fina fronteira entre os cinquenta e sessenta anos, sofreu uma lesão nas costas e merecia sua folga no Natal – mas também não era inédito.

Inferno, poderia ter enviado qualquer um dos meus seis assistentes de nível inferior, mas não envie.

Algo me compeliu a juntar-me à fila de trezentas pessoas fora da *Barnes & Noble* local para ter a chance de colocar minhas mãos no novíssimo décimo quarto e último livro da série Henry Plotkin.

Henry Plotkin e os Fantasma Cadavéricos.

E por “chance”, quis dizer que definitivamente compraria para Shortbread. Mesmo que tivesse que arrancá-lo das mãos de um órfão do jardim de infância com doença terminal.

Não teria escrúpulos em colocar fogo em todo o lugar se isso significasse voltar com o livro precioso.

Era o que ela queria – o que planejara fazer com seu tempo esta noite – e, por Deus, conseguiria isso.

Uma carranca estampada em meu rosto enquanto alguns repórteres entrevistavam pessoas no frio congelante sobre há quanto tempo estavam na fila (quatro a sete horas), como planejavam passar o tempo até a loja abrir pela manhã (com água quente bebidas e sacos de dormir) e o que achavam que aconteceria no livro (desliguei essa parte).

Ponderei como cheguei a esse novo ponto baixo na vida. Nunca tinha feito nada remotamente tão desconfortável para ninguém. Mesmo para minha ex-noiva, a quem achava que tolerava.

Morgan só podia sonhar que eu ficaria na fila a noite inteira por ela. Costumava ficar furioso sempre que ela me mandava comprar absorventes se já passava das nove da noite.

Talvez a culpa pudesse ser atribuída a mim por me fazer sofrer em um clima menos três graus, mas não achei que fosse o caso.

Por uma, eu não tinha consciência.

Pela outra, mesmo que tivesse uma, eu colocaria essa consciência para trabalhar forçando-a a se casar comigo – sem deixar de vigiá-la por quarenta e oito horas.

De vez em quando - em intervalos de sete minutos, pontualmente – enviava uma mensagem para Hettie, exigindo uma atualização sobre a saúde de Dallas.

Romeo Costa:

Como ela está se sentindo?

**MY DARK
ROMEO**

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Hettie Cook:

Não muito bem, mas você já sabe disso.

Ela tomou Tylenol e bebeu um pouco de água.

Estou fazendo sopa de *avgolemono*¹¹² para ela agora.

Romeo Costa:

A febre dela baixou?

Hettie Cook:

Entre cinco minutos atrás, quando me perguntou pela última vez, e agora?

Não.

A febre sempre aumenta à noite, então não se preocupe.

Romeo Costa:

Liguei para o médico. Ele fará uma visita a ela nos próximos quarenta minutos.

Hettie Cook:

Quarenta minutos?

¹¹²-É um molho grego e turco de ovos e limão, mas é também o nome duma sopa popular baseada em caldo de galinha engrossada com este molho

Espero que ela sobreviva até lá.

Romeo Costa:

???

Hettie Cook:

ESTOU BRINCANDO.

ELA ESTÁ SÓ UM POUCO DOENTE. JESUS.

CALMA.

Eu estava com tanto frio que não conseguia sentir meu nariz, muito menos minhas bolas.

Romeo Costa:

Está demitida.

A noite rastejou, minuto a minuto, recusando-se a se dispersar na manhã.

O médico chegou e determinou que a febre de Dallas precisava baixar, ganhando o Prêmio de Médico Mais Inútil na minha cabeça. Prescreveu repouso, líquidos e compressas frias.

Por mais que valesse a pena, Hettie concordou com minha análise.

Hettie Cook

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Teve que contratar o Diretor de Medicina de EMERGÊNCIA da Johns Hopkins?

O pobre rapaz parecia tão confuso quando percebeu que Dal não estava em seu leito de morte.

Romeo Costa:

Pensou também que ele era inútil?

Hettie saiu quando Franklin e Natasha chegaram, o que me obrigou a diminuir o tom de minhas mensagens.

Tentei ser reservado com minha cunhada, visto que Dallas gostava particularmente de falar merda sobre mim com ela.

Romeo Costa:

Ela está se sentindo melhor?

Franklin Townsend:

Como se você se importasse.

Romeo Costa:

É uma pergunta de sim ou não.

Franklin Townsend:

Nenhuma melhora.

Romeo Costa:

Mantenha-me informado.

Franklin Townsend:

Você não é o meu chefe.

Romeo Costa:

Deus, você é uma pirralha.

Desejo muito que Oliver se relacione com você quando finalmente
atingir a maioridade.

Franklin Townsend:

O quê?

Uma década após o início da noite, o sol finalmente despontou
no céu prateado, pálido e relutante.

A loja abriu. As pessoas entraram correndo.

Levei quinze minutos excruciantes para chegar ao caixa.

O caixa pré-adolescente abriu o livro, folheando-o enquanto
registrava. — Mal posso esperar para ver como Henry lida com o
duque de Hollowfield, hein?

Puxei meu cartão da minha carteira. — Cuidado com a lombada antes que eu quebre a sua.

Ele ficou boquiaberto, quase se atrapalhando com o livro de capa dura em sua pressa para fechá-lo. — Sacola?

— Dê-me isto. Não confio em você para não enrugar ainda mais o livro. — Enfiei-o dentro da sacola e enrolei-o bem apertado.

Enquanto Jared serpenteava por ruas arborizadas, passando por mansões gigantescas, gramados bem cuidados e luxuosas decorações natalinas, não pude deixar de me sentir um pouco inseguro com meu recém-adquirido presente de Natal para Dallas.

Originalmente, havia comprado um fim de semana em um spa no Tennessee para ela aproveitar com Franklin, mas isso parecia muito mais significativo.

Não chamaria a agitação inquietante que me percorreu de tontura, mas definitivamente não estava infeliz neste momento.

Quando cheguei em casa, ainda era cedo o suficiente para Vernon não ter chegado. Uma Hettie de olhos sonolentos tropeçou na cozinha, pegando a massa de pastel que preparava todas as noites para o café da manhã de Dallas.

Parei na ilha, segurando o livro com força, como se ele corresse o risco de ser roubado pelos móveis. — Dallas está no quarto dela?

— Ela estava dormindo quando entrei, mas Frankie disse que a febre baixou.

— Como ela está se sentindo?

Hettie bocejou, juntando seu cabelo rosa em um rabo de cavalo alto. — Bem o suficiente para rejeitar todas as marcas de xarope para tosse que demos a ela.

— Por que?

— Diz que tem um gosto ruim.

— É remédio. Não é para ter um gosto bom.

— É muito ruim. O rótulo diz que é uva, mas cheira a pickles.
— Seu nariz torceu. — Entre Vernon, sua família e vários funcionários, verificamos todas as farmácias do DMV em busca de pílulas. Em falta. O farmacêutico disse que há uma virose desagradável por aí.

— Eu cuidarei disso. — Peguei a garrafa ofensiva do balcão. — A irmã e a mãe dela estão com ela?

— Frankie, sim. Natasha foi dormir em um quarto de hóspedes. Acho que ela sentiu que poderia fazer uma pausa porque Dal está se sentindo melhor.

Subi dois degraus de cada vez. A cada degrau que subia, meu ânimo se elevava.

A cadência da voz doce e sinuosa de Shortbread encheu o corredor. Quieta, mas inconfundivelmente ela.

Por que demorei até hoje para perceber que gostava da sua voz? O som dela? Sua existência geral?

Talvez porque marcasse a única coisa que não era o completo silêncio que meus ouvidos prezavam.

Quando cheguei à sua porta, ergui o punho, com a intenção de bater. Mal podia esperar para mostrar o livro a ela.

Orgulho infantil me encheu. Suponho que era isso que as crianças sentiam quando faziam algo que sabiam que lhes daria a aprovação dos pais. Eu não saberia.

Meus pais raramente prestavam atenção à minha existência.

— ...não posso acreditar que não me disse que vocês dois estavam fazendo S-E-X-O. — Franklin soletrou a última palavra, sussurrando de empolgação.

Uma risada se alojou na minha garganta. Não era de escutar, mas ficar aqui por alguns momentos para ouvir a resposta de Dallas não entraria na lista das dez mil piores coisas que fiz na minha vida.

— Como é o sexo? — Franklin exigiu.

— É okay, acho. — Dallas tossiu, ainda fraca. — Não estou sofrendo.

Eufemismo da geração, querida.

— Isso significa que gosta dele? — Frankie engasgou, prendendo a respiração.

Por uma estranha razão, fiz o mesmo.

Não houve pausa, nem hesitação na resposta de Dallas.

— Meu Deus, Frankie. Claro que não. Eu te disse, ele é a resposta humana para uma injeção de cloreto de potássio. Isso não mudou nem um pouco.

Acertou como um soco direto no meu estômago. Tanto que cambaleei um passo para trás.

O que esperava? Que ela se apaixonar por você depois que a forçou a se casar e passou meses repreendendo-a?

— Então, por que está fazendo S-E-X-O com ele?

Por que de fato?

— Porque ele nunca me liberará de seu acordo. Eu também posso me divertir um pouco com isso, certo? — Shortbread fungou. — Além disso, realmente quero um bebê. Sabe que sempre quis uma família grande, Frankie. Só porque não gosto do meu marido não significa que não posso criar uma família que amo. Na verdade, quanto mais cedo engravidar, mais cedo poderei voltar para Chapel Falls. Ele não vai me querer perto dele quando estiver grávida, de qualquer maneira. Ele odeia crianças.

Eu não odiava crianças. Tudo bem, odiava.

Apenas recentemente – nos últimos dias, para ser preciso – comecei a pensar que não seria tão terrível se Dallas e eu tivéssemos um filho. Especialmente se aquela criança herdasse seus olhos castanhos exploradores e risada cativante.

Só que agora descobri que a única razão pela qual minha esposa estava montando em mim como se eu fosse sua montanha-russa favorita era porque ela queria fugir para Chapel Falls.

— Esse é o plano. — A voz de Dallas flutuou para o corredor. — Continuar vindo aqui para engravidar e correr de volta para a Geórgia até que eu tenha três ou quatro filhos. Tenho certeza de que ele também não sentirá minha falta.

Meus dedos tremiam, apertando seu livro. Respirações tensas e difíceis ondulavam em minha garganta.

Eu lhe ofereci o divórcio – por que ela não aceitou e foi embora?

No entanto, a razão brilhou diante de mim em luzes de néon. Ela seria uma mulher arruinada, exatamente como eu havia apontado.

Ela precisaria começar do zero, contentar-se com as sobras que Chapel Falls oferecia e suportar uma reputação terrível pelo resto de sua vida.

Se ela engravidasse do meu filho, poderia ir e vir quando quisesse. Ainda seria a esposa de uma das pessoas mais ricas da América. Ninguém ousaria pronunciar uma palavra negativa sobre ela. O respeito, a dignidade e a boa reputação de sua família permaneceriam intactos.

— Espero que engravide logo. — Frankie riu. — Sinto muito sua falta. Mal posso esperar para que volte para casa.

— Eu também, Frankie. Confie em mim.

Não deveria ter sido tão ruim quanto foi encontrar Morgan esparramada na minha mesa de jantar, sendo comida por meu pai. No entanto, parecia mil vezes pior. Era como se Dallas tivesse pegado uma faca, esculpido minhas entranhas e depois dado aos lobos. O nível de traição era incompreensível.

Que ironia eu pensar que a sua deslealdade viria na forma de Madison Licht, quando o tempo todo, Dallas não ansiava por outra pessoa.

Ela simplesmente não *me* queria.

Virando-me, corri pelo corredor e desci as escadas, despejando o estúpido livro em uma lata de lixo aleatória enquanto saía pela porta.

Se ela não queria nada comigo, não precisava dizer duas vezes.

Eu daria a ela todo o espaço que ela precisava.

E então mais.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

Romeo

Talvez reconhecendo isso como um momento genuíno de crise, Zach se ofereceu para me deixar dormir em sua casa durante o feriado.

Véspera de Natal, arrastei meu eu miserável para a casa de meus pais, principalmente porque sabia que meu pai estava ansioso para se aposentar.

A posição de CEO nunca pareceu tão acessível. Apesar de sentir como se tivesse sido atropelado um milhão de vezes por nosso Humvee fracassado, decidi terminar obedientemente o que havia começado e matar a Costa Industries.

O evento anticlimático que foi o jantar de Natal consistiu em Monica resmungando sobre a doença de Dallas – aparentemente, ela a visitou no início do dia, relatando uma febre tenaz – e Senior examinando sua comida sem apetite.

Zach e seus pais passaram as férias em *Plitvice*, o que me deu a oportunidade de ficar sozinho na sua casa e pensar nas informações que minha sogra havia enviado por mensagem quando voltei da refeição medíocre.

Natasha Townsend

Olá, Romeo. Queria mantê-lo informado, já que sua equipe está de férias. A febre de Dallas é persistente. Segundo seu médico, também desenvolveu pneumonia. Ele receitou-lhe antibióticos. Franklin e eu ficaremos em seus quartos de hóspedes. Planeja fazer uma visita à sua esposa em breve?

A agressividade passiva não me escapou. Não poderia culpá-la.

Estava desaparecido quando sua filha – minha esposa – sofria de pneumonia durante as férias. A epítome de um péssimo marido.

No entanto, duvidava que ela apreciasse a resposta que mantive em rascunho para ela.

Romeo Costa

Olá, Sra. Townsend. Minhas desculpas por estar ausente. Atualmente, estou ocupado com a grave tarefa de alternar entre beber até morrer e arranjar brigas de bar para liberar minha raiva, pois sua filha deixou perfeitamente claro que o que eu pensava ser um relacionamento verdadeiro era na verdade sua conta desesperada para escapar de mim. Estarei aí assim que superar o fato de que não sou nada mais do que um saco de dinheiro e um vibrador cheio de esperma para ela.

Enquanto me esparramava no sofá de couro minimalista na sala de estar de Zach, embalando um uísque caro, sabia que uma coisa era certa – eu estava apaixonado por Dallas Costa. Apaixonado por ela, pelo chão que pisava, por sua risada, por suas

sardas, por sua obsessão por livros, sua bagunça, sua alegria, sua personalidade sem remorso.

Cada pedacinho dela, eu adorava.

Não tinha ideia de em que ponto, exatamente, Shortbread havia me enfeitiçado. Só sabia que estava impotente e inapropriadamente apaixonado por ela quando não queria estar.

Na verdade, um de seus poucos apelos quando inicialmente a tomei como esposa era o que eu pensava ser a certeza absoluta de que nunca desenvolveria sentimentos por ela.

Tudo o que eu achava estranho e não refinado sobre ela acabou sendo minha criptonita.

A bebida na minha mão se transformou em três, que se transformaram em cinco e mais alguns.

Com Jared de férias, acabei em um Uber, um lenço Burberry enrolado em meu rosto três vezes para esconder minha identidade.

Por uma razão que desconhecia, escolhi a Costa Industries como destino.

Nenhuma alma ocupava o prédio além de uma equipe de segurança do cemitério, então me espalhei pelo mármore do saguão, bebendo uísque direto da garrafa.

Soltei uma risada sem graça.

Você levou um tiro por ela.

Quebrou sua regra de não herdeiros por ela – ou pelo menos pretendia.

Havia aceitado suas exigências, suas falhas, suas paixões e seus modos. E ainda assim, ela não me queria.

Não adiantava muito tentar convencê-la do contrário.

A pior parte era que, embora odiasse Dallas por ter conquistado meu amor, ainda me preocupava com ela. Mesmo depois de tudo que ela disse sobre mim para Franklin, queria estar ao seu lado. Segurar a sua mão. Cuidar dela.

Eu estava errado. Nunca amei Morgan. O que sentia por ela era propriedade e direito.

Isso. Era assim que o amor parecia. Como se um órgão meu estivesse na mão de outra pessoa e não pudesse recuperá-lo se tentasse.

Odiava cada momento de estar apaixonado por Shortbread.

Isso, contudo, não tornava menos verdadeiro.



Tropecei pelas portas giratórias da Costa Industries, esbarrando no imbecil sóbrio e impassível. Infelizmente, não estava bêbado o suficiente para alucinar.

Sim, era Madison Licht, diante de mim em toda a sua glória de um metro e oitenta, ou melhor, modéstia.

— Ora, ora. O que temos aqui? — O ar gelado açoitou nós dois, mas como ele compartilhava a mesma palidez de um boneco de neve derretido, suas bochechas foram as únicas a ficarem

vermelhas como palhaço. — Entrar no espírito natalino bebendo sozinho?

— Nem todo mundo pode aproveitar o prazer de ver sua empresa desmoronar. A propósito, como vai a Licht Holdings? — Peguei meu telefone, chamando um Uber.

Cinco malditos minutos.

— Vamos nos recuperar. — Madison rangeu os molares. — Sempre recuperamos.

— A palavra na cidade é, além de seus crescentes problemas legais, também falhou em mais auditorias do que o Pentágono. Se conhecesse um especialista financeiro com quase uma década de experiência em Defesa.

— Prefiro morrer a aceitar sua ajuda.

— Esperava por essa opção. — Joguei a garrafa de uísque vazia em uma lata de lixo próxima. — Vamos prosseguir com sua morte prematura.

— Tão presunçoso. — Suas narinas dilataram quando zombou de mim através de uma névoa de fúria vermelha. — Você se acha tão intocável, não é?

Sabia que ele havia vazado minha demonstração fracassada para a imprensa. Que pensou que tinha feito algo diferente de me dar um presente embrulhado gigante antes do Natal.

Soltei uma risada. — Oh, sou tocável. Sua ex-noiva me toca o tempo todo. *Em todos os lugares.* Ela é deliciosa. A propósito, obrigado por isso.

Madison avançou, agarrando meu colarinho, algo que nunca faria – ou escaparia impune – se eu estivesse sóbrio.

Seu hálito podre de carpa chovia em minhas narinas. — Não se esqueça de que conheço seu segredinho. Que Morgan revelou todos os seus medos mais profundos e sombrios para mim antes de desaparecer.

— Meus segredos não podem me matar — falo, percebendo pela primeira vez que era verdade.

O passado era apenas isso – o passado. Por mais insuportável e doloroso que fosse.

Ele me soltou, levou o polegar ao pescoço e o cortou, mantendo contato visual o tempo todo.

— Mas *eu* posso.



Acordei no dia de Natal com uma ressaca terrível e uma mensagem de Frankie, sem saber qual dos dois era pior.

Franklin Townsend:

Mamãe e eu vamos embora amanhã.

É melhor vir aqui e cuidar de sua esposa, ou juro por Deus, não terá para onde voltar.

Destruirei sua casa inteira, Costa.

A raiva certamente corria no sangue de Townsend.

Continuei bebendo o dia todo, ignorando as mulheres Townsend enquanto tentavam me contatar pelo telefone, por meio de Zach, e seu telefone fixo.

Obviamente, providenciei para que Hettie e Vernon chegassem algumas horas antes de Natasha e Franklin embarcarem em um avião de volta para a Geórgia. Cuidariam de Dallas enquanto eu chafurdava no sofá de Zach.

Em algum momento, cansei de beber e olhar para as paredes e me aventurei a sair de sua casa. O frio cortante beliscou meu rosto enquanto me arrastava pela neve não arada. Uma cidade fantasma de bares e restaurantes fechados me encontrava a cada esquina. Vaguei pelas ruas até o congelamento se formar em minhas bochechas, então voltei para a casa de Zach e cedi, curvando-me à vontade do meu coração.

Romeo Costa:

Como ela está?

Franklin Townsend:

Venha e veja por si mesmo, idiota.

Romeo Costa:

Estou ocupado.

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Franklin Townsend:

Eu também estou.

Não me envie mais mensagens.

Maldita seja.

Uma noite sem dormir seguiu o dia miserável.

Assim que o sol se escondeu no céu e olhei para o relógio, percebendo que Frankie e Natasha já haviam partido para a Geórgia, liguei para Hettie.

— Está aí? — Andei de um lado para o outro na sala de estar, desgastando o tapete sob minhas meias (a família Sun impunha uma política estrita de não usar sapatos). — Ela está bem?

— Bom dia para você também. — Ouvi o barulho de neve derretida e gelo esmagando sob suas botas. Sua respiração ofegante cruzou a linha. — Na verdade, estou presa em Nova York por causa desse clima de merda. Ônibus e trens estão parados. Só agora estão salgando as estradas, então...

— E está me dizendo agora? — Gritei, correndo para meus sapatos e os calçando, a regra que se dane. Eu os amarrei em tempo recorde, já deslizando em meu casaco. — Vernon não estará lá até a tarde. Dallas está sozinha.

O pensamento fez minha pele arrepiar. Ela estava doente. Poder ter me odiado, me detestado e não me querer perto dela, mas ainda estava doente.

Saí correndo pela porta de Zach, avançando em direção a seu Tesla. Certamente, não se importaria. E ainda mais certo – eu não me importava.

— Bem, para ser honesto, Romeo, você está literalmente na cidade, então... — Hettie parou. Pensou que eu tinha ficado com meus pais.

— Apenas leve sua bunda para lá o mais rápido possível.

Desliguei e voltei tão rápido para minha casa que ganhei do Waze por quinze minutos.



Silêncio total e uma casa vazia me receberam quando cheguei.

Eu me amaldiçoei mil vezes enquanto subia as escadas para o quarto de Shortbread. Abri a porta sem bater. Sutilezas eram um luxo que não podia pagar.

Um edredom cobria suas curvas suculentas. Foi só quando me aproximei que notei seus olhos fechados. Manchas vermelhas salpicavam suas bochechas.

Sua febre deve ter persistido.

Espalhados em sua mesa de cabeceira havia lenços de papel, uma variedade de remédios líquidos e garrafas de água.

A gravidade de sua doença me atingiu. Mais uma vez, senti-me mal do estômago com autoaversão.

Como escolhi meu precioso ego em vez de minha linda esposa?

— Querida. — Corri para a sua cabeceira, colocando a mão em sua testa. Febril. — Quando foi a última vez que tomou banho?

— Deixe-me em paz — resmungou, seus olhos ainda fechados. — Parece ser bom nisso ultimamente.

— Desculpe. Sinto muito. — Ajoelhei-me ao lado de sua cama, pegando sua mão na minha. Parecia sem vida entre meus dedos. Pressionei meus lábios nela. — Estou preparando um banho para você.

— Não quero que faça nada por mim. Hettie estará aqui em breve.

Ela prefere esperar que alguém a ajude.

Dallas virou o rosto para o outro lado, então não pude ver. Cada vez que eu pensava que a faca em meu coração não poderia torcer mais profundamente, ela provava que eu estava errado.

Entrei em seu banheiro, preparando um banho para ela. Enquanto isso, troquei a água da sua rosa, pois sabia o quanto ela gostava da coisa feia e nua, então fiz chá e torrada com manteiga de amendoim.

Acomodei-me em seu colchão e a alimentei, levando o pãozinho a seus lábios e proferindo palavras de persuasão. — Só mais uma mordida, querida. Consegue fazer isso. Eu sei que pode. Compro para você toda a comida peruana do mundo se terminar este pão.

Ela não respondeu. Certamente não me agradeceu.

Apenas engolia pequenas mordidas na torrada sem prová-la.

Não poderia culpá-la. Independentemente de como se sentia por mim, sabia que ela cuidaria de mim até a saúde se eu estivesse em seu lugar.

Era um covarde. Um tolo infantil por puni-la por não me amar.

Assim que a banheira encheu, tirei suas roupas e a guiei para dentro, arrastando uma cadeira de sua penteadeira. Julgando por seus gemidos suaves, concluí que não fiz um trabalho terrível massageando seu couro cabeludo com xampu. Depois de enxaguar, ensaboei cada centímetro de seu corpo com uma esponja macia e sabão. Simplesmente respirar parecia doer.

Ótimo trabalho, seu desgraçado. Como pode ser tão egoísta?

Em algum momento, a água esfriou.

Levei-a para a cama, a envolvi com uma toalha e a sequei, puxei uma calcinha seca por suas pernas. Então tirei a toalha e joguei o edredom sobre seus ombros.

— Esqueceu o resto das minhas roupas. — Gemeu, fraca demais para me repreender adequadamente.

— Não esqueci. Vamos baixar sua febre.

Espero que antes de você me quebrar.

Ela observou com olhos preguiçosos enquanto eu tirava minha cueca, levantava o edredom e deslizava ao seu lado. Passei meus braços ao seu redor por trás para que não pudesse me ver.

Com meu nariz enfiado em seu cabelo, decidi naquele momento que se ela fosse louca o suficiente para me dar outra chance, eu lhe daria tudo o que quisesse, sem fazer perguntas e sem exigir nada em troca.

Se isso significasse que eu teria que ficar com ela, suportaria uma vida inteira dela me enrolando, engravidando, fugindo para Chapel Falls e voltando aqui apenas quando lhe convinha.

Shortbread tremeu em meus braços. Eu a apertei perto do meu peito, minha garganta apertando com todas as palavras que ela merecia e que nunca disse a ela.

— Está tremendo, querida?

Seus ombros tremeram.

Depois de uma longa pausa, disse — Não, estou triste, seu idiota.

Não sei por que isso me fez rir. — Por que?

— Porque você me abandonou.

— Eu não te abandonei. — Beijeí sua mandíbula por trás. — Não pensei que você queria me ver.

Perto o suficiente da verdade, suponho.

— Você é meu marido. Quem mais eu gostaria de ver?

Sua mãe e irmã, a quem declarou que não me suporta.

— Estou aqui agora e não vou a lugar nenhum. — Acaricieí seu cabelo.

Não conseguia parar de beijar sua mandíbula. Meu corpo sugou a febre dela, nossa pele colada, nossa carne derretendo em uma unidade.

— Odeio você.

— Eu sei. Eu também me odeio.

Inclinando-me para a frente, beijei suas bochechas, sem lágrimas.

Percebi que ela nunca chorou, mesmo quando eu mais esperava. Ainda outra coisa que nunca perguntei. Esperava que ela me desse a chance.

Dallas estremeceu dentro dos meus braços até que sua respiração se acalmou e eu sabia que ela tinha adormecido.

Outra coisa que adormeceu foi meu braço sob o seu corpo, mas não ousei mexer um centímetro.

Nem mesmo quando uma hora virou duas, depois três, depois quatro, e tinha certeza de que teria que amputar todo o membro depois que ela acordasse.

Na verdade, não dei muita atenção ao meu braço, porque finalmente – *finalmente* – Dallas suou sua febre.

Sabia que a sua febre cedeu quando os lençóis embaixo de nós se acumularam com uma transpiração inodora. Ela se contorceu e gemeu quando a doença escapou de seu corpo.

Não pude fazer muito além de acariciar seu cabelo úmido, beijar sua nuca e observar enquanto ela se recuperava.

O tempo todo em que a segurei, fiquei maravilhado com o que sentia.

Como era capaz de dar amor a alguém sem esperar que retribuíssem.

Admirado de como insensatamente deslizei de volta para a sua cama.

O lugar onde meu coração certamente seria partido.

MY DARK
ROMEO

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

CAPÍTULO SESSENTA

Dallas

Despertei para a vida no quarto escuro, me esticando em meus lençóis úmidos.

Estrelas brancas dançaram em minha visão enquanto a realidade se infiltrava. Romeo estava deitado ao meu lado, seu corpo musculoso cobrindo o meu.

Ele ainda está aqui.

Mexi os dedos das mãos e dos pés, tentando manter a calma.

Decidi não lhe contar que ele carregava a culpa pela relutância do meu corpo em se curar, mas no meu coração, eu sabia a verdade.

A partir do momento em que ele saiu da cozinha e me ignorou, um mal-estar venenoso deslizou em meus membros, agarrando-se a cada órgão até que lutei para ficar de pé, respirar, *existir*.

Embora meus dutos lacrimais parecessem nunca receber o memorando, o resto do meu corpo permaneceu em perfeita sincronia com minha alma.

Ambos ansiavam por Romeo. E ambas as entidades teimosas entraram em greve até tê-lo.

Mais uma vez, meus livros de romance provaram estar certos. O amor é um acidente. Algo que ocorre completamente fora de seu controle, sem levar em consideração sua segurança.

No início, o desejo de estender a mão me seduziu. Então minha febre aumentou, meus ossos descendo em uma dor sem fim.

Quanto mais o tempo passava, pior eu me sentia. Quanto pior me sentia, mais raiva sentia por ele não ter me verificado nem uma vez.

Ele estava aqui agora. Não sabia se era por obrigação, relutância ou preocupação genuína. Não importava.

Gratidão estúpida alimentava cada respiração. Eu me senti melhor agora. Novíssima, na verdade. E ansiosa para encontrar meu caminho de volta às boas graças de meu marido.

Que conveniente, então, que ambos estivéssemos nus na minha cama. Mexi minha bunda contra seu pau, ganhando vida em segundos.

Para alguém tão contra a procriação, ele exercia uma resposta viril confiável.

Encostando minhas costas em seu peito, apoiei minha cabeça em seu ombro e estendi a mão para seu pênis.

Ele agarrou meu pulso antes que eu deslizasse meus dedos em sua cueca. — Não, obrigado.

Minha respiração engatou. Sangue rugiu entre minhas orelhas.

Encontrei seus olhos. Frios e sem vida, pertenciam ao homem no baile de debutantes. Não aquele que me fez chocolate quente e

concordou em me dar o bebê que tanto desejava, para sacrificar seus próprios planos e sonhos pelos meus.

— Não me quer mais? — Tentei soar casual.

— Quero você mais do que quero minha próxima refeição. Meu próximo sono. Minha próxima respiração, mas não posso pagar por você, Shortbread. Ceder a você pode me matar.

Sentindo meus olhos brilharem, empurrei meu rosto para trás.
— O que está falando?

Ele deslizou para o lado, passou as pernas por cima do colchão e vestiu a calça de costas para mim. — Está bem?

— Eu... uh... sim. — Sentei-me, tonta. Disse a mim mesma que era do movimento repentino e não da direção da conversa. — Acho que não estou mais com febre.

— Não está. — Então, ele checkou. — Hettie está aqui. Vernon também. Falei com o Dr. Reuben. Ele chegará mais tarde esta noite para verificá-la. Recomendou uma dose extra de remédio para afastar os resquícios da doença.

Eu torci meu nariz. — É nojento.

— É remédio. — Pegou o pequeno copo de plástico, encheu-o até a linha com xarope roxo para tosse e pressionou-o contra meus lábios. — Beba.

Balancei minha cabeça, meus lábios fechados.

— Shortbread.

Outra sacudida de cabeça. Sabia que se abrisse a boca, ele o colocaria dentro.

Com o copinho ainda beijando meus lábios, Romeo abaixou o nariz, traçando-o pelo meu pescoço, ao longo da minha mandíbula e até minha orelha.

Soltei um gemido, bem a tempo de ele colocar o remédio na minha garganta e sussurrar — Engula.

Fair play nem existia em seu dicionário, não é?

Franzindo a testa, engoli cada gota. — É nojento.

— Bom. Lembre-se do sabor e nunca mais fique doente.

— Não foi minha culpa.

— Foi ou não patinar no gelo sem usar casaco? E não negue. Deixou recibos com carimbo de data e hora da pista em *Rockville Town Center* em sua penteadeira. Além disso, confirmei com Hettie.

— Certo. Eu deveria ter colocado agasalhos.

Ele pegou sua carteira e telefone, enfiando-os no bolso.

— Está saindo? — Sibilei, observando-o abotoar a camisa.

Meus olhos sentiram tanto a falta dele que não ousaram piscar.

Ele enfiou os pés nos sapatos. — Sim.

Meu lábio inferior tremeu. — Mas... por que?

— Porque tudo que você quer é que eu a engravide para que possa voltar para Chapel Falls. E tudo que eu quero é me enterrar dentro de você e nunca sair da sua cama. É uma fraqueza. Um vício. Uma distração.

Pulei da cama. O movimento abrupto enviou náuseas em espiral pelo meu estômago. Meus joelhos falharam.

Romeo estava lá em menos de um segundo, me endireitando em seus braços. E ainda assim, seu olhar permaneceu plano e implacavelmente desapaixonado. Poderia me liquefazer em uma poça de arrependimento ali mesmo, aos pés de seu Bruno Cucinellis.

— O que está dizendo é um absurdo! — Bati em seu peito, furiosa. — Nenhuma parte de mim quer ir para a Chapel Fa...

— Pare de mentir! — Foi a primeira vez que levantou a voz para mim. Ele se separou de mim, enfiando a mão em seu cabelo bagunçado e preto. — Pare de mentir para mim, Dallas. Ouvi você dizendo a sua irmã o quanto me odeia. Como quer que eu te engravide para que possa voltar para casa.

Oh não. Não. Não. Não. Não. Não.

Eu não podia acreditar que ele tinha ouvido isso. Que desastre.

— Senhor. — Inclinei minha cabeça para trás, forçando uma risada. — Eu menti para ela, Romeo.

— Por que?

— Ela descobriu que estávamos fazendo sexo. Meus lençóis cheiravam ao nosso cheiro. Tive que dar uma desculpa para permitir que você entrasse na minha cama. Não tinha contado a ela. Nunca escondi um segredo de Frankie. Ela se sentiu enganada e empurrada de lado. Ela estava ferida.

Nunca parei para pensar que ele poderia se machucar também, se ouvisse minhas palavras, mas deveria. Nenhuma delas eram verdadeiras.

Ele arqueou uma sobrancelha. — E dizer a ela que estávamos nos dando bem não era uma resposta adequada?

— Não.

— Por que?

Suspirei. — Porque ela não entenderia.

— Não entenderia o quê?

Que estou apaixonada por você.

Pelo meu captor. Meu inimigo. Minha besta.

— Porque somos complicados e ela não entende de relacionamentos. Confie em mim, Rom. Não quero ir embora. Não quero voltar para Chapel Falls. Menti para minha irmã, e consertarei isso. Prometo a você isso, mas tem que acreditar em mim.

Agarrei as lapelas de sua camisa. Se ele saísse agora, sabia que minha vida estaria acabada, ou pelo menos, a vida que eu queria para mim. Ele olhou para mim. Poderia dizer que não queria acreditar em mim. Que seus instintos de autopreservação superdesenvolvidos imploravam para que se protegesse contra outro desgosto.

Não podia acreditar que o fiz provar a traição novamente. O pensamento me deixou doente.

— Não tenho motivos para confiar em você — finalmente disse. Mortalmente quieto.

— Eu sei. — Agarrei-me a ele.

Estávamos tão perto que podia sentir o seu cheiro. Eu queria me afogar nele e nunca mais ressurgir.

— Então, por que deveria?

— Porque estou pedindo a você. — Lambi meus lábios. — E porque isso deveria ser o suficiente.

Suas narinas dilataram. Sabia que ele não queria me dar uma chance. Eu também sabia que era exatamente por isso que ele tinha desaparecido. Queria se afastar da intensidade do nosso relacionamento. Bem, eu não queria isso.

Eu o queria. Tudo dele.

Apalpando suas bochechas, abaixei seu rosto até o meu. Nossas testas se encontraram. As pontas de nossos narizes se tocaram.

Respirei fundo, meus lábios se movendo sobre os dele. — Não é o único aqui com um canto escuro em sua alma. Irei a extremos para ter certeza de que é meu. Quero você. E não desistirei de você só porque decidiu que quer tentar a vida sem mim novamente.

Isso foi o suficiente para seus lábios se fundirem com os meus.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, ele agarrou a parte de trás das minhas coxas, levantou-me enquanto minhas pernas envolviam sua cintura e me carregou pelo quarto. Enfiou a língua pelos meus lábios, beijando-me profunda e furiosamente.

Gemi em sua boca, dando no beijo tudo que eu tinha antes de subir para respirar e perceber que estávamos no corredor agora. — Onde vamos?

Mordi seu queixo, já trabalhando em desabotoar sua camisa. Não podia acreditar que tínhamos passado uma semana inteira sem sexo.

— Meu quarto. — Chupou o lado da minha garganta, movendo minha calcinha para o lado e me tocando com a mão que não estava me segurando contra seu corpo. — *Nosso quarto.*

— Nosso quarto? — Eu me afastei, olhando para ele com os olhos arregalados.

— Cansei de pedir permissão para te ver todas as noites. Está se mudando. Começando agora.



Na manhã seguinte, Romeo já estava em seu escritório quando acordei. Ele obviamente não fazia a ponte entre o Natal e o Ano Novo no que dizia respeito ao trabalho.

Eu me espalhei em sua cama enorme – *nossa cama enorme* – sorrindo para mim mesma. De alguma forma, ontem resultou na quebra de uma parede mental dele. Agora estava mais perto de me tornar sua esposa não apenas no nome, mas também no propósito.

Meu estômago roncou, anunciando regimento que estava de volta aos negócios, exigindo ser preenchido com pastéis decadentes, mas o resto de mim tinha questões mais prementes

para resolver. Como mover todas as minhas coisas para o quarto principal antes que Romeo mudasse de ideia.

Corri pelo corredor antes de lembrar que precisava fazer xixi. Escorregando para o banheiro, agachei-me no vaso sanitário rindo para mim mesma.

Com o canto do olho, vislumbrei algo na lata de lixo perto da pia. Depois de limpar e dar descarga, o pesquei.

Uma bolsa da Barnes & Noble?

Com o coração tremulo, tirei o item de dentro, embora já soubesse o que seria.

O novo livro de Henry Plotkin.

A coisa que eu queria mais do que qualquer outra coisa.

Respirações rasas sufocavam em minha garganta. Fechei os olhos, pressionando as costas das mãos nas bochechas quentes e macias.

Ele foi lá. Romeo. Esperou do lado de fora da loja a noite toda para conseguir o livro que eu queria, sabendo que não poderia ir sozinha. Depois voltou de manhã, apenas para me ouvir falar mal dele para Frankie...

Não é de admirar que ele estivesse tão zangado. Tão miserável.

Depois de se abrir comigo. Depois de compartilhar seu corpo e futuro. Depois de tudo.

E ainda.

Ele se importava comigo. Preocupou-se comigo. Cuidou de mim até recuperar a saúde, cuidou de mim e me deu banho quando pensou que eu pensava o pior dele.

Não estava me apaixonando pelo meu marido. Estava caindo direto nos braços de uma obsessão doentia e frenética.

Se ele me deixasse agora, nunca o superaria.

Ele seria para sempre meu perfeito e sombrio Romeo.

CAPÍTULO SESSENTA E UM

Dallas

Nem o comportamento distante de Romeo nem sua sede de vingança me abalaram. Foi sua capacidade de se distanciar de todos os seres vivos que provou ser fatal.

Especialmente quando essa lista abrangente me incluía.

Todas as noites dividíamos uma cama, mas assim que o sol cruzava o horizonte, seguíamos caminhos separados.

Claramente, suas táticas de sobrevivência incluíam se convencer de que sua afeição por mim poderia ser controlada.

Embora desejasse chamar sua atenção, contive-me. De alguma forma e em algum lugar ao longo do caminho, coloquei as necessidades dele antes das minhas. Que foi como aprendi o quão profundamente me apaixonei.

Vovó estava certa. O amor é uma doença, e o primeiro sintoma é priorizar a felicidade deles em detrimento da sua.

Pelo menos tivemos relações sexuais desprotegidas. Pelo menos logo abrigaria um pedaço dele – algo exclusivamente Romeo Costa – dentro de mim.

Nas horas vagas, aceitava convites para festas de gala, eventos beneficentes e até uma festa de ano novo. Enquanto isso, os

paparazzi capturaram meu marido girando uma mulher atraente na pista de dança na festa privada de algum bilionário.

— Seu marido é gostoso. — Hettie ampliou o clipe no site de fofocas. — Assim como a mãe de Zach.

Assisti através de uma névoa verde de inveja enquanto os olhos de Romeo se enrugavam de tanto rir. Quando a mergulhou, a Sra. Sun sorriu com toda a adoração e amor de uma mãe. Carinho genuíno que nunca tinha visto Monica oferecer a ele.

Em meados de janeiro, decidi visitar Chapel Falls.

— Está na hora. — Enfiei vestidos e saltos na boca aberta da minha mala. — Deveria ter ido lá no Natal, de qualquer maneira. Isso está muito atrasado.

Não é uma mentira por assim dizer, mas também não é toda a verdade.

Eu precisava escapar.

Recentemente, notei o fato de que olhava para o relógio todas as noites, antecipando a chegada de meu marido.

Os longos membros de Romeo envolveram a poltrona reclinável no canto do nosso quarto.

— Está bem. Uma semana inteira, no entanto, é um exagero. — Mastigou o chiclete, jogando o *Financial Times* no colo. O único homem com menos de sessenta anos que ainda assinava uma revista que não incluía mulheres de topless. — O que diabos fará lá por tanto tempo? Não há teatros, nem restaurantes com estrelas Michelin, nem cultura.

— Há muita cultura. — Fechei minha mala, lutando para fechá-la. Para surpresa de ninguém, eu não era do tipo que viaja com pouca bagagem. — Além disso, é a minha casa. Não vou lá pelo entretenimento. Vou lá pelas pessoas.

Romeo se levantou, fechando-a com facilidade. — Sente mais carinho por um pacote de *Cheetos* do que por seu pai.

— Para ser justa, um pacote de *Cheetos* nunca me fará mal. — Enfieei alguns elásticos de cabelo no bolso da frente. — Isso nunca me entregaria a um completo estranho para o casamento. O pior que pode fazer é manchar meus dedos de laranja.

— Eu juro, da próxima vez que o vir, darei um soco nele por tê-la entregado a mim tão rápido.

Balancei a cabeça, arrastando a bagagem para fora da cama e para o tapete. — Não vê a falha em sua própria declaração?

— Três dias — negociou, bloqueando minha passagem pela porta. — É muito tempo para desembulhar presentes e fingir que sua irmã é uma humana tolerável. Se ainda quiser voltar, pode fazê-lo depois da Páscoa.

— Por que está tão inflexível que eu volte rapidamente? Não é como se fizéssemos algo juntos.

Sua testa franziu. — Fazemos bastante. Três vezes ao dia, no mínimo. Cinco, se incluir o oral.

— Não estou falando apenas de sexo. — *Para variar.* Sexo era tudo que eu parecia pensar sempre que ele se aproximava. — Estou falando de encontros noturnos, assistindo aos mesmos programas, jantando juntos... sabe, coisas de casal.

Pela maneira como suas sobrancelhas se ergueram, quase suspeitei que ele não estava ciente do conceito.

— Já teve uma noiva antes — aponte, inclinando minha cabeça.

— Sim, mas ela principalmente gastou meu dinheiro e me deixou por conta própria. Eu trabalhava a maior parte do tempo e a levava de férias uma vez por ano.

Oh meu Deus.

Sua ideia de amor era dar abrigo, comida e cartão de crédito para a mulher ao seu lado.

— E vocês dois estavam felizes assim?

Ele me lançou um olhar *o que acha*.

Ops.

Eu já sabia o final desse filme.

Colocando a mão sobre seu peito, pulei na ponta dos pés para beijar a base de sua garganta. — Gostaria de fazer mais coisas juntos quando eu voltar?

Ele semicerrou os olhos. — Como o quê?

Pela primeira vez, não era a inexperiente e desajeitada no relacionamento.

A felicidade borbulhava em meu peito. — Pode me levar para um encontro. Jantar, depois um filme. *Então* poderei ler com a cabeça apoiada em seu ombro enquanto folheia seu jornal papel sobre dinheiro.

— Notícias sobre finanças. — Trouxe minha mão de seu peito para seus lábios, beijando-a distraidamente. — Tudo bem, se quiser, mas ainda acho que deveria voltar depois de três dias.

Eu rocei sua mandíbula, meu sorriso fazendo cócegas em sua barba por fazer. — Por que? Sentirá minha falta?

Ele franziu os lábios. — Saudade é uma invenção de Jane Austen premeditada para vender livros.

Inclinando minha cabeça para trás, rio tanto que meu estômago doeu. — Você sobreviverá sete dias sem mim, marido. Você verá.

CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

Romeo

Na verdade, não sobrevivi nem *dois* dias sem ela.

No primeiro dia, fiquei de mau humor, disparando ordens incoerentes para Cara, Dylan e todos os outros ao meu redor.

No segundo dia, tive discussões mundanas com Senior, Zach, Oliver e um barista da *Starbucks* que me ofereceu um canudo (“Gosta de estragar todo o planeta? Tem outro escondido em algum lugar que eu deva conhecer, para quando chegar a hora e todo este lugar estiver debaixo d'água?”).

No terceiro, estava escalando as paredes. *Literalmente*.

Zach mal levantou a cabeça de seu laptop, no meio de uma assembleia virtual de acionistas. — Afaste-se da minha parede, Costa. É uma casa de teto alto. Será uma merda repintar.

— Sua parede tem dois tons diferentes. Acabei de notar. Bege e branco cisne.

— E você é cinquenta tons dominado por boceta. — Do outro lado do estúdio, Oliver se dedicava ao seu hobby favorito, vasculhando seu laptop em busca de pornografia de alta qualidade. — Parece que alguém matou seu hamster de estimação.

Andei pela sala. — Estou entediado.

— Eu me ofereceria para entretê-lo do jeito que sua esposa faz, mas minha resolução de ano novo inclui apenas foder as pessoas que acho atraentes.

O tapete se achatou sob meus pés descalços. Indo e vindo. De novo e de novo.

Zach gemeu. — Está me dando dor de cabeça, Costa.

— Talvez seja a sua parede de dois tons. — Parei, franzindo a testa para fora da janela.

Meus pais moravam do outro lado da rua de Zach. Às vezes, quando estava aqui, olhava para fora na esperança de pegar uma ambulância subindo a colina até a casa de meus pais, arrancando meu pai sem vida de sua cama.

Para um moribundo, parecia estar aguentando firme. Quando ele me nomearia como CEO?

— Como está o tempo na Geórgia nesta época do ano? — Eu me perguntei em voz alta.

Zach fechou seu laptop. — Não sei, mas se não sair para descobrir, eu pessoalmente vou arrastá-lo até lá pela orelha. Apenas admita a derrota. Você se apaixonou. Por uma menor.

— Podemos, por favor, normalizar as relações sexuais com mulheres maiores de idade por lei? — Oliver resmungou.

— Não — Zach e eu respondemos em uníssono.

— Ela está com a família. — As palavras dispararam. Como se eu tivesse pensado nisso.

Tinha pensado nisso?

— Agora você faz parte da família dela. — Oliver optou por um vídeo de uma dona de casa sendo espancada pelo marido e pelo irmão dele.

Estavam compartilhando o mesmo buraco. Mesmo do meu ângulo, do outro lado da sala, poderia dizer que a ideia pode ser sexy, mas a execução provavelmente enviaria pelo menos dois dos três participantes para o pronto-socorro.

— E se ela não quiser me ver? — Desde quando me *importo*?

— Então, pelo menos sabe onde está. — Zach levantou-se, avançando para a porta. Ele a abriu, esperando ao seu lado. — E qualquer que seja esse lugar, é longe da porra da minha casa. Adeus, Costa.



Voltar a Chapel Falls estava em algum lugar da minha lista de tarefas, acima de ir morar com Oliver von Bismarck e abaixo de passar por um transplante de pelos pubianos.

No entanto, aqui estava eu, na porta da casa da infância de Dallas.

Parecia apropriado que agora eu fizesse o que deveria ter feito antes – segurando um buquê na esperança de receber o carinho da mulher que escolhi para mim.

Ao me ver, Shep deu dois passos para trás, os ombros se solidificando. — Dallas disse que sabia que ela estava aqui.

Ergueu a cabeça como se estivesse se preparando para um tapa.

Para ser justo, o pensamento me *ocorreu* uma ou duas vezes, mas, como sua filha apontou, compartilhava a culpa pelo que aconteceu.

— Claramente. Assim, aqui estou.

Ele juntou os restos patéticos de sua espinha e inclinou a cabeça, decidindo lutar. — Ela está se divertindo. Não estrague tudo para ela.

Passei por ele com o ombro, assim como tinha feito todos aqueles meses atrás. — Não tenho nenhum desejo de arruinar a diversão dela.

Ele me seguiu, ainda no limite. — Então, o que te traz aqui?

— Eu sinto falta dela.

Não poderia culpar Shep por seu choque. Afinal, nem eu conseguia acreditar que tinha aparecido.

Acontece que não há razão quando se trata de amor. Existe para destruir. Mesmo a lógica.

Segui o riso dos sinos da igreja. Aquele que costumava detestar e agora, evidentemente, não conseguia sobreviver quarenta e oito horas sem ouvir.

Vinha da cozinha. Naturalmente. O cômodo favorito de Shortbread em qualquer casa em que ela entrasse, exceto bibliotecas. O pavor acompanhou a antecipação girando em meu estômago. Estava se divertindo sem mim, enquanto eu era incapaz de fazer o mesmo sem ela.

Caminhei por todo o corredor, depois encostei-me no batente da porta da cozinha, observando enquanto Dallas, Franklin e Natasha faziam uma torta de maçã.

Shortbread rolava a massa. A farinha cobriu seu nariz e bochechas sardentas. Seus olhos brilharam de felicidade enquanto girava em seu lugar, notando minha presença pela primeira vez.

Seus lábios se separaram. — Romeo? O que está fazendo aqui? Está tudo bem em casa? É Senior?

Casa. É isso mesmo que minha mansão é para você?

— Está tudo bem. Meu pai ainda está deprimentemente vivo. — Treinei meus olhos para ela, recusando-me a ver Franklin e ser lembrado das palavras duras que Dallas usou para me descrever.

Não tinha ideia se Shortbread fazia boas tortas de maçã, mas fazia tortas quase perfeitas.

— O que está acontecendo? — Baixou a massa no balcão, aproximando-se de mim.

Coloquei as rosas brancas em suas mãos. Seu punho envolveu-as, um milhão de perguntas dançando em seus olhos.

— Nada. — Deslizei a mão em torno de sua cintura estreita, puxando-a para mim, não dando a mínima toda a sua família visse. — Apenas pensei em aceitar essa oferta de leva-la a um encontro.

— O encontro deveria acontecer quando eu voltasse da Geórgia.

— Essa linha do tempo não funciona para mim.

Ela torceu o nariz. — Por que não?

— Porque não posso ficar longe de você por mais de quarenta e oito horas.

Por fim, pareceu satisfeita com minhas palavras. Pela minha presença.

Ela colocou a mão na minha bochecha, sorrindo para mim. Lancei um rápido olhar para Franklin. Ela parecia como se eu tivesse acabado de declarar minha intenção de comer meu próprio braço ao vivo na televisão.

Mais uma vez, descobri que não me importava com o que uma adolescente pensava da minha relação. Tudo o que sabia era que era ridiculamente bom abraçar minha esposa novamente.

Dallas olhou para mim. Não pude evitar. Beije a pitada de farinha em seu nariz.

— Podemos tê-lo agora, se isso funcionar para você? O encontro.

— Agora é o momento perfeito — confirmei. — Minha agenda está aberta.

— Deixe-me apenas trocar.

Beije sua testa. — Vou esperar.

Para sempre e além, se necessário.

Semicerrou os olhos para mim. — Da última vez, me cronometrou.

— Da última vez, fui um idiota.

Ela riu, com estrelas nos olhos. Estrelas que coloquei lá. — E o que você é agora?

Agora, estou apaixonado.

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

Romeo

Entendi agora porque os homens iam a extremos drásticos para reivindicar uma mulher. Por que os aqueus invadiram Tróia por Helena, ou, no meu caso, por que desfilei por uma pequena cidade provinciana e indutora de coma de Chapel Falls por Dallas.

Shortbread sorriu, saltando a cada passo enquanto comandava nosso encontro.

Nosso primeiro destino: a biblioteca pública.

— Foi aqui que tive meu primeiro encontro com o Sr. Darcy.
— Desmaiou sobre um banco de madeira lascada na cafeteria. —
E foi aqui que dei meu primeiro beijo – com Lars Sheffield, o quarterback da minha escola.

— Pena que o mencionou pelo nome. — Entrelacei meus dedos nos dela. — Agora tenho que matá-lo.

Ela riu. — Quer jogar um jogo?

Naturalmente, meu primeiro instinto foi dizer não. — Claro.

— Eu costumava brincar com Frankie o tempo todo quando éramos crianças. Escrevíamos tópicos gerais – mamíferos, estações do ano, flores, *o que quer que seja* – em tiras de papel, dobrávamos cada uma, jogávamos dentro de um chapéu e

sacudíamos, tirando um assunto ao acaso. Ganha o primeiro que encontrar cinco livros do tema.

— Ganha o quê?

Ela mexeu as sobrancelhas. *Ah*. Certamente houve um salto de lógica no sistema de recompensa, já que o perdedor e o vencedor se beneficiariam ao pagar o preço, mas não vi sentido em chamar a sua atenção. Shortbread anotou alguns assuntos, conseguiu um boné de um estranho aleatório e selecionou um assunto.

Fruta.

Ela gritou. — Essa é boa. Nunca peguei essa antes.

Aventuramos em busca de capas e títulos com temática de frutas. Eu tinha que admitir que o jogo não era completamente estúpido. Peguei *Apples Don't Fall*¹¹³, *The Grapes of Wrath*¹¹⁴ e *Fried Green Tomatoes no Whistle Stop Café*¹¹⁵. O tomate era uma fruta como qualquer outra. E sim, essa era a minha carta na manga.

Por falar em fruta, fiquei cada vez mais faminto. Não tinha comido antes da viagem de avião para cá, muito preocupado para notar minha fome.

— Terminei — Shortbread anunciou no meio da biblioteca sem se importar com seu volume, a pilha de livros embalada em seus braços escondendo seu rosto.

¹¹³-Romance de Liane Moriarty, aborda casamento, irmãos e como as pessoas que mais amamos podem nos machucar profundamente. Sem tradução para o português.

¹¹⁴-As Vinhas da Ira, romance de John Steinbeck, publicado em 1939.

¹¹⁵-Tomates verdes fritos no café da Parada do Apito, romance de Fannie Flag. Obra-prima que deu origem ao filme homônimo dos anos de 1990.

Um velho bibliotecário a silenciou. Dallas nem percebeu quando correu para mim, exibindo suas descobertas.

— *The Curious Charms of Arthur Pepper*¹¹⁶? — Olhei para ela.
— Isso é um vegetal.

— Mas é doce como uma fruta.

— Essa é uma interpretação muito vaga de fruta. Por essa lógica, a vodca é um tipo de pão, já que ambos contêm grãos.

Meu estômago roncou. Precisávamos parar de falar sobre comida.

— Bem, talvez *seja* um tipo de pão. — Dallas passou os braços em volta dos meus ombros, a alegria estampada em seu rosto bonito. — De qualquer forma, venci.

— Ótimo. Vamos comer algo e nos hospedar em um hotel onde podemos fingir que sou um estranho que você pegou em um bar.
— Eu precisava compensar o fato de que ela nunca ficaria com outro homem, porque de jeito nenhum eu a deixaria ir.

— Ah, temos que fazer isso? — O rosto de Dallas caiu. — Queria que visse meu lago favorito. Escrevi um poema sobre isso e foi publicado no jornal local.

Eu não comia há dez horas.

Não é grande coisa, me lembrei. Você é um homem adulto. Pode ir sem comer.

¹¹⁶ O bracelete misterioso de Arthur Pepper, romance de Phaedra Patrick. No caso, pepper é pimenta, ou seja, ela usa para cumprir a tarefa da brincadeira.

— Vamos fazer isso, então. — Dei um beijo quente em sua mandíbula. — E depois, gostaria que você lesse o poema para mim.

Ela se iluminou. — Realmente?

— *Nua*.

Ela deu um tapa no meu ombro. — Porco.

Ótimo. Agora só conseguia pensar em bacon.

Lá fomos nós para seu lago favorito, onde descansamos contra seu carvalho favorito, e Shortbread fez sua coisa favorita no mundo – falou sobre a comida que queria experimentar e onde experimentaria. Japão, Tailândia, Índia e Itália encabeçaram sua lista.

Uma hora se passou, depois outra. Meu estômago começou a doer fisicamente.

— Precisamos ir, querida. — Eu me levantei, oferecendo a Dallas minha mão. Se eu não comesse logo, poderia cometer um assassinato capital.

Ela se levantou, com o rosto anuviado. — Você se arrepende de ter vindo aqui para o nosso encontro?

— Não. — Fiz uma careta. — Porque pensaria isso?

— Porque você queria ir desde que chegamos.

Eu me senti como um idiota infantil. — Só estou com um pouco de fome, só isso.

Ela enlaçou seu braço no meu. — Está bem, vamos comer, então.

Infelizmente, os residentes de Chapel Falls eram tão incompetentes quanto críticos. Os três primeiros restaurantes que experimentamos no centro da cidade não tinham disponibilidade.

O quarto estava temporariamente fechado devido a reformas. No momento em que nos aninhamos em uma mesa pegajosa em uma lanchonete pequena e comum, eu tremia de fome.

Pedi um hambúrguer e Coca Diet. Shortbread pediu panquecas. Ela tentou puxar conversa comigo, enquanto eu fingia prestar atenção genuína.

Vinte minutos depois de fazermos o pedido, a garçonete passou por nossa mesa, uniforme rosa cafona e cabelo loiro inflado intacto, e anunciou que estavam sem hambúrgueres.

— Como uma lanchonete fica sem hambúrgueres? — Eu fervia, os lábios apertados para evitar rugir.

Ela deu de ombros. — Pergunte ao proprietário. Estou aqui apenas recebendo ordens.

— Então, faça isso – vá para a cozinha e me traga o gerente. Agora.

Shortbread engasgou, girando para mim. — Romeo, está tudo bem?

— Não, nada está bem. — Deslizei para fora da cabine, caminhando a passos largos para a cozinha.

Certamente, eles teriam algo para comer. Nesse ponto, estava aberto a roer a perna de alguém se isso significasse me sentir satisfeito.

Abrindo as portas do salão, valsei para a cozinha fervente, contornando os cozinheiros e os lavadores de pratos, marchando direto para um homem de terno barato.

Dallas e a garçonete me perseguiram.

— Ei! — Ele se virou na minha direção, segurando uma prancheta. — Não pode entrar aqui.

Eu o encurralei contra a parede. Panelas batendo e gritos apressados encheram meus ouvidos. Odiava barulho. O único barulho que eu podia tolerar era o de Dallas.

— Acabou os hambúrgueres. — Agarrei sua camisa e o levantei no ar, jogando-o contra o freezer industrial.

— Romeo! — Em segundos, Dallas se lançou sobre meu braço. — Deixe o homem ir. Jesus Cristo, o que está acontecendo com você?

— N-nós ainda temos bifes. — Os olhos do gerente quase saltaram das órbitas. — D-desculpe pelos hambúrgueres. Tivemos uma festa no escritório mais cedo. Muitas pessoas pediram...

— Não quero um bife. Quero a porra de um hambúrguer.

— Vou providenciar para que alguém vá ao supermercado para comprar mais... — Uma erupção vermelha apareceu em suas bochechas, o suor escorrendo em baldes por suas têmporas. — Enquanto isso, enviaremos anéis de cebola e batatas fritas de cortesia para sua mesa.

Shortbread finalmente conseguiu me afastar. — Romeo, deixe-o ir.

Relutantemente, o soltei. Ela se meteu entre nós, o rosto rosa chamuscado. Sua expressão me puxou de volta à terra.

O que diabos aconteceu? Afastando-me alguns passos, levantei minhas mãos no ar, sinalizando que havia terminado de lidar com o funcionário.

Dallas deu um sorriso de desculpas. — Obrigada pela oferta... e pelos anéis de cebola, mas vamos para outro lugar.

Ela me empurrou para fora da cozinha e depois do restaurante. Atordoado, deixei que me arrastasse para o banco do carona do carro de Natasha.

Suor frio coçou meu pescoço. Dallas entrou em um *drive-thru* e comprou dois enormes hambúrgueres com todos os acompanhamentos, batatas fritas e refrigerantes.

Ela colocou a comida em minhas mãos antes mesmo de colocar o cartão de volta na carteira. — Coma.

— Vou esperar por você.

— Coma agora, ou enfiarei na sua garganta, Rom. Juro por Deus.

Bem, ela *insistiu*.

Devorei tudo em minutos. Tudo se foi quando contornamos dois quarteirões até um parque escondido atrás de um bairro residencial.

Shortbread desligou o motor e se virou para mim. — Teve um ataque de pânico.

A vergonha invadiu meu sistema. Na verdade, nunca havia realmente saído.

Olhei para a frente, para os escorregadores e balanços. Nunca me permiti ficar mais de quatro horas sem comer. Não por décadas.

Essa era a razão pela qual eu comia refeições nutritivas e de baixa caloria. Precisava consumir comida constantemente para manter a ansiedade sob controle.

— Só estava com fome.

— Besteira. Você é a criatura mais meticulosa que já conheci. Nunca perdeu a paciência antes. Foi desencadeado por algo. O que foi isso?

Não teve o suficiente dos meus segredos? Dos meus defeitos? Minhas imperfeições gritantes? Deve saber cada coisa terrível sobre mim?

As perguntas devem ter sido escritas em meu rosto, porque ela assentiu. — Sou sua esposa. Seu porto seguro. Preciso saber tudo. Como eu disse antes, nunca vou traí-lo.

Ótimo. Se ela quisesse uma visão particular da minha alma, conseguiria. Embora ninguém deveria ter a infelicidade de testemunhar aquela bagunça.

Ao mesmo tempo, eu era incapaz de negar qualquer coisa a ela. Meus segredos. Meus pensamentos. Meu coração. Tudo ali, numa bandeja de prata para ela devorar.

A mulher me prendeu em tal estrangulamento que a seguiria até as profundezas do inferno se ela quisesse aproveitar o clima quente.

Juntando as embalagens de hambúrguer e batata frita, enrolei-as em meu punho, evitando contato visual. — Como mencionei uma vez, Morgan não foi o primeiro passeio do meu pai na Villa dos Traidores. Mesmo antes dela, Senior tinha o hábito irritante de foder qualquer coisa com um buraco e o menor interesse por ele.

Seus olhos se agarraram ao lado do meu rosto, aquecendo minha pele.

— Ele traiu Monica intermitentemente. O casamento deles foi arranjado de acordo com as regras. Ela nasceu na riqueza; ele queria colocar as mãos nela. Suas famílias eram ambas italianas. Ambas católicas; ambas ambiciosas. Fazia sentido. Infelizmente, Senior aceitou pelo que era – um acordo com benefícios – enquanto Monica se apaixonou perdidamente por ele, exigindo sua lealdade.

O amor era uma coisa terrível. Isso trazia o feio para fora das pessoas. Embora tivesse começado a ver que também trazia a beleza à tona.

Shortbread pousou a mão na minha coxa, apertando-a.

— Meus pais passavam por ciclos viciosos. Romeo traía. Mônica o expulsava. Então, finalmente, ele rastejava de volta para ela por uma segunda chance. Sempre querendo engravidá-la novamente. Enxague e repita. Exceto que o bebê nunca veio. Monica era completamente estéril, exceto pelo eu sortudo.

Um sorriso amargo encontrou meus lábios. Perdi a conta das vezes que desejei não ter nascido.

— Quando eu tinha seis anos, Monica descobriu a traição de Romeo. Não apenas traição. Um caso real. A mulher mudou-se para sua cobertura no centro. Trouxe a merda dela com ela. Criança incluída.

A mesma cobertura que eu ocupava intermitentemente enquanto Shortbread virava meu mundo de cabeça para baixo. A mesma cobertura que eu havia dividido com Morgan. Pensando bem, não consegui encontrar um destino mais adequado para a referida cobertura do que ser totalmente queimada.

— Quando menino, acostumei-me a cuidar de mim mesmo enquanto meus pais entravam em crise. Preparava meus próprios banhos, roupas, almoço, lição de casa. Monica prestou pouca ou nenhuma atenção em mim, dedicando seu tempo a planos de sedução fracassados e tentativas de engravidar. Não importava que ela não pudesse cuidar de seu filho existente. Por isso, no começo, quando ela expulsou o Senior, eu geria.

Soltando um suspiro, segurei a mão de Shortbread, ainda na minha coxa.

— Então comecei a primeira série. Logo, ficou claro que eu não tinha adultos em minha vida. Chegava tarde na escola – se é que chegava – já que o motorista de Monica frequentemente levava recados para ela, sem deixar tempo para me levar. Estava desleixado. Cheirava mal. Falhava no dever de casa. No final do primeiro semestre, o Conselho Tutelar bateu à nossa porta.

Os dedos de Shortbread apertaram minha perna. Estudei o teto solar, recusando-me a ver a pena em seu rosto.

— A solução natural seria contratar babás, mas meus pais já foram enganados antes. Babás anteriores constantemente rompiam seus NDAs, falando à imprensa. A mãe de Zach se ofereceu para ficar comigo por algumas semanas, meses, o tempo que fosse necessário.

A essa altura, Zach e eu nos tornamos irmãos inseparáveis.

— Em última análise, Senior não suportou a vergonha que traria à sua porta se as pessoas soubessem que ele entregou seu único filho a estranhos. Estava amargurado e zangado com Monica por falhar em seu único trabalho – ser mãe. Então, encontrou uma solução. Ele me mandou para sua irmã mais nova em Milão.

Sabrina Costa era a definição do desastre. A filha amorosa do privilégio e da estupidez. A mulher passava o tempo pulando de um relacionamento tóxico para outro sem respirar. Preenchia seus dias com festas, compras e cocaína sem o conhecimento de sua família. Seu vício em drogas a levou para o outro lado do oceano, para algum lugar onde seus pais não podiam monitorar cada movimento seu.

Dallas trouxe minhas mãos para o seu colo, limpando-as da gordura do hambúrguer. — Mandaram você embora no meio do ano letivo?

Acenei com a cabeça. — Como não falava italiano, meus pais decidiram que eu deveria ser educado em casa por Sabrina, que duvido que possua mais conhecimento do que uma caixinha de música do Pequeno Einstein.

Talvez eu estivesse sendo duro. Certamente, a caixa de música conhecia mais cores e sons de animais do que minha tia.

— No minuto em que cheguei a Milão, percebi para onde as coisas iam. Sabrina não me poupou nem um minuto. Ela constantemente saía, festejando e ficando com seus namorados rotativos. Eu estava sozinho no seu apartamento. Só eu e os livros didáticos que o Senior me deixou. Uma vez por semana, ela voltava com uma ou duas sacolas de mantimentos, mas essas mal davam para dois dias de refeições.

A mandíbula de Shortbread tensionou como se estivesse se preparando para um golpe físico.

— Eu me virei, está bem? — Uma risada oca me escapou. — Sempre encontrei latas de comida espalhadas. Às vezes, comia apenas algumas colheres de pasta de tomate por dia. Macarrão seco – não sabia fazer. As latas de atum eram um verdadeiro deleite. Sempre que ela trazia alguma, me divertia muito. Eventualmente, até essas entregas pararam. Um dos namorados dela assumiu.

Dallas enrijeceu ao meu lado, o lenço umedecido cerrado em seu punho. A escuridão cobria o parque. De alguma forma, tínhamos perdido o pôr do sol.

— No primeiro dia em que o conheci, ele me levou para sair. Estava tão feliz. Foi a primeira vez que saí do apartamento desde que cheguei, quase um mês antes. Achei que Sabrina finalmente encontrou alguém que não era um pedaço de merda. Gabe me disse que me levaria para comer, e levou, só que não foi em um

restaurante. Chegamos a uma arena de luta nos arredores de Modena.

Os olhos de Shortbread se arregalaram com a palavra *arena*. E ainda assim, não disse nada.

— Ele me levou a uma gaiola, me trancou lá dentro e disse que se eu quisesse comer, precisava vencer. Não venci. Não nas primeiras quatro rodadas. Na verdade, nem lutei as duas primeiras lutas de tão atordoado que fiquei. Abriram a gaiola e me empurraram para o centro da arena com um aguilhão de gado, onde um órfão alguns anos mais velho me deu uma surra.

O lenço umedecido escorregou de sua mão, voando em direção aos pedais.

— Mais tarde aprendi a lutar mais contra os órfãos mais pesados. Estavam endurecidos, mais cruéis, cheios de inúmeras vitórias, cada uma das quais recompensada com uma refeição. Uma pequena refeição, mas comida era comida. Eu não comia há dias.

— Depois da quinta luta, me revoltei. Chutei, soquei, agarrei. Qualquer coisa para vencer. E consegui. Tiveram que me tirar de cima do garoto. Ele provavelmente era um ano mais velho, sete, mas o espanquei tanto que tiveram que carregá-lo.

— Eles me deram minha refeição. O que Gabe nunca me disse foi como seria boa. Não tinha uma refeição cozida há um mês. Então, quando me ofereceram meio prato de risoto, teria caído no chão se já não estivesse na sujeira da minha jaula.

— Gabe me levou para casa e me disse que empatou em suas apostas naquele dia. Que com um pouco de prática, viu grandes coisas no meu futuro. Ele até parou em um mercado para me comprar fast food. Isso me ajudou a aguentar alguns dias e fiquei feliz em agradá-lo se isso significasse que eu poderia comer aquele risoto novamente.

— Fomos à arena todo fim de semana. Quando ganhava, os anfitriões me ofereciam uma refeição caseira. Gabe me levava para casa, dava dicas de luta durante todo o caminho e comprava mantimentos para mim, mas eu nunca quis deixar a arena.

— Eu queria lutar. Queria *comer*. Berinjela à parmegiana. Linguini *alle vongole*. *Gnudi* ricota. Eles me deram apenas o suficiente para sobreviver nos dias entre minhas lutas.

— Eu tinha muita inveja dos órfãos, que tinham que ficar e lutar todos os dias. Os outros – crianças como eu e crianças pobres com famílias – só vinham nos fins de semana.

Engoli em seco, finalmente ousando encontrar seus olhos. Estavam secos, acompanhados por uma mandíbula cerrada. Ela se recusou a me ver como o caso de caridade que eu era e, por isso, fiquei grato.

— Eventualmente, aprendi a carregar um recipiente comigo. Uma latinha na qual despejaria minha recompensa para me segurar enquanto esperava a próxima luta. — Eu a virei na minha mão. A goma lá dentro chacoalhava contra o metal.

— Foram apenas seis meses. Quatro dos quais passei com Gabe. Foi o relacionamento mais longo de Sabrina. Ainda é, provavelmente. Ele a manteve suprida, então ela *a manteve*, mas

eventualmente acabou e nunca mais vi Gabe. No dia em que ele partiu, me disse boa sorte. Que não me visitaria. Fiquei com tanta raiva que joguei isso — levantei o estojo, apontando para o pequeno amassado — na cabeça dele. Depois berrei como a porra de um bebê. Com ele fora, voltei a depender de Sabrina para comer.

Não disse a ela que alguns dias não tinha nada para comer. Que meu peso piorou até eu parecer uma criança de quatro anos. Que meus ossos se destacavam tanto da minha pele que doía deitar na cama e dormir. Não lhe disse que dois dos meus dentes caíram. Que meu cabelo ficou quebradiço e ralo, pairando como uma nuvem sombria no topo da minha cabeça.

— Minha tia tinha pouca comida no seu apartamento, mas tinha bastante chiclete. Sua mandíbula costumava travar de toda a cocaína que cheirava, então estocou uma boa quantidade. Ajudou a matar a fome. Eu mastigava durante o dia.

Só cometi o infeliz erro de engolir chiclete para encher o estômago uma vez. Resultou em uma dor tão forte que rastejei de um lugar para outro por dois dias inteiros. Isso me lembrou que não poderia ir ao hospital caso precisasse. Que tinha que cuidar do meu corpo e nunca mais me colocar numa situação dessas.

— É por isso que é obcecado por chiclete. — Shortbread passou os dedos pela caixa ainda em minhas mãos, quase com reverência. — É o seu cobertor de segurança. Ajudou você em seu pior pesadelo.

— Isso me ajuda a manter a calma — admiti.

— E o barulho? Por que odeia tanto barulho?

— Isso me lembra a arena. Do público. Tinham seus favoritos – eu, principalmente. Lutei o mais forte. Ganhei mais dinheiro para eles. Eventualmente, comemoravam toda vez que minha jaula se abria. Cada vez que eu acertava um soco, quebrava as costelas de outro garoto, o que quer que fosse – rugiam de satisfação. Parecia que o barulho perfuraria meu crânio.

— As cicatrizes. — Acenou com a cabeça para si mesma, como se estivesse juntando todas as minhas peças confusas. — Então, o que aconteceu? Quem te trouxe de volta?

— Senior. — Abri a porta para jogar as embalagens no lixo e voltei. Não demorou mais de trinta segundos, mas me deu o ar fresco de que precisava. — Veio no final do ano letivo para me ver. Não gostou do que viu, para dizer o mínimo. Trouxe-me de volta a Potomac, contratou duas babás e avisou a Monica que, se ela não se controlasse, ele se divorciaria dela e obteria minha custódia total.

Wow... — moldou a boca em torno da palavra, em vez de pronunciá-la. — Parece que ele teve um lapso de que deveria fazer melhor por seu filho.

— Mais como percebeu que Monica não lhe daria mais herdeiros e queria manter o que ele tinha vivo. — Sibilei. — Então, é por isso que me mantenho bem alimentado a cada quatro horas. Por que masco chiclete. Por que odeio barulho. Por que sou rápido em lutar como se fosse um instinto – porque é um instinto. Luto pelo controle. Qualquer coisa que não seja potência total é insatisfatória para mim.

Uma emoção que não consegui identificar surgiu em suas feições. Algo entre raiva e orgulho.

Ela se inclinou sobre o console central, segurando meu rosto entre as palmas das mãos. — Você triunfou. Olhe para você. Maravilhoso. Bem-sucedido. Realizado.

— *Fodido* — completei, meus lábios perseguindo os dela, exigindo ser beijado.

Ela me beijou devagar e com firmeza, mas manteve a paixão fora disso.

Quando se afastou, ela deu um tapinha na minha barriga. — Prometo garantir que sua barriga esteja sempre cheia. Não será difícil, confie em mim. Eu também sou uma grande fã de comida.

Ela estava tentando fazer pouco caso disso. Embora apreciasse, não havia necessidade.

— Estou melhor agora. — Passei meu polegar sobre suas sardas enlouquecedoras. — Bem, principalmente.

— Serei uma boa mãe para nossos filhos. Prometo. Vou colocá-los em primeiro lugar, sempre. E que se dane o pai deles.

Acreditei nela. Era uma das coisas que eu mais gostava em Dallas. Ela tinha os instintos de uma mãe. Seu filho nunca ficaria sem roupa, com fome ou sujo.

Dallas agarrou meus ombros, pressionando sua testa na minha, me inspirando. — Sei que foi ferido além das palavras. As pessoas que deveriam ser seus protetores – Monica, Senior, Morgan – falharam com você, mas se um dia seu coração se abrir... espero ser eu quem tenha a chave para isso.

Já estou indecentemente apaixonado por você. Só que nunca pode saber.

Seu poder sobre mim seria tão completo, tão destrutivo, se soubesse a força de meus sentimentos por ela.

Dallas Costa me assustava. Não era Morgan. Não precisava de uma chave para o meu coração.

Ela já chutou a porra da porta.

CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

Dallas

A ideia de me separar de Romeo assim que voltássemos a Potomac me horrorizava.

No entanto, ele tinha um emprego. Responsabilidades. Uma vida além de mim.

E eu?

Senti como se a gravidade tivesse me abandonado. Como se flutuasse sobre a Terra, lutando para me firmar em minha nova realidade. Uma realidade de lutas de arena na infância, relacionamentos complicados com comida e vingança justificada.

Eu queria abraçá-lo. Para curá-lo, mas acima de tudo, queria me amaldiçoar por julgá-lo. Não havia bestas. Apenas uma pessoa cuja dor foi esculpida do lado de fora.

Todas as noites, Romeo se arrastava para nossa cama e apoiava *meu* sonho.

Fizemos sexo. Muitos disso. Sem proteção. Na cozinha. Na sala de cinema. Na sauna. Mesmo na academia, quando me arrastou até lá para uma aula de *spinning* com Casey Reynolds – o ponto que ainda me escapava. Por que alguém subiria em uma bicicleta para ir a lugar nenhum?

Uma semana depois de voltar de Chapel Falls, relaxei no sofá da sala, folheando as fotos do casamento com Hettie. Desta vez, pretendia imprimir uma com meu marido.

Eu pulei para a próxima imagem. — Que tal essa?

— Cara, pela quinquagésima vez, ambos parecem excessivamente gostosos em todas as fotos. Acho que te odeio por isso.

— Bem, legal. Podemos parar. Por agora.

— Oh! Graças a deus. — Pegou o controle remoto da televisão e saiu do aplicativo de seleção de fotos. — Vamos colocar *Friday Night Tykes* novamente. Nada se compara a ver homens adultos ficando irracionalmente zangados com garotos de dez anos correndo atrás de uma bola.

Algo brilhou na tela antes que ela mudasse de canal.

— Espere. — Agarrei-me ao braço de Hettie. — Volte.

Ela apertou um botão, revelando uma notícia de última hora. Uma manchete rolou na tela: **as ações da Licht Holdings despencaram novamente.**

A repórter falou em seu microfone. — Nossas câmeras estão no terreno em frente à Licht Holdings enquanto o CEO Theodore Licht e seu filho Madison estão sendo levados algemados por agentes especiais do DOJ¹¹⁷ da seção de Fraude. Nossas fontes no Departamento de Justiça indicam que a dupla Licht foi presa por acusações de fraude corporativa. Com o fim das chances da Licht

¹¹⁷-Departamento de Justiça.

Holdings de trabalhar com um órgão governamental, quem tomará seu lugar? Mais detalhes chegarão a você esta noite.

Hettie desligou a televisão, virando-se para mim. — *Oh. Meu Deus.*

Respirei fundo. Eu sabia o que isso significava. E ao contrário do que ela poderia ter pensado, não era bom.

Ao longo da minha estada em Potomac, percebi o nível absoluto de mesquinhez que Madison exalava. Ele precisava ter a última palavra. De jeito nenhum isso seria o fim. Um Madison encurralado era perigoso. Na verdade, em nosso voo de Chapel Falls, Romeo mencionou seu encontro de Natal com ele.

Minhas mãos correram para o meu telefone. Com dedos instáveis, liguei para Romeo.

Ele atendeu no primeiro toque. — Shortbread?

Hettie limpou a sala, me dando espaço.

— Vi a notícia.

— Não parece feliz.

— Não estou. Estou preocupada. — Comecei a andar, roendo as pontas do meu cabelo. — É uma acusação de fraude corporativa. Ele sairá sob fiança em pouco tempo. Temos que lidar com ele vagando pelas ruas até o julgamento terminar. Isso pode levar anos, Romeo.

— Contratei uma equipe de segurança completa. A partir de amanhã, quando sair de casa, um homem treinado em artes marciais a seguirá. Prometa-me que vai deixá-lo.

— Não estou preocupada comigo. Estou preocupado com *você*.

— Não fique. A Costa Industries é o prédio mais seguro do Condado de Arlington.

— O Pentágono fica no condado de Arlington — observei.

— Eu disse o que disse. — Podia ouvir o sorriso em sua voz, mas não conseguia encontrar em mim um sorriso que combinasse com sua diversão.

Parei de andar. Meus lábios se separaram.

Três palavras pesaram na ponta da minha língua.

Queria soltá-las. Lançá-las no universo. Para ouvi-lo dizer de volta.

Não o fiz.

Parecia uma tolice confessar agora – pelo telefone, logo após a prisão de Madison.

Engoli as palavras.

Sem saber o quanto me arrependeria disso.

CAPÍTULO SESSENTA E CINCO

Romeo

Pela primeira vez em mais de uma década, existia ao lado do meu pai sem querer dar um soco na sua cara.

Afinal, precisava que sua boca funcionasse para o anúncio que ele planejava fazer nos próximos dezoito minutos – verifiquei meu Rolex.

Sentamos diante de todo o conselho e dos principais acionistas durante a reunião anual de acionistas da Costa Industries. Não poderia ter vindo em melhor hora.

Passamos coletivamente os primeiros trinta minutos regozijando-nos com a queda da Licht Holdings, a foto vazada de Madison e seu pai aparecendo na tela do projetor atrás de mim.

As coisas tinham se encaixado. E logo, após o curto recesso, Senior anunciaria oficialmente sua aposentadoria e me indicaria para assumir seu cargo.

No canto, Bruce estava de mau humor, segurando um palito de pão de cortesia na mão.

Foi uma pena não ter obtido nenhum triunfo, nenhum prazer, por saber que em breve seria anunciado como CEO da Costa Industries. Na verdade, não queria o cargo. Apenas pelo tempo que levaria para destruir a empresa.

Quanto a Bruce, nunca provocou um conflito genuíno em mim. Sabia que assim que o empurrasse para fora do meu caminho, ele seria nada memorável e insignificante, apesar de sua persistente presença amarga.

Quase como um peido, mas um com uma folha de pagamento gorda.

Verifiquei meu bate-papo em grupo quando uma mensagem zumbiu de von Bismarck.

Ollie vB:

Quanto vocês querem apostar que a população carcerária local também acha o rosto de Madison Licht passível de soco?

Romeo Costa:

Sinceramente, prefiro que achem fodível.

Zach Sun:

Esqueça isso.

O que está acontecendo com a posição de CEO, Rom?

Romeo Costa:

É minha.

A qualquer minuto agora.

A Licht Holdings está fora do jogo.

**MY DARK
ROMEO**

PARKER S. HUNTINGTON
L.J. SHEN

Bruce está comendo suas emoções.

Enquanto eu fazia horas extras, ele pegava a nova recepcionista.

Quase vinte e dois anos de idade.

O Senior não gostou.

Nem o marido dela, que está ameaçando publicar tudo.

Zach Sun:

Estou orgulhoso de você.

(Finja que me importo o suficiente para dizer o que acabei de dizer.)

Ollie vB:

Não ligue para ele.

Estou orgulhoso de você.

Sua dedicação em arruinar os outros só pode ser comparada à de *Stefano DiMera*¹¹⁸.

Zach Sun:

Desconheço este nome.

Político? Figura histórica?

Ollie vB:

¹¹⁸-Personagem fictício da novela da NBC "Days Of Our Lives", interpretado por Joseph Mascolo. Assim como seu pai, Stefano procurava expandir seu império criminoso em Salem.

Personagem de *Days of Our Lives*.

Supervilão.

Faz *Billy the Kid*¹¹⁹ parecer um gatinho.

Romeo Costa:

Uma pergunta, @OllievB - por quê?

Ollie vB:

Esquece que minha vida consiste em respirar e ser pago por isso.

A TV diurna era tudo o que eu tinha a meu favor antes que as redes de *streaming* entrassem no jogo.

Fiz uma careta para a caixa de texto no meu telefone, perdendo tanto o fio da conversa quanto minha paciência.

Ollie vB:

Não descarte antes de tentar.

Aquela vez em que Marlena estava possuída pelo demônio foi selvagem.

A cena do exorcismo é uma das melhores da TV que já vi.

Zach Sun:

¹¹⁹-Pistoleiro e ladrão de gado e cavalos.

Isso porque a pornografia amadora ocupa a maior parte do seu tempo de tela.

Ollie vB:

A pornografia amadora só te atinge de forma diferente.

Pode suspender sua descrença de que essas pessoas são realmente meio irmãos, sabe?

Nunca pode fazer isso com pornografia estabelecida.

Zach Sun:

Suspender sua descrença?

Acabou de recitar o enredo de uma novela em que uma mulher levita pela sala sem olhos.

Sabe que o Papai Noel não existe, certo?

Ollie vB:

Claro que existe.

Eu o vi no shopping neste Natal.

Zach Sun:

Precisa desesperadamente de um hobby.

Ollie vB:

Eu sei.

Mas Rom não me dará o número de sua cunhada. :(

Romeo Costa:

ela é muito nova p...

Estava prestes a informar Oliver de quão perto estava de ser cancelado por seus amigos de infância quando notei algo estranho.

Sussurros ecoaram pela sala, passando de um acionista para outro.

Cara correu para mim da mesa de bebidas, guardando o telefone no bolso ao longo do caminho.

Ela se inclinou em meu ouvido, a voz baixa. — Madison e seu pai estão saindo sob fiança.

Merda.

— Já? Geralmente leva quarenta e oito horas para uma audiência de fiança.

— Seus advogados aceleraram a audiência e, bem, os Licht ainda têm muitos amigos em D.C.

A ameaça de Madison ecoou em meu crânio. O cretino tinha a espinha dorsal de um chiclete, mas quando se tratava de Dallas, recusei-me a arriscar.

Peguei meu telefone, enviando uma mensagem de texto para Alan, que recontratei esta manhã. Não estava pronto para retomar suas funções de proteção até amanhã.

Romeo Costa:

Pode começar mais cedo?

Alan Reece:

Cedo quando?

Romeo Costa:

Cedo agora.

Alan Reece:

Estou em um voo de Nova York para Potomac.

Pousarei em BWI¹²⁰ em uma hora.

Obrigado porra.

Cara saiu enquanto emiti um alerta para minha equipe de segurança da propriedade, exigindo que aumentassem o nível de ameaça para amarelo e seguissem o protocolo adequado.

Ao meu lado, Senior levantou-se, assumindo seu lugar diante do microfone no pódio.

— Bem-vindos de volta, senhores.

¹²⁰-Aeroporto Internacional de Baltimore-Washington Thurgood Marshall.

Na plateia, os lábios de Marla Whitmore se apertaram. Como nossa única mulher no conselho, meu pai adorava fingir que ela não existia.

Isso tornava o fato de ela se recusar a beijar sua bunda muito mais agradável.

— Ao retomarmos esta reunião, gostaria de fazer um anúncio. É algo que tenho certeza de que todos esperaram há algum tempo.

No canto da sala, Cara acenou com o telefone, chamando minha atenção novamente. O meu tocou com um texto segundos depois.

Cara Evans:

Emergência.

Romeo Costa:

Isso pode esperar?

Ele fará o anúncio a qualquer momento.

E com certeza, Senior fez.

— Com efeito imediato, estou me aposentando como CEO da Industries Costa. Meu último ato como CEO será anunciar meu candidato como sucessor...

Cara Evans:

Acabei de saber que Madison Licht está a caminho de sua casa.

Dallas está em casa.

Pulei para fora do meu assento, fazendo-o voar atrás de mim. Ele bateu contra a parede, quebrando a perna.

Meu pai riu no microfone.

— Calma aí. Ainda nem anunciei seu nome, Romeo. As crianças hoje em dia... — balançou a cabeça. — Tão vigorosas.

Risos esparsos ricocheteavam nas paredes. Caminhei direto para a saída atrás de Senior, provocando uma carranca entre suas bochechas encovadas.

— Onde está indo, filho? — Suas palavras viajaram pelo microfone para todos os oradores da sala.

Não respondi.

Ele gesticulou para a segurança bloquear meu caminho. Quatro ternos me cercaram, espalhados em um semicírculo. Poderia levá-los. Eu tinha ampla experiência em luta e urgência em pânico alimentando minhas células.

No entanto, para ganhar tempo, recorri ao Senior. — Madison Licht está sob fiança e se dirige para minha casa. Para minha esposa.

— Alerta sua segurança.

— Alertei.

Ao nosso redor, os sussurros dos acionistas ganharam volume.

Bruce enfiou a cabeça na bandeja de massa em que descarregara suas emoções, vendo o sol espreitar além das nuvens pela primeira vez desde que meu pai o informou de sua decisão.

Senior pigarreou, desacostumado a ter sua autoridade questionada de maneira tão pública. — Não há mais nada que possa fazer. A assembleia anual de acionistas acontece apenas uma vez por ano. Sente-se.

Eu me virei para seus lacaios, ignorando meu pai. — Um milhão de dólares para cada um de vocês se afastarem-se.

Eles se entreolharam, tentando avaliar se eu cumpriria a promessa.

— A oferta reduz em cem mil a cada segundo que passa. Um...

Eles se espalharam pela porta.

Do pódio, Senior ainda não havia percebido que destruir a Costa Industries significava uma merda comparada a Dallas.

— Sente-se, Romeo Costa Jr., ou então me ajude, você nunca mais pisará nesta sala, muito menos como CEO da Costa Industries.

Saí porta afora e nunca olhei para trás.

CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

Romeo

O Maybach parou no meio-fio quando escapei do prédio. Cara deve ter alertado Jared.

Corri para o banco de trás, tirando meu telefone do bolso.

— Para onde, chefe? — Jared me examinou pelo espelho retrovisor, abaixando o chapéu.

Dallas uma vez me importunou sobre liberá-lo de seu uniforme. Alegou que deve se sentir como um macaco de circo nele.

Dallas.

Da próxima vez que ela fizesse uma sugestão, mesmo que fosse doar meus dois rins para a ciência, eu a cumpriria sem demora.

Se houvesse uma próxima vez.

— Casa. — Consegui não gritar. — O mais rápido que puder.

Jared me ofereceu um breve aceno de cabeça e pescou uma garrafa de água da minigeladeira ao seu lado, entregando-a para mim, como sempre fazia.

Não tinha nenhum maldito tempo para sua rotina.

Colocando-a debaixo do braço, enviei uma mensagem para Zach e Oliver.

Romeo Costa:

@ZachSun Com que rapidez consegue rastrear a localização de
Madison Licht?

Ollie vB:

Cadeia do condado? Instalação de detenção do FBI?

Ou, se existe um deus, um site escondido da CIA?

Tomei um gole de água, tentando ao máximo não perder a
compostura enquanto esperava por uma resposta real.

Eu chegaria lá a tempo. Precisava.

Romeo Costa:

Ele saiu sob fiança.

Ollie vB:

Merda.

Zach Sun:

Se ele estiver com o telefone, um minuto.

Aguarde.

Romeo Costa:

@ZachSun, terminou? Já passou porra um...

Um arrepio percorreu minha pele, subindo por cada pelo do meu corpo. Como se eu tivesse sido eletrocutado.

Deve ser atrito estático.

Não consegui porém, terminar de digitar minha frase.

Uma onda de náusea atingiu meu estômago como um soco. Um rosnado gutural escapou dos meus lábios. Ergui a garrafa de água, com a intenção de beber novamente, e notei minhas mãos tremendo. Minhas mãos *nunca* tremeram.

Fiz um inventário dos meus sintomas.

Mãos trêmulas. Respirações lentas. Visão nebulosa. Meu corpo inteiro torceu do avesso como cobras deslizando dentro dele.

Os olhos de Jared encontraram os meus através do espelho retrovisor antes de correr de volta para a estrada à frente. Reconheci a culpa quando a via.

E poderia provar a traição a milhares de quilômetros de distância.

Fui envenenado.

Madison ou Bruce?

Nem precisei pensar duas vezes. Madison, claro.

Bruce era conivente, mas convencional demais para matar. O homem era nervoso como uma bola de *softball*.

Madison deve ter pago meu motorista para me matar. O problema era que eu não tinha ideia do que havia jogado na água. Não há como saber o quão terrível era minha situação ou qual poderia ser o antídoto.

Eu também duvidava que Jared soubesse.

Uma coisa era certa – mencionar isso a ele agora, enquanto estava muito fraco para respirar direito, seria um erro.

Voltando minha atenção para o meu telefone, escrevi uma palavra.

Romeo Costa:

Envenenado.

Em meio segundo, o nome de Zach apareceu na minha tela.

Aceitei a ligação, doente demais para falar. Ainda bem, já que Zach não queria minha conversa. Precisava da minha localização por meio de seu aplicativo de GPS.

— Mal posso esperar para chegar em casa — resmunguei, para que pudesse ouvir para onde eu estava indo. A julgar pela paisagem, chegaria lá em quatro minutos.

Textos corriam pela minha tela.

Ollie vB:

Mandei uma ambulância para sua casa.

Indo para lá agora.

Observação – amei como insistiu em colocar um ponto após a palavra veneno, mesmo em seu leito de morte.

Sua paixão pela boa gramática é louvável.

Ah, e guarde o que bebeu ou comeu com você, para que possamos fazer uma verificação e ver o que há lá dentro.

Fiquei grato por meus amigos, apesar de exibirem normalmente a idade mental de treze anos, serem engenhosos em tempos difíceis.

Alívio tomou conta de mim quando percebi que Madison provavelmente deixaria Shortbread em paz. Não adianta machucá-la sem que eu esteja vivo para testemunhar.

Os ombros de Jared estremeceram com os nervos. Lançou olhares para mim pelo retrovisor, agarrando o volante com força, deixando manchas de suor na capa de couro macio. Ele esperava que eu caísse morto e estava se perguntando por que ainda estava sentado, parecendo calmo e controlado, ou estava pensando duas vezes.

Há uma chance de menos zero de eu deixá-lo ir embora disso.

Se eu sair dessa vivo.

Nunca fui um grande fã da vida. Crescendo, passei incontáveis dias desejando nunca ter nascido.

Então, o pânico estranho que tomou conta do meu peito me surpreendeu.

E com isso veio uma percepção inquietante: eu não queria morrer.

Queria mais tempo com Dallas “Shortbread” Costa. Com minha esposa.

Queria ouvir a sua risada. Experimentar novas comidas com ela. Dançar juntos em salões de baile – desta vez porque ela queria me conceder essas danças, não por pressão social. Queria seduzi-la e ser seduzido por ela. Queria renovar nossa lua de mel parisiense.

Inferno, uma parte de mim queria ver nosso filho.

Seria um menino ou uma menina? Castanho ou de olhos cinzentos? Com seu temperamento? Ou meu senso de humor seco? E a sua risada? Já estava grávida?

Porra, e se ela estivesse? Não estava pronto para dizer adeus.

O carro parou na frente da minha mansão. O pensamento passou pela minha cabeça que poderia muito bem ser a última vez que era recebido por Dallas em nossa casa. Se ela ainda estivesse lá. Empurrando a porta aberta, tropecei para fora, ziguezagueando meu caminho até a porta.

Jared voou pelo lado do motorista, logo atrás de mim. — Chefe, não parece bem. Devo...

Irrompi pela minha entrada, caindo de joelhos.

Meu corpo estava desligando. Um órgão de cada vez. Rastejando em direção à escada, passei por Hettie que vinha da cozinha, um saco de laranjas embalada em seus braços.

— Mantenha Jared fora de casa — murmurei.

Ela não perguntou o que estava errado. Fez o que eu disse e bloqueou o motorista com seu corpo esguio.

A jornada até a escada em espiral foi excruciante. Cada passo parecia me custar um ano da minha vida. O suor escorria por cada centímetro de pele. Branco pontilhava minha visão.

Finalmente, cheguei ao quarto de Dallas. Embora dormisse no nosso nos dias de hoje, ela ainda amava o quarto que ocupou pela primeira vez quando se mudou para cá. Estava cheio de seus livros. Do seu cheiro. De sua doce existência.

Ela passava a maior parte das tardes lendo no parapeito da janela.

O alívio que senti ao vê-la enroscada na frente da janela, com um livro no colo, foi imediato. No mínimo, poderia dizer a ela o que queria dizer.

Ela parecia uma pintura tão única, tão especial, que nem Zach conseguiria colocar as mãos nela. Em um vestido turquesa claro. Seu pano de fundo era um reino invernal de neve perolada. Mechas de seu cabelo escaparam de seu coque bagunçado. Eu me amaldiçoei por todas as vezes que quis colocá-los atrás da sua orelha, mas não o fiz.

A vida era muito curta para não se apaixonar loucamente pela garota que deixava você exausto.

O olhar de Shortbread saltou das páginas do livro para mim. Ficando boquiaberta.

O céu estava caindo através do reflexo de seus olhos. Mesmo que nunca a ouvisse responder as palavras que estava prestes a dizer, sabia que era o suficiente.

— Rom! — Jogou o livro de lado, ricocheteando no chão.

Isso me deu muita satisfação por ela ter maltratado seu livro para mim. Seus livros eram seu mundo inteiro. Correu para mim, me pegando em seus braços. Agachando-se, ela levantou minha cabeça, embalando-a.

Percebi que parecia tão horrível quanto me sentia porque seus dedos tremiam tanto que me deixou cair em seu colo com um *baque* sem cerimônia.

— O que está acontecendo? — Suas pupilas dançavam histericamente em suas órbitas. — Por que parece tão pálido?

— Envene... — nem tive energia para acrescentar o “nado” no final.

Ela respirou fundo e puxou o telefone, ligando para o 9-1-1. De alguma forma levantei a mão, empurrando-o. Não conseguia sentir o seu toque. Seu calor. Parecia que eu estava envolto em um algodão sem temperatura.

— Ambulância a caminho.

— Vou matá-lo. — Enterrou o nariz no meu ombro. Não podia sentir o cheiro de seu cabelo de rosa. — Madison. Ele fez isso com você.

Minhas pálpebras se fecharam. Colhi cada grama da minha força restante. Só teria uma chance de dizer isso. Precisava ser firme. Claro.

Nossos olhos se encontraram. — Tenho algo a dizer.

Curiosamente, estava mais ocupado contando a ela o que vim dizer do que ficando furioso com Madison.

Acontece que Dallas estava certa, afinal. O amor venceu o ódio. O bem venceu o mal. Quando se dá seu último suspiro, não pensa nas pessoas que detestava. Pensa naqueles que ama.

— Isso é muito importante, Shortbread. Está ouvindo?

Embora não pudesse sentir seu corpo, podia sentir sua dor. Ela parecia com o coração partido. Do jeito que estava na noite em que a conheci no baile de debutantes.

Ah, porra. Mesmo naquela época, eu era impotente contra ela, não era? Desde o momento em que a vi naquele salão de baile, em seu pequeno universo, cercada de doces e com a cabeça cheia de distantes terras fictícias, eu a desejei.

— Sim. — Tremeu, segurando minhas bochechas com mais força. Nossos rostos se fundiram. — Estou ouvindo, Rom.

— Estou apaixonado por você, Dallas Costa. Amo cada pedaço de você. Cada célula. Cada respiro. Cada risada. Você me enfeitiçou e não quero deixar este mundo pensando que não sabe o quanto me mudou.

— Não, Rom. Não.

Dallas descansou minha cabeça no chão. A percepção de que eu tinha perdido o controle completo sobre meu corpo me atingiu como um bumerangue. Ela desabotoou minha camisa em uma tentativa desesperada de me salvar. Seus olhos percorreram

minha pele, procurando por um sinal revelador. Uma marca de mordida. Qualquer coisa com a qual pudesse trabalhar.

Pela primeira vez desde que a conheci – e conhecendo-a, talvez nessa década – uma única lágrima apareceu no canto de seu olho. Rastejou por sua bochecha, passando por seu queixo. Apenas uma lágrima, mas essa lágrima me trouxe a maior alegria que já senti em minha vida.

Afinal, minha esposa corajosa e desafiadora *podia* chorar. E bastou eu morrer para acontecer.

De repente, as lágrimas deslizaram por suas bochechas, pingando de seu queixo para o meu. Suas sobrancelhas franziram ao ver o líquido escorrendo pela minha mandíbula. Analisou meus olhos antes de perceber que não tinha vindo de mim. Com a mão trêmula, levou a ponta do dedo à bochecha, recolhendo uma lágrima.

Dallas a estudou, quase confusa. — Estou chorando.

Eu também te amo, Shortbread.

As sirenes das ambulâncias enchiam a sala com seus gritos histéricos. Fechei os olhos, me perguntando por que não podia nem morrer em paz nos braços da mulher por quem estava relutantemente apaixonado.

— Estão vindo para salvá-lo. Por favor, espere. — Dallas beijou minha bochecha. Minha testa. A ponta do meu nariz. Minhas pálpebras.

Quando fechei os olhos? Não conseguia lembrar, mas aconteceu, porque eu não conseguia mais vê-la.

Eu precisava vê-la. Só mais uma vez.

— Por favor, Rom, fique acordado. *Por favor.* Por mim?

— Farei qualquer coisa por você — ouvi-me dizer, antes que o mundo escurecesse e as ambulâncias parassem de gritar. — Você é minha reviravolta favorita na história.

CAPÍTULO SESSENTA E SETE

Dallas

Então, essa era a sensação de chorar.

Como se a morte me estrangulasse em suas mãos cruéis, e eu lutasse em seu aperto apesar de desejar me juntar a ele.

Lágrimas pesadas rolaram pelo meu rosto. A culpa me consumiu como um monstro sanguinário, banquetecendo-se com meus órgãos.

Você fez isso com ele. É sua culpa.

Enquanto Romeo estava imóvel em meus braços, não pude deixar de me perguntar onde estava a coisa que o envenenou e como poderia colocar minhas mãos nela para me juntar a ele no sono eterno.

O desejo que fiz se recusou a parar de soar em meus ouvidos.

Meu único desejo é que você morra em meus braços, Romeo Costa. Quero vê-lo quando der seu último suspiro. Sentir sua pele ficar fria e sem vida sob meus dedos. Meu desejo é testemunhar suas narinas lutando para se mover enquanto consome oxigênio pela última vez. Quero vê-lo sofrer por todo o sofrimento que me causou. E não há nada nem ninguém que eu queira mais nesta vida.

Minha fantasia se transformou em minha realidade e minha realidade se transformou em meu pesadelo. Eu balançava para frente e para trás, tremendo com soluços que me rasgavam como facas afiadas.

— Não pode me deixar. Agora não. Não quando finalmente me ama. Você não pode morrer. Sobreviveu a muito.

Segurei sua bochecha, tão pálida e congelada sob meus dedos. — Meu Romeo sombrio. Minha besta incompreendida. É mais forte que o veneno, que a mortalidade, que *a morte*. Nunca cheguei a dizer que te amo. Acorde e prometo dizer de volta.

Ele não se mexeu. Não piscou. Não *respirava*.

O tempo é a arma preferida do arrependimento. E desta vez, isso me atingiu com tanta força que sabia que nunca me recuperaria.

Apertei nossas testas, implorando para pegar sua frieza e trocá-la pelo meu calor. — Por favor volte para mim. Eu te amo mais do que amo tudo nesta vida combinado – minha família, meus amigos, meus livros, eu mesma.

Inclinei minha cabeça para cima e peguei uma pétala de rosa enquanto ela flutuava, pousando no criado-mudo.

A última pétala caiu.

Justo quando Romeo disse que me amava. Muito tempo depois que me apaixonei por ele. E continuaria. Despencando nas profundezas infinitas do meu amor por ele, mas o nosso não seria um conto de fadas com final feliz. Em vez disso, o que recebi foi um conto de cautela.

Meus braços o envolveram com mais força, mesmo quando senti uma mão descansar em minhas costas.

— Vamos, Dallas. — Era Zach, com sua voz aveludada. O homem poderia anunciar o apocalipse na televisão nacional e ainda soaria como se estivesse persuadindo você a ir para a cama com ele. — Os paramédicos estão aqui.

Foi necessária sua força gentil para soltar meus braços de meu marido, enquanto os paramédicos circulavam Romeo, colocando-o em uma maca. Eu estava mole e sem ossos nos braços de Zach. Ele tentou me endireitar para ficar de pé, mas desabei em uma bolha em forma de feto no chão.

Colocando as mãos na cintura, ele olhou para mim de cima. — O seu é o casamento de conveniência mais idiota que já testemunhei.

— Eu o amo. — Gemi em meu peito, uma poça de lágrimas se acumulando no meu pescoço. — Eu o amo tanto. Não posso viver sem ele.

Zach recuou, como se os sentimentos fossem uma doença contagiosa. Oliver entrou na sala enquanto conduziam Romeo para fora.

Eu sabia que deveria ter perseguido os paramédicos pelo corredor. Juntando-me a eles no caminho para o hospital. Fazendo perguntas.

Qualquer coisa menos ficar aqui, mas me sentia muito vazia para me mexer.

Oliver inclinou a cabeça. — *Uh-huh.* O que temos aqui?

— Uma Julieta aflita. Diz que não pode viver sem ele. — O tom de Zach combinava com o de um comercial farmacêutico. A voz que tagarelava sobre os desagradáveis efeitos colaterais da droga anunciada.

Ele tirou um desinfetante para as mãos do bolso e espremeu uma boa porção na palma da mão.

— E o jeito de ela mostrar isso é tirando uma soneca no chão?

— Não tirarei uma soneca no chão, seu idiota. — Fiquei de pé. Uma nova raiva ferveu em minha corrente sanguínea. — Lutarei por ele. Tenho que mostrar a ele o que significa para mim.

Não sabia por que eu disse isso a eles. Talvez precisasse verbalizar isso para mim mesma.

Oliver girou as chaves no dedo. — Vou levá-la ao hospital.

Zach assentiu. — E eu caçarei Jared, levá-lo para a polícia e colocá-los a par das besteiras de Madison.

Talvez estivessem fazendo isso por minha causa, mas sua calma absoluta quase me fez esquecer a última vez que segurei Romeo. Estava tão frio quanto o piso de mármore do salão de baile onde nos conhecemos.

— Ele ficará bem, não vai? — Agarrei as lapelas de Zach.

Tinha a sensação de que a língua de Oliver não era confiável, seja com suas palavras ou com o prazer que ele trazia para as mulheres.

Zach desviou o olhar, conduzindo-me para fora da sala pelas minhas costas. — Vamos.

Eu me virei, olhando para o local onde segurei Romeo pela última vez.

Nunca tinha percebido isso antes. Esse casamento é um espelho, mostrando exatamente onde estão suas partes vazias antes de preenchê-las.

E se Romeo me deixasse, eu ficaria para sempre vazia.

CAPÍTULO SESSENTA E OITO

Dallas

Não deixei sua cabeceira de hospital.

Não para comer. Não para beber. Não para tomar banho.

Frankie, mamãe e Monica correram para o meu lado assim que a notícia foi divulgada.

Elas se revezavam para me trazer comida e roupas limpas, mas só conseguiam me persuadir a ir ao banheiro. Mesmo assim, cuidei dos meus negócios rapidamente.

Dias comiam um ao outro.

O tempo não era meu amigo, escorregando entre meus dedos como areia movediça. Em um minuto, fiquei em êxtase por Romeo não estar morto, por seu coração ainda bater, por ter resistido, lutando por cada respiração. No outro, desmoronei em completo desespero.

Ele não estava melhorando. Existia como uma estátua gloriosa. Imóvel, mas bonito.

A porta giratória nunca parava.

Zach. Oliver. Sra. Sun. Cara. Mônica. Senior. Mamãe. Frankie.

Centenas de arranjos de flores e oferendas de alimentos chegavam todos os dias de colegas e amigos. Doei todos elas. Fizeram parecer que Romeo não estava mais vivo.

O próprio pensamento me fez querer me jogar pela janela.

No quarto dia do coma induzido de Romeo, seu advogado entrou, junto com Senior. Jasper Hayward. Eu o reconheci desde o dia em que assinei um acordo pré-nupcial. Minha coluna se endireitou. Limpei as lágrimas e teias de aranha dos meus olhos.

— O que está fazendo aqui? — Eu me levantei, olhando entre os homens. — Não há nenhuma razão para fazer uma visita a ele. Não há nenhuma mudança em sua condição, e os médicos não discutiram de retirá-lo do suporte de vida, então não há absolutamente nenhuma maneira...

— Dallas. — Senior colocou a mão no meu ombro. Eu me afastei, dando um passo para trás. — Não se preocupe tanto. O Sr. Hayward está aqui para revisar alguns documentos. Isso é tudo.

Documentos, minha bunda.

Confiava em Jasper Hayward como confiava no método anticoncepcional. E eu confiava ainda menos em Senior.

Eu tinha visto o vídeo vazado da reunião de acionistas. Assim que Romeo saiu da sala para me salvar, seu pai cumpriu sua ameaça e anunciou Bruce como seu substituto.

Meu olhar cauteloso viajou entre seus rostos. — Faça isso rápido. Estarei aqui o tempo todo.

Senior piscou para mim. — Realmente o ama, não é, criança?

Nivelei seu olhar com o meu. — Eu *mataria* por ele, senhor.

Após o silêncio constrangedor que se seguiu à minha declaração excessivamente dramática, mas verdadeira, Jasper se arrastou para a cama de Romeo, dando uma olhada completa.

Meus dedos se contraíram. Resisti ao impulso de bloquear sua visão de meu marido em uma posição tão vulnerável. Não conseguia me lembrar dele parecendo nada menos que um imperador intocável.

A visão nunca deixou de me abalar, mesmo quatro dias depois.

Jasper abriu sua maleta, vasculhando alguns documentos. — Obviamente, todos esperamos e rezamos pela rápida recuperação de Romeo Jr. Entretanto, gostaria de informar que, caso o Sr. Costa piore, deixou claro o que desejava para suas riquezas e propriedades. E embora não haja acordo pré-nupcial, há um testamento.

Piscando lentamente com os olhos tão inchados que quase não via nada através deles, balancei a cabeça. — Não. Está errado. Existe um acordo pré-nupcial. Eu mesma assinei. Bem na sua frente.

Isso parecia décadas atrás, mas sabia que minha memória não me falhava.

Jasper Hayward franziu a testa. — Sra. Costa, pensei que seu marido a tivesse contado.

— Contado-me o quê?

— Contado a você que ele parou no meu escritório algumas semanas atrás, rasgou o acordo pré-nupcial em pedaços e ditou

um testamento, em vez disso. Ele te deixou tudo o que tem. Cada coisa.

Cambaleei para trás, quase desmaiando. Foi apenas por um milagre que fiquei de pé. — Está falando sério agora?

— Sou bem pago demais para fazer piadas sobre essas coisas.

Romeo me deixou tudo. Seu dinheiro, sua mansão, seus carros. Tudo isso.

Sabia o porquê. Ele me disse, segundos antes de perder a consciência. A questão era: quando ele escreveu seu testamento? Em que ponto decidiu que me amava?

— Quando foi isso? — Exigi, agarrando-me a esta nova informação como se tivesse peso. Como se isso pudesse trazê-lo de volta para mim. — Quando ele foi até você? Que dia? Qual data?

Jasper abriu a boca para responder, assim como meu som favorito em todo o mundo encheu a sala.



— *Shortbread?*

Ele está *em coma induzido*. Não há como ter ouvido a sua voz.

Ainda assim, parecia tão real. Tão dolorosamente perfeito.

Virei-me lentamente, preocupada que agora estivesse alucinando além de sofrer um colapso mental. *Dormi* apenas cerca de uma hora todos os dias, mas quando olhei para a cama de Romeo, estava dentro dela, olhando para mim com seus olhos

claros que nunca pareciam escurecer, mesmo sob a forte luz do hospital.

— Oh senhor. — Ajoelhei-me, agarrando sua mão na minha. — Por favor, me diga que isso não é fruto da minha imaginação e que realmente está acordado. Sou fraca demais para esmagar em decepção.

Uma risada rouca retumbou em seu peito.

Ele tentou enrolar seus dedos nos meus. — Não é sua imaginação hiperativa.

Atrás de mim, Senior caminhou em direção à cama. — Filho.

Romeo nem levantou os olhos do meu rosto quando disse — Senior? Jaspe? Dê o fora. Agora.

Eles fugiram em segundos. Segurei sua bochecha, sobranceiras juntas, deliciosas faíscas eletrizando meus dedos. Não deveria estar pelo menos um *pouco* preocupada com meu marido desafiando as leis da ciência?

— Pensei... eu pensei que colocaram você em coma induzido? — Descansei meu queixo na beirada do colchão, me orgulhando de meu autocontrole. Ainda tinha que pular nele com beijos. — Quero dizer, tinham. Nos últimos quatro dias. Seus sistemas estavam totalmente desligados. Mal funcionando em algum momento.

— Minha esposa tem algumas maneiras de cabeceira. — Ele me deu uma olhada lenta. Não pude deixar de rir, os ombros tremendo. — Não chore.

— Nunca choro.

Isso, porém, não era verdade. Não mais.

Um sorriso torto tocou seus lábios. — Chorou por mim. Embora aprecie o sentimento, se fizer isso de novo, meus sistemas sofrerão outro colapso maciço.

— Assinou um formulário para retirá-lo do coma induzido ontem. — Oliver entrou sem bater, como se fosse o dono do lugar. — Deve ter esquecido, visto que andou tomando café, explosões de raiva e a boneca vodu completamente esfaqueada de Madison Licht que Frankie costurou para você.

Olhei para o sofá que ocupei nos últimos quatro dias e a almofada de alfinetes de uma boneca vodu que Frankie fez para mim. Assemelhava-se a uma boneca de pano com uma linha do cabelo amarelada e um sorriso pateta de caneta.

Romeo entrelaçou seus dedos com os meus. — Oliver.

Ele piscou. — Sim, querido?

— *Saia.*

— Não antes de me dar o número de Frankie.

— Vou te dar um soco na cara primeiro — avisei.

Não poderia pensar em um candidato mais inadequado para minha irmã.

Assim que Oliver saiu, voltei minha atenção para meu marido. Romeo levantou a mão, colocando uma mecha de cabelo que escapou do meu rabo de cavalo atrás da orelha com um sorriso diabólico.

— Rom?

— Sim?

— Quando reescreveu seu testamento? Cancelou o acordo pré-nupcial? — Queria saber quando percebeu que me amava.

— No dia seguinte à festa que deu na minha mansão e me forçou a voltar.

Fiz uma careta. — Você me odiava naquela época.

— Baby. — Segurou minha bochecha. — Nunca odiei você. Passei da indiferença a ficar petrificado com o que poderia fazer ao meu coração, a um amor tão repugnante que meio que desejei que me largasse só para poder dizer a mim mesmo que *avisei*.

— Na noite depois da festa. — Apertei sua mão, cantarolando. — Uau. Realmente chupo um pau tão bem?

Ele riu, embora pudesse dizer que estava com dor, puxando-me para um beijo. — É difícil dizer. Talvez possa fazer a gentileza de me lembrar?

EPÍLOGO

Dallas

— Pela última vez, prometo que Franklin Tabitha Townsend nunca foi possuída em sua vida. Quantas vezes tenho que dizer isso?

Eu me paro antes de jogar minhas mãos para cima, não querendo distrair Romeo da estrada. Com Jared (e Madison) na prisão, aguardando julgamento, não encontrou um substituto.

Romeo insiste que está *feliz* por ter sido envenenado, já que as acusações de tentativa de homicídio significam que Madison apodrecerá em segurança máxima, não em alguma instalação confortável com quadras de tênis, massagens suecas e domingos *Wagyu*.

Romeo aciona a seta a esquerda. — Caiu de cabeça?

— Não que eu saiba.

— Já descascou tinta de chumbo das paredes e comeu quando bebê?

— Não... — paro. Não minto para Romeo, e como isso soa como algo que a bebê Frankie teria feito... — Como poderia saber? Eu era uma criança na época.

— Ela não está morando conosco, Shortbread. Pode ficar com a cobertura em D.C., mas de jeito nenhum deixarei aquela *gremlin*¹²¹ marchando pelos corredores do lugar que espero dormir em segurança à noite.

— Certo. Negócio fechado.

Eu me reclino no banco do carona, satisfeita por ele ter oferecido a solução pela qual Frankie torceu em primeiro lugar. Romeo *disse* que queria destruir o lugar. Não consigo pensar em um melhor prenúncio de destruição do que Franklin Townsend.

— É só por alguns meses. — Tiro um lanche do porta-luvas. — Até que papai se acalme e sua faculdade a tire da suspensão. — Shep voltou a ser papai. Por agora.

— Como pode inundar um dormitório inteiro? — Romeo vira à direita, saindo para a rodovia do aeroporto privado. — Como isso é possível?

Já que uma vez derramei clorofila em nosso teto, não estou em posição de julgar. Na verdade, as manchas verdes ainda estão lá. Espalhados entre a iluminação como uma pintura de *Rorschach*¹²². Quanto ao papai, ficou bravo quando a escola enviou uma nota de vinte e três milhões de dólares pelos danos. Tirou da herança de Frankie para lhe ensinar uma lição, que com certeza não será aprendida.

¹²¹-É uma criatura mitológica de natureza malévola, o nome significa “irritar” ou “incomodar”.

¹²²-Foi um psiquiatra e psicanalista freudiano suíço mais conhecido por desenvolver um teste projetivo conhecido como o teste da mancha de tinta de Rorschach. Projetado para refletir partes inconscientes da personalidade que se “proteja” nos estímulos.

— Isso importa? — Chuto minhas pernas para cima no painel, mastigando palitos *Pocky*. — Compartilho alguma culpa nisso.

— Não foi você que inundou um dormitório da faculdade inteiro no meio da semana de provas.

— Claro, mas *sou* a razão pela qual papai dá tanta liberdade a Frankie.

A versão do papai de um pedido de desculpas para mim. Em algum momento deste ano, ele deu a Frankie toda a liberdade que nunca me deu para provar que mudou. Enquanto estou feliz por ela, também estou temendo as consequências. Já houve o desastre da *Home Depot*¹²³, o fiasco da viagem de esqui na Suíça e o quase incidente internacional em Dubai.

Romeo para no semáforo, virando-se para mim. — Ou seu pai pode se levantar e se desculpar com você com palavras. Então todos podemos passar para o próximo capítulo de nossas vidas. Aquele em que Frankie não é expulsa de casa para aprender a responsabilidade da maneira mais difícil.

Aceno para longe de suas palavras. — Falando em seguir em frente, quando contratará um motorista?

Seis meses desde a prisão de Jared, ele *ainda* não terminou de verificar os antecedentes dos novos candidatos. Para ser justa, seu antigo motorista *tentou* matá-lo.

Não posso culpar um homem envenenado por ser minucioso.

¹²³-Companhia varejista estadunidense que vende produtos para o lar e construção civil.

— Cara me enviou um e-mail com as verificações de antecedentes esta manhã.

Ah. Cara. A única remanescente da Costa Industries na vida de Romeo. Quando saiu (tudo bem, foi demitido), ela também saiu. Ele recompensou sua lealdade com um grande aumento. Acontece que meu marido é melhor em vender ações do que, bem, *ações*.

Romeo passa por nossos portões de ferro, sobe a entrada de carros de quatrocentos metros e passa por uma empilhadeira.

— Por que há uma empilhadeira em nossa propriedade? — Giro minha cabeça para olhar para a coisa desagradável enquanto passamos. — Há obras em andamento na casa? Não quebrei nada antes de sairmos. Não dessa vez.

Ele franze a testa. — Deveriam ter ido ontem à noite. Paguei a eles um milhão extra para terminar quando chegássemos.

— De quanto trabalho estamos falando aqui? Faz apenas três meses desde que saímos em nossa turnê gastronômica.

Três meses de felicidade. Pulando de país em país, comendo tudo o que podíamos, de comida de rua a restaurantes sofisticados com estrelas Michelin. Não apenas se lembrou de todos os países da minha lista *Para Comer* do nosso encontro em Chapel Falls, como também criou um itinerário alimentar para cada um.

Ajuda o fato de Romeo estar desempregado. Certo, tudo bem. *Trader de ações*¹²⁴. (Jura que é um trabalho. Vou acreditar na sua palavra.)

¹²⁴-Negociações na Bolsa de Valores de curtíssimo prazo, que consistem na compra e venda de ativos em algumas horas, dias ou semanas.

— Contratei uma equipe para reformar a casa.

Minha mandíbula praticamente se deslocou. — A coisa toda?

Sem me consultar?

Romeo desliga o motor na frente da porta, entregando as chaves para um Vernon que espera.

Hettie abre minha porta, rindo quando me jogo em seus braços. — Mal posso esperar para que veja. É incrível.

Envio um olhar acusador para Romeo. — Todo mundo sabia sobre as reformas, menos eu?

Hettie passa o braço pelo meu, levando-me até a entrada. — Vai derreter em uma poça de chocolate. É tudo o que sempre quis... — Na expressão de Romeo, suas palavras morrem.

— Fora. — Solta o braço dela do meu e acena na direção dos aposentos dos funcionários atrás da casa principal. — Antes que estrague a surpresa.

— Tudo bem.

É tarde demais. Já estou correndo em direção às portas duplas, abrindo-as.

Sei o que está dentro, porque conheço meu marido. O homem está decidido a me fazer feliz.

Como esperava, ele transformou nossa casa em uma biblioteca. Cada centímetro do espaço da parede é coberto por prateleiras do chão ao teto.

A sala de estar. Os salões. A sala de cinema. Até mesmo seu escritório.

Minhas pernas me levam de cômodo em cômodo na velocidade da luz. Embora me apresse, meus olhos não perdem nada.

Como catalogou tudo por gênero, por lombadas, exatamente do jeito que eu imaginava. Horror e mistério no escritório. Viajar e cozinhar na cozinha. Romance e erótico no quarto.

Eu me viro para Romeo, que finalmente me alcançou, e me jogo sobre ele, espalhando beijos por todo o rosto. — Obrigada, obrigada, obrigada.

— Já estou me arrependendo — me informa enquanto me carrega escada acima e para o nosso quarto. — Os livros no chuveiro provavelmente mofarão.

— Vou impermeabilizá-los.

— Os que estão na cozinha podem pegar fogo.

— Vou torná-los à prova de fogo.

Ele pressiona um beijo na ponta do meu nariz. — É exatamente como queria?

— Melhor ainda.

Romeo

Um ano depois

Romeo Costa:

Remarcar a saída de hoje a noite.

Por alguma razão, minha esposa se trancou em sua sala de leitura com três canecas de sorvete de creme de ovos *Morgenstern*.

Zach Sun:

Talvez ela esteja com saudades de casa?

Romeo Costa:

Talvez seu cérebro esteja com saudades de casa.

ESTA É A CASA DELA.

Ollie vB:

Leve Daytona para comer KFC.

Ela se animará.

Romeo Costa:

Ela é da Geórgia, não de Kentucky, seu bufão sem cultura.

Zach Sun:

Existe realmente alguma diferença?

Ollie vB:

KFC = Frango Frito Coreano.

Seu bufão sem cultura.

Coloco meu telefone no bolso, dando passos largos para o antigo quarto de Dallas. Gritos altos se infiltram no corredor pela fresta sob as portas duplas.

Minha esposa, que só chorou *quando quase morri*, está chorando.

— Dallas? — Minhas palmas encontram a madeira, batendo nela. — Abra.

Nenhuma resposta.

— Dallas.

Nada ainda. Meus punhos batem com mais força, mas são abafados por seus gritos.

— Dallas Maryanne Costa.

Um pânico miserável desce pela minha garganta, afundando em minhas entranhas como uma âncora enorme.

— Está bem? O que aconteceu?

E *silencio*. Nenhuma resposta.

— Droga, Dallas. Vou derrubar esta porta se não abrir agora.

Ela não abre.

Fiel à minha palavra, levanto minha perna e chuto na dobradiça, lascando a madeira em pedaços.

Espalhado pelo chão, cercado por um círculo espírita de potes de sorvete, Dallas segura uma caixa de vidro transparente. Aquele com o décimo quarto livro de Henry Plotkin dentro.

Ela geralmente o mantém no lado oposto da sala, pendurado ao lado da pintura de pétala prensada que Vernon fez com os restos de sua rosa branca.

Caminhos de lágrimas passam por suas bochechas e ricocheteiam no mármore perolado, onde mergulham em um oceano de seus pares.

Está bem, não realmente, mas minhas pernas não entendem o memorando enquanto se movem para a frente ao ver três pequenas lágrimas correndo umas pelas outras em sua bochecha.

Pego a caixa dela, coloco-a de lado e a coloco no meu colo, suas pernas de cada lado das minhas coxas. — O que aconteceu baby?

— Sim.

Huh?

Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Sim, o quê?

— Exatamente.

— Dallas, não está fazendo nenhum sentido.

Como se tivesse acabado de perceber que estou aqui, ela grita, lançando os braços em volta do meu pescoço, quase me estrangulando até a morte. — Um *bebê*. Vamos ter um bebê.

— Um o quê?

— Estou grávida, Romeo. *Grávida.*

— Mas começamos a tentar há três semanas.

Mais como recomeçamos.

Depois que fui envenenado, Shortbread e eu decidimos que não estávamos prontos para aumentar nossa família e queríamos nos divertir um pouco mais antes de nos dedicarmos a outra pessoa.

— Eu sei. Não é maravilhoso? — Inclina-se e dá um tapinha no meu pau, falando diretamente com ele. — Obrigada por sua maravilhosa contribuição para esta família. — Sua cabeça se inclina para trás, desta vez voltada para o teto. — Não acredito que funcionaram.

O pavor revira minhas entranhas. — Quem são *eles*?

É tarde, no entanto.

Meu agente pessoal do caos já está correndo pelos corredores em direção ao nosso quarto. Passo a mão no rosto, um pouco preocupado com o quão agitada esta casa/biblioteca/o que quer que seja daqui a nove meses se meu filho puxar à mãe. Ainda estou estupefato.

Deve ter acontecido durante a nossa sexta lua de mel – nossa nova versão de Paris. O choque logo se transforma em excitação.

Shortbread será mãe. Eu serei pai.

Em minutos, estou no FaceTime com Oliver e Zach, que iniciou a ligação.

Franzo a testa para Zach. — Como já sabia?

— Decatur ligou para agradecer a mamãe. — Zach está na Coréia a negócios, escovando os dentes em seu luxuoso quarto de hotel.

— Para?

— Mamãe levou Davenport a um templo para obter talismãs *Guan Yin*. — Diante da minha expressão vazia, acrescenta — Talismãs de fertilidade.

Claro que sim.

Prestativo como sempre, Oliver interrompe — Se for um menino, deveria chamá-lo de Romeo Costa, o Terceiro.

— Por favor, vá se foder.

— Boa ideia. Faz dezesseis horas que não toco no santo graal.

Será que ele está falando em inglês?

Zach afunda em um sofá, a câmera tremendo com o movimento. — Pelo menos descobrimos dentro de um prazo razoável desta vez.

— Três segundos é realmente irracional — indico.

Eles me ignoram, ainda amargurados com o que aconteceu alguns meses atrás.

Na verdade, Zach vai direto ao ponto. — Existe alguma razão para termos descoberto que seu pai morreu no noticiário das seis?

— Não era interessante o suficiente para o ciclo das nove horas?

Oliver coça a têmpora. — Zach, nunca se preocupa que Romeo seja um sociopata?

— Eu não sou um sociopata.

Por que estou falando com essas pessoas em vez de estar com minha esposa grávida agora? Oh. Isso mesmo. Porque posso ouvi-la e Hettie falando lá embaixo e sei que demorará pelo menos dez minutos antes que eu possa abordá-la com segurança.

— Discutível. — Zach coloca seu telefone de lado, mergulhando a escova de dentes elétrica em um copo de vidro. — Você se lembra do que disse quando viemos oferecer nossas condolências?

— Mal me lembro da cor do seu cabelo.

— *Bem. Ganha-se alguns, perde-se outros.* — Ele me imita até o timbre da minha voz. — *E acabei de ganhar alguns. Cadê meus parabéns?*

— Quero dizer, um “estou feliz por você” teria sido bom.

Se alguma coisa, peguei leve com Senior durante sua vida, pelo bem de Dallas. Abandonei meus planos de vingança. Isso foi generoso o suficiente.

Até Morgan conseguiu um passe livre para voltar à América. Pelo que ouvi, está morando em uma comuna nos Apalaches.

Oliver inclina a cabeça. — Quando eu morrer, fará meu discurso fúnebre? Preciso de alguém que não tenha emoções o suficiente para formar palavras após a minha morte. Todos os outros estarão muito ocupados chorando.

— Quer dizer boliche. — Zach apaga as luzes de seu quarto de hotel. Atrás dele, uma vista deslumbrante da *Torre Namsan* aparece. — Haverá cem por cento de festa.

Essa é a minha deixa para desligar. Pressiono o botão desligar, imaginando que Dallas teve tempo suficiente para fazer o que precisava fazer com Hettie.

Quando entro em nosso quarto, está sentada em um mar de papel amarelo brilhante, com o braço enfiado sob nosso colchão, puxando cada vez mais para fora. Continuam vindo como um lenço de palhaço sem fim à vista.

Ela segura um contra a luz como se fosse dinheiro que precisa para verificar a autenticidade. — Esses bebês devem ter funcionado assim que os peguei. Talvez muito bem. E se tivermos gêmeos? Ou trigêmeo?

Eu me inclino contra a porta, observando minha esposa existir.

Ruidosamente. Desordenadamente. Assumidamente.

Do jeito que uma mulher amada deve florescer.

Como uma rosa na primavera.

Fim...